

Georg Lukács (1885-1971) é o filósofo contemporâneo que mais se dedicou a estudar o problema do irracionalismo e seus efeitos e consequências sobre a vida humana em geral. O debate sobre essa problemática aparece na sua obra em textos como: *Gran Hotel Abismo*, *Nietzsche como precursor da estética fascista*, *Marx e o problema da decadência ideológica*, *Escritos de Moscú*. *Estudios sobre política y literatura*, *Goethe y su época*, *Sobre o Prussianismo*, *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*, *Concepção aristocrática e concepção democrática do mundo*, *Existencialismo ou marxismo?*, *Por que a burguesia precisa do desespero*, *Estética*, *Prolegômenos*, *Para uma ontologia do ser social* e *A destruição da razão*.

Mariana Andrade é professora de Serviço Social na Universidade Federal de Alagoas. Participou como revisora técnica em alemão da tradução dos *Prolegômenos* e de *Para a ontologia do ser social* de Georg Lukács, publicada pelo Coletivo Veredas em 2018. Baseada na *Ontologia de Lukács*, escreveu o livro *Ontologia dever e valor em Lukács* (2016) e artigos sobre a obra do filósofo. Atualmente traduz a *Estética* de Lukács.

O processo de decadência ideológica do pensamento burguês oscila entre o *irracionalismo* e o *agnosticismo*. O irracionalismo é uma tendência que visa “absolutizar” os “limites do conhecimento intelectual” convertendo-os em uma resposta “suprarracional” na medida em que se sustenta principalmente na intuição.

Já o agnosticismo toma como ponto de partida a “equiparação entre entendimento e conhecimento” ao reconhecer os próprios limites do entendimento como as fronteiras máximas a que o conhecimento pode chegar, gerando, através de modelos de pesquisa e dos critérios gnosiológicos, um conhecimento fenomênico do real, capaz de manipular variáveis da realidade fenomênica. Em *Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?*, o filósofo húngaro Georg Lukács aborda, dentre outras coisas, as mediações existentes entre o fenômeno da decadência ideológica do pensamento burguês e a constituição de uma ideologia reacionária, o fascismo, e a concepção de mundo nacional-socialista, demonstrando com isso como a Alemanha se tornou, no século 19 e 20, o país *clássico* do irracionalismo.

Mariana Andrade e Sergio Gianna

As obras do Coletivo Veredas podem ser adquiridas pelo preço de custo, acrescido do frete, em nosso site. Não aceite comprar as nossas publicações com aqueles que querem obter lucro.

vendas no site:  
[www.coletivoveredas.com](http://www.coletivoveredas.com)

ISBN: 978-65-88704-23-3

GEORG LUKÁCS - COMO A ALEMANHA SE TORNOU O CENTRO DA IDEOLOGIA REACIONÁRIA? | EDIÇÃO BILÍNGUE

Edição bilíngue

# COMO A ALEMANHA SE TORNOU O CENTRO DA IDEOLOGIA REACIONÁRIA?

Georg Lukács



## MANIFESTO DE LANÇAMENTO

Atravessamos tempos difíceis! A tendência da crise estrutural vivenciada pelo capital é de agravamento. Consequentemente o que presenciaremos nos próximos anos será um aprofundamento das desumanidades próprias desta ordem social.

A reprodução da sociedade capitalista só é possível, hoje, na medida que extermina milhões de vidas humanas, por fome ou em guerras sem sentido. Além disso, o capital, em crise, encontra meios de expulsar um número enorme de trabalhadores de seus locais de origem afastando-os de seus meios de trabalho e subsistência promovendo, desta maneira, uma das maiores tragédias humanas de nossos tempos. Tudo isso para que estes trabalhadores sirvam como mão de obra barata nos países centrais a fim de garantir os lucros e a manutenção do capitalismo.

Diante desta realidade os trabalhadores começam a se movimentar em várias partes do mundo. Podemos mesmo afirmar que estamos nos aproximando de um período histórico de acirramento e aprofundamento da luta de classes.

Um dos aspectos mais importantes desta luta é o combate ideológico. E é para contribuir neste combate (colocando-se na trincheira ao lado dos trabalhadores) que nasce o Coletivo Veredas.

**GEORG LUKÁCS**

**COMO A ALEMANHA SE TORNOU O CENTRO DA  
IDEOLOGIA REACIONÁRIA?**





**Título Original:** *Wie ist Deutschlands zum Zentrum der reaktionären Ideologie geworden?* In: *Zur Kritik der faschistischen Ideologie*. Berlin, Weimar: Aufbau-Verl., 1989.

**Diagramação:** Mariana Andrade e Sergio Gianna

**Revisão de português:** Sidney Wanderley

**Capa:** Laura de Bona

**Ilustração da capa:** Laura de Bona

**Catálogo na Fonte**

Departamento de Tratamento Técnico Coletivo Veredas

---

L954c Lukács, Georg.

Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?  
= *Wie ist Deutschlands zum Zentrum der reaktionären Ideologie geworden?* / Georg Lukács ; tradução: Mariana Andrade. – Maceió : Coletivo Veredas, 2021.  
352 p.

Edição bilingue.

Título original: *Wie ist Deutschlands zum Zentrum der reaktionären Ideologie geworden?*

Inclui bibliografias.

Inclui índice onomástico.

ISBN: 978-65-88704-23-3 .

1. Georg Lukács, 1885-1971. 2. Decadência ideológica. 3. Irracionalismo. 4. Fascismo. 5. Agnosticismo. I. Título. II. Andrade, Mariana, trad.

CDU: 65.61"7129" (03)

---

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Esta licença permite cópia (total ou parcial), distribuição, e ainda, que outros remixem, adaptem, e criem a partir deste trabalho, desde que atribuam o devido crédito ao autor(a) pela criação original.

1ª Edição 2021  
Coletivo Veredas  
[www.coletivoveredas.com](http://www.coletivoveredas.com)

**GEORG LUKÁCS**

**COMO A ALEMANHA SE TORNOU O CENTRO DA  
IDEOLOGIA REACIONÁRIA?**

**TRADUÇÃO: MARIANA ANDRADE**

1ª Edição  
Coletivo Veredas  
Maceió 2021

**GEORG LUKÁCS**

**WIE IST DEUTSCHLAND ZUM ZENTRUM DER  
REAKTIÖNEREN IDEOLOGIE GEWORDEN?**

**GEORG LUKÁCS**

**COMO A ALEMANHA SE TORNOU O CENTRO DA  
IDEOLOGIA REACIONÁRIA?**

## Inhalt

Einleitung .....	1
Vorwort.....	4
I. Der historische Weg Deutschlands.....	18
II. Der Humanismus der deutschen Klassik.....	47
III. Die Destruktion des Humanismus in der deutschen Ideologie.....	66
IV. Der Faschismus als theorisches und praktisches System der Barbarei.....	105

## Sumário

Apresentação à edição brasileira .....	IX
<i>Sergio Gianna e Mariana Andrade</i>	
Prefácio.....	1
Introdução .....	4
I. O caminho histórico da Alemanha.....	18
II. O humanismo do classicismo alemão.....	47
III. A destruição do humanismo na ideologia alemã.....	66
IV. O fascismo como sistema teórico e prático da barbárie.....	105

## Apresentação

Nos últimos anos, o leitor de língua portuguesa tem cada vez mais tido acesso ao que se conhece como o conjunto da obra madura e tardia<sup>1</sup> do filósofo e militante comunista húngaro György Lukács.<sup>2</sup> A recuperação de sua obra e sua difusão entre os círculos intelectuais e militantes não são o resultado de um processo meramente casual. Tal obra contém em si elementos inovadores que podem nos auxiliar nas respostas à presente conjuntura concreta de constituição de uma “nova direita” e do avanço (neo)conservador, além de conter elementos de continuidade com sua própria tradição teórica e política. Neste sentido, a nosso ver, a obra do pensador magiar se torna um farol perante esse momento histórico, pelo menos em dois aspectos fundamentais.

O primeiro deles remonta à análise profunda que o filósofo faz do processo de gênese e desdobramento da “decadência ideológica do pensamento burguês”. Há vários textos nos quais ele aborda esta questão e até mesmo suas influências e impac-

---

<sup>1</sup> Processo que começa com a “virada ontológica” do pensador a partir de seus escritos dos anos de 1930. Mais elementos a este respeito podem ser encontrados em Oldrini, Guido. *György Lukács e os problemas do marxismo do século 20*. Maceió: Coletivo Veredas, 2017.

<sup>2</sup> Apenas para citar as produções mais relevantes dos últimos anos: a reedição de *Pensamento vivido. Autobiografia em diálogo* (Instituto Lukács, 2017) e a *Introdução a uma estética marxista* (Instituto Lukács, 2017); a edição dos *Prolegômenos* e de *Para a ontologia do ser social* (Coletivo Veredas, 2018); *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista* (Boitempo, 2018); *Essenciais são os livros não escritos. Últimas entrevistas (1966-1971)* (Boitempo, 2020) e *A destruição da razão* (Instituto Lukács, 2020).

tos na cultura, tanto na arte quanto na ciência e na filosofia.<sup>3</sup> Este processo histórico já foi tratado por Marx em seus escritos sobre a distinção existente entre a economia política clássica e a economia política vulgar. A primeira capaz de se aproximar de um estudo desinteressado da realidade e a segunda constituindo numa mera “espada mercenária”, pois responde diretamente ao postulado de que este ou aquele teorema é sustentado como “útil ou prejudicial”, “cômodo ou incômodo” ao capital.<sup>4</sup>

Esta virada no campo do pensamento se inicia a partir dos anos 1830 e 1840, sobretudo com o que ficou conhecido como a “primavera dos povos”, termo que sintetiza um conjunto complexo e diversificado de processos revolucionários que ocorreram no continente europeu e cujo resultado revelou um aspecto central: a consolidação da burguesia como classe dominante e a constituição do proletariado como classe antagônica àquela. Pode-se, portanto, dizer que nos processos revolucionários de 1848, ocorreu pela primeira vez um enfrentamento direto entre a burguesia e o proletariado.

Não por acaso, no texto de Lukács *Marx e o problema da decadência ideológica*, são analisados os resultados deste choque entre as classes sociais antagônicas e sua incidência sobre o campo do pensamento: “[...] agora fogem também os ideólogos da burguesia, preferindo inventar os mais vulgares e insípidos misticismos a encarar de frente a luta de classes entre burguesia e proletariado, a compreender cientificamente as causas e a essência desta luta.”<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Sem a pretensão de ser exaustivo, podemos nos referir aos seguintes textos: de 1933, publicado postumamente, *Gran Hotel “Abismo”* (Anuário Lukács, 2015); de 1935, *Nietzsche como precursor da estética fascista* (Editora UFRJ, 2009); de 1938, *Marx e o problema da decadência ideológica* (Anuário Lukács, 2015); de 1934 a 1940, *Escritos de Moscú. Estudos sobre política e literatura* (Editorial Gorla, 2011); de 1934 e 1936, *Goethe y su época* (Grijalbo, 1968); de 1940, *Sobre o Prussianismo*, de 1943 (Anuário Lukács 2019); de 1946, *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*; de 1947, *Concepção aristocrática e concepção democrática do mundo* (Editora UFRJ, 2007); de 1947, *Existencialismo ou marxismo?* (Senzala, 1967); de 1948, *Por que a burguesia precisa do desespero?* (Anuário Lukács 2019). Ou às referências encontradas na obra de maturidade tardia, como o segundo capítulo do volume I da *Estética*; as múltiplas referências nos *Prolegômenos* (ex., o item I); em *Para uma ontologia do ser social* (ex., o item sobre *Neopositivismo e existencialismo*). Escusado dizer, a exaustividade do tratamento em *A destruição da razão*, que, segundo o filósofo, começou a ser escrita durante a Segunda Guerra Mundial e concluída em 1952.

<sup>4</sup> Marx, Karl. *O Capital. Crítica da economia política*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 17.

<sup>5</sup> Lukács, György. *Marx e o problema da decadência ideológica*. In: Anuário Lukács 2015. Miguel Vedda, Gilmaisa Costa e Norma Alcântara (Orgs.) São Paulo: Instituto Lukács, 2015, p. 100.

Estes misticismos criados pela ciência e pela filosofia denotam uma verdadeira virada nestes complexos sociais, uma vez que estes não se dedicam mais a responder “às últimas questões do espírito”, e a subsidiar um processo de constituição de disciplinas independentes em que seus objetos são definidos a partir de um processo de fragmentação e segmentação, no qual determinações como as sociais são separadas das econômicas, políticas e culturais, e cada uma delas é abordada por uma disciplina específica.<sup>6</sup> Enquanto a filosofia assume a função de “guarda-fronteira” que atua vigiando para que cada disciplina independente não penetre no campo específico de uma das outras disciplinas.<sup>7</sup>

O processo de decadência ideológica do pensamento burguês oscila entre o irracionalismo e o agnosticismo. O primeiro, sendo uma tendência que “absolutiza” os “limites do conhecimento intelectual” e os converte em uma resposta “suprarracional”, ou seja, que vai além da razão e se sustenta principalmente na intuição. Enquanto o segundo toma como ponto de partida a “equiparação entre entendimento e conhecimento”, ao reconhecer os próprios limites do entendimento como as fronteiras máximas a que o conhecimento pode chegar, gerando, através de modelos de pesquisa e dos critérios gnosiológicos, um conhecimento fenomênico do real, capaz de manipular variáveis da realidade fenomênica.<sup>8</sup>

Estas determinações, já presentes em *A destruição da razão*, ganham pleno desenvolvimento na obra de maturidade tardia, em particular, em *Para a ontologia do ser social*, na qual as ligações e relações entre o irracionalismo e o agnosticismo são plenamente desenvolvidas através do tratamento da relação entre existencialismo e neopositivismo.

Esta função social que a ciência e a filosofia passam a desempenhar na etapa decadente do pensamento burguês contrasta profundamente com sua etapa progressista, ou primeiro período, como o chama em *Existencialismo ou marxismo?*, visto que a ciência e a filosofia tinham uma tarefa substancialmente distinta: elaborar uma concepção de mundo burguesa, codificando “[...] os princípios últimos e a concepção geral do mun-

<sup>6</sup> As referências lukacsianas ao surgimento da sociologia são bem conhecidas. Sobre isto, ver: Lukács, Georg. *A destruição da razão*. São Paulo: Instituto Lukács, 2020, p. 506-508.

<sup>7</sup> Lukács, Georg. *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo: Senzala, 1967, p. 34.

<sup>8</sup> Lukács, Georg. 2020, p. 86.

do, próprios a este vasto movimento progressivo e libertador, que tão profundamente reformou a sociedade.”<sup>9</sup> Mas, sobretudo, Lukács realça o papel do cientista e do filósofo neste processo, sendo capaz de tomar distância e independência diante das táticas conjunturais da burguesia e, com isso, desenvolver a crítica desde “de dentro” e como parte da burguesia.

Não por acaso, Lukács encontra em Hegel a expressão mais cabal desta fase progressista do pensamento burguês, embora seja um processo que já começa com o Renascimento e o Iluminismo. Mesmo com limitações — algumas das quais referidas nesta obra, que se apresentam dentro dos limites de uma determinada classe social e de uma época histórica —, Hegel faz um esforço fenomenal para superar as antinomias que conduzem ao idealismo subjetivo, acima de tudo, sem cair nas saídas aristocratizantes. Aqui mesmo, Lukács aponta: “[...] a *Fenomenologia do espírito* tem, dentre outras, a tarefa de mostrar o caminho que a consciência de todo ser humano pensante deve percorrer desde a concepção imediata até o conhecimento filosófico adequado da realidade objetiva; e, na concepção de Hegel, esse caminho está aberto a todo ser humano, ainda que, na realidade, nem todo ser humano vai até o fim nesse caminho.”<sup>10</sup>

Como sintetiza n’*A destruição da razão*, Hegel propõe um *tertium datur* em face do irracionalismo e do agnosticismo, que é uma base substancial para o desenvolvimento do próprio pensamento de Marx, ao defender a relação entre entendimento e razão a partir de “[...] uma superação em seu sentido específico e triplo: eliminar, conservar e elevar a um nível superior. Entre entendimento e razão existe uma contradição dialética que passa todo o sistema de Hegel [...]”<sup>11</sup>

Esta posição, profundamente democratizadora em relação ao “caminho aberto” do conhecimento, está em sintonia com os avanços que Hegel sintetiza ao longo de seu pensamento: como a recuperação do papel do trabalho e das posições teleológicas,

<sup>9</sup> Lukács, Georg. 1967, p. 31.

<sup>10</sup> Lukács, Georg. *Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?* Maceió: Coletivo Veredas, 2021, p. 59-60.

<sup>11</sup> Lukács, Georg. 2020, p. 127-128. Não são acidentais as observações de Goethe em suas conversas com Eckermann, quando ele comenta: “[...] a razão, quando em sua tendência ao divino, se ocupa somente do que se torna e do vivente; o entendimento, por sua vez, com o que já tornado e entijecido, a fim de se utilizar dele”. Eckerman, Johann. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida. 1823-1832*. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 310.

a constituição da dialética como método e suas principais determinações, a totalidade, a essência e o fenômeno, a imediatez e a mediatez, e a constituição de um movimento contraditório que produz um devir sócio-histórico.<sup>12</sup>

Tampouco é fortuito que o próprio Lukács destaque algumas conexões entre suas abordagens, sobretudo entre *O jovem Hegel* e *A destruição da razão*, uma vez que com elas é possível adquirir “[...] uma imagem positiva contraposta ao período ‘clássico’ do irracionalismo [...]”,<sup>13</sup> referenciando os momentos que a ciência e a filosofia atravessam, seu nexos com a classe social que as contém e a sociabilidade histórica em que se desenvolvem.

Estas observações tentaram mostrar como o pensamento lukacsiano é muito frutífero para se analisar as determinações contemporâneas da ciência e da filosofia, suas possibilidades e limites, assim como a função social que desempenham. E aqui entra a segunda contribuição de Lukács que consideramos relevante: a necessidade de analisar tendências teóricas e políticas a partir de uma via com duas direções articuladas: aquela que supera uma leitura meramente imanente da filosofia, uma vez que a própria história da filosofia, da ciência e da arte não é “simplesmente a história das ideias” ou mesmo “das personalidades que as sustentam”, pelo contrário, “tanto os problemas quanto as vias de resolução são colocados à filosofia pelo desenvolvimento das forças produtivas, pelo desenvolvimento social, pelo desdobramento das lutas de classe.”<sup>14</sup> E a outra, que pressupõe que “a crítica imanente é um elemento legítimo e até indispensável para a exposição e o desmascaramento das tendências reacionárias na filosofia.”<sup>15</sup>

Essas duas determinações parecem fortemente articuladas no pensamento lukacsiano. Não por acaso, as breves referências feitas relaciona a fase progressista da burguesia com o desenvolvimento do pensamento hegeliano, enquanto a decadência ideológica do pensamento burguês coincide com a consolidação da burguesia como classe dominante. Tais elementos

<sup>12</sup> Elementos subsidiários acerca disto podem ser encontrados em *O jovem Hegel*, mas também no capítulo “*A falsa e a autêntica ontologia de Hegel*” de *Para a ontologia do ser social*.

<sup>13</sup> Lukács, György. *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 42.

<sup>14</sup> Lukács, Georg. 2020, p. 9.

<sup>15</sup> Lukács, Georg. 2020, p. 11.



recuperados por Lukács são apoiados pelas próprias observações de Marx, como aquelas referenciadas em *A ideologia alemã*, na qual se argumenta que “A moral, a religião, a metafísica, e toda outra ideologia, e as formas da consciência que lhes correspondem, não conservam assim por mais tempo a aparência de autonomia. Não tem história, não tem desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento.”<sup>16</sup> No mesmo sentido, nos *Grundrisse*, Marx assevera que existe um caminho que vai da realidade aos livros e dos livros à realidade, como um caminho de ida e volta que deve ser desvelado para a compreensão plena das determinações histórico-sistemáticas das tendências teóricas e ideológicas dominantes em um dado momento histórico.

Recapitulando, é o marco concreto das relações sociais, e da organização concreta de um determinado metabolismo social, que põe as condições para que se elaborem determinadas respostas teóricas e ideológicas, visto que são formas concretas de responder aos problemas, aos desafios que surgem neste *hic et nunc* determinado. E a análise imanente de suas proposições, postulados e teses deve explicar sua falsidade ou correção, suas deformações e as formas concretas que assumem, assim como sua articulação com a realidade sócio-histórica. É por isso que Lukács oferece um modo de análise que combina sua gênese histórica com sua função social.

É algo que o pensador húngaro esclarece em várias de suas obras é que mesmo que existam pensadores honestos, ou pensadores de “boa-fé”, as determinações da sociabilidade capitalista, fortemente reificadas, causam inevitavelmente uma contradição entre a “evolução efetiva” e “a superfície diretamente perceptível desta realidade social”. Portanto, além da integridade subjetiva dos pensadores e do compromisso que possam ter com o conhecimento, eles tendem a ficar aprisionados nas camadas epidérmicas e fenomênicas da realidade. Em *Existencialismo ou marxismo?*, ele acrescenta: “Cada vez mais, a sociedade se apresenta ao pensamento burguês como um amontoado de coisas mortas e de relações entre objetos, em lugar de nele se refletir como é, ou seja, como a reprodução ininterrupta e incessantemente cam-

biante de relações humanas.”<sup>17</sup>

Estas observações são totalmente complementares àquelas levantadas em *A destruição da razão*, quando o pensador húngaro refere que os filósofos estão sempre envolvidos com a sociedade e a classe à qual pertencem; mesmo aquilo que aparece como “realmente pessoal, realmente original”, na verdade, guarda uma articulação com a própria classe, sua situação e a flutuação da luta de classes. É por isso que qualquer “[...] escolha entre *ratio* e *irratio* nunca é uma questão filosófica ‘imane’nte’. Quando um pensador escolhe entre o novo e o velho, o determinante — em primeiro plano — não são considerações intelectuais e filosóficas, mas, sim, a sua situação de classe e os vínculos com uma classe.”<sup>18</sup>

Esses apontamentos acerca da obra de lukacsiana tentaram mostrar como as contribuições do filósofo húngaro são substantivas e atuais para analisar a linha de continuidade histórica existente entre a decadência ideológica do pensamento burguês e as expressões contemporâneas do irracionalismo e do agnosticismo. Também fornecem as chaves analíticas para sua abordagem, convergindo determinações sócio-históricas que explicam sua gênese, sua função social e análise imanente que aponta para o desvelamento de seus principais postulados, os modos concretos de responder às determinações do *hic et nunc* concreto que abordam.

Mas tais apontamentos, por outro lado, abordam as mediações existentes entre o fenômeno da decadência do pensamento burguês e a constituição da ideologia e, neste caso específico, de uma ideologia reacionária, como o fascismo e a concepção de mundo nacional-socialista. Como já mencionamos, tais análises aparecem em várias obras de Lukács, seja como objeto concreto de sua investigação, seja através de referências e observações passageiras. Neste sentido, o texto ora editado e apresentado ao público, *Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?*, faz parte desse corpus da reflexão lukacsiana sobre a decadência ideológica da burguesia e, especificamente, sobre como “A Alemanha dos séculos XIX e XX continua sendo o país ‘clássico’<sup>19</sup> do irracionalismo, o terreno

<sup>17</sup> Lukács, Georg. 1967, p. 29.

<sup>18</sup> Lukács, Georg. 2020, p. 89.

<sup>19</sup> À continuação desta citação, Lukács compara a Alemanha com o estudo de Marx sobre o capitalismo na Inglaterra, que o considera como clássico. No capítulo sobre Marx de

<sup>16</sup> Marx, Karl e Engels, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 32.

em que ele se desdobrou de modo mais variado e mais completo [...].”<sup>20</sup>

A observação acima mencionada, pertencente a *A destruição da razão*, também é objeto de preocupação no texto ora apresentado. O mesmo é o segundo texto de uma compilação de dois textos reeditada e publicada na Hungria por László Sziklai, em 1982, sob o título *Zur Kritik der faschistischen Ideologie*, após ser trazida a público (manuscritos), originalmente, pelo Arquivo Lukács de Budapeste. Os títulos originais de ambos os textos são: *Wie ist die faschistische Philosophie in Deutschland entstanden?*, de 1933, escrito no calor da ascensão do nazismo e da ascensão de Hitler ao poder; e *Wie ist Deutschland zum Zentrum der reaktionären Ideologie geworden?*, de 1941-1942, escrito em uma conjuntura muito particular, sob o avanço nazista na União Soviética e a necessidade, como escritor antifascista, de ser evacuado para Tashkent. Em 1989, Jürgen Jahn revisou e publicou na Alemanha, juntamente com um posfácio de László Sziklai, uma versão desta mesma compilação que nos serviu de base para esta tradução.<sup>21</sup>

Partes significativas do texto *Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?*, sobretudo o capítulo I. O caminho histórico da Alemanha, foram mais tarde inseridas, de forma complementada, em *A destruição da razão*.<sup>22</sup> Como argumenta o próprio Lukács, logo no início do texto, e Jürgen Jahn, nas notas editoriais, *Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?* foi escrito em Tashkent no inverno de 1941-42, “mas provavelmente foi complementado ou continuado em Moscou no final de 1942, como pode ser visto desde as alusões (mais tarde

eliminadas) ao discurso de Stalin de 6 de novembro de 1942.”<sup>23</sup> Ainda, como ressalta Jürgen Jahn, “Lukács fez outras mudanças [no texto] para a edição francesa do estudo planejada em 1947.”<sup>24</sup>

Vê-se que, sob circunstâncias históricas tão particulares e adversas, Lukács seguiu afiando sua pluma contra o fascismo e o nazismo, consciente da necessidade de lutar contra o nacional-socialismo nas barricadas e frentes de combate, tanto armados como ideológicos. Neste sentido, o filósofo húngaro argumenta que por mais que o regime nazista caia com sua derrota militar na Segunda Guerra Mundial, um problema de fundo permanece inalterado: o problema da ideologia reacionária que o sustenta. Por isso, seu tratamento supõe um *tertium datur* diante de duas maneiras de abordar a problemática: a que transforma o povo alemão em um povo criminoso ou a que finge esquecer o ocorrido. Ambas as posições deixam de pé os resquícios fascistas na cultura e na ideologia.

Como o leitor terá a possibilidade de seguir o raciocínio do próprio Lukács no texto, faremos apenas alguns comentários gerais acerca dele, que não pretendem esgotar a riqueza desta obra, nem reduzi-la aos elementos que serão destacados.

Sziklai afirma que tanto o trabalho elaborado por Lukács em 1933 como este de 1941-1942 podem ser considerados preparatórios para *A destruição da razão*,<sup>25</sup> quase como se fossem o laboratório de incubação do pensamento lukacsiano sobre o fenômeno do irracionalismo e da ideologia reacionária. Talvez, a partir de tal afirmação, poderíamos formular a seguinte pergunta: por que editar um livro que parece ser o material preparatório para outro que recentemente foi publicado em língua portuguesa? Isto, porém, sem cair em uma necessidade meramente neófita do mundo editorial ou do conhecimento.

Em um aspecto, a observação de Sziklai é certa: a gama de pensadores retomados por Lukács em *A destruição da razão* é de uma amplitude e vastidão muito maiores do que neste texto. Não obstante, é importante ressaltar que nele existe um núcleo avançado das principais determinações e críticas de alguns pensadores que levam à ideologia reacionária, como as análises

*Para a ontologia do ser social*, observa que o termo clássico deve ser considerado desprovido de qualquer ato valorativo, enquanto Marx, em relação aos físicos, ressalta que “devem estudar os processos naturais, em que ‘eles aparecem mais nitidamente e menos turvados por influências perturbadoras’”, e que embora estas condições não possam ser reproduzidas no domínio específico da história, igualmente “deve ser investigado o funcionamento mais puro possível das leis econômicas gerais na própria realidade; é preciso localizar etapas do desenvolvimento histórico em uma circunstância particularmente favorável que cria configurações dos complexos sociais e suas relações em que essas leis gerais podem alcançar um intenso desdobramento não perturbado por componentes estranhos”. Lukács, Georg. 2018, p. 646.

<sup>20</sup> Lukács, Georg. 2020, p. 35.

<sup>21</sup> Lukács, Georg. *Zur Kritik der faschistischen Ideologie/* [mit. e Nachw. von László Sziklai. Textrev. Jürgen Jahn]. – 1. Aufl. Berlin; Weimar: Aufbau-Verl., 1989.

<sup>22</sup> Tais partes estão contidas no capítulo 1: *Sobre algumas características do desenvolvimento histórico da Alemanha*.

<sup>23</sup> Jahn, Jürgen. Notas editoriais. 1989, p. 454.

<sup>24</sup> Não tivemos acesso à referida edição francesa do texto.

<sup>25</sup> Não casualmente, como dissemos, parte do estudo foi inserido mais tarde na referida obra.

sobre Schopenhauer e Nietzsche, assim como as referências gerais a Schelling, Spengler e à filosofia de vida. Também aqui está presente um núcleo de categorias lukacsianas já consolidado: a apologética indireta e direta, o ateísmo religioso, o caráter aristocrático do pensamento que conduz ao hotel “Abismo”, dentre outras.

Embora esses elementos possam lançar dúvidas sobre a originalidade da obra, muito além de ser um estudo complementar ao d’*A destruição da razão*, podendo abrir novos caminhos de investigação, há pelo menos dois elementos que se distinguem neste estudo e que merecem destaque. Em primeiro lugar, a análise de Lukács sobre o humanismo clássico alemão e sua relação com a “miséria alemã”. Partindo do fato de que “[...] Alemanha acompanhou o desenvolvimento das nações modernas apenas por meio da atividade abstrata do pensamento, sem tomar parte ativa nas lutas reais desse desenvolvimento [...]”,<sup>26</sup> é que Lukács referencia a via particular que assume sua constituição capitalista: uma chegada tardia ao desenvolvimento burguês moderno.

É a derrota das Guerras dos Camponeses no século XVI o que consolida um processo de fragmentação em pequenos Estados independentes e principados, que retarda a configuração da unidade nacional alemã. Segundo o filósofo húngaro, ao longo dos séculos XVIII e XIX a questão da unidade nacional foi o eixo da revolução democrático-burguesa na Alemanha, ainda que com uma desvantagem fundamental: ela deveria derrubar “com um único golpe” certas instituições que haviam levado a várias décadas de embate na Inglaterra e na França.

Até mesmo as mobilizações de fevereiro de 1848 em Paris impulsionaram parte dos processos em Berlim e Viena, embora o confronto entre burguesia e trabalhadores tenha levado a um “efeito assustador” sobre a burguesia. Sobre isto, diz Marx em *A burguesia e a contrarrevolução*: “A burguesia prussiana havia sido arremessada à cumeeira do estado, mas não como o havia desejado, através de uma transição pacífica com a Coroa, mas por uma revolução. Não eram seus próprios interesses, mas os interesses do povo que ela devia representar contra a Coroa, ou seja, contra si mesma, pois fora um movimento popular que lhe havia aberto o caminho.”<sup>27</sup> A derrota de 1848 levou à “prussianização” da Alemanha, a uma “monarquia bonapartista” que realizou a unidade

alemã “de cima” e a partir visão que colocava externamente, como um elemento estranho e ocidental, a questão da democratização da vida alemã.

Essa “via prussiana” de constituição do capitalismo na Alemanha é fundamental para se compreender o humanismo clássico alemão, o qual é a expressão intelectual e ideológica dos acontecimentos da Revolução Francesa na Alemanha. Para Lukács, o espírito que atravessa este humanismo é o de unir as forças burguesas contra o absolutismo, embora contenha em si alguns elementos próprios da “miséria alemã”, tais como sua ênfase na crítica estética, moral e religiosa, a impossibilidade de superar o horizonte próprio da sociabilidade burguesa ou uma escassa articulação com as massas. Tal humanismo possui um traço que marca um ponto de ultrapassagem em relação ao Iluminismo francês, com o qual dialoga profundamente, que é a questão de analisar o caráter progressista assumido pela evolução e pelo desenvolvimento da humanidade, mesmo quando seu desenvolvimento é contraditório e trágico em suas etapas.

Como Lukács afirma nos *Escritos de Moscú*, “Para Goethe e Hegel, na unidade do desenvolvimento global, tem lugar a dissolução das contradições individuais; no destino do gênero e dos indivíduos. A perspectiva final deste caminho deve dissolver-se, para eles, na neblina das utopias idealistas. No entanto, por outro lado: sem esta neblina, a grandiosa unidade dialética do desenvolvimento do gênero, a síntese das tragédias individuais em um irresistível movimento de progresso, teria sido inconcebível para eles.”<sup>28</sup> Portanto, tanto Goethe como Hegel, como expressões deste humanismo clássico alemão, dão um passo substancial em relação às concepções do Iluminismo francês, especialmente em sua concepção de historicidade contraditória.

Em segundo lugar, os embates que estabelecem com as tendências românticas, ao reivindicar o impulso heroico da Revolução Francesa e os valores da Antiguidade clássica, colocando-se em oposição a um “[...] enaltecimento do feudalismo, economicamente um recorrer às relações de produção pré-capitalistas, socialmente o idealizar da estratificação estamental da sociedade, sua hierarquia “eterna”, “por vontade de Deus”, ideologicamente a proclamação da crença na autoridade, a su-

<sup>26</sup> Marx, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 153.

<sup>27</sup> Marx, Karl. *A burguesia e a contra-revolução*. São Paulo: Ensaio, 1987, p. 41.

<sup>28</sup> Lukács, György. *Escritos de Moscú: estudos sobre política y literatura*. Buenos Aires: Gorla, 2011, p. 108. (Citação traduzida desta versão).

bordinação do pensamento e da ciência à religião, artisticamente a predominância da arte primitiva, ainda não desenvolvida, ante o magnífico desabrochamento de todas as possibilidades humanas, preso a ele, que a arte do Renascimento revelou.”<sup>29</sup>

Estes elementos, sem dúvida, fazem parte da herança cultural que a burguesia progressista legou ao gênero humano, e que a própria classe destinada a superar as formas de sociabilidade baseadas na exploração, o proletariado, lega, juntamente com o marxismo, enquanto sua expressão teórica e ideológica para explicar e transformar o mundo.

Outro aspecto a ser destacado deste estudo é o elo proposto por Lukács entre esta constituição “por cima” da unidade alemã, sua consideração da democracia como um “agente” ou o elemento “estranho” para a sociedade alemã, e como os efeitos devastadores do Tratado de Versalhes que levaram a que tendências que haviam sido desenvolvidas por pensadores isolados ou marginalizados, fortemente contrários ao humanismo alemão, gradualmente adquirissem vigor e um lugar dentro das camadas burguesas alemãs.

Não entraremos aqui nos detalhes dos argumentos sustentados por Lukács com relação a Schopenhauer e a Nietzsche, mas uma observação lukacsiana deve ser apontada em relação a eles: não são suas intenções, mas o “resultado objetivo da ação realizada” que os situa como precursores da concepção nacional-socialista de mundo. Ambos os pensadores são partidários de um profundo processo de descrença na razão e na negação de qualquer tipo de racionalidade que a realidade possa ter ou a capacidade da primeira de aprendê-la. Estas tendências estão sedimentadas numa concepção mística da história, baseada na construção de mitos.

Contudo, tais reflexões aos poucos se entrelaçam, pois são um reflexo intelectual dos processos históricos na Alemanha. Não é casual que as tendências relativistas de Spengler, com culturas em estágios orgânicos sobre os quais os indivíduos nada podem fazer, salvo aceitar seu devir e decadência, adquirem significado na República de Weimar.<sup>30</sup> É assim que os “ensinamen-

tos cínicos” dos intelectuais não vêm dos livros para a realidade, mas da realidade para os livros, questão já mencionada anteriormente.

Complementando estas observações, Lukács menciona: “O fato de que, se em um determinado tempo, em determinadas camadas sociais, domina a atmosfera de uma crítica saudável e sóbria ou a de superstição, do milagre-prometido, da credulidade irracionalista, não é uma questão de nível intelectual, mas de condição social. É evidente que neste contexto as ideologias precedentes e que se tornaram efetivas jogam um papel não sem importância, porquanto reforçam ou enfraquecem as tendências para a crítica ou para a credulidade. Mas não esqueça-se — e nossas considerações no capítulo anterior tinham exatamente isto como ponto factual — que a efetividade ou a inefetividade de uma tendência intelectual vem igualmente da realidade para os livros, e não dos livros para a realidade.”<sup>31</sup>

Portanto, a derrota na Primeira Guerra Mundial, a “humilhação nacional” que o Tratado de Versalhes implicava, a escassa tradição democrática na Alemanha, a descrença na razão e os ataques a ela são alguns dos elementos substantivos que deram as bases para a conformação da ideologia fascista e da visão nacional-socialista de mundo. Assim sendo, o surgimento de tal ideologia explica-se a partir da “realidade aos livros”, em que pese o fato de que a passagem dos “livros à realidade” seja importante para constituir uma ideologia, como uma resposta teórica e/ou prática ante os principais conflitos predominantes em um momento histórico determinado.

Neste estudo há, pois, algumas mediações analisadas por Lukács, entre o irracionalismo e a constituição de uma ideologia reacionária fascista, extremamente ricas em suas concepções, mostrando como as condições históricas contribuem para

*nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. Reis Filho, Daniel. *A revolução alemã. Mitos & versões*. São Paulo: Brasiliense, 1984. AA.VV. *El dilema de Weimar. Los intelectuales en la República de Weimar*. Valencia: Institució Alfons el Magnànim, 1990. Herf, Jeffrey. *O modernismo reacionário*. São Paulo: Ensaio, 1993. Bertelli, Antonio Roberto. *Marxismo e transformações capitalistas. Do Bernstein-debate a República de Weimar 1899-1933*. São Paulo: IAP-IPSO, 2000. Loureiro, Isabel. *A revolução Alemã, 1918-1923*. São Paulo: UNESP, 2005. Fullbrock, Mary. *História Concisa da Alemanha*. São Paulo: Edipro, 2012. Toller, Ernst. *Uma juventude na Alemanha*. São Paulo: Editora Madalena, 2015. Haffner, Sebastian. *A revolução Alemã (1918-1919)*. São Paulo: Expressão Popular, 2018. Broué, Pierre. *La revolución alemana (1917-1923)*. (Tomo I y II). Buenos Aires: IPC, 2019-2020.

<sup>31</sup> Lukács, Georg. 2021, p. 121-122.

<sup>29</sup> Lukács, Georg. 2021, p. 59.

<sup>30</sup> Sem dúvida, a bibliografia sobre a República de Weimar, a Revolução Alemã e a ascensão do nazismo é vastíssima, existindo inclusive uma enorme produção anual de obras sobre a temática, especialmente sobre o nazismo. Algumas referências essenciais, principalmente as de língua portuguesa, são: Mendes de Almeida, Angela. *A República de Weimar e a ascensão do*

uma crescente difusão de determinados postulados, formas de entender a realidade e explicá-la que vão sendo sedimentadas nas massas, mesmo de forma indireta e mediante processos que podem vulgarizar, reduzir ou retraduzir de forma sintética tais postulados teóricos, de modo que sejam acessíveis a diferentes segmentos da sociabilidade: as massas, os setores dirigentes e a *intelligentsia*.

A análise de como o nazismo encontra certos avanços no irracionalismo para a constituição de sua concepção de mundo, de como este se mostra capaz de articular em uma linguagem acessível às massas a reação, propagando o mito da superação da vergonha nacional, da democracia e da necessidade de instaurar o mito das raças, segundo o qual não existem classes sociais, mas uma luta entre raças puras e impuras, não é casual.

Como argumenta Lukács, “O cinismo no manejo prático da teoria racial, a habilidade acrobática com que se faz dela o critério de todas as ações, de toda a existência do ser humano, para deixá-la de lado no dia seguinte, também tem que ver com a essência da ‘concepção de mundo’ fascista, do mito fascista. Já vimos que a teoria racial tem um duplo lado: por um lado, ela é o principal órgão da anticientificidade, do irracionalismo, do mito fascista, por outro, e ao mesmo tempo, procura-se justificação e características ‘científicas’, ‘biológicas’ para ela.”<sup>32</sup>

Não há dúvida de que estas reflexões sobre o papel da ciência, sobre a decadência ideológica do pensamento burguês e sobre a ideologia abrem uma reflexão particular do autor, que depois, em *Para a ontologia do ser social*, demonstra a possibilidade de que a ciência e a filosofia, sob certas circunstâncias, possam se tornar uma ideologia não apenas num sentido essencialmente reacionário, como foi observado aqui, mas também num sentido revolucionário, porém, sempre que se mostrar capaz de articular uma resposta generalizada que conecte as determinações conjunturais com as estruturais, portanto, o devir sócio-histórico do gênero humano e do indivíduo humano com as determinações particulares de um momento histórico. Parte desses elementos já pode ser encontrada nas reflexões de *Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária?*

Para encerrar estas reflexões, vale a pena recuperar uma passagem de Goethe em suas conversas com Eckermann, que com certo senso de antecipação aponta:

“[...] Todas as épocas em estado de retrocesso e dissolução são subjetivas; as épocas que progridem, ao contrário, tem uma tendência objetiva.

Nossa época está em franco retrocesso, pois é subjetiva. Isso o senhor pode ver não apenas na poesia, mas também na pintura e em muita coisa mais. Todo esforço produtivo, por sua vez, se volta da interioridade para o mundo exterior, como o senhor pode ver em todas as grandes épocas que estavam verdadeiramente em estado de busca e progresso, e eram todas de natureza objetiva.”<sup>33</sup>

Maceió, fevereiro de 2021

Sergio Gianna e Mariana Andrade

<sup>32</sup> Lukács, Georg. 2021, p. 137.

<sup>33</sup> Eckerman, Johann. 2016, p. 175.

## Vorwort<sup>1</sup>

Dieses Buch ist im Winter 1941/42 entstanden, zur Zeit, als wegen der Gefährdung von Moskau mit anderen antifaschistischen Schriftstellern nach Taschkent evakuiert wurde. Diese Daten mußten vor allem deshalb angeführt werden, um Leser verständlich zu machen, warum in den folgenden Betrachtungen das dokumentierte Material (Daten, Zitate etc.) fehl[t]; ich war gezwungen, fast alles aus dem Gedächtnis niederzuschreiben, ohne die einschlägige Literatur in Anspruch nehmen zu können.

Weiter ist auch die Feststellung des Datums wichtig. Das Buch entstand unmittelbar nach der Niederlage Hitlers vor Moskau, also lange vor Stalingrad, lange vor den großen Offensiven der Roten Armee. Hat der erste Umstand die Schreibweise des Buches bestimmt, so mußte der Zeitpunkt seines Entstehens seine Perspektiven stark beeinflussen.

Wenn ich mich jetzt doch entschließe, dieses Buch unverändert herauszugeben (es wurden nur unwesentliche Anspielungen gestrichen, die allzusehr an die Ereignisse dieser Tage anknüpften und heute unverständlich wären), so tue ich es darum, weil ich auch heute glaube, hier die entscheidendste Frage der deutschen ideologischen Entwicklung im wesentlichen richtig erfaßt zu haben, und weil ich auch heute überzeugt bin, daß der richtige Standpunkt in dieser Entwicklung die unerläßliche Voraussetzung eines erfolgreichen Kampfes zur Überwindung und Ausrottung des Hitlergeistes bildet.

Im allgemeinen kann gesagt werden, daß die Menschen dabei von zwei entgegengesetzten - und gleicherweise falschen - extremen Positionen ausgehen. Die erste ist die einer prinzipienlosen Amnestie. Man betrachtet die Hitlerzeit als eine „plötzliche“ akute Erkrankung des deutschen Geistes. Die Mitschuldigen an dieser Epidemie werden bestraft (oder nicht bestraft), aus dem öffentlichen Leben entfernt (oder nicht entfernt). Dann kann die deutsche Ideologie unverändert weiter faschisieren, kann sich ungehindert und „organisch“ entfalten; sine Revision der ideologi-

## Prefácio<sup>1</sup>

Este livro foi produzido no inverno de 1941-1942, no momento em que, devido à ameaça de Moscou, fui evacuado para Tashkent com outros escritores antifascistas. Esta data tinha de ser indicada para tornar compreensível ao leitor por que falta, nas considerações subsequentes, o material documentado (datas, citações etc.); fui forçado a redigir quase tudo de memória, sem poder recorrer à literatura pertinente.

Além disso, é importante a confirmação da data. O livro foi produzido imediatamente após a derrocada de Hitler ante Moscou, quer dizer, muito antes de Stalingrado, muito antes da grande ofensiva do Exército Vermelho. A primeira circunstância determinou a maneira de escrita do livro, assim o momento de seu surgimento influenciou fortemente suas perspectivas.

Se agora me decido por publicar este livro sem alterações (foram suprimidas apenas as alusões não-essenciais; todas demasiadamente atadas aos acontecimentos desses dias e seriam incompreensíveis hoje), faço-o porque hoje penso ter capturado corretamente, aqui, no essencial, a questão decisiva do desenvolvimento ideológico alemão, e porque hoje estou convencido de que o ponto de vista correto nesse desenvolvimento constitui o pressuposto indispensável para uma luta bem-sucedida para a ultrapassagem e extermínio do espírito de Hitler.

Em geral, pode-se dizer que as pessoas partem de duas opostas — e igualmente falsas — posições extremas. A primeira é de uma anistia desprovida de princípios. Considera-se o período de Hitler como um “súbito” adoecimento agudo do espírito alemão. Os cúmplices nesta epidemia são castigados (ou não castigados), são afastados (ou não afastados) da vida pública. Então, a ideologia alemã pode inalteradamente continuar a fascinar, pode, desimpedida e “organicamente”, se desenvolver; sua revisão do passado ideológico

<sup>1</sup> Geschriebe für eine nicht zustande gekommene französische Ausgabe. — J.J.

<sup>1</sup> Escrito para uma edição francesa que não chegou a ser publicada — Jürgen Jahn.

schem Vergangenheit erscheint überflüssig. Es ist klar, daß dieser Standpunkt auf ideologischem Gebiet das Gegenstück der ökonomischen Wiederherstellung des deutschen Kriegspotentials ist, politisch eine Erneuerung oder Fortsetzung jener - vor-münchner und Münchner - Tendenzen, die die Machtentfaltung Hitlers geduldet oder sogar terstützt haben, in der Hoffnung, aus dem deutschen Volk eine „Kolonialarmee“ zur Niederwerfung der Sowjetunion organisieren zu können. Daß diese Politik alle westlichen Demokratien an den Rand des Abgrunds gebracht hat, kommt in diesen Kreisen als Argument nicht in Betracht. Es scheint, daß die Führer des heutigen Monopolkapitalismus eine Mentalität haben wie einst die Bourbons: Sie haben nicht gelernt und alles vergessen.

Die andere extreme Position betrachtet das deutsche Volk als einen hoffnungslosen Gewohnheitsverbrecher. Der Faschismus, die faschistische Ideologie erscheint für diese Betrachtungsweise als die einzig mögliche, logische und organische Konsequenz der Gesamtentwicklung des deutschen Volkes. Daraus folgt - in den simplifizierten Fassungen - das Verwerfen der deutschen Kultur in Bausch und Bogen. Denn in diesem Fall müßten Grünewald und Goethe, Bach und Hegel gleicherweise die Mitverantwortung für das Eintreten des Faschismus tragen; man müßte einfach alles Deutsche aus der Weltkultur streichen, woran ernsthaft niemand denken kann. In der verfeinerten Fassung folgert man, daß ein - vorsichtiges - Akzeptieren der großen deutschen Kulturwerte unvermeidlich sei, man müsse sie aber nehmen, wie sie eben sind, als geladen mit der wenigstens latenten Möglichkeit einer faschistischen Verseuchungsgefahr, oder aber, was noch gefährlicher scheint, [es] entsteht auf diesem Boden eine völlige Depolitisierung, Entgesellschaffung der ideologischen Kritik: Nicht nur Dürer oder Schubert können ganz unabhängig von dieser Entwicklungslinie Deutschlands betrachtet werden, sondern auch Schopenhauer und Richard Wagner, Nietzsche und Heidegger. Die Gefahr, die hier entsteht, ist eine doppelte. Erstens macht diese Einstellung wehrlos dem ideologischen Aufmarsch der heimlichen Reaktion gegenüber. Wenn etwa Nietzsche in sozialer und politischer Hinsicht „neutral“ ist, woran wird man einen Neofaschismus geistig erkennen?

Zudem beraubt man sich der Möglichkeit, unter den Deutschen selbst Verbündete zu gewinnen. Der Verfasser dieser

parece supérflua. É evidente que esse ponto de vista sobre o domínio ideológico é a contrapartida da recuperação econômica do potencial bélico alemão, politicamente uma renovação ou continuação dessas tendências — pré-Munique e Munique — que toleraram ou até apoiaram a trajetória de poder de Hitler, na esperança de, a partir do povo alemão, poder organizar um “exército colonial” para derrotar a União Soviética. Que essa política tenha levado todas as democracias ocidentais à beira do abismo não se leva em consideração como um argumento nestes círculos. Parece que os líderes do capitalismo monopolista de hoje têm uma mentalidade como outrora os Bourbons: não sabem nada e esqueceram tudo.

A outra posição extrema considera o povo alemão como um criminoso habitual sem esperança. O fascismo, a ideologia fascista, aparece para esse modo de consideração como a consequência lógica e orgânica, unicamente possível, do desenvolvimento como um todo do povo alemão. Disto se segue — nas versões simplificadas — a rejeição da cultura alemã na íntegra. Pois, neste caso, Grünewald e Goethe, Bach e Hegel deveriam carregar, do mesmo modo, a corresponsabilidade pelo início do fascismo; ter-se-ia simplesmente de anular tudo que a cultura mundial tem de alemão, algo em que ninguém pode pensar seriamente. Na versão refinada infere-se que seria inevitável uma aceitação — cautelosa — dos grandes valores culturais alemães, mas deve-se tomá-los como justamente são, carregados com a possibilidade, pelo menos latente, do perigo fascista de contaminação, ou então, o que parece mais perigoso, surge neste solo uma despolitização completa, uma dessocialização da crítica ideológica: não apenas Dürer ou Schubert podem ser considerados completamente independentes desta linha de desenvolvimento da Alemanha, mas também Schopenhauer e Richard Wagner, Nietzsche e Heidegger. O perigo que surge aqui é duplo. Em primeiro lugar, esta posição torna a marcha ideológica indefesa em relação à reação sorrateira. Se, por exemplo, Nietzsche é em termos sociais e políticos “neutro”, em que se reconhecerá um neofascismo espiritual?

Além disso, perde-se a possibilidade de ganhar aliados entre os próprios alemães. O autor destas

Zeilen betrachtet den heutigen politischen wie geistigen Zustand Deutschlands ohne Illusion; er weiß genau, wie große und brutale Mächte am Werke sind, um die Überreste des Faschismus zu konservieren, wie schwach unter einem so gewaltigen „demokratischen“ Druck die Kräfte der deutschen Demokratie sich entfalten können. Sie sind aber trotzdem auch heute da, und ebenso, wie sie - freilich ohne durchschlagende Wucht, voll auch von innerer Zaghaftheit - immer vorhanden waren. Und es wäre bei einer Beurteilung der deutschen Ideologie selbstmörderisch falsch, sie zu ignorieren; nicht weniger falsch, als - unter den heute gegebenen Kräfteverhältnissen - mit ihnen als realen Machtfaktoren zu rechnen.

Aber vor allem: aus demselben heute nur potentiellen Verbündeten gegen die Erstarkung eines neureaktionären Deutschlands kann - unter günstigen Umständen - erst doch ein wirklicher Verbündeter werden. Weiter kann für das innere ideologische Wachstum eines jeden Landes die deutsche Ideologie - mag man beschließen, was man will - nie zur quantité négligeable werden. Schopenhauer und Nietzsche, ja auch Spengler und Heidegger sind ebenso zu geistigen Großmächten im internationalen Maßstab geworden wie Goethe und Heine, wie Lessing und Hegel. Die richtige Orientierung in dieser Frage darf nicht von den Formen abhängen, die - unter dem Druck des amerikanischen Monopolkapitals - das gegenwärtige Deutschland aufnimmt. Auch im Ideologischen wird für begangene Fehler stets die Rechnung präsentiert, mögen diese Fehler einen aggressiv chauvinistischen oder einen kapitalistischen Charakter an sich tragen, mögen sie Boulangerische oder Münchner Fälle sein.

Da ich [mir] dessen bewußt bin, daß meine vor mehr als fünf Jahren unter ungünstigen Bedingungen niedergeschriebene Arbeit, die deshalb inhaltlich wie formell viel Unzulänglichkeiten haben muß, in dieser wesentlichen Frage - im wesentlichen - den richtigen Weg zeigt, wage ich sie auch heute den französischen Lesern vorzulegen.

Budapest, September 1947

linhas considera, sem ilusão, o estado político e intelectual da Alemanha atual; sabe exatamente quão grandes e brutais são os poderes que atuam para conservar os resquícios do fascismo, quão debilmente podem se desenvolver as forças da democracia alemã sob uma pressão tão imensamente “democrática”. Apesar de tudo, hoje, elas ainda estão aí — porém, sem um ímpeto ressonante, cheias também da pusilanimidade interior — e da mesma forma como sempre estiveram. E seria falsamente suicida ignorá-los em uma avaliação da ideologia alemã; não menos falso do que — sob as relações de forças dadas atualmente — contar com eles como fatores de poder real.

Mas, sobretudo, os mesmos aliados hoje apenas potenciais contra o fortalecimento de uma nova Alemanha reacionária podem — sob circunstâncias favoráveis — se tornar um aliado real. Ademais, para o crescimento ideológico interno de qualquer país, a ideologia alemã — decida-se o que for — nunca pode se tornar quantité négligeable. Schopenhauer e Nietzsche, também Spengler e Heidegger, tornaram-se grandes potências intelectuais em escala internacional, assim como Goethe e Heine, como Lessing e Hegel. A orientação correta nesta questão não pode depender das formas que — sob a pressão do capital monopolista americano — a atual Alemanha acolhe. Também no ideológico, a conta dos erros cometidos é sempre apresentada; esses erros podem carregar em si um caráter agressivamente chauvinista ou capitulacionista, podendo ser o caso dos *Boulangersche* ou *Münchner*.

Consciente de que meu trabalho, escrito há mais de cinco anos em condições desfavoráveis e que, por isso mesmo, deve ter muitas insuficiências de conteúdo e forma, mostra — essencialmente — o caminho correto nesta questão essencial, ousou submetê-lo hoje à análise dos leitores franceses.

Budapeste, setembro de 1947



## Einleitung

### Von Goethe und Hegel zu Schopenhauer und Nietzsche

Das gegenwärtige Deutschland ist für Freund und Feind ein Rätsel. Wie ist aus dem Land der „Dichter und Denker“ das Land der organisierten und systematisierten Barbarei geworden? Wie konnte in einem Land, das schon Vorjahrhunderten einen der ersten europäischen Revolutionäre, Thomas Münzer, hervorgebracht hat, dessen beste Söhne, wie Goethe und Hegel, wie Marx und Engels, führende Wegweiser des Weltfortschritts gewesen sind, ein Hitler unbeschränkt herrschen? Wie konnte ein gedanklich wie moralisch derart subalternes, moralisch derart verkommenes Individuum zum Führer und Vorbild eines solchen großen Volkes werden, dessen Verhalten im Krieg besonders deutlich zeigt, daß es sich in seinen Massen dieser Führung unterworfen hat?

Von allem Anfang an zeigte das Hitlerregime eine solche konzentrierte und auf die Spitze getriebenen barbarische Grausamkeit, eine solche Wollust des Bösen, daß jede bisherige Reaktion dadurch weit übertroffen, in den Schatten gestellt wurde. Dieser Charakter des Hitlerismus zeigt sich noch gesteigert im Krieg. Die Mißachtung des Menschen, die Unterdrückung und Ausrottung der Völker, die Bedrohung der Freiheit der ganzen Welt zeigt den deutschen Faschismus als den wildesten und gefährlichsten Feind, der der menschlichen Zivilisation je gegenüberstand. Die berühmte deutsche Organisation erweist sich als eine Organisation der wilden Tiere zur systematischen Ausrottung der äußeren und inneren Voraussetzungen einer jeden menschlichen Kultur. Es handelt sich dabei nicht nur um massenhafte Verwüstungen, Morde, Vergewaltigungen etc., sondern um ihre planmäßige, bewußte Systematisierung, um die notwendigen und „normalen“ Ergebnisse der faschistischen Kriegsführung, die, wie immer, einfach die Fortsetzung der Politik mit anderen Mitteln sind.

So ist das welthistorische Gebot des Tages, die zivilisierte Welt vor dem Einbruch einer solchen Barbarei zu schützen, die Wiederholung einer solchen Gefährdung der menschlichen Kultur [zu] verhüten.

## Introdução

### De Goethe e Hegel a Schopenhauer e Nietzsche

A Alemanha atual é um enigma para amigos e inimigos. Como o país dos “poetas e pensadores” se tornou o país da barbárie organizada e sistematizada? Como Hitler pôde reinar absoluto em um país que há séculos gerou um dos primeiros revolucionários europeus, Thomas Münzer, cujos melhores filhos, como Goethe e Hegel, como Marx e Engels, foram os principais guias do progresso mundial? Como um indivíduo mentalmente tão subalterno, moralmente tão pervertido, pôde se tornar o líder e exemplo de um povo tão grande, cujo comportamento na guerra mostra com particular clarividência que se sujeitou em massa a essa liderança?

Desde o início, o regime de Hitler mostrou uma crueldade bárbara tão concentrada e guiada para o extremo, uma tal volúpia do mal, que cada reação foi até agora, por isso, amplamente derrotada, posta à sombra. Este caráter do hitlerismo se mostra ainda mais intensificado na guerra. O desprezo aos seres humanos, a opressão e o extermínio dos povos, a ameaça à liberdade do mundo como um todo mostra o fascismo alemão como o inimigo mais selvagem e perigoso que a civilização humana já enfrentou. A famosa organização alemã revela-se uma organização de animais selvagens para a aniquilação sistemática dos pressupostos externos e internos de toda cultura humana. Não se trata apenas de devastação em massa, assassinatos, violações etc., mas de sua sistematização planejada e consciente, dos resultados necessários e “normais” da guerra fascista, que, como sempre, são simplesmente a continuação da política por outros meios.

Assim, o ordenamento histórico mundial do dia é para resguardar o mundo civilizado da irrupção de tal barbárie, para prevenir a repetição de tal ameaça à cultura humana.

Aber immer wieder taucht die von uns eingangs aufgestellte Frage auf: Wie ist das deutsche Volk, einst führend in der europäischen Humanität, bis hierher gesunken? Ist es noch dasselbe Volk? Oder ist es durch das Gift des faschistischen Regimes, der faschistischen Ideologie ein durch und durch barbarisches Volk geworden?

Man hat lange Zeit einen mechanisch schroffen Unterschied zwischen Faschismus und deutschem Volk gemacht und sich die Sache so vorgestellt, als ob die Deutschen, von einer kleinen Gruppe tyrannisch unterdrückt, im Grunde doch dieselben geblieben wären. Aus solchen Auffassungen ergibt sich dann der falsche Schluß, als ob es dem Abenteurer Hitler gelungen wäre, durch irgendwelche Tricks sich zur Herrschaft aufzuschwingen und diese dann mit despotischen Mitteln zu bewahren. Eine solche Auffassung ist für jede wichtige Geschichtsepoche eines großen Volks, auch wenn diese das Zeitalter der tiefsten Erniedrigung und Verzerrung ist, unrichtig. Marx hat gegen solche Auslegungen schon in bezug auf den Staatsstreich Napoleons III. Einspruch erhoben. Er sagt: „Es genügt nicht zu sagen, wie die Franzosen tun, daß ihre Nation überrascht worden sei. Einer Nation und einer Frau wird die unbewachte Stunde nicht verziehen, worin der erste beste Abenteurer ihnen Gewalt antun konnte. Das Rätsel wird durch dergleichen Wendungen nicht gelöst, sondern nur anders formuliert. Es bliebe zu erklären, wie eine Nation von 36 Millionen durch drei Industrieritter überrascht und widerstandslos in die Gefangenschaft abgeführt werden kann.“<sup>1</sup>

Diese Methode muß auch in der Behandlung der Beziehung des Hitlerismus zum deutschen Volk angewendet werden. Um aber den geistigen und moralischen Fall der deutschen Nation, die Tiefe ihrer Erniedrigung und inneren Verzerrung entsprechend darstellen zu können, muß auch das Bild der einstigen Größe, wenn auch kurz, gezeichnet werden. Dies um so mehr, als die Hitlerpropaganda ununterbrochen damit arbeitet, den deutschen Faschismus als Erben alles Großen, was das deutsche Volk bis jetzt hervorgebracht hat, vor die Welt hinstellen. Dabei erscheint es als selbstverständlich, daß das Hervorheben der einstigen Größe keine Amnestie für die heutigen Bestialitäten bedeuten kann. Es gilt, die Unterwerfung des deutschen Volks unter die Despotie Hitlers als

<sup>1</sup> Karl Marx, Der achtzehnte Brumaire des Louis Napoleon. In: Marx/Engels, Ausgewählte Schriften. Moskau – Leningrad 1934, Band 2, S. 331; MEW 8, S. 119f.

Mas, surge sempre de novo a questão acima colocada por nós: como é que o povo alemão, um dirigente na humanidade europeia, decaiu a esse ponto? Ainda é o mesmo povo? Ou se tornou um povo completamente bárbaro através do veneno do regime fascista, da ideologia fascista?

Durante muito tempo fez-se uma distinção mecanicamente abrupta entre o fascismo e o povo alemão e imaginou-se a coisa como se os alemães, oprimidos tiranicamente por um pequeno grupo, tivessem permanecido basicamente os mesmos. Tais concepções resultam em conclusões falsas, como se o aventureiro Hitler tivesse conseguido, através de todos os artificios, elevar-se ao domínio e então manter-se nele por meios despóticos. Tal concepção é incorreta para cada época histórica importante de um grande povo, mesmo que seja a era da mais profunda humilhação e distorção. Marx já se opôs a tais interpretações em relação ao golpe de Estado de Napoleão III, levantando a objeção. Diz ele: “Não basta dizer, como os franceses fazem, que sua nação foi surpreendida. Uma nação e uma mulher não são perdoadas na hora descuidada em que o primeiro melhor aventureiro pôde violentá-las. O enigma não é resolvido através de semelhante idiomatismo, mas apenas formulado diferentemente. Restaria explicar como uma nação de 36 milhões de habitantes pode ser surpreendida e levada sem resistência ao cativeiro por três cavaleiros industriais.”<sup>2</sup>

Este método também deve ser aplicado no tratamento da relação entre o hitlerismo e o povo alemão. Mas, para poder descrever adequadamente o caso espiritual e moral da nação alemã, a profundidade de sua degradação e distorção interna, deve-se traçar também, ainda que brevemente, o quadro da antiga grandeza. Isto ainda mais porque a propaganda de Hitler trabalha incessantemente para colocar o fascismo alemão ante o mundo como o herdeiro de tudo de grande que o povo alemão produziu até então. Parece evidente que o realce da antiga grandeza não pode significar uma amnésia para as bestialidades de hoje. Há que apreender e descrever a subordinação do povo alemão ao despotismo de Hitler como

<sup>2</sup> Karl Marx. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*.

ein Moment seines historischen Schicksals zu begreifen und darzustellen.

Ein bestimmtes Ereignis, ja, eine bestimmte Entwicklungsperiode eines Volkes als Moment seines historischen Schicksals aufzufassen bedeutet keineswegs die Anerkennung einer fatalistischen Notwendigkeit. Denn vor allem gibt es in der Geschichte einer jeden Nation Knotenpunkte, historische Scheidewege, wo durch den Kampf der Klassenkräfte, durch das gegenseitige Ringen von Tendenzen und Gegentendenzen im Volk sich das Schicksal der nächsten Jahre, manchmal sogar der Jahrzehnte entscheidet. Das strenge Festhalten am Gesetz der historischen Notwendigkeit, das der historische Materialismus uns vorschreibt, widerspricht nicht im geringsten einer solchen Auffassung, einer solchen Hervorhebung der historischen Wendepunkte, in welchen sich das Volksschicksal durch Kampf so oder so entscheiden kann. Im Gegenteil. Gerade in dieser Auffassung und nur in ihr kommt die wirkliche, dialektische Notwendigkeit des geschichtlichen Ablaufs adäquat zum Ausdruck, während die Auffassung einer geradlinigen, „evolutionären“ Notwendigkeit in der Geschichte ein Heruntergleiten in eine menschwistische Verflachung des Marxismus ist. Man denke, um nur ein sehr bezeichnendes Beispiel hervorzuheben, an Lenins Auffassung der Lage im Oktober 1917, wie sie besonders prägnant im „Brief an die Genossen“ zum Ausdruck kam.

Freilich, ist einmal an einem solchen Wendepunkt die Entscheidung getroffen - und auch die Entscheidung ist niemals zufällig -, entsteht das notwendige Sichdurchsetzen bestimmter Tendenzen, die für eine kürzere oder längere Periode die herrschenden bleiben müssen. Der Kampf von Tendenzen und Gegentendenzen dauert auch dann an, aber bereits unter mehr oder weniger radikal veränderten Bedingungen, und es kann unter Umständen eine lange Zeit vergehen, bevor eine neuerliche Wendung durch die objektiven Umstände wieder möglich wird.

Diese allgemeine Lage gilt in besonders verschärfter Weise für die imperialistische Periode. Je tiefer eine Nation - mit verzerrten Entwicklungstendenzen, die durch die vorangegangenen Geschichtskrisen bestimmt sind - sich in die imperialistische Politik verstrickt, je tiefer die nationalen Ziele mit den

um momento em seu destino histórico.

Compreender um determinado acontecimento, até mesmo um determinado período de desenvolvimento de um povo, como um momento de seu destino histórico de modo algum significa o reconhecimento de uma necessidade fatalista. Pois há antes de tudo na história de cada nação pontos nodais, encruzilhadas históricas, em que, através da luta das forças de classe, através da luta recíproca de tendências e contratendências, no povo, decide-se o destino dos próximos anos, às vezes até de décadas. A estrita adesão à lei da necessidade histórica, que o materialismo histórico nos prescreve, não contradiz minimamente tal concepção, tal ênfase nos pontos de viragem históricos, nos quais o destino do povo pode decidir-se através da luta de uma maneira ou de outra. Pelo contrário. É precisamente nessa concepção, e somente nela, que a necessidade real, dialética, do decurso histórico se manifesta adequadamente, enquanto a concepção de uma necessidade linear, “evolucionária” na história é um deslize para baixo em um nivelamento menchevique do marxismo. Pense-se, apenas para ressaltar um exemplo muito significativo, na concepção de Lenin da situação em Outubro de 1917, como expresso de maneira particularmente sucinta na *Carta aos camaradas*.

Evidentemente, uma vez que a decisão é tomada em tal ponto de viragem — e também a decisão nunca é casual —, surge o necessário impor-se de determinadas tendências, que devem permanecer dominantes por um período mais curto ou mais longo. A luta entre tendências e contratendências persiste mesmo assim, mas já sob condições mais ou menos radicalmente alteradas, e pode transcorrer muito tempo antes que as circunstâncias objetivas torne possível uma nova virada.

Esta situação geral vale de modo particularmente exacerbado para o período imperialista. Quanto mais profundamente uma nação — com tendências de desenvolvimento distorcidas, que são determinadas por crises históricas anteriores — se envolve na política imperialista, quanto mais profundamente os objetivos nacionais se misturam com os

imperialistischen vermennt sind (und das Umschlagen der nationalen Kämpfe in Eroberungskriege existiert für jedes bürgerliche Regime auch vor Beginn der imperialistischen Periode, wenn auch nicht in diesem Ausmaße), je tiefer die Vergiftung mit der reaktionären Ideologie ins Volksbewußtsein eingedrungen ist, desto schwerer und qualvoller wird der Umschlag, die Rettung.

Solche Erwägungen haben unsere Fragestellung, unseren Kontrast von Deutschland in der Periode des klassischen Humanismus und in der Gegenwart bestimmt. Denn es ist für die Entwicklung eines jeden Volks außerordentlich bedeutsam, wie lebendig der Zusammenhang mit der Ideologie, mit den politischen Traditionen der bürgerlich-revolutionären Blütezeit auch in der imperialistischen Periode geblieben ist. Es ist z. B. unzweifelhaft, daß es für die rapide Entwicklung der revolutionären Bewegung in Rußland sehr günstig war, daß der Höhepunkt der demokratisch-revolutionären Ideologie (Tschernyschewski, Dobroljubow, Schtschedrin etc.) so nahe zur Entstehung der revolutionären Arbeiterbewegung lag, daß ein unmittelbarer Anschluß, ein unmittelbar lebendiges Übernehmen des fruchtbaren Erbes möglich gewesen ist. Dagegen hängt das atheoretische, flach-empiristische Wesen der englischen Arbeiterbewegung, worin Marx und Engels eine ihrer zentralen Schwächen erkannt haben, nicht zuletzt damit zusammen, daß ein derartiger *unmittelbarer* Zusammenhang mit der demokratisch-revolutionären Periode in England nicht nur wegen der großen Zeitspanne, sondern auch wegen der ideologischen Unreife dieser Zeit (religiöse Formen des revolutionären Plebejertums) sehr schwer herstellbar gewesen ist.

Wenn wir nun für Deutschland die Perioden der ideologischen Höhe und des imperialistischen Verfalls einander gegenüberstellen, so müssen wir - entgegen den reaktionären und faschistischen Versuchen, hier Brücken zu bauen - vor allem hervorheben, daß sie nichts miteinander gemein haben, daß sie einander schroff ausschließende Gegensätze sind. Ein Gefühl dieser Gegensätzlichkeit ist auch bei den Faschisten vorhanden. Goethe gegenüber äußert es sich freilich zumeist außerordentlich demagogisch-diplomatisch, da man sich fürchtet, die Empfindungen breiter Massen durch einen direkten Angriff auf Goethe zu verletzen; hier spielt deshalb die

imperialistas (e a transformação das lutas nacionais em guerras de conquista existe para todo regime burguês mesmo antes do período imperialista, ainda que não nessa dimensão), quanto mais profundamente penetrou o envenenamento na consciência do povo com a ideologia reacionária, mais difícil e doloroso se torna o transbordo, o salvamento.

Tais considerações determinaram nosso questionamento, nosso contraste com a Alemanha no período do humanismo clássico e no presente. Pois é extremamente significativo para o desenvolvimento de todos os povos quão viva é a conexão com a ideologia, com as tradições políticas do florescimento revolucionário burguês, que permaneceram mesmo no período imperialista. É indubitável, por exemplo, que foi muito favorável para o rápido desenvolvimento do movimento revolucionário na Rússia, que o apogeu da ideologia democrático-revolucionária (Chernyshevsky, Dobrolubov, Schtschedrin etc.) se situasse tão próximo do surgimento do movimento operário revolucionário, que tenha sido possível uma adesão imediata, uma vívida adoção imediata da herança frutífera. Contrariamente, a essência ateuística, plano-empírica do movimento operário inglês, em que Marx e Engels reconheceram uma de suas debilidades centrais, relaciona-se sobretudo com que uma semelhante conexão *imediata* com o período democrático-revolucionário na Inglaterra tenha sido irrecuperável não apenas devido a um grande intervalo de tempo, mas também devido à imaturidade ideológica desta época (formas religiosas do plebeísmo revolucionário).

Quando agora opusermos reciprocamente, para a Alemanha, os períodos de auge ideológico e de declínio imperialista, — ao contrário das tentativas reacionárias e fascistas de construir pontes aqui —, devemos antes de tudo destacar que eles não têm nada em comum um com o outro, que são oposições excludentes abrupta e reciprocamente. Um sentimento desta contraditoriedade existe também junto aos fascistas. Em relação a Goethe, porém, manifesta-se, na maioria das vezes, extraordinariamente demagógico e diplomático, pois teme ferir a percepção das amplas massas através de um ataque direto a Goethe; aqui, a adulteração joga, por isso,

Verfälschung die Hauptrolle. Hegel gegenüber, der naturgemäß in breiteren Massen weniger bekannt und berühmt ist, genießen sich die Faschisten schon weniger, um so weniger, als sie die Ablehnung Hegels durch ihre wichtigsten ideologischen Wegbereiter (wir nennen hier bloß Schopenhauer, Kierkegaard und Lagarde) als Erbe übernommen haben. Rosenberg richtet z. B. direkte und scharfe Angriffe gegen ihn. Die wahre Gesinnung der Faschisten der klassischen Periode gegenüber kam in der Antrittsvorlesung Alfred Baeumlers, als eigens ernannten Professors für politische Pädagogik an der Universität in Berlin, zum Ausdruck, in welcher er den Kampf gegen den klassischen Humanismus und die Ausmerzungen seiner Spuren aus der heutigen Ideologie als eine Hauptaufgabe der Gegenwart bezeichnete. Dieses Programm ist später von der „philosophischen Wissenschaft“ des Hitlerregimes durchgeführt worden.

Sieht man also den Abgrund, der die faschistische Ideologie von der der klassischen Blüteperiode Deutschlands trennt, klar, so folgt daraus keineswegs, daß die Anschauungen Hitlers und seiner ideologischen Helfershelfer aus dem Nichts entstanden wären. Es gab und gibt allerdings Leute, die die Erforschung der Quellen des deutschen Faschismus mit der Begründung ablehnen, dies wäre eine Entlastung der Faschisten, ein Verschieben der Verantwortlichkeit auf vorangegangene Denker. Aber abgesehen davon, daß ein reaktionärer Denker, aus dem die Faschisten geschöpft haben, darum noch durchaus kein Faschist sein muß, bedeutet eine solche Auffassung - ganz gegen die Absicht ihrer Verkünder - die Proklamierung Hitlers zu einem „Genie“, das selbständig ein System von Anschauungen schaffen konnte, das jedenfalls für ein Jahrzehnt ein großes Volk wie das deutsche beherrscht hat. Auch hier gibt uns Marx die richtige Methode für das ideologische Bekämpfen der „Genies“ der Reaktion. Victor Hugo ist seinerzeit gegen Napoleon III ungefähr auf einer ähnlichen Linie, wenn auch geistreicher aufgetreten [als] die oben charakterisierte Auffassung. Marx sagt dagegen: „Victor Hugo beschränkt sich auf bittere und geistreiche Invektive gegen den verantwortlichen Herausgeber des Staatsstreichs. Das Ereignis selbst erscheint bei ihm wie ein Blitz aus heitrer Luft. Er sieht darin nur die Gewalttat eines einzelnen Individuums. E

o papel principal. Em relação a Hegel, que naturalmente é menos conhecido e famoso entre as amplas massas, os fascistas se envergonham pouco, tanto menos porque assumiram a recusa de Hegel como herança através de seus precursores ideológicos mais importantes (mencionamos aqui apenas Schopenhauer, Kierkegaard e Lagarde). Rosenberg, por exemplo, dirige contra ele ataques diretos e cortantes. A verdadeira mentalidade fascista em relação ao período clássico foi expressa na aula inaugural de Alfred Baeumler, como professor expressamente nomeado para Educação Política na Universidade de Berlim, na qual ele assinalou a luta contra o humanismo clássico e a eliminação dos seus traços da ideologia de hoje como uma das tarefas principais do presente. Este programa foi levado a cabo mais tarde pela “ciência filosófica” do regime de Hitler.

Vê-se, portanto, o abismo que separa a ideologia fascista da do apogeu clássico da Alemanha; evidentemente, não se segue disto, de maneira alguma, que as convicções de Hitler e seus cúmplices ideológicos surgiram do nada. No entanto, houve e há pessoas que se recusam a investigar as fontes do fascismo alemão com a alegação de que seria uma desobrigação dos fascistas, um deslocamento da responsabilidade para os pensadores anteriores. Mas, a prescindir de que um pensador reacionário, a partir do qual os fascistas tomaram alento, não tem de ser, por causa disto, já absolutamente um fascista; tal concepção — completamente contra a pretensão dos seus proclamadores — significa a proclamação de Hitler a “gênio” que poderia criar independentemente um sistema de convicções que, pelo menos por uma década, dominou um grande povo como o alemão. Também aqui Marx nos dá o método correto para combater ideologicamente os “gênios” da reação. Victor Hugo se comportou na época contra Napoleão III em uma linha mais ou menos semelhante, ainda que mais espirituosa do que a concepção caracterizada acima. Diz Marx contrariamente: “Victor Hugo limita-se à invectiva amarga e espirituosa contra o organizador responsável pelo golpe de Estado. O próprio acontecimento aparece para ele sem mais nem menos, como um clarão no ar. Vê nisto apenas o ato de violência de um indivíduo singular. Não

merkt nicht, daß er dies Individuum groß statt klein macht, indem er ihm eine persönliche Gewalt der Initiative zuschreibt, wie sie beispiellos in der Weltgeschichte dastehen würde ... Ich weise dagegen nach, wie der *Klassenkampf* in Frankreich Umstände und Verhältnisse schuf, welche einer mittelmäßigen und grotesken Personage das Spiel der Heldenrolle ermöglichen.“<sup>3</sup> Unsere Absicht ist, auf ideologischem Gebiete nachzuweisen, wie ein oberflächlich gebildeter Demagog durch eklektisches Ausnützen der vorangegangenen reaktionären Ideologie infolge der Entwicklung des Klassenkampfes in Deutschland und des durch ihn hervorgebrachten Schicksals der deutschen Nation zu dieser Rolle eines „Führers“ gelangen konnte.

Will man zu einer solchen marxistischen Entlarvung der fascistischen Ideologie gelangen, so muß der Kampf von Fortschritt und Reaktion im Laufe der deutschen Geschichte der neueren Zeit sorgfältig beobachtet werden. Jetzt können wir selbstredend nur einige andeutende Bemerkungen machen. Es muß vor allem, besonders gegenüber der bürgerlichen Verfälschung der deutschen Geistesgeschichte, hervorgehoben werden, daß schon der deutsche Humanismus im Kampfe gegen die reaktionäre Ideologie erwuchs und groß wurde. Und zwar richtete sich dieser Kampf nicht nur gegen Beschränktheiten und Zurückgebliebenheiten des damaligen Deutschland, was auch von einzelnen bürgerlichen Historikern anerkannt wird, sondern vor allem gegen die verschiedenen zeitgenössischen Tendenzen der Reaktion. Goethe z.B. bekämpfte sein ganzes Leben lang jene Richtungen, die das Christentum wieder zeitgemäß zu machen versuchten (Lavater, Jacobi, Herder, Schleiermacher etc.); er bekämpft den beschränkten Nationalismus der Romantik vor, während und nach den Befreiungskriegen und zugleich damit die von [ihr] proklamierte religiöse Kunst. Hegel hat die große fortschrittliche Rolle der Französischen Revolution immer anerkannt, an ihrer Bedeutung auch während der Restaurationsperiode festgehalten und ihre Errungenschaften der Restaurationsideologie gegenüber verteidigt usw. usw.

Natürlich hat die Ideologie des klassischen Humanismus ihre klassenmäßigen und zeitbedingten Grenzen, die auch bei solchen Genies wie Goethe und Hegel immer wieder zum

percebe que engrandece, em vez de diminuir, esse indivíduo, atribuindo-lhe, ao mesmo tempo, um poder pessoal de iniciativa sem precedentes na história mundial ... Eu provo contra isso como a *luta de classes* na França criou circunstâncias e relações que possibilitam a um personagem medíocre e grotesco a interpretação do papel de herói.”<sup>3</sup> Nosso intuito é comprovar no campo ideológico como um demagogo superficialmente educado pôde lograr este papel de “líder” ao explorar ecleticamente a ideologia reacionária anterior, em decorrência do desenvolvimento da luta de classes na Alemanha, e do destino da nação alemã gerado por ele.

Se se quer alcançar este desmascaramento marxista da ideologia fascista, deve-se observar cuidadosamente a luta entre progresso e reação no decurso da história alemã moderna. Agora, óbvio, só podemos fazer alguns poucos comentários sugestivos. Deve-se destacar, antes de tudo, especialmente em relação à adulteração burguesa da história intelectual alemã, que o humanismo alemão apareceu e se tornou grande já na luta contra a ideologia reacionária. E, no entanto, orientou-se não apenas contra a estreiteza de espírito e o atraso da Alemanha deste tempo, o que também é reconhecido pelos historiadores burgueses individuais, mas, sobretudo, contra as diversas tendências contemporâneas da reação. Goethe, por exemplo, lutou ao longo de sua vida contra as tendências da reação que tentaram tornar o cristianismo novamente atual (Lavater, Jacobi, Herder, Schleiermacher etc.); lutou contra o nacionalismo limitado do período romântico antes, durante e depois das guerras de libertação e, ao mesmo tempo, contra a arte religiosa proclamada por ele. Hegel sempre reconheceu o grande papel progressista da Revolução Francesa, assegurou sua importância mesmo durante o período da Restauração e defendeu suas conquistas contra a ideologia da Restauração etc., etc.

Naturalmente, a ideologia do humanismo clássico tem seus limites de classe e tempo, que também vêm repetidamente expressos por gênios

<sup>3</sup> Karl Marx, Der achtzehnte Brumaire des Louis Napoleon. Vorwort zur 2. Auflage. In: Marx/Engels, Ausgewählte Schriften. Band 2, S. 320 f.; MEW 8, S. 559f

<sup>3</sup> Karl Marx. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*.

Ausdruck kommen. Die reaktionäre Ideologie klammert sich stets an diese ideologischen Schwächen und will den deutschen Humanismus mit ihrer Hilfe ins Reaktionäre umfälschen. Gegen solche Versuche hilft nur die historische Konkretisation. Wenn z.B. der berühmte Historiker der imperialistischen Periode, Friedrich Meinecke, aus Hegel, weil er Anhänger der konstitutionellen Monarchie war, einen Vorläufer Bismarcks machen wollte, so ist dagegen zu bemerken, daß 1820, als Hegel seine „Rechtsphilosophie“ schrieb, die konstitutionelle Monarchie in Deutschland objektiv ein Fortschritt gewesen wäre. Erst in den vierziger Jahren sind die radikalen Anhänger Hegels mit Recht darüber hinausgegangen, weil bei dem damaligen Stand des Klassenkampfes die Parole der konstitutionellen Monarchie schon kompromißlerisch-liberal geworden ist. Die Bismarcksche Scheinkonstitution nach der Niederlage der achtundvierziger Revolution war reaktionär. Sie hat also in ihrem Wesen, in ihrer Tendenz, in ihrem sozialen Inhalt und geistigen Gehalt nichts mit der Hegelschen Konzeption zu tun.

Solche Versuche des reaktionären Verdrehens der historischen Zusammenhänge - und ihre Zahl ist Legion, wir haben nur ein zufälliges auffallendes Beispiel herangezogen - dürfen den wahren historischen Stand der Dinge nicht verdunkeln: nämlich die Tatsache, daß Hegel - als gedankliche Spitzengestalt der klassischen Periode Deutschlands - zu den von Lenin hervorgehobenen drei Quellen des Marxismus gehört, daß der deutsche Humanismus nicht nur den Gipfel der ideologischen Entwicklung des Bürgertums bildet, sondern auf diese Weise zur Weltanschauung des Sozialismus hinüberleitet. Dieser dem deutschen Humanismus freilich notwendig unbekanntem Zukunftsperspektive entspricht, daß in der klassischen Periode trotz der politischen [n] Herrschaft der Heiligen Alliance die Ideologie Goethes und Hegels die siegreiche im Kampfe gegen die Reaktion und die herrschende geblieben ist und die Grundlage für die Entfaltung revolutionärer Ideologien in den dreißiger/vierziger Jahren bis zur Entstehung des dialektischen Materialismus ergab.

Diese Kampflinie des klassischen Humanismus gegen die reaktionären Ideologien ist schon darum wichtig, weil die Anfänge der späteren ideologischen Hegemonie der Reaktion in

como Goethe e Hegel. A ideologia reacionária sempre se agarra a essas debilidades ideológicas e com sua ajuda quer transfigurar o humanismo alemão em reacionário. Apenas a concretização histórica ajuda contra essas tentativas. Se, por exemplo, o famoso historiador do período imperialista, Friedrich Meinecke, porque era partidário da monarquia constitucional, quis fazer de Hegel um precursor de Bismarck, contrariamente, deve ser mencionado que, em 1820, quando Hegel escreveu sua *Filosofia do Direito*, a monarquia constitucional na Alemanha teria sido objetivamente um progresso. Com razão, somente nos anos de 1940 os seguidores radicais de Hegel foram ultrapassados, porque neste momento, devido ao estado da luta de classes, a palavra de ordem da monarquia constitucional já havia se tornado comprometidamente-liberal. A falsa-constituição de Bismarck posterior à derrota da Revolução de 1848 era reacionária. Ela não tem nada que ver, em sua essência, em sua tendência, em seu conteúdo social e intelectual com a concepção hegeliana.

Tais tentativas de torções reacionárias das conexões históricas — e seu número é uma legião, usamos apenas um chamativo exemplo casual — não devem obscurecer o verdadeiro estado de coisas histórico: a saber, o fato de que Hegel — como a principal figura intelectual do período clássico na Alemanha — pertence às três fontes do marxismo destacadas por Lenin, que o humanismo alemão não compõe apenas o topo do desenvolvimento ideológico da burguesia, mas também traspassa desse modo à concepção de mundo do socialismo. Esta perspectiva de futuro, evidentemente desconhecida para o humanismo alemão, corresponde ao fato de que, no período clássico, apesar do domínio político da Santa Aliança, a ideologia de Goethe e Hegel permaneceu vitoriosa e predominante na luta contra a reação e resultou na base para o desenvolvimento de ideologias revolucionárias nos anos de 1830/1840 até o surgimento do materialismo dialético.

Esta linha de luta do humanismo clássico contra as ideologias reacionárias já é importante porque o início da hegemonia ideológica posterior da

Deutschland bereits damals wirksam waren. Und zwar nicht nur in deutschen Ablegern der allgemeinen europäischen Reaktion der Burke, de Maistre etc., sondern in selbständigen reaktionären Tendenzen, die die wichtigsten Anfänge der späteren reaktionären Ideologien in sich enthielten; man denke an die spätere Entwicklung Schellings und vor allem an Schopenhauer. Wichtig ist aber, daß diese Tendenzen damals nie zu einem herrschenden Einfluß gelangen konnten. Schelling saß einsam in München, und Goethe lehnte seine Rückberufung an die Jenaer Universität ab; Schopenhauer war ein einflußloser Privatdozent und später ein bizarrer und vereinzelter Sonderling.

Bis 1848 sind deutsche Literatur und Philosophie europäisch führend auf der progressiven Linie; man denke nur an Heine, D. F. Strauß und Feuerbach. Erst nach 1848 beginnt in Deutschland jene Wendung, die das deutsche Denken in Europa im reaktionären Sinn führend macht. Diese Wendung ist durch die große Wirkung Schopenhauers gekennzeichnet. Mit ihm und einige Jahrzehnte später mit Nietzsche übernimmt Deutschland in der reaktionären Ideologie ebenso unbestritten die Führung wie in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts, in der progressiven, mit Goethe und Hegel.

Die historischen Ursachen und die ideologischen Etappen dieser Wendung werden wir später ausführlich analysieren. Jetzt nur soviel: Schopenhauer und Nietzsche beherrschen das europäische Denken in der zweiten Hälfte des 19. und am Anfang des 20. Jahrhunderts nicht minder als Kant, Fichte, der junge Schelling und Hegel in den ersten Jahrzehnten des 19. Wie in Hegel alle wichtigen Motive des damals progressivsten Denkens: Dialektik, Universalität, Historismus etc., vorhanden waren, so in Schopenhauer und Nietzsche die entscheidenden neuen Motive der dekadent-reaktionären Denkweise: die Mischung von Agnostizismus und Mystik, die neuen Formen des reaktionären Antihistorismus bzw. Pseudohistorismus, die neuen Formen der Apologetik der kapitalistischen Gesellschaft etc. Die gesamteuropäische dekadente Literatur und Philosophie ist ohne sie undenkbar: Ihr Einfluß erstreckt sich von Hamsun bis Gide, von Mereshkowski bis Stefan George. Ja, über Dekadenz und Reaktion hinaus, so wie seinerzeit Kant, Goethe oder Hegel in ihrer Wirkung über das Lager

reação já era operante na Alemanha de então. E não apenas nas ramificações alemãs da reação europeia geral de Burke, de Maistre etc., mas nas tendências reacionárias independentes que continham em si os inícios mais importantes das ideologias reacionárias posteriores; pense-se no desenvolvimento tardio de Schelling e, sobretudo, em Schopenhauer. É importante, contudo, que essas tendências nunca puderam alcançar uma influência dominante naquele momento. Schelling estava sozinho em Munique e Goethe recusou assumir sua convocatória na Universidade de Iena; Schopenhauer era um livre-docente sem influência e, mais tarde, um estranho e isolado excêntrico.

Até 1848, a literatura e a filosofia alemãs eram lideranças europeias na linha progressista; pense-se apenas em Heine, D. F. Strauß e Feuerbach. Somente após 1848 começou na Alemanha a virada que fez do pensamento alemão liderança na Europa em sentido reacionário. Essa virada foi marcada pelo grande impacto de Schopenhauer. Com ele, e algumas décadas mais tarde com Nietzsche, a Alemanha assumiu a liderança da ideologia reacionária tão incontestavelmente como, na primeira metade do século XIX, a da progressista, com Goethe e Hegel.

As causas históricas e as etapas ideológicas dessa virada analisaremos em detalhes mais adiante. Agora, apenas isso: Schopenhauer e Nietzsche dominaram o pensamento europeu na segunda metade do século XIX e no início do século XX não menos do que Kant, Fichte, o jovem Schelling e Hegel nas primeiras décadas do século XIX. Assim como em Hegel estavam presentes todos os motivos importantes do pensamento mais progressista da época: dialética, universalidade, historicismo etc., também em Schopenhauer e Nietzsche estavam presentes os novos motivos decisivos do modo de pensar decadente-reacionário: a mistura de agnosticismo e misticismo, as novas formas do anti-historicismo reacionário ou pseudo-historicismo, as novas formas de apologética da sociedade capitalista etc. A literatura e a filosofia pan-europeia decadentes são impensáveis sem ela: sua influência abrange de Hamsun a Gide, de Mereshkowski a Stefan George. Pois, para além da decadência e da reação, tal como em sua época Kant, Goethe ou Hegel foram, quanto ao efeito, além do



des Fortschritts hinauslangten, ist die Wirkung Schopenhauers und Nietzsches auch bei großen Gestalten spürbar, die in der wesentlichen Linie ihrer Tätigkeit Kämpfer gegen die Reaktion, gegen die Dekadenz gewesen sind; ich verweise nur auf die zeitweilige Beeinflussung L. Tolstois durch Schopenhauer, auf die langdauernde Wirkung Schopenhauers und Nietzsches auf Thomas Mann etc.

Auch diese neue Rolle des deutschen Denkens ist eine Widerspiegelung der historischen Entwicklung der deutschen Nation und der sie bestimmenden Klassenkämpfe. In beiden Fällen, sowohl im Aufstieg wie im Niedergang, ist aber der Zusammenhang zwischen historisch-sozialer Grundlage und ideologischem Spiegelbild ein ziemlich komplizierter. Die alte führende Rolle der deutschen Ideologie in der Goethezeit hat zur Grundlage die politische Machtlosigkeit, die ökonomische Zurückgebliebenheit, die nationale Zerrissenheit Deutschlands. Aus zeitgenössischen Berichten (Madame de Staël, Carlyle etc.) können wir sehen, wie die Ideologen politisch und sozial progressiverer Länder diese Paradoxie erlebten und empfanden. Eine teils idyllisch-primitive, teils verzerrtrückständige Wirklichkeit, aus der sich scheinbar unvermittelt die großartige Poesie, Musik und Philosophie der Deutschen erhebt. Eine Jean-Paul/Hoffmannsche gesellschaftliche Wirklichkeit mit ihrer krönenden ideologischen Spitze im „Faust“, in der „Phänomenologie des Geistes“, in der Neunten Symphonie.

Ganz anders, aber nicht minder kompliziert und widerspruchsvoll ist der politisch-soziale Hintergrund der zweiten deutschen ideologischen „Einflußsphäre“. Schopenhauers deutscher Erfolg ist ein Echo der Niederlage der bürgerlichen Revolution von 1848. Das deutsche Bürgertum ist ziellos, enttäuscht, desorientiert. Neben dem Vulgärmaterialismus der Büchner, Vogt etc. als Ideologie der raschen Industrialisierung Deutschlands, ein[em] Materialismus, der flach und vulgär ist, weil er nicht wie in England und Frankreich als Ideologie der Vorbereitung der bürgerlichen Revolution entstanden ist, sondern als Nachklang ihrer Niederlage, erlangt der Schopenhauersche Pessimismus die ideologische Hegemonie. Es ist sehr bezeichnend - und der Verfasser dieser Zeilen hat diesen Übergang anderswo ausführlich dargestellt -, wie viele bedeutende Ver-

campo do progresso, faz-se sentir o efeito de Schopenhauer e Nietzsche também em grandes figuras, que na linha essencial de sua atividade foram combatentes contra a reação, contra a decadência; refiro-me apenas à influência temporária de Schopenhauer sobre L. Tolstói, ao efeito prolongado de Schopenhauer e Nietzsche sobre Thomas Mann etc.

Outrossim, esse novo papel do pensamento alemão é um reflexo do desenvolvimento histórico da nação alemã e das lutas de classes que a determinam. Nos dois casos, tanto na ascensão quanto na decadência, a conexão entre a base histórico-social e a imagem refletida ideologicamente é bastante complicada. O antigo papel de liderança da ideologia alemã na época de Goethe tem como base a impotência política, o atraso econômico e a fragmentação nacional da Alemanha. A partir dos relatos contemporâneos (Madame de Staël, Carlyle etc.), podemos ver como os ideólogos dos países política e socialmente progressistas vivenciaram e sentiram esse paradoxo. Uma realidade em parte idílica, primitiva, em parte atrasada e distorcida, da qual a grande poesia, a música e a filosofia dos alemães parecem levantar-se subitamente. Uma realidade social Jean-Paul/Hoffmann com seu ápice ideológico coroado no Fausto, na *Fenomenologia do espírito*, na *Nona Sinfonia*.

Completamente diferente, mas não menos complicado e contraditório, é o pano de fundo político e social da segunda “esfera de influência” ideológica alemã. O êxito alemão de Schopenhauer é um eco da derrota da revolução burguesa de 1848. A burguesia alemã está sem rumo, decepcionada e desorientada. Ao lado do materialismo vulgar de Büchner, Vogt etc. como ideologia da rápida industrialização da Alemanha, que é um materialismo plano e vulgar; porque não surgiu como uma ideologia de preparação da revolução burguesa, como na Inglaterra e na França, mas como uma ressonância dela, o pessimismo de Schopenhauer obtém a hegemonia ideológica. É muito significativo — e o autor dessas linhas descreveu essa transição detalhadamente noutra lugar —, quantos representantes

treter des deutschen Geistes in dieser Periode von Feuerbach zu Schopenhauer übergegangen sind; es genügt hier auf das eine Beispiel Richard Wagners hinzuweisen. Schopenhauer kommt zu dieser Wirkung als Ideologe eines geistreich-bissigen reaktionären Spießertums.

Da aber in ganz Europa politische und soziale Tendenzen wirksam waren, die ebensolche oder ähnliche Stimmungen, wenn auch nicht in ähnlicher Stärke, in bürgerlichen und kleinbürgerlichen Kreisen hervorgerufen haben (man denke an die Periode Napoleon III. in Frankreich, an die Niederlage 1870/71, an die Zerschmetterung der Kommune etc.), ist auch die internationale Wirkung, wenn auch später, eingetreten. Dabei ergibt sich ein anderer, entgegengesetzter, aber ebenso paradoxer gesellschaftlicher Hintergrund. Das „einsame Genie“ Schopenhauer predigt Pessimismus und Weltentsagung aus einem Land, das inzwischen die erste Militärmacht Europas geworden ist, in welchem sich der Sturm und Drang der rapiden Kapitalisierung vollzieht. Ihre Formen sind Häßlichkeit, Verzerrung und Vergemeinerung des Lebens, Überbleibsel der alten Spießerei und Entstehung einer neuen, anspruchsvollen Spießerei, kulturelle Flachheit bei theatralischem Prunk des äußeren Lebens. Schopenhauer wird zu einer europäischen geistigen Macht mit dem Hintergrund der Bismarckschen „bonapartistischen Monarchie“. Er ist der Ideologe aller ohnmächtig Unzufriedenen; der Führer einer Opposition, die sich nie zu einer Tat aufraffen kann. Dies mit ein Grund der großen Popularität im Bürgertum Deutschlands und ganz Europas. Thomas Mann beschreibt in seinem ersten Roman schön und charakteristisch, wie sein bürgerlich-patrizischer Held Thomas Buddenbrook, als er mit dem neben ihm entstehenden modernen Kapitalismus nicht fertig werden kann, als sein erster und einziger Versuch, [seine] Methoden mitzumachen, schmählich fehlschlägt, gerade bei Schopenhauer Trost und Beruhigung findet.

Nietzsches Weltbild gelangt auf Grundlage des Imperialismus der Wilhelminischen Periode zur allgemeinen Wirkung. Nietzsche selbst ist in der unmittelbar vorangegangenen Periode ebenso ein „prophetischer“ Vorkämpfer und Vorläufer der späteren reaktionären Tendenzen wie seinerzeit Schopenhauer im Zeitalter Goethes und Hegels. Wieder erhebt sich

importantes do espírito alemão foram desconsiderados no período de Feuerbach a Schopenhauer; suficiente indicar aqui o exemplo de Richard Wagner. Schopenhauer chega a esse impacto como ideólogo de uma espirituosa e mordaz pequena burguesia reacionária.

Mas, como em toda a Europa as tendências políticas e sociais que foram operantes, evocaram estados de ânimo igual ou semelhantes, ainda que não na mesma intensidade, nos círculos burgueses e pequeno-burgueses (pense-se no período de Napoleão III na França, na derrota de 1870/1871, no esmagamento da Comuna etc.), juntando-se também, se bem que mais tarde, ao efeito internacional. Resulta disso, ao mesmo tempo, um pano de fundo diferente, contrário, mas também paradoxal. O “gênio solitário” Schopenhauer prega pessimismo e renúncia ao mundo a partir de um país, que, enquanto isso, se tornou o primeiro poder militar da Europa, no qual se realiza o *Sturm und Drang*\* da rápida capitalização. Suas formas são fealdade, distorção e generalização da vida, remanescentes da velha burguesia e do surgimento de uma burguesia nova e sofisticada, superficialidade cultural com esplendor teatral da vida exterior. Schopenhauer se torna um poder intelectual europeu com o pano de fundo da “monarquia bonapartista” de Bismarck. Ele é o ideólogo dos insatisfeitos impotentes; o líder de uma oposição que nunca pode cobrar ânimo para a ação. Isto como um dos motivos da grande popularidade junto à burguesia da Alemanha e da Europa como um todo. Thomas Mann, em seu primeiro romance, descreve bela e caracteristicamente como seu herói patricio-burguês, Thomas Buddenbrook, quando não pode enfrentar o capitalismo moderno nascente a seu lado, quando em sua primeira e única tentativa de tomar parte em seus métodos, falha miseravelmente, encontrando então conforto e segurança em Schopenhauer.

A imagem de mundo de Nietzsche teve um efeito geral sobre a base do imperialismo do período guilhermino. O próprio Nietzsche foi, no período imediatamente anterior, igualmente um pioneiro e precursor “profético” das tendências reacionárias posteriores como, a seu tempo, foi Schopenhauer, na era de Goethe e Hegel. Novamente, da generalizada ausência de cultura ergue-se

\*N. T. Movimento literário romântico alemão, que ocorreu no período entre 1760 e 1780. Em geral, traduz-se para o português como “Tempestade e Ímpeto”.

also ein „einsames Genie“ aus der allgemeinen Kulturlosigkeit, und die Gefolgschaft Nietzsches in Deutschland steht ebenso in lärmender oder verachtungsvoller Opposition zum leer-dekorativen Prunk, zur protzenhaften Geschmacklosigkeit des sich vehement entfaltenden deutschen Imperialismus wie seinerzeit die Anhänger Schopenhauers zur Bismarckschen Periode.

Dieser oppositionelle Charakter - Nietzsches größte Stärke, seine oft außerordentlich geistvolle Kritik der spätbürgerlichen Dekadenz - ist auch der Schlüssel zu seiner internationalen Wirkung. Er kritisiert geistreich und oft treffend die Dekadenz, gibt aber immer nur eine „immanente“ Kritik, d. h. eine Kritik der Dekadenz von der Dekadenz aus, ihre Kritik, ohne auf ihre sozialen Wurzeln einzugehen, ohne ihre gesellschaftlichen Grundlagen aufzudecken (ja, sie verdeckend), die Kritik ihrer kulturellen Symptome, ohne die Gesamtatmosphäre der Dekadenz je zu verlassen. Deshalb können alle, die in irgendeiner Weise von den Wirkungen des imperialistischen Kapitalismus, vor allem von seinen kulturellen Wirkungen, zurückgestoßen werden, ohne deshalb sich gegen das kapitalistische System aufzulehnen, alle, die unter der Dekadenz leiden, ohne gesellschaftlich in der Lage zu sein, sie zu überwinden, ja die nicht einmal den wirklichen Willen haben, sie zu überwinden, bei Nietzsche ihren Propheten und Philosophen finden, den Propheten und Philosophen der subjektiven Scheinüberwindung der Dekadenz.

So hat Deutschland mit diesen beiden „einsamen Genies“ die führenden Ideologen für die imperialistische Zeit der ganzen Welt gegeben. (Auch später wiederholt sich das, wenn auch in kleinerem Maßstabe, nach dem ersten imperialistischen Weltkrieg im Falle Spenglers.)

Wenn also Deutschland durch die Theorie und Praxis des Hitlerfaschismus zum Musterland, zum Weltzentrum und Weltvorbild der reaktionären Barbarei geworden ist, so ist dies kein historischer Zufall, kein bloßes „Unglück“, das das deutsche Volk sozusagen von außen überfallen hat, sondern das Emporwachsen einer wichtigen Tendenz der politischen und ideologischen Entwicklung Deutschlands zur grauenvollen Wirklichkeit.

Scheinbar besteht, wie wir gezeigt haben, ein scharfer Ge-

um “gênio solitário”, e os partidários de Nietzsche na Alemanha estão em oposição tão ruidosa e desdenhosa para com a pompa vã-decorativa, para com a vulgaridade ostentosa do imperialismo alemão que se desenrola veementemente como, a seu tempo, os adeptos de Schopenhauer do período bismarckiano.

Esse caráter opositor — a grande força de Nietzsche, sua crítica muitas vezes extraordinariamente espirituosa da decadência burguesa tardia — é também a chave do seu impacto internacional. Ele critica espiritualmente a decadência, e muitas vezes com acerto, mas faz sempre apenas uma crítica “imaneente”, isto é, uma crítica da decadência a partir da decadência, sua crítica sem entrar em suas raízes sociais, sem revelar suas bases sociais (até mesmo obscurecendo-as), a crítica de seus sintomas culturais, sem abandonar a atmosfera geral da decadência. É por esse motivo que, todos, qualquer um, alvo dos impactos do capitalismo imperialista, sobretudo dos impactos culturais, sem por isso insurgir-se contra o sistema capitalista, todos, que sofrem sob a decadência, sem ser capaz de ultrapassar socialmente a situação, que já não têm nem ao menos vontade real, podem encontrar em Nietzsche seu profeta e filósofo, o profeta e filósofo da aparente ultrapassagem subjetiva da decadência.

Assim, com esses dois “gênios solitários”, a Alemanha deu a todo o mundo as lideranças ideológicas para a era imperialista. (Isso também se repete mais tarde, ainda que em menor escala, após a Primeira Guerra Mundial imperialista, no caso de Spengler.)

Portanto, se a Alemanha se tornou, através da teoria e da prática do fascismo de Hitler, um país modelo, um centro mundial e um modelo mundial de barbárie reacionária, isto não é um acaso histórico, mero “infortúnio”, que, por assim dizer, atacou desde fora o povo alemão, é antes o crescimento de uma tendência importante do desenvolvimento político e ideológico da Alemanha à realidade horrenda.

Aparentemente, há, como mostramos, uma nítida oposição

gensatz zwischen dem Denken dieser beiden „einsamen Genies“ und der deutschen Wirklichkeit, in der sie führend werden. In Wirklichkeit ist aber hier ein tiefer Einklang vorhanden: Schopenhauer und Nietzsche sind die europäisch führenden Denker der Reaktion nach der Niederlage der achtundvierziger Revolution. In derselben Zeit entwickelt sich jedoch ihre Heimat Deutschland zum Musterland des europäischen Imperialismus. Die Konzentration des Kapitals, die Unterwerfung aller Zweige des Kapitals unter die Herrschaft des Finanzkapitals hat nirgends in Europa eine solche Vollendung erlangt wie gerade in Deutschland. Und zur selben Zeit, und nicht zufällig, ist Deutschland das Musterland des imperialistischen Militarismus geworden, das Land, das in ungestümster Weise auf eine Neuaufteilung der Welt drang. Der Gegensatz von Bild und Hintergrund erweist sich also bei näherer Betrachtung als bloßer Schein.

Im ersten imperialistischen Weltkrieg wird Deutschland geschlagen. Zwanzig Jahre später erhebt es sich jedoch zum zweitenmal, diesmal als Musterbild der reaktionärsten imperialistischen Barbarei: Es errichtet die Herrschaft Hitlers, es ruft den zweiten Weltkrieg hervor und bedroht die ganze Welt damit, sie dem barbarisch-reaktionärsten Imperialismus zu unterwerfen.

Es ist klar, daß aus dieser Lage die Notwendigkeit des unerbittlichen ideologischen Kampfes gegen die faschistische Ideologie folgt. Dieser Kampf kann und darf sich jedoch nicht auf die Entlarvung ihrer gedanklichen Minderwertigkeit, ihres moralischen Tiefstands, ihres barbarischen Charakters beschränken, wenn diese Entlarvung auch die zentrale Aufgabe des gegenwärtigen Moments bildet.

Der deutsche Faschismus wird den von ihm verbrecherisch heraufbeschworenen Krieg nicht überleben. Mit dem Zusammenbruch des Hitlersystems wird unzweifelhaft auch die von Hitler, Rosenberg und Konsorten zusammengebraute Ideologie auf den Misthaufen geworfen werden. Aber Deutschland, das deutsche Volk, die deutsche Kultur werden weiterleben, ja, aufleben - und hier taucht die Frage auf: Woran kann, soll und wird die ideologische Entwicklung dann anknüpfen?

Es handelt sich bei dieser Fragestellung weder um Vorschriften noch um Voraussagen, sondern um die konkrete

entre o pensamento desses dois “gênios solitários” e a realidade alemã na qual eles se tornam lideranças. Na realidade, porém, existe aqui uma profunda concordância: Schopenhauer e Nietzsche são os pensadores líderes europeus da reação após a derrota da Revolução de 1848. No mesmo período de tempo, todavia, sua terra natal, a Alemanha, evoluiu para país-modelo do imperialismo europeu. Em nenhum lugar na Europa, a concentração de capital, a subordinação de todos os ramos do capital ao domínio do capital financeiro alcançou tal aperfeiçoamento como agora mesmo na Alemanha. E, ao mesmo tempo, e não por acaso, a Alemanha se tornou o país-modelo do militarismo imperialista, o país que de modo impetuoso impulsionou uma nova partilha do mundo. A oposição entre a imagem e o pano de fundo revela-se, portanto, em uma consideração posterior, como mera aparência.

A Alemanha fora batida na Primeira Guerra Mundial imperialista. Vinte anos depois, no entanto, levanta-se pela segunda vez, desta vez como imagem-modelo da barbárie imperialista mais reacionária: estabelece o domínio de Hitler, dá início à Segunda Guerra Mundial e, com isso, ameaça o mundo inteiro a submetê-lo ao imperialismo mais barbaramente-reacionário.

Claro que, dessa situação sobrevém a necessidade de uma luta ideológica inexorável contra a ideologia fascista. No entanto, essa luta não pode e não deve limitar-se ao desmascaramento de sua inferioridade, de sua baixeza moral, de seu caráter bárbaro, ao tempo que esse desmascaramento também se constitui na tarefa central do momento presente.

O fascismo alemão não sobreviverá à guerra que provocou criminalmente. Com o colapso do sistema de Hitler, lançará na alfurja a indubitosa ideologia conchavada conjuntamente por Hitler, Rosenberg e consortes. Mas a Alemanha, o povo alemão, a cultura alemã continuará viva, sim, renascerá — e aqui ressurgem a pergunta: ao que poderá e deverá se reportar o desenvolvimento ideológico?

Esta questão não trata nem de prescrição nem de previsão, mas da situação ideológica concreta

ideológica Lage Deutschlands. Mehr als ein Jahrzehnt des despotischen Monopols der faschistischen Propaganda haben hier - besonders in der Jugend, aber nicht bloß in ihr - fürchterliche Verwirrungen und Verwüstungen hervorgebracht. Und das einfache, zuweilen nur mechanische Verwerfen der faschistischen „Weltanschauung“ im unmittelbaren Hitler-Rosenbergschen Sinne kann hier keine befriedigende Lösung bringen. Um so weniger, als die ideologische Vergiftung Deutschlands viel weiter in die Vergangenheit zurückgreift, und wenn keine ideologische Umkehr, keine Selbstbesinnung, kein Zurückgreifen auf die Traditionen der freiheitlichen Entwicklung Deutschlands, kein radikales Zu-Ende-Denken der Probleme des wahren Deutschtums eintritt, bleiben die Wurzeln der reaktionären Ideologie unausgerottet, und unter Umständen ist ein neues Emporwachsen einer neuen reaktionären Ideologie als [der] herrschenden durchaus möglich.

Die Schwäche der deutschen Demokratie ist stets auch eine weltanschauliche gewesen. Soll sie erstarken, muß sie sich auch weltanschaulich erneuern, muß sie auch weltanschaulich jede Reaktion wirksam bekämpfen können.

Wir glauben: Es wäre mehr als leichtsinnig, diese Gefahr zu unterschätzen. Die Entwicklung der Ereignisse ist ungleichmäßig und darum - scheinbar - überraschend, plötzlich, abrupt. Die ungleichmäßige Entwicklung kann Deutschland, wie schon einigemal in seiner Geschichte, wieder einmal vor eine Situation stellen, in welcher objektiv günstige Bedingungen für die demokratische Gesundung Deutschlands vorliegen, ohne daß der subjektive Faktor hinreichend vorbereitet und gerüstet wäre. Darum glauben wir, daß es unbedingt notwendig ist, diese Probleme schon jetzt, in einem Zeitpunkt, in welchem sie erst Perspektivfragen sind, wenigstens in ihren allgemeinen Umrissen zu bestimmen. Bereit sein ist alles: Dies gilt auch für Politik und Kulturpolitik.

Die Kenntnis des Weges, der zur barbarischen Aufgipfelung der Reaktion im Faschismus geführt, ist hier das Minimum.

Es gilt also, den historischen Weg, der vom Deutschland Goethes und Hegels zur heutigen tyrannischen Barbarei führt, kurz zu beleuchten. Dabei möchten wir unseren Lesern in aller Kürze nur soviel bemerken, daß die hier folgenden Be-

na Alemanha. Mais de uma década do monopólio despótico da propaganda fascista criou aqui — especialmente entre os jovens, mas não apenas entre eles — uma terrível perturbação e devastação. E a denegação simples, às vezes apenas mecânica, da “concepção de mundo” fascista no sentido imediato de Hitler-Rosenberg não pode trazer aqui uma solução satisfatória. E tanto menos, quando mais o envenenamento ideológico na Alemanha remonta muito atrás no passado, e no caso de, sem reviravolta ideológica, sem autoconsciência, sem recorrência às tradições do desenvolvimento liberal na Alemanha, sem entrar no radical pensamento-acabado do problema do verdadeiro germanismo, as raízes da ideologia reacionária permanecem inextirpadas, e sob certas circunstâncias, é plenamente possível um novo crescimento de uma nova ideologia reacionária como a dominante.

A debilidade da democracia alemã sempre foi ideológica. Para se fortalecer, deve renovar-se também ideologicamente, deve ser capaz de combater cada reação também de maneira efetiva.

Acreditamos que seria mais do que imprudente subestimar esse perigo. O desenvolvimento dos acontecimentos é desigual e, portanto — aparentemente — surpreendente, repentino, abrupto. O desenvolvimento desigual pode, como algumas vezes em sua história, colocar a Alemanha numa situação em que há condições objetivamente favoráveis para a recuperação democrática da Alemanha, sem que o fator subjetivo esteja adequadamente preparado e equipado. É por isso que acreditamos que é absolutamente necessário definir esses problemas agora mesmo, em um momento em que são somente questões de perspectiva, pelo menos em suas linhas gerais. Estar preparado é tudo: isso é válido também para a política e para a política cultural.

O conhecimento do caminho que levou à culminação bárbara da reação em fascismo é aqui o mínimo.

É válido, portanto, para iluminar minimamente o caminho histórico que conduz da Alemanha de Goethe e Hegel à barbárie tirânica de hoje. Gostaríamos de mencionar brevemente aos nossos leitores que as

htungen den Kampf gegen die faschistische Ideologie zum Gegenstand haben. Historische und politische Tatsachen werden nur dann angeführt, wenn sie für das Verständnis der ideologischen Zusammenhänge unerlässlich sind. Raumgründe verbieten uns die Anführung solcher Tatsachen, insbesondere, wenn es sich um allgemein Bekanntes handelt, bei denen der Leser sowieso nur Wiederholungen von auch anderswo Dargelegtem finden würde.

considerações a seguir têm como objeto a luta contra a ideologia fascista. Os fatos históricos e políticos são aduzidos apenas quando são indispensáveis à compreensão da conexão ideológica. Motivos de fundo impedem-nos a alegação de tais fatos, especialmente, se são em geral conhecidos, nos quais o leitor só encontraria repetições do que também foi dito por toda parte.

| Georg Lukács

## I

**Der historische Weg Deutschlands**

Allgemein gesprochen, besteht das Schicksal, die Tragödie des deutschen Volkes darin, daß es in der modern-bürgerlichen Entwicklung zu spät gekommen ist. Dies ist aber noch allzu allgemein ausgedrückt und bedarf der historischen Konkretisierung. Denn die historischen Prozesse sind außerordentlich kompliziert und widerspruchsvoll, und man kann weder vom Zufrüh- noch vom Zuspätkommen an und für sich sagen, daß es besser als das andere sei. Man werfe nur einen Blick auf die bürgerlich-demokratischen Revolutionen: Einerseits haben das englische und das französische Volk einen großen Vorsprung vor dem deutschen dadurch gewonnen, daß sie ihre bürgerlich-demokratischen Revolutionen schon im 17. bzw. am Ende des 18. Jahrhunderts ausgefochten haben, andererseits aber hat das russische Volk gerade infolge seiner verspäteten kapitalistischen Entwicklung seine bürgerlich-demokratische Revolution in die proletarische überleiten können und hat sich dadurch Leiden und Konflikte erspart, die noch heute für das deutsche Volk bestehen. Man muß also das konkrete Wechselspiel der gesellschaftlich-geschichtlichen Tendenzen beobachten; man wird aber dabei finden, daß für die bisherige - neuzeitliche - Geschichte Deutschlands hier das entscheidende Motiv vorliegt.

Die großen europäischen Völker haben sich am Anfang der Neuzeit zu Nationen konstituiert. Sie haben ein einheitliches nationales Territorium herausgebildet anstelle der feudalen Zerstückertheit; es entstand bei ihnen eine das ganze Volk durchdringende nationale Wirtschaft, eine - bei aller Klassentrennung - einheitliche nationale Kultur. In der Entwicklung der bürgerlichen Klasse, in ihrem Kampf mit dem Feudalismus ist überall vorübergehend die absolute Monarchie als durchführendes Organ dieser Einheit entstanden.

Deutschland hat gerade in dieser Übergangszeit einen anderen, einen entgegengesetzten Weg eingeschlagen. Das bedeutet keineswegs, daß es sich allen Entwicklungsnotwendigkeiten des allgemeinen europäisch-kapitalistischen Weges hätte entziehen können, daß es ein völlig einzigartiges Wachstum

## I

**O caminho histórico da Alemanha**

Em termos gerais, o destino, a tragédia do povo alemão, consiste em que chegou tarde demais no desenvolvimento burguês moderno. Mas, isto ainda é expresso muito em geral e requer uma concretização histórica, pois os processos históricos são extraordinariamente complicados e contraditórios, e não se pode dizer, para antecipar nem para tardar, que um seja melhor que o outro. Basta uma olhadela nas revoluções democrático-burguesas: por um lado, o povo inglês e francês obtiveram uma grande vantagem sobre o alemão na medida em que combateram suas revoluções democrático-burguesas já no início do século XVII e no final do século XVIII, mas, por outro lado, justamente devido a seu desenvolvimento capitalista tardio, o povo russo pôde passar de sua revolução democrático-burguesa para a proletária e poupar-se, por isso, dos sofrimento e dos conflitos que, ainda hoje, continuam a existir para o povo alemão. Portanto, deve-se observar a interação concreta das tendências histórico-sociais; com isso, porém, encontrar-se-á aqui o motivo decisivo para a história — moderna — da Alemanha atual.

Os grandes povos europeus se construíram como nações no começo da era moderna. Originaram-se em um território nacional unitário em vez do desmembramento feudal; produziram com eles uma economia nacional que atravessava todo o povo, uma cultura nacional — apesar de toda divisão de classe — unitária. No desenvolvimento da classe burguesa, em sua luta com o feudalismo, a monarquia absoluta surgiu, em toda parte, momentaneamente, como o órgão executivo dessa unidade.

Precisamente nesse período de transição, a Alemanha tomou um caminho diferente e oposto. Isso de maneira alguma significa que poderia ter se despojado de todas as necessidades de desenvolvimento do caminho capitalista-europeu em geral, que poderia ter vivenciado um

zur Nation erlebt hätte, wie dies die reaktionären Historiker und in ihrem Gefolge die faschistischen behaupten. Deutschland hat, wie der junge Marx prägnant sagt, „die *Leiden* dieser Entwicklung geteilt, ohne ihre Genüsse, ihre [partielle] Befriedigung zu teilen“. Und er fügt dieser Feststellung die prophetische Perspektive hinzu: „Deutschland wird sich daher eines Morgens auf dem Niveau des europäischen Verfalls befinden, bevor es jemals auf dem Niveau der europäischen Emanzipation gestanden hat.“

Allerdings sind am Ende des Mittelalters, am Anfang der Neuzeit Bergbau, Industrie und Verkehr in Deutschland stark herangewachsen, aber doch viel langsamer als in England, Frankreich oder Holland. Engels weist darauf hin, daß ein wesentliches ungünstiges Moment der damaligen deutschen Entwicklung darin bestand, daß die verschiedenen Territorien weniger stark durch einheitliche ökonomische Interessen verbunden waren als die Teile der großen westlichen Kulturländer. Die Handelsinteressen z. B. der Hansa an Nord- und Ostsee standen so gut wie in gar keinen Beziehungen zu den Interessen der süd- und mittel-deutschen Handelsstädte.

Alle diese Motive haben zur Folge, daß die großen Klassenkämpfe vom Anfang des 16. Jahrhunderts, in denen wie im Westen die nationale Einheit als zu lösendes Problem auftaucht (kulturell im Humanismus und der Reformation, politisch im Bauernkrieg; man denke an Wendel Hipplers Konstitutionsentwurf), mit der Niederlage der progressiven Klassen geendet haben: An die Stelle der rein feudalen Zerstückeltheit trat ein modernisierter Feudalismus; die kleinen Fürsten, als Sieger und Nutznießer der Klassenkämpfe, stabilisierten die Zerrissenheit Deutschlands. So [werden] infolge der Niederlage der ersten großen Revolutionswelle (Reformation und Bauernkrieg) Deutschland wie Italien zu einem machtlosen Komplex kleiner, formell selbständiger Staaten und als solche zum Objekt der Politik der damals entstehenden kapitalistischen Welt der großen absoluten Monarchien. Die mächtigen nationalen Staaten (Spanien, Frankreich, England), die Habsburgische Hausmacht in Österreich, vorübergehend auftauchende Mächte wie Schweden, seit dem 18. Jahrhundert auch das zaristische Rußland entscheiden über das Schicksal des deutschen Volks. Und da Deutschland als Objekt der Politik

crescimento completamente singular para a nação, como afirmam os historiadores reacionários e, em sua comitiva, os fascistas. A Alemanha, como disse sucintamente o jovem Marx, “compartilhou os *sofrimentos* desse desenvolvimento, sem compartilhar seus prazeres, sua satisfação parcial”. E acrescenta a perspectiva profética a essa afirmação: “A Alemanha, por isso, se situará em uma manhã ao nível da degradação europeia, antes de ter estado ao nível da emancipação europeia.”\*\*

No entanto, no fim da Idade Média, no começo da era moderna, a mineração, a indústria e o transporte cresceram fortemente na Alemanha, mas muito mais lentamente do que na Inglaterra, na França ou na Holanda. Engels recorda que um momento essencialmente desfavorável no desenvolvimento alemão da época consistia em que os diferentes territórios estavam menos fortemente conectados por interesses econômicos unitários, que essencialmente as partes dos grandes países culturais ocidentais. Os interesses comerciais, p. ex., da Liga Hanseática nos mares do Norte e do Báltico quase não tinham relações com os interesses das cidades comerciais do sul e do centro da Alemanha.

Todos esses motivos implicam que as grandes lutas de classes do início do século XVI, nas quais, como no Ocidente, a unidade nacional emergiu como um problema a resolver (culturalmente no humanismo e na Reforma, politicamente, na Guerra Camponesa; pense-se no projeto de constituição de Wendel Hippler), terminaram com a derrota das classes progressistas: no lugar do mero desmembramento feudal adquiriu importância um feudalismo modernizado; os pequenos príncipes, como vencedores e beneficiários das lutas de classes, estabilizaram a fragmentação da Alemanha. Assim, devido à derrota da primeira grande onda revolucionária (Reforma e Guerra Camponesa), a Alemanha e a Itália tornam-se um complexo impotente de pequenos Estados formalmente independentes e, como tal, objeto da política do então nascente mundo capitalista das grandes monarquias absolutas. Os poderosos Estados nacionais (Espanha, França, Inglaterra), o poder da Casa dos Habsburgo na Austria, as potências emergentes temporariamente como a Suécia, e desde o século XVIII também a Rússia czarista, decidem o destino do povo alemão. E já que a Alemanha, como objeto da política

\* N. T. Marx, Karl. *Crítica da filosofia do Direito de Hegel*. Ps.: A referência não foi posta na versão alemã.



dieser Länder für sie zugleich ein nützliches Ausbeutungsobjekt ist, sorgen sie dafür, daß die nationale Zerstückeltheit weiter aufrechterhalten bleibe.

Indem Deutschland zum Schlachtfeld und zum Opfer der widerstreitenden Großmachtinteressen Europas wird, geht es nicht nur politisch, sondern auch ökonomisch und kulturell zugrunde. Dieser allgemeine Verfall zeigt sich nicht nur in der allgemeinen Verarmung und Verwüstung des Landes, in der rückläufigen Entwicklung der landwirtschaftlichen wie der industriellen Produktion, in der Rückentwicklung der einst blühenden Städte usw., sondern auch in der kulturellen Physiognomie des ganzen deutschen Volks. Es hat an dem großen wirtschaftlichen und kulturellen Aufschwung des 16. und 17. Jahrhunderts nicht teilgenommen; seine Massen, die der entstehenden bürgerlichen Intelligenz mit inbegriffen, bleiben weit hinter der Entwicklung der großen Kulturländer zurück. Und dementsprechend kann sich Deutschland auch an jenen bürgerlich-revolutionären Bewegungen nicht beteiligen, die die in Deutschland noch nicht erreichte Regierungsform der absoluten Monarchie im Interesse einer höheren, der fortgeschritteneren Entwicklung des Kapitalismus entsprechenderen Staatsform ersetzen wollten. Die kleinen Staaten, deren Existenz die rivalisierenden Großmächte künstlich konservierten, können nur als Söldner dieser Großmächte existieren, können sich, um äußerlich ihren großen Vorbildern zu ähneln, nur von der rücksichtslosesten und rückschrittlichsten Aussaugung des arbeitenden Volkes erhalten.

Naturgemäß entsteht in einem solchen Land keine reiche, unabhängige und mächtige Bourgeoisie, keine ihrer Entwicklung entsprechende fortschrittliche, revolutionäre Intelligenz. Bürgertum und Kleinbürgertum sind von den Höfen ökonomisch viel abhängiger als sonst in Westeuropa, und es bildet sich darum bei ihnen ein Servilismus, Kleinlichkeit, Niedrigkeit und Miserabilität, aus, desgleichen man sonst im damaligen Europa kaum finden kann. Und bei der Stagnation der ökonomischen Entwicklung bilden sich in Deutschland nicht oder nur kaum jene plebejischen Schichten, die außerhalb der feudalen Ständehierarchie stehen und in den Revolutionen der beginnenden Neuzeit die wichtigste vorwärtstreibende Schicht bilden. Noch im Bauernkrieg spielten sie unter Mün-

desses países, é ao mesmo tempo um objeto de exploração útil para eles, faz com que o desmembramento nacional perdure.

Na medida em que a Alemanha se torna um campo de batalha e vítima dos contraditórios interesses das grandes potências da Europa, parece não apenas politicamente, mas também econômica e culturalmente. Essa degradação geral mostra-se não apenas no empobrecimento e na devastação geral do país, no desenvolvimento retrógrado da produção tanto agrícola como industrial, no desenvolvimento regressivo das cidades outrora florescentes etc., mas também na fisionomia cultural de todo o povo alemão. Ela não tomou parte na grande expansão econômica e cultural dos séculos XVI e XVII; suas massas, incluindo a emergente *intelligentsia* burguesa, permaneceram muito atrás do desenvolvimento dos grandes países culturais. E, conseqüentemente, a Alemanha não pôde participar daqueles movimentos revolucionários burgueses que queriam substituir a forma de governo da monarquia absoluta, ainda não alcançada na Alemanha, por uma mais elevada, a forma de governo correspondente ao desenvolvimento mais avançado do capitalismo. Os pequenos Estados, cuja existência as grandes potências rivais conservavam artificialmente, podem existir apenas como mercenários dessas grandes potências, podem, para assemelhar-se a seus grandes modelos externos, sustentar-se apenas pela mais inconsiderada e mais retrógrada sucção dos povos trabalhadores.

Naturalmente, em tal país não surge uma burguesia rica, independente e poderosa, nem nenhuma *intelligentsia* progressista e revolucionária correspondente ao seu desenvolvimento. A burguesia e a pequena burguesia são economicamente muito mais dependentes das cortes como habitualmente na Europa Ocidental, e por isso forma-se com elas um servilismo, uma mesquinhez, uma baixeza, uma miserabilidade, que de outro modo quase não se pode encontrar na Europa de então. E com a estagnação do desenvolvimento econômico na Alemanha não se forma, ou quase não, aquelas camadas plebeias que estão fora da hierarquia dos estamentos feudais e formam a mais importante camada propulsora nas revoluções da Idade Moderna principiante. Ainda na Guerra Camponesa jogaram um papel decisivo sob

zer eine ausschlaggebende Rolle; in dieser Zeit sind sie fast vollständig verschwunden, soweit vorhanden, bilden sie eine servile, käufliche, ins Lumpenproletarische herabsinkende Gesellschaftsschicht. Die bürgerliche Revolution Deutschlands am Anfang des 16. Jahrhunderts hat allerdings die ideologische Grundlage für die nationale Kultur in der einheitlichen modernen Schriftsprache geschaffen. Aber auch diese bildet sich zurück, versteift sich und barbarisiert sich in der Periode dieser tiefsten nationalen Erniedrigung.

Erst im 18. Jahrhundert, besonders in dessen zweiter Hälfte, beginnt eine wirtschaftliche Erholung Deutschlands. Und parallel mit ihr eine ökonomische und kulturelle Stärkung der bürgerlichen Klasse. Das Bürgertum ist jedoch noch längst nicht stark genug, um die Hindernisse der nationalen Einheit aus dem Wege zu räumen, ja diese Frage auch nur ernsthaft politisch zu stellen. Aber die Zurückgebliebenheit beginnt allgemein gefühlt zu werden, das nationale Gefühl ist im Erwachen, die Sehnsucht nach der nationalen Einheit wächst ständig, freilich ohne daß auf dieser Grundlage politische Gruppierungen mit bestimmten Programmen, wenn auch nur in lokalem Maßstabe, hätten entstehen können. Doch in den feudalabsolutistischen Kleinstaaten tritt immer stärker die ökonomische Notwendigkeit der Verbürgerlichung ein. Jenes Klassenkompromiß zwischen Adel und Kleinbürgertum, mit der führenden Rolle des Adels, in welchem Engels noch in den vierziger Jahren des 19. Jahrhunderts die soziale Signatur des Status quo in Deutschland erblickte, beginnt sich herauszubilden. Seine Form ist die Bürokratisierung, die auch hier wie in allen Ländern Europas eine Übergangsform der Liquidierung des Feudalismus, des Kampfes der Bourgeoisie um die Staatsmacht wird. Freilich der Zerstückeltheit Deutschlands in zumeist ohnmächtige Kleinstaaten entsprechend, spielt sich auch dieser Prozeß in sehr miserablen Formen ab, und das Kompromiß zwischen Adel und Kleinbürgertum besteht im wesentlichen darin, daß [der] erstere die höheren, [das] letztere die niedrigeren bürokratischen Posten besetzt. Aber trotz dieser kleinlichen und zurückgebliebenen Formen des sozialen und politischen Lebens beginnt sich das deutsche Bürgertum wenigstens ideologisch zum Kampf um die Macht zu rüsten. Nach einer Isolation von den fortschrittlichen Strömun-

Münzer; nesse período, desapareceram quase completamente; na medida em que existem, formam uma classe social servil, subornável, afundável no lumpemproletariado. A revolução burguesa na Alemanha, no início do século XVI, criou, contudo, a base ideológica para a cultura nacional na unitária língua escrita moderna. Mas isso também está retrocedendo, tencionando-se, barbarizando-se no período dessa mais profunda humilhação nacional.

Somente no século XVIII, especialmente na segunda metade, a Alemanha começa uma recuperação econômica. E, paralelamente a ela, um fortalecimento econômico e cultural da classe burguesa. No entanto, a burguesia ainda está longe de ser suficientemente forte para retirar do caminho os obstáculos à unidade nacional, incluso para colocar essa questão politicamente a sério. Mas, o atraso começa em geral a ser sentido, o sentimento nacional está despertando, o anseio pela unidade nacional cresce constantemente, porém, sem que tenham podido surgir sobre essa base agrupamentos políticos com programas determinados, ainda que em escala local. Contudo, nos pequenos Estados absolutistas feudais adentra uma necessidade econômica sempre vigorosa de aburguesamento. Esse compromisso de classe entre nobreza e pequena-burguesia, com o papel dirigente da nobreza, no qual Engels, ainda nos anos de 1840, enxergava a assinatura social do status quo na Alemanha, começa a se desenvolver. Sua forma é a burocratização, que aqui, como em todos os países europeus, se torna uma forma transitória da liquidação do feudalismo, a luta da burguesia pelo poder do Estado. No entanto, correspondentemente ao desmembramento da Alemanha em pequenos Estados, na maioria das vezes impotentes, também esse processo sucede em formas muito miseráveis, e o compromisso entre a nobreza e a pequena burguesia consiste essencialmente em que a primeira ocupa os postos burocráticos mais altos, a segunda os mais baixos. Mas, apesar dessas formas mesquinhas e atrasadas da vida social e política, a burguesia alemã começa pelo menos a se preparar ideologicamente para a luta pelo poder. Após o isolamento das correntes progressistas

gen des Westens gewinnt es jetzt den Anschluß an die englische und französische Aufklärung, rezipiert und bildet sie teilweise, wie wir später sehen werden, selbständig weiter.

In diesem Zustand durchlebt Deutschland die Periode der Französischen Revolution und die Napoleons. Die großen Ereignisse dieser Periode, in welcher, politisch gesehen, das deutsche Volk noch immer das Objekt der kämpfenden Mächtegruppierungen, der entstehenden modern-bürgerlichen Welt in Frankreich und der gegen sie verbündeten, von England unterstützten feudalabsolutistischen Mächte Mittel- und Osteuropas war, beschleunigen außerordentlich die Entwicklung und Bewußtheit der bürgerlichen Klasse, lassen die Sehnsucht nach der nationalen Einheit stärker denn je aufflammen. Zugleich jedoch treten die politisch verhängnisvollen Folgen der Zerrissenheit schärfer hervor als je. Es gibt - objektiv - in Deutschland noch keine einheitliche nationale Politik. Große Teile der Avantgarde der bürgerlichen Intelligenz Deutschlands begrüßen begeistert die Französische Revolution (Kant, Herder, Bürger, Hegel, Hölderlin etc.). Und zeitgenössische Zeugnisse, z. B. Goethes Reiseberichte, zeigen, daß diese Begeisterung keineswegs auf die allgemein bekannten Spitzen des Bürgertums beschränkt war, sondern Wurzeln in breiteren Schichten der Klasse selbst hatte. Trotzdem war eine Ausbreitung der demokratischen Revolutionsbewegung auch im entwickelten Westen Deutschlands unmöglich. Mainz schloß sich zwar der französischen Republik an, blieb jedoch völlig isoliert, und sein Fall durch die österreichisch-preußische Armee rief kein Echo im übrigen Deutschland hervor. Der Führer der Mainzer Erhebung, der bedeutende Forscher und Humanist Georg Förster, starb vergessen und verkannt als Emigrant in Paris.

Diese Zerrissenheit wiederholt sich im größeren Ausmaße in der Napoleonischen Periode. Napoleon gelang es, im Westen und Süden Deutschlands, teilweise auch in Mitteldeutschland (Sachsen) Anhänger und Verbündete zu finden. Und er verstand, daß dieses Bündnis - der Rheinbund - nur dann einigermaßen lebensfähig gemacht werden könne, wenn in den ihm angeschlossenen Staaten die Liquidierung des Feudalismus wenigstens angebahnt würde. Dies geschah im weiten Ausmaße in den Rheinlanden, viel bescheidener in den übrigen Rheinbundstaaten. Selbst ein so reaktionär-chauvini-

do Ocidente, consegue agora ligação com o Iluminismo inglês e francês, adotando-o e compondo-o, em parte, como veremos em seguida, autonomamente.

Nessa condição, a Alemanha vivenciou o período da Revolução Francesa e de Napoleão. Os grandes acontecimentos desse período, em que, vistos politicamente, o povo alemão ainda era objeto de luta de agrupamentos de poder, o mundo burguês-moderno nascente na França e os poderes absolutistas feudais da Europa Central e Oriental, aliados contra eles e apoiados pela Inglaterra, aceleram extraordinariamente o desenvolvimento e a conscienciosidade da classe burguesa, acendendo mais do que nunca o anseio à unidade nacional. Todavia, ao mesmo tempo, afloram mais do que nunca as consequências politicamente fatídicas da nítida fragmentação. Na Alemanha, não há ainda — objetivamente — uma política nacional unitária. Grande parte da vanguarda da *intelligentsia* burguesa na Alemanha saúda com entusiasmo a Revolução Francesa (Kant, Herder, Bürger, Hegel, Hölderlin, etc.). E, documentos contemporâneos, por exemplo, os diários de viagem de Goethe, mostram que esse entusiasmo não se restringia de maneira alguma às altas esferas em geral conhecidas da burguesia, mas tinha raízes em camadas mais amplas da própria classe. Apesar disso, era impossível a propagação do movimento revolucionário democrático, mesmo no oeste desenvolvido da Alemanha. Mainz se integrou à República Francesa, mas permaneceu completamente isolada, e sua queda pelo exército austro-prussiano não produziu eco no resto da Alemanha. O líder do levante de Mainz, o proeminente pesquisador e humanista Georg Förster, morreu esquecido e desconhecido como emigrante em Paris.

Essa fragmentação repete-se em grandes proporções no período napoleônico. Napoleão conseguiu encontrar apoiadores e aliados no oeste e no sul da Alemanha, em certa medida também no centro da Alemanha (Saxônia). E entendeu que esta confederação — a Confederação Renana — só poderia se tornar razoavelmente viável, se a liquidação do feudalismo fosse iniciada pelos menos nos Estados ligados a ela. Isto aconteceu em grande medida na Renânia, mas, muito mais modestamente, nos outros Estados da Confederação do Reno. Até mesmo um historiador reacionário-chauvinista

stischer Geschichtsschreiber wie Treitschke sieht sich gezwungen, über das Rheinland festzustellen: „Die alte Ordnung war spurlos vernichtet, die Möglichkeit einer Wiederherstellung verloren; bald schwand selbst die Erinnerung an die Zeiten der Kleinstaaterei. Die Geschichte, die in den Herzen des aufwachsenden rheinischen Geschlechts wirklich lebte, begann erst mit dem Einzuge der Franzosen.“

Da aber die Macht Napoleons nicht ausreichte, ganz Deutschland in eine solche Abhängigkeit vom französischen Kaiserreich zu bringen, wurde dadurch die nationale Zerrissenheit nur noch verstärkt und vertieft. Die Napoleonische Herrschaft wurde von breiten Schichten des Volks als drückende Fremdherrschaft empfunden, gegen welche, besonders in Preußen, eine nationale Volksbewegung einsetzte, die ihren Gipfelpunkt in den sogenannten Befreiungskriegen erlangte.

Dieser politischen Zerrissenheit Deutschlands entspricht die ideologische. Die führenden und progressivsten Ideologen der Zeit, vor allem Goethe und Hegel, sympathisierten mit einer Napoleonischen Vereinheitlichung Deutschlands, mit einer von Frankreich aus durchgeführten Liquidation der feudalen Überreste. Der inneren Problematik dieser Auffassung entspricht, daß bei ihnen der Begriff der Nation zu einem bloßen Kulturbegriff verblaßte, wie dies am deutlichsten in der „Phänomenologie des Geistes“ sichtbar ist.

Ebenso widerspruchsvoll war die Ideologie der politischen und militärischen Führer der Befreiungskriege, die auf dem Wege der Erhebung Preußens im Bündnis mit Österreich und Rußland die Befreiung vom französischen Joch, die Entstehung der deutschen Nation erstrebten. Die Stein, Scharnhorst, Gneisenau wollten die sozialen und militärischen Ergebnisse der Französischen Revolution einführen, da sie deutlich sahen, daß nur eine auf solchen Grundlagen organisierte Armee den Kampf mit Napoleon aufnehmen könne. Sie wollten aber diese Ergebnisse nicht nur ohne Revolution erreichen, sondern auch an das - allerdings von ihnen reformierte - Preußen anpassen in einem ständigen Kompromiß mit den feudalen Überresten, mit den Klassen, die wirtschaftlich und ideologisch diese Überreste repräsentierten. Diese notgedrungene Anpassung an die Rückständigkeit des bestehenden Deutsch-

como Treitschke se vê obrigado a constatar sobre a Renânia: “A velha ordem foi destruída sem deixar vestígios, perdeu-se a possibilidade de uma restauração; logo desapareceu até mesmo a lembrança dos tempos dos pequenos Estados. A história que a crescente estirpe renana realmente viveu no coração, começou apenas com a chegada dos franceses”.

Mas, como o poder de Napoleão não bastou para viabilizar tal dependência de toda a Alemanha do Império Francês, serviu apenas para tornar a fragmentação nacional ainda mais reforçada e profunda. O domínio napoleônico foi sentido por amplas camadas do povo como uma dominação estrangeira opressiva, contra a qual, especialmente na Prússia, iniciou-se um movimento popular nacional que alcançou seu ponto culminante nas assim chamadas Guerras de Libertação.

Na Alemanha, essa fragmentação política corresponde ao ideológico. Os mais dirigentes e mais progressistas ideólogos da época, especialmente Goethe e Hegel, simpatizavam com a unificação napoleônica da Alemanha, com uma liquidação dos resquícios feudais executada pela França. A problemática interna dessa concepção é que, com eles, o conceito de nação se desvaneceu em um mero conceito de cultura, como é nitidamente visível na *Fenomenologia do espírito*.

Igualmente contraditória era a ideologia dos líderes políticos e militares das Guerras de Libertação, que, mediante o levante da Prússia em aliança com a Áustria e a Rússia, ambicionavam a libertação do jugo francês e o surgimento da nação alemã. Os Stein, Scharnhorst e Gneisenau queriam introduzir os resultados sociais e militares da Revolução Francesa, uma vez que viram claramente que apenas um exército organizado em tais bases poderia cessar a luta com Napoleão. No entanto, queriam alcançar esses resultados não apenas sem revolução, mas também enquadrando a Prússia — na verdade, reformada por eles — em um compromisso permanente com os resquícios feudais, com as classes que representavam esses resquícios econômica e ideologicamente. Essa adequação forçada ao atraso existente na Alemanha

lands hat einerseits zur Folge, daß die Sehnsucht nach nationaler Befreiung und nationaler Einheit bei ihnen oft in einen engen Chauvinismus, in einen blinden und bornierten Franzosenhaß umschlägt. Andererseits ist es für sie unvermeidlich, daß sie auch mit jenen Kreisen der reaktionären Romantik in ein Bündnisverhältnis treten müssen, die den Kampf gegen Napoleon als Kampf um die vollständige Restauration des Zustandes vor der Französischen Revolution auffaßten. Dieselben Widersprüche zeigen sich bei dem philosophischen Vertreter dieser Richtung, beim späteren Fichte, obwohl er politisch und sozial viel radikaler war als die politischen und militärischen Führer der nationalen Bewegung.

Trotz dieser tiefen Zerspaltenheit der geistigen und politischen Führer des deutschen Volks, trotz der sehr weitgehenden ideologischen Verworrenheit in bezug auf Ziele und Methoden des Kampfes um die nationale Einheit ist in dieser Periode - zum erstenmal seit dem Bauernkrieg - die nationale Einheit als Gegenstand einer großen, wichtige Schichten der deutschen Nation erfassenden Massenbewegung aufgeworfen worden. Damit ist - wie es Lenin als erster klar formulierte - die Frage der nationalen Einheit zur Zentralfrage der bürgerlichen Revolution in Deutschland geworden.

Betrachtet man die deutsche Geschichte des 19. Jahrhunderts, so kann man sich auf jeder Etappe von der Wahrheit und Richtigkeit der Leninschen Feststellung überzeugen. Der Kampf um die nationale Einheit beherrscht in der Tat die ganze politische und ideologische Entwicklung Deutschlands im 19. Jahrhundert. Und die besondere Form, in welcher diese Frage schließlich ihre Lösung fand, gibt der ganzen deutschen Geistigkeit von der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts an bis heute [ihr] besonderes Gepräge.

Hierin liegt die prinzipielle Eigentümlichkeit der deutschen Entwicklung, und es ist leicht ersichtlich, wie diese Achse, um die sich alles dreht, nichts weiter ist als eine Folge der verspäteten kapitalistischen Entwicklung Deutschlands. Die anderen großen Völker des Westens, besonders England und Frankreich, haben ihre nationale Einheit schon während der absoluten Monarchie erreicht, d. h., die nationale Einheit war bei ihnen das Anfangsprodukt der Klassenkämpfe zwischen Bürgertum und Feudalismus. Dagegen muß in Deutschland die

teve por consequência, por um lado, que o anseio de libertação nacional e unidade nacional com frequência se transformou em um chauvinismo estreito, em um ódio cego e tacanho aos franceses. Por outro lado, era inevitável, para eles, que emergisse uma aliança com os círculos do romantismo reacionário que compreendiam a luta contra Napoleão como uma luta pela restauração completa da situação anterior à Revolução Francesa. As mesmas contradições se mostram no representante filosófico dessa tendência, no Fichte tardio, embora ele fosse política e socialmente muito mais radical do que os líderes políticos e militares do movimento nacional.

Apesar dessa profunda divisibilidade entre os líderes intelectuais e políticos do povo alemão, apesar da confusão ideológica tão ampla em relação aos objetivos e métodos da luta pela unidade nacional, a unidade nacional foi nesse período — pela primeira vez desde a Guerra Camponesa — invocada como objeto de um movimento de massas que abrangia grandes e importantes camadas da nação alemã. Com isso, a questão da unidade nacional — que Lenin foi o primeiro a formular claramente — converteu-se na questão central da revolução burguesa na Alemanha.

Considerando-se a história alemã do século XIX, é possível se convencer em cada etapa da verdade e exatidão da afirmação leniniana. A luta pela unidade nacional dominou na verdade todo o desenvolvimento político e ideológico da Alemanha no século XIX. E a forma especial que essa questão finalmente encontrou, confere a toda a espiritualidade alemã, da segunda metade do século XIX até hoje, seu caráter particular.

Nisto consiste, em princípio, a peculiaridade do desenvolvimento alemão, e é claramente evidente como esse eixo, em torno do qual tudo gira, nada mais é do que uma consequência do desenvolvimento capitalista tardio da Alemanha. Os outros grandes povos do Ocidente, especialmente Inglaterra e França, lograram sua unidade nacional durante a monarquia absoluta, isto é, a unidade nacional era para eles o produto inicial das lutas de classes entre burguesia e feudalismo. Na Alemanha, pelo contrário, a

bürgerliche Revolution diese nationale Einheit erst erkämpfen, erst ihre Grundsteine legen. Nur Italien hat eine ähnliche Entwicklung durchgemacht - die geistigen Folgen zeigen auch bei aller sonstiger Verschiedenheit der Geschichte beider Völker eine gewisse Verwandtschaft, die sich gerade in unseren Tagen offenkundig auswirkt. Besondere historische Umstände, auf die hier näher einzugehen nicht möglich ist, haben bestimmt, daß auch in Rußland die nationale Einheit schon unter der absoluten Monarchie verwirklicht wurde; die Entwicklung der russischen Revolutionen, der revolutionären Bewegung in Rußland zeigt[t] auch alle wichtigen, von Deutschland grundverschiedenen Folgen, die sich aus diesem Tatbestand ergeben.

Dementsprechend ist in Ländern, in welchen die nationale Einheit bereits das Produkt früher Klassenkämpfe unter der absoluten Monarchie ist, die Aufgabe der bürgerlich-demokratischen Revolution nur soviel, dieses Werk zu vollenden, den nationalen Staat von den vorhandenen feudalen und absolutistisch-bürokratischen Überresten mehr oder weniger zu säubern, für die Zwecke der bürgerlichen Gesellschaft geeignet zu machen. Dies geschieht in England durch einen allmählichen Umbau der nationalen Institutionen, in Frankreich durch eine revolutionäre Umgestaltung des bürokratisch-feudalen Charakters der Staatsmaschine, wobei selbstredend in Perioden der Reaktion starke Rückfälle erfolgen, ohne jedoch die nationale Einheitlichkeit zu stören oder zu gefährden. Die bürgerlich-demokratischen Revolutionen erlangen von dieser Basis, die durch jahrhundertelange Klassenkämpfe vorbereitet wurde, den Vorteil, daß die Vollendung der nationalen Einheit, ihre Anpassung an die Bedürfnisse der modernen bürgerlichen Gesellschaft sich mit dem revolutionären Kampf gegen die ökonomischen und sozialen Institutionen des Feudalismus organisch und fruchtbar verknüpfen kann (Bauernfrage als Mittelpunkt der Revolutionen in Frankreich und Rußland).

Es ist leicht ersichtlich, daß die anders geartete Zentralfrage der bürgerlich-demokratischen Revolution für Deutschland eine ganze Reihe ungünstiger Umstände schafft. Die Revolution müßte Institutionen auf einen Schlag zerschlagen, für deren allmähliche Unterwühlung und Zermürbung etwa in Frankreich Jahrhunderte von Klassenkämpfen notwendig ge-

revolução burguesa teve de, primeiramente, lutar por essa unidade nacional, de estabelecer antes as suas bases. Somente a Itália passou por semelhante desenvolvimento — as consequências espirituais, mostram também, apesar de toda outra diferencialidade na história de ambos os povos, um parentesco determinado, que tem efeitos evidentes em nossos dias. As circunstâncias históricas particulares, que não podem ser detalhadas aqui, determinaram que mesmo na Rússia a unidade nacional já tinha sido materializada sob a monarquia absoluta; o desenvolvimento das revoluções russas, o movimento revolucionário na Rússia, também mostra todas as consequências importantes, muito diferentes das da Alemanha, e que resultam desse estado de fato.

Consequentemente, em países nos quais a unidade nacional já é o produto de lutas de classes anteriores sob a monarquia absoluta, a tarefa da revolução democrático-burguesa não é mais que a de consumir essa obra, depurar, mais ou menos, o Estado nacional dos resquícios feudais e absolutista-burocráticos preexistentes, para servir adequadamente aos propósitos da sociedade burguesa. Na Inglaterra, isso acontece através de uma reforma gradual das instituições nacionais; na França, através de uma reestruturação do caráter burocrático-feudal da máquina estatal, na qual, claro, ocorrem graves recaídas durante os períodos de reação, sem, contudo, perturbar ou colocar em risco a unidade nacional. A partir desta base, que foi preparada através de séculos de lutas de classes, as revoluções democrático-burguesas obtêm a vantagem de que a consumação da unidade nacional, sua adequação às necessidades da sociedade burguesa moderna, podem atar-se orgânica e frutiferamente à luta revolucionária contra as instituições econômicas e sociais do feudalismo (a questão camponesa como o ponto médio das revoluções na França e na Rússia).

É perfeitamente evidente que a, em tudo diferente, questão central da revolução democrático-burguesa cria toda uma série de circunstâncias desfavoráveis para a Alemanha. A revolução deveria destroçar de um só golpe instituições para cuja debilitação e desgaste progressivos

wesen sind. Aber nicht nur die objektive Aufgabe ist dadurch eine schwerer zu lösende geworden, sondern die zentrale revolutionäre Fragestellung wirkt sich auch ungünstig auf die Stellung der verschiedenen Klassen zu diesem Problem aus und schafft Konstellationen, die der radikalen Durchführung der bürgerlich-demokratischen Revolution hindernd im Wege stehen. Wir heben nur einige wenige der wichtigsten dieser Momente hervor. Vor allem verwischt sich vielfach der scharfe Gegensatz zwischen feudalen Überresten (Monarchie und ihr Apparat, Adel) und Bürgertum, da ja, je stärker die kapitalistische Entwicklung, desto mehr auch für die an der Erhaltung der feudalen Überreste interessierten Klassen das Bedürfnis entsteht, die nationale Einheit - freilich in ihrem Sinne - zu verwirklichen. Man denke in erster [Linie] an die Rolle Preußens in der Schaffung der nationalen Einheit. Objektiv ist das besondere Bestehen Preußens stets das größte Hindernis der wirklichen nationalen Einheit in Deutschland gewesen. Trotzdem wurde letzten Endes die nationale Einheit durch preußische Bajonette erfochten. Und von den Freiheitskriegen bis zur Schaffung des deutschen Kaiserreichs war es stets eine die bürgerlichen Revolutionäre verwirrende und irreführende Frage, ob die nationale Einheit mit Hilfe der preußischen Militärmacht oder durch ihre Zerschlagung zu erreichen wäre. Vom Standpunkt der demokratischen Entwicklung Deutschlands wäre zweifellos der zweite Weg der allein günstige gewesen. Aber für ausschlaggebende Teile der deutschen Bourgeoisie, besonders für die Bourgeoisie in Preußen, bot sich hier ein bequemer Weg des Klassenkompromisses, des Ausweichens vor den äußersten plebejischen Konsequenzen der bürgerlich-demokratischen Revolution, die Möglichkeit, ihre ökonomischen Ziele ohne Revolution zu erreichen, wenn auch auf Grundlage des Verzichts auf die politische Hegemonie im neuen Staate.

Dieselbe Ungunst zeigt sich aber auch innerhalb des Lagers des Bürgertums. Die nationale Einheit als Zentralfrage der Revolution macht die Hegemonie der überall zu Klassenkompromissen neigenden Großbourgeoisie leichter, weniger gefährdet als im Frankreich des 18., im Rußland des 19. Jahrhunderts. Die Mobilisierung der kleinbürgerlichen und plebejischen Massen gegen die Kompromißabsichten der Großbour-

foram necessários, por exemplo, na França, séculos de luta de classes. No entanto, a tarefa objetiva se tornou, por isso, não só mais difícil de resolver, mas também a formulação revolucionária central incide desfavoravelmente na posição das diversas classes sobre esse problema e cria constelações que obstam a realização radical da revolução democrático-burguesa. Destacamos apenas alguns poucos entre os mais importantes desses momentos. Antes de tudo, que a oposição nítida entre os resquícios feudais (a monarquia e seu aparato, a nobreza) e a burguesia muitas vezes se esfuma, já que, quanto mais forte o desenvolvimento capitalista, tanto mais para as classes interessadas na preservação dos resquícios feudais, surge a necessidade de materializar a unidade nacional — porém, em seu sentido. Pense-se, em primeiro lugar, no papel da Prússia na criação da unidade nacional. Objetivamente, a existência particular da Prússia sempre foi o grande entrave para a verdadeira unidade nacional na Alemanha. Apesar disso, a unidade nacional foi finalmente alcançada através das baionetas prussianas. E desde as guerras de libertação até a criação do *Reich* Alemão, sempre foi uma questão enganadora e confusional para os revolucionários burgueses a de se a unidade nacional seria alcançada com a ajuda do poder militar prussiano ou através da sua destruição. Do ponto de vista do desenvolvimento democrático da Alemanha, a segunda via teria sido a única favorável. Mas, para partes decisivas da burguesia alemã, especialmente para a burguesia na Prússia, fazia-se frente aqui a uma via confortável do compromisso de classe, a opção ante as consequências plebeias extremas da revolução democrático-burguesa, a possibilidade de alcançar seus objetivos econômicos sem revolução, mesmo que com o fundamento da renúncia à hegemonia política no novo Estado.

A mesma desvantagem mostra-se também dentro do campo da burguesia. A unidade nacional como questão central da revolução faz que a hegemonia da grande burguesia tenda a acordos de classes fáceis, pouco arriscados, como na França no século XVIII e na Rússia no século XIX. A mobilização das massas pequeno-burguesas e plebeias contra as pretensões de acordo da grande

geoisie ist in Deutschland viel schwerer. Schon darum, weil die nationale Einheit als Zentralfrage der bürgerlichen Revolution bei den plebejischen Massen eine viel entwickeltere Bewußtheit und Wachsamkeit voraussetzt als z. B. die Bauemfrage, bei welcher die ökonomischen Gegensätze der verschiedenen Klassen unvergleichlich krasser und unmittelbarer verständlich vor den Augen der plebejischen Massen steh[en]. Die nationale Einheit als Zentralfrage verdeckt durch ihr scheinbar rein politisches Wesen oft die unmittelbaren und unmittelbar verständlichen ökonomischen Probleme, die hinter ihren verschiedenen Lösungsmöglichkeiten verborgen liegen.

Sie setzt außerdem eine viel größere Einsicht in komplizierte außenpolitische Verhältnisse voraus als die, anderen Zentralfragen der bürgerlichen Revolutionen. Natürlich besteht ein Zusammenhang zwischen Außen- und Innenpolitik für jede demokratische Revolution. Aber z. B. in der großen Französischen Revolution war den plebejischen Massen die Einsicht, daß die Intrigen des Hofes mit den feudalabsolutistischen Mächten die Revolution gefährden, unvergleichlich leichter zugänglich als den plebejischen Massen in Deutschland zur Zeit der achtundvierziger Revolution, daß zur Erlangung der nationalen Einheit ein revolutionärer Krieg gegen das zaristische Rußland notwendig sei, wie dies Marx in der „Neuen Rheinischen Zeitung“ ununterbrochen mit großer Klarheit propagierte. Diese Schwierigkeit und mit ihr die Hegemonie der Großbourgeoisie, auch auf dem Weg von Klassenkompromissen und Verrat der demokratischen Revolution, wird noch dadurch verstärkt, daß die für jede bürgerliche Revolution bestehende Gefahr, nämlich das Umschlagen der nationalen Befreiungskriege in Eroberungskriege, noch näherliegend und mit noch größeren innenpolitischen Konsequenzen verbunden ist als in bürgerlichen Revolutionen anderen Typus.

Aus allen diesen Gründen erfolgt in Deutschland eine viel raschere und intensivere Beeinflussung der Massen durch chauvinistische Propaganda als in anderen Ländern, und dieses rasche Überschlagen der berechtigten und revolutionären nationalen Begeisterung in einen reaktionären Chauvinismus erleichtert einerseits den [V]erbündeten (Monarchie, Junker-

burguesia é muito mais difícil na Alemanha. Justamente porque a unidade nacional, como questão central da revolução burguesa, pressupõe uma conscienciosidade e vigilância muito mais desenvolvidas entre as massas plebeias que, por exemplo, a questão da construção, na qual as oposições econômicas das diversas classes são incomparavelmente extremas e imediatamente compreensíveis aos olhos das massas plebeias. A unidade nacional como questão central, por sua essência aparentemente apenas política, oculta, frequentemente, os problemas econômicos imediata e imediatamente compreensíveis que estão por trás de suas diferentes soluções possíveis.

Pressupõe-se, além disso, uma compreensão muito maior das complicadas relações políticas externas do que das outras questões centrais das revoluções burguesas. Naturalmente, existe uma conexão entre política externa e interna para cada revolução democrática. Mas, por exemplo, a compreensão de que as intrigas da corte com os poderes absolutistas feudais colocava em perigo a revolução, era incomparavelmente mais facilmente acessível para as massas plebeias na grande Revolução Francesa do que, para massas plebeias na Alemanha na época da Revolução de 1848, a compreensão de que era necessária uma guerra contra a Rússia czarista para a obtenção da unidade nacional, como Marx propagandou incessantemente com grande clareza na *Nova Gazeta Renana*. Esta dificuldade, e com ela a hegemonia da grande burguesia, também no caminho do acordo de classe e da traição da revolução democrática, é por isso ainda mais reforçada, visto que o perigo para cada revolução burguesa, a saber, a transformação das guerras de libertação nacional em guerras de conquista, é ainda mais especificamente situado e com consequências políticas internas ainda maiores do que em revoluções burguesas de outros tipos.

Por todas estas razões, tem lugar, na Alemanha, uma influência mais rápida e intensiva das massas pela propaganda chauvinista do que em outros países, e essa rápida alteração do legítimo e revolucionário entusiasmo nacional por um chauvinismo reacionário, por um lado, facilitou aos aliados (monarquia, *Junkers*



tum und Großbourgeoisie) den innenpolitischen Betrug der Massen, andererseits wird die demokratische Revolution ihrer wichtigsten Verbündeten beraubt. So konnte die deutsche Bourgeoisie im Jahre 1848 die Polenfrage in reaktionär-chauvinistischem Sinne ausnützen, ohne daß es den plebejischen Massen gelungen wäre – wieder: trotz der rechtzeitigen und richtigen Warnungen der „Neuen Rheinischen Zeitung“ –, hier Einhalt zu gebieten und die Polen aus natürlichen Verbündeten des revolutionären Deutschlands zu wirklichen Verbündeten im Krieg gegen die reaktionären Mächte im deutschen und internationalen Maßstabe zu machen.

Diese Ungunst der Umstände, geschaffen durch die national zersplitterte Lage, in welcher sich Deutschland zur Zeit der Aktualität der bürgerlich-demokratischen Revolution befand, äußert sich für den subjektiven Faktor der Revolution darin, daß Bürgertum, Kleinbürgertum, plebejische Massen und Proletariat politisch unvorbereitet in die Revolution eintraten. Die Zersplitterung in Kleinstaaten war für die revolutionärdemokratische Erziehung der unteren Volksschichten, für die Entwicklung revolutionär-demokratischer Traditionen der plebejischen Massen äußerst ungünstig. Ihre einzige politische Erfahrung bestand in der Gewöhnung an kleine und kleinliche lokale Kämpfe im Rahmen der Kleinstaaten. Die gesamt-nationalen Interessen schwebten abstrakt oberhalb dieser Kämpfe und konnten darum sehr leicht ins Phrasenhafte Umschlagen. Diese Phrasenhaftigkeit der führenden bürgerlichen Ideologen, die sich in krassester Form in der Frankfurter Nationalversammlung äußerte, konnte - bewußt oder unbewußt, gewollt oder ungewollt - sehr leicht ins Reaktionäre übergeleitet werden.

Diese Lage ist noch dadurch verschärft worden, daß das Zentrum der politisch-demokratischen Bewegung Deutschlands am Anfang des 19. Jahrhunderts die südlichen Kleinstaaten gewesen sind, so daß gerade die demokratischen Richtungen am stärksten mit dieser Kleinlichkeit, Spießerei und Phrasenhaftigkeit behaftet waren. Das ökonomisch und sozial fortgeschrittenste Gebiet Deutschlands, die Rheinlande, gehörten allerdings zu Preußen, bildeten aber eine Art Fremdkörper in ihm, lagen weit vom Zentrum der politischen Entscheidungen, vom höfisch-kleinbürgerlichen Berlin ab und

e grande burguesia) o engano político interno das massas, por outro lado, privou a seus aliados mais importantes a revolução democrática. Assim, em 1848, a burguesia alemã pôde explorar a questão polonesa em um sentido reacionário-chauvinista, sem que as massas plebeias tivessem êxito — novamente: apesar das advertências oportunas e corretas da *Nova Gazeta Renana* —, para pôr termo a isso e transformar os poloneses de aliados naturais da Alemanha revolucionária em verdadeiros aliados na guerra contra as potências reacionárias em escala alemã e internacional.

Essa circunstância desfavorável, criada através da situação nacional fragmentária em que se encontrava a Alemanha na época da atualidade da revolução democrático-burguesa, se manifesta para o fator subjetivo da revolução em que a burguesia, a pequena burguesia, as massas plebeias e o proletariado entraram na revolução politicamente despreparados. A fragmentação em pequenos Estados foi extremamente imprópria para a educação democrático-revolucionária das camadas baixas do povo, para o desenvolvimento de tradições democrático-revolucionárias das massas plebeias. Sua única experiência política foi a habituação com as pequenas e mesquinhas lutas locais em curso nos pequenos Estados. Os interesses nacionais como um todo pairavam abstratamente por cima dessas lutas e, portanto, poderiam muito facilmente transformar-se em fraseado. Essa fraseologia dos ideólogos burgueses dirigentes, que se expressou em forma extrema na Assembleia Nacional de Frankfurt, poderia — consciente ou inconscientemente, intencionalmente ou não — passar facilmente aos reacionários.

Essa situação foi também agravada pelo fato de que o centro do movimento político-democrático da Alemanha no início do século XIX tinha sido os pequenos Estados do sul, de modo que foram precisamente as correntes democráticas as mais afetadas por essa mesquinhez, atraso e fraseologia. A região econômica e socialmente mais avançada da Alemanha, a Renânia, pertencia à Prússia, no entanto, formava uma espécie de corpo estranho nela, situava-se longe do centro das decisões políticas, tinha de partir da Berlim cortesã-pequeno-burguesa, e,

hatten, da das Napoleonische Regime hier die Überreste des Feudalismus abgeschafft hatte, ganz andere unmittelbare Interessen als die zurückgebliebenen, noch stark feudal gebliebenen Teile des eigentlichen Preußens.

Alle diese ungünstigen Umstände wurden noch durch den taktischen Umstand gesteigert, daß die bürgerlich-demokratische Revolution infolge der nationalen Zersplitterung kein alles entscheidendes Zentrum haben konnte, wie es Paris im 18. Jahrhundert gewesen ist. Die großen reaktionären Mächte, Preußen und Österreich, hatten ihre konzentrierte bürokratische und militärische Macht. Dagegen waren die revolutionären Kräfte mehr als zersplittert. Die Nationalversammlung tagte in Frankfurt. Köln war das Zentrum der revolutionären Demokratie. Die Entscheidungskämpfe in Berlin und Wien spielten sich spontan, ohne klare ideologische Führung ab, und nach den Niederlagen in den Hauptstädten konnten die aufflammenden Bewegungen in Dresden, in der Pfalz, in Baden etc. einzeln niedergeschlagen werden.

Durch diese Momente wurde das Schicksal der demokratischen Revolution in Deutschland nicht nur in der Frage der nationalen Einheit, sondern auf allen Gebieten der Abschaffung der feudalen Überreste bestimmt. Nicht umsonst bezeichnet Lenin diesen Weg als einen international typischen, als einen für die Entstehung der modernen bürgerlichen Gesellschaft ungünstigen, als den „preußischen Weg“. Diese Feststellung Lenins darf nicht nur auf die Agrarfrage im engeren Sinne beschränkt, sondern muß auf die ganze Entwicklung des Kapitalismus, auf den politischen Überbau, den er in der modernen bürgerlichen Gesellschaft Deutschlands erhält, angewendet werden. Das spontane Wachsen der kapitalistischen Produktion konnten die feudalen Überreste auch in Deutschland nur verlangsamen, nicht verhindern. (Schon die Kontinentalsperre unter Napoleon rief einen gewissen kapitalistischen Aufschwung in Deutschland hervor.) Aber diese spontane Entwicklung des Kapitalismus entsteht in Deutschland nicht in der Manufakturperiode wie in England oder Frankreich, sondern im Zeitalter des wirklichen modernen Kapitalismus. Und die preußische Bürokratie ist gezwungen, in die Unterstützung der kapitalistischen Entwicklung aktiv und führend einzugreifen (Ausbau des „Zollvereins“ unter preußi-

como o regime napoleônico tinha abolido aqui os resquícios do feudalismo, tinha interesses imediatos completamente diferentes das partes atrasadas, ainda fortemente feudais, da Prússia original.

Todas essas circunstâncias desfavoráveis foram intensificadas pela circunstância tática de que a revolução democrático-burguesa, devido à fragmentação nacional, não poderia ter um centro totalmente decisivo, como foi Paris no século XVIII. As grandes potências reacionárias, Prússia e Áustria, tinham seu poder burocrático e militar concentrado. Pelo contrário, as forças revolucionárias foram mais do que fragmentadas. A Assembleia Nacional se reuniu em Frankfurt. Colônia era o centro da democracia revolucionária. As lutas decisórias em Berlim e Viena aconteceram espontaneamente, sem partir claramente de uma liderança ideológica, e após as derrotas nas capitais, os inflamados movimentos em Dresden, no Palatinado, em Baden etc. puderam ser reprimidos um por um.

Através desses momentos, o destino da revolução democrática na Alemanha foi determinado não apenas na questão da unidade nacional, mas em todos os domínios da abolição dos resquícios feudais. Não é em vão que Lenin classificou essa via como uma via tipicamente internacional, como uma via desfavorável para o surgimento da sociedade burguesa moderna, como a “via prussiana”. Essa constatação de Lenin não deve limitar-se apenas à questão agrária em sentido estrito, mas também deve aplicar-se a todo o desenvolvimento do capitalismo, à superestrutura política que ele adquire na moderna sociedade burguesa da Alemanha. O crescimento espontâneo da produção capitalista poderia apenas abrandar, não impedir, os resquícios feudais na Alemanha. (Até o bloqueio continental sob Napoleão causou na Alemanha um certo impulso capitalista.) Mas, esse desenvolvimento espontâneo do capitalismo não surge na Alemanha no período da manufatura, como na Inglaterra ou na França, mas na época do capitalismo realmente moderno. E a burocracia prussiana é forçada a intervir ativa e decisivamente no apoio ao desenvolvimento capitalista (ampliação da “Zollverein”<sup>\*</sup> sob a direção prussiana

\* N. T. União aduaneira criada pela Prússia, que entra em vigor 1º de janeiro de 1834. Engloba de início 18 Estados com direitos particulares cuja superfície era de 45.000 km<sup>2</sup> e uma população de 23 milhões de habitantes.

scher Führung als erste ökonomische Grundlage der nationalen Vereinigung). Damit ist aber zugleich in weiten kapitalistischen Kreisen von vornherein eine Abhängigkeit vom preußischen Staat gegeben, ein ununterbrochenes Paktieren mit der halbfeudalen Bürokratie, die Perspektive der Möglichkeit, die ökonomischen Interessen der Bourgeoisie in friedlicher Vereinbarung mit der preußischen Monarchie durchzusetzen. Darum konnte Engels später sagen, daß für die preußische Bourgeoisie 1848 keine zwingende Nötigung vorlag, die Machtfrage im Staate auf revolutionärem Wege zu lösen.

Die Tatsache, daß dieser Prozeß sich in Deutschland verspätet, d. h. nicht in der Manufakturperiode, sondern in der des modernen Kapitalismus abspielte, hat aber noch eine andere wesentliche Konsequenz: So unentwickelt der deutsche, Kapitalismus in der Mitte des 19. Jahrhunderts gewesen sein mag, [es] standen ihm nicht mehr sozial formlose plebejische Massen gegenüber wie der französischen Bourgeoisie vor der großen Revolution, sondern ein wenn auch ebenfalls noch unentwickeltes modernes Proletariat. Man kann den Unterschied am leichtesten einsehen, wenn man bedenkt, daß in Frankreich erst einige Jahre nach der Hinrichtung Robespierres Gracchus Babeuf einen Aufstand mit bewußt sozialistischem Ziel einleitete, während in Deutschland der schlesische Weberaufstand noch vor der achtundvierziger Revolution ausbrach und am Vorabend der Revolution selbst bereits die erste vollendete Formulierung der Ideologie des revolutionären Proletariats erschien: das „Kommunistische Manifest“.

Diese Lage, entstanden aus der verspäteten kapitalistischen Entwicklung Deutschlands, verschärft sich noch durch die Einwirkung der internationalen Ereignisse des Klassenkampfes. Die Februarrevolution in Paris hat zwar einerseits die Revolutionen in Berlin und Wien auszulösen geholfen, aber andererseits wirkte der dort scharf hervortretende Klassenkampf zwischen Bourgeoisie und Proletariat erschreckend auf die deutsche Bourgeoisie ein und beschleunigte die aus den oben bezeichneten Gründen vorhandene Neigung zum Kompromiß mit den „alten Mächten“ aufs entschiedenste. Besonders die Junischlacht und ihre Niederlage wurden ein entscheidendes Ereignis für die Entwicklung der Klassenkämpfe in Deutschland. Es fehlte in Deutschland von vornherein jene

como a primeira base econômica da unificação nacional). Porém, com isso se deu, ao mesmo tempo, desde o princípio, em amplos círculos capitalistas, uma dependência do Estado prussiano, uma compactuação ininterrupta com a burocracia semi-feudal, a perspectiva da possibilidade de impor os interesses econômicos da burguesia em acordo pacífico com a monarquia prussiana. Por isso que Engels pôde dizer mais tarde que, em 1848, não havia para a burguesia prussiana nenhuma imposição forçosa de resolver a questão do poder no Estado por vias revolucionárias.

O fato de esse processo se atrasar na Alemanha, isto é, de acontecer não no período da manufatura, mas no do capitalismo moderno, tem, portanto, uma outra consequência importante: por pouco desenvolvido que haja sido o capitalismo alemão em meados do século XIX, ele não se colocava em face das massas plebeias socialmente amorfo, como a burguesia francesa antes da grande revolução, mas sim ante um ainda igualmente não-desenvolvido proletariado moderno. Pode-se examinar mais facilmente a diferença quando se leva em conta que na França, apenas alguns anos após a execução de Robespierre, Gracchus Babeuf, iniciou-se uma revolta com um objetivo conscientemente socialista, enquanto na Alemanha a Revolta dos Tecelões silesianos eclodiu antes da Revolução de 1848, e às vésperas da própria revolução já apareceu a primeira formulação acabada da ideologia do proletariado revolucionário: o *Manifesto Comunista*.

Essa situação, resultante do desenvolvimento capitalista tardio na Alemanha, intensifica-se ainda mais pela influência dos acontecimentos internacionais da luta de classes. A Revolução de Fevereiro em Paris ajudou, por um lado, a desencadear as revoluções em Berlim e Viena, mas, por outro lado, na luta de classes em nítido afloramento ali, entre burguesia e proletariado, surtiu um efeito assustador sobre a burguesia alemã, e acelerou, a partir das razões acima assinaladas, a propensão existente para o acordo mais resoluto com os “antigos poderes”. Especialmente a Batalha de Junho e sua derrota se tornaram um acontecimento decisivo para o desenvolvimento das lutas de classes na Alemanha, onde faltava, desde o princípio, aquela

unwiderstehliche Einheit des antifeudalen Volkes, die die Grundlage des Schwunges der großen Französischen Revolution gewesen ist, während das Proletariat noch zu schwach war, um wie in Rußland sich zum Führer des Volkes aufzuschwingen. Die Auflösung der ursprünglichen antifeudalen Einheit erfolgt dementsprechend rascher und in entgegengesetzter Weise als seinerzeit in Frankreich. 1848 ist zwar das deutsche 1789; aber das Verhältnis der Bourgeoisie zu den unteren Klassen ist den französischen Verhältnissen von 1830 und 1848 näher verwandt als denen von 1789.

Es ist hier selbstverständlich unmöglich, die deutsche Geschichte des 19. Jahrhunderts, wenn auch noch so abgekürzt, zu erzählen. Wir können hier nur die allerwesentlichsten Momente in der Entwicklung der sozialen Tendenzen kurz skizzieren. Die plebejischen Schichten Deutschlands hatten in dieser Periode nicht die Kraft, ihre Interessen auf revolutionärem Weg zu erkämpfen. Die notgedrungenen ökonomischen und sozialen Fortschritte entstanden so entweder unter dem Druck der außenpolitischen Verhältnisse oder als Kompromisse der herrschenden Klassen. Schon die süd- und mitteldeutschen Konstitutionen in den Kleinstaaten, die Ausgangspunkte der demokratischen Bewegungen und Parteien in Deutschland nach Napoleons Sturz, wurden nicht in einem inneren Klassenkampf erfochten, sondern ergaben sich aus der Notwendigkeit, die in den Napoleonischen Zeiten zusammengerafften und vom Wiener Kongreß bestätigten feudal-heterogenen Territorien irgendwie einheitlich zu verwalten. Dieser ihr Charakter hat zur Folge, daß sie keine tiefen Wurzeln im Volk hatten und sowohl vor wie nach 1848 sehr leicht aufhebbar gewesen sind. Und als 1848 eine ernste Revolution ausbrach, konnten die von uns kurz geschilderten Konsequenzen der ökonomischen Zurückgebliebenheit und nationalen Zersplittertheit zu der Schwäche der plebejischen Massen, zum Verrat der Bourgeoisie an ihrer eigenen Revolution führen und damit den Sieg der feudalabsolutistischen Reaktion besiegeln.

Diese Niederlage ist entscheidend für die ganze spätere staatliche und ideologische Entwicklung Deutschlands. In der Terminologie der damaligen Zeit hieß die Fragestellung in bezug auf das Zentralproblem der demokratischen Revolution: „Einheit durch Freiheit“ oder „Einheit vor Freiheit“. Oder in

irresistível unidade do povo antifeudal, que tinha sido a base do impulso da grande Revolução Francesa, enquanto o proletariado era ainda fraco demais para, como na Rússia, elevar-se a líder do povo. A dissolução da unidade antifeudal original tem lugar de modo correspondentemente acelerado e contrário à França nessa época. Na verdade, 1848 é o equivalente alemão para 1789; mas a relação da burguesia com as classes de baixo aparenta-se mais proximamente com as circunstâncias francesas de 1830 e 1848 do que com aquelas de 1789.

É claramente impossível contar aqui, ainda que resumidamente, a história alemã do século XIX. Podemos esboçar aqui apenas sucintamente os momentos mais essenciais no desenvolvimento das tendências sociais. Nesse período, as camadas plebeias da Alemanha não tiveram força para lutar por seus interesses pela via revolucionária. O progresso econômico e social surgiu forçosamente quer sob a pressão das circunstâncias políticas externas quer como acordo entre as classes dominantes. Mesmo as constituições alemãs do sul e central, nos pequenos Estados, pontos de partida dos movimentos e partidos democráticos na Alemanha após a queda de Napoleão, não foram propugnadas em uma luta de classes interna, mas resultaram da necessidade de administrar, de certo modo unitário, os territórios feudais-heterogêneos, apoderados nos tempos napoleônicos e validados pelo Congresso de Viena. Esse seu caráter tem por consequência que elas não tinham raízes profundas no povo e foram muito facilmente superáveis antes e depois de 1848. E quando em 1848 uma grave revolução eclodiu, as consequências do atraso econômico e da fragmentação nacional, que descrevemos brevemente, puderam conduzir à debilidade das massas plebeias, à traição da burguesia em sua própria revolução e, com isso, selar a vitória da reação absolutista-feudal.

Essa derrota é decisiva para todo o desenvolvimento estatal e ideológico posterior da Alemanha. Na terminologia daquela época, a formulação da questão referente ao problema central da revolução democrática era: “unidade por meio da liberdade” ou “unidade antes da liberdade”. Ou

bezug auf das konkrete wichtigste Problem der Revolution, in bezug auf die künftige Stellung Preußens in Deutschland: „Aufgehen Preußens in Deutschland“ oder „Verpreußung Deutschlands“. Die Niederlage der achtundvierziger Revolution führt zur Lösung beider Fragen im letzteren Sinne.

Die siegreiche Reaktion hätte zwar große Lust gehabt, einfach zum Status quo vor 1848 zurückzukehren, dies war jedoch objektiv, ökonomisch und sozial, nicht möglich. Die preußische Monarchie mußte sich umgestalten, und zwar - wie Engels wiederholt hervorgehoben hat - in der Richtung auf die Schaffung einer „bonapartistischen Monarchie“. Scheinbar entsteht damit eine Parallelität zwischen der Entwicklung Frankreichs und Deutschlands, scheinbar holt damit die deutsche Entwicklung politisch die französische ein. Aber nur scheinbar. Denn der Bonapartismus ist in Frankreich ein reaktionärer Rückschlag, an dessen Anfang die Juniniederlage des französischen Proletariats steht, dessen schmählicher Zusammenbruch dann zur glorreichen Kommune von 1871 führt. Und mit der dritten Republik lenkt Frankreich wieder in den normalen Weg der bürgerlich-demokratischen Entwicklung ein. Das Deutschland Bismarcks ist, wie Engels richtig zeigt, vielfach eine Kopie des bonapartistischen Frankreichs. Engels weist aber zugleich sehr entschieden darauf hin, daß die „bonapartistische Monarchie“ in Preußen und Deutschland ein Fortschritt im Vergleich zu den Verhältnissen vor 1848 gewesen ist. Objektiv ein Fortschritt, indem im Rahmen dieses Regimes die ökonomischen Forderungen der Bourgeoisie erfüllt wurden, indem ein freier Weg zur Entfaltung der Produktivkräfte eröffnet wurde. Aber dieser ökonomische Fortschritt wurde ohne siegreiche bürgerliche Revolution verwirklicht, die entstandene nationale Einheit bestand in einer „Verpreußung“ Deutschlands, wobei sowohl die adlige Bürokratie wie alle Vorrichtungen zur Sicherung ihrer unversehrten politischen Hegemonie (Dreiklassenwahlrecht in Preußen usw.) sorgsam aufbewahrt wurden. Das allgemeine Wahlrecht für das Reich blieb bei der vollständigen Machtlosigkeit des Parlaments nur eine scheinconstitutionelle, scheidemokratische Kulisse. Darum konnte mit Recht Marx in der Kritik des Gothaer Programmes das national vereinigte Deutschland als „einen mit parlamentarischen Formen ver-

concernente ao problema concreto mais importante da revolução, referente à futura posição da Prússia na Alemanha: “ascensão da Prússia na Alemanha” ou “prussianização da Alemanha”. A derrota da Revolução de 1848 conduz à solução de ambas as questões no último sentido.

Embora a reação triunfante tivera um grande anseio de simplesmente retornar ao *status quo* anterior a 1848, isso todavia não era objetiva, econômica e socialmente possível. A monarquia prussiana teve de se transformar — como Engels destacou repetidamente — em direção à criação de uma “monarquia bonapartista”. Aparentemente, surge com isso um paralelismo entre o desenvolvimento da França e da Alemanha, aparentemente, com isso, o desenvolvimento alemão alcança o francês, politicamente. Mas apenas aparentemente. Pois o bonapartismo é na França um revés reacionário, cujo início aflora com a derrota em Junho do proletariado francês, cujo colapso vergonhoso conduz então à gloriosa Comuna de 1871. E com a Terceira República, a França cede de novo ao caminho normal do desenvolvimento democrático burguês. A Alemanha de Bismarck, como mostra Engels corretamente, é muitas vezes uma cópia da França bonapartista. Engels sabe, no entanto assinala, ao mesmo tempo, muito decididamente, que a “monarquia bonapartista” na Prússia e na Alemanha tinha sido um progresso em comparação com as circunstâncias anteriores a 1848. Objetivamente, um progresso na medida em que foi cumprindo no geral as exigências econômicas da burguesia, na medida em que foi abrindo um caminho mais livre para o desabrochar das forças produtivas. Mas esse progresso econômico foi materializado sem uma revolução burguesa vitoriosa; a unidade nacional nascente consistiu na “prussianização” da Alemanha, pela qual tanto a burocracia aristocrática quanto todos os mecanismos para o travejamento incólume de sua hegemonia política (sufrágio universal de três classes na Prússia etc.) foram cuidadosamente conservados. O sufrágio universal no *Reich* permaneceu, com a total impotência do Parlamento, apenas como bastidor aparentemente-constitucional, aparentemente-democrático. É por isso que n’*A crítica do programa de Gotha*, Marx pôde, com razão, designar a Alemanha unida nacionalmente como “um despotismo militar dissimulado em formas

brämten, mit feudalem Beisatz vermischten, schon von der Bourgeoisie beeinflussten, bürokratisch gezimmerten, polizeilich gehüteten Militärdespotismus“<sup>4</sup> bezeichnen.

Wir haben eine der wichtigsten Schwächen der achtundvierziger Revolution im Mangel an demokratischer Erfahrung und Tradition erblickt, im Fehlen einer demokratischen Erziehung der Massen und ihrer ideologischen Wortführer durch große innere Klassenkämpfe. Es ist verständlich, daß die Ereignisse nach 1848, die Bedingungen der „bonapartistischen Monarchie“, die Schaffung der deutschen Einheit „von oben“ durch preußische Bajonette, ebenfalls keine günstigen Bedingungen für die Entstehung revolutionär-demokratischer Traditionen, für [die] revolutionär-demokratische Erziehung der Massen geboten haben. Das deutsche Parlament war infolge seiner Machtlosigkeit von vornherein zur Unfruchtbarkeit verurteilt. Und da es keine einzige bürgerliche Partei gab, die nicht auf dem Boden des Kompromisses mit der „bonapartistischen Monarchie“ gestanden [hätte], waren die außerparlamentarischen Massenkämpfe, soweit sie überhaupt entstehen konnten, ebenfalls zur Unfruchtbarkeit verurteilt. Die wenigen wirklichen Demokraten, die aus der vorachtundvierziger Zeit übriggeblieben waren, blieben isoliert, einflußlos, konnten keinen demokratischen Nachwuchs erziehen. Das Schicksal Johann Jacobys, der als überzeugter kleinbürgerlicher Demokrat, ohne eine Spur von sozialistischen Anschauungen zu besitzen, aus Verzweiflung und Protest gezwungen war, vorübergehend ein sozialdemokratisches Mandat anzunehmen, [ohne] mit ihm [etwas] anfangen zu können, ist für diese Lage der wenigen konsequenten Demokraten in Deutschland bezeichnend.

Ein nicht unwichtiges ideologisches Hindernis der Entstehung der demokratischen Traditionen in Deutschland war die immer stärker einsetzende großangelegte Fälschung der deutschen Geschichte. Auch hier können wir die Details nicht einmal andeuten. Es handelt sich - ganz kurz gefaßt - um eine Idealisierung, um eine „Verdeutschung“ der zurückgebliebenen Seiten der deutschen Entwicklung. Das heißt um eine Geschichtsschreibung, die gerade den zurückgebliebenen Charakter der deutschen Entwicklung als besonders glorreich, als besonders dem deutschen Charakter entsprechend verherr-

<sup>4</sup> Marx Karl, Kritik des Gothaer Programms. Randglossen zum Programm der Deutschen Arbeiterpartei IV. In: Marx/Engels, Ausgewählte Schriften, Band 2, S. 596; MEW 19, S.29.

parlamentares, misturado com aposições feudais, já influenciadas pela burguesia, construído burocraticamente e custodiado policialmente.”<sup>4</sup>

Enxergamos uma das principais debilidades da Revolução de 1848 na carência de experiência e tradição democráticas, na falta de uma educação democrática das massas e de seus porta-vozes ideológicos através de grandes lutas de classe internas. É compreensível que os acontecimentos posteriores a 1848, as condições da “monarquia bonapartista”, a criação da unidade alemã “de cima” pelas baionetas prussianas, também não tenha oferecido as condições favoráveis para o surgimento de tradições democrático-revolucionárias, para a educação democrático-revolucionária das massas. O parlamento alemão foi condenado de antemão à infertilidade devido à sua impotência. E como não havia um único partido burguês que não tivesse incorrido no compromisso com a “monarquia bonapartista”, as lutas de massas extraparlamentares, na medida em que podiam surgirem, foram igualmente condenadas à infertilidade. Os poucos democratas verdadeiros, remanescentes dos tempos anteriores a 1848, permaneceram isolados, sem influência, não puderam educar a nova geração de democratas. O destino de Johann Jacoby, que, como democrata pequeno-burguês convicto, sem possuir nenhum vestígio de convicções socialistas, foi forçado pelo desespero e protesto a aceitar temporariamente um mandato social-democrata sem poder fazer nada com ele, é característico dessa situação dos poucos democratas consequentes na Alemanha.

Um obstáculo ideológico não sem importância para o surgimento das tradições democráticas na Alemanha foi a falsificação, sempre e em larga escala fortemente reconstituída, da história alemã. Também aqui não podemos nem aludir aos detalhes. Trata-se de — resumindo muito rapidamente — uma idealização, uma “germanização” das partes atrasadas do desenvolvimento alemão. Ou melhor, uma historiografia que por isso mesmo enaltece o caráter atrasado do desenvolvimento alemão como particularmente glorioso, como particularmente correspondente

<sup>4</sup> Marx, Karl. *A crítica do programa de Gotha*.

licht, die alle Prinzipien und Ergebnisse der bürgerlich-demokratischen und revolutionären Entwicklung im Westen als undeutsch, als dem Charakter des deutschen „Nationalgeistes“ widersprechend kritisiert und ablehnt. Und die Ansätze zu fortschrittlichen Wendungen in der deutschen Geschichte: der Bauernkrieg, der Mainzer Jakobinismus, bestimmte Tendenzen im Zeitalter der Befreiungskriege, plebejische Reaktionen auf die Julirevolution in der Revolution von 1848, werden entweder vollständig totgeschwiegen oder so verfälscht, daß sie vor den Lesern als abschreckende Ereignisse stehen sollen. 1848 heißt nunmehr in der deutschen bürgerlichen Terminologie „das tolle Jahr“. Dagegen erstrahlen die reaktionärsten Perioden der deutschen Geschichte in Glanz und Glorie.

Die Schwäche der demokratischen Bewegung in Deutschland zeigt sich auch darin, daß sie dieser ideologischen Verfälschkampagne größten Stils nichts Eigenes, keine wirkliche Geschichte Deutschlands, keine Geschichte der Kämpfe um demokratische Revolution entgegenstellen konnte. So wuchs die ganze deutsche Jugend ohne demokratische Traditionen auf. Franz Mehring ist der einzige deutsche Historiker, der gegen diese Legendenfabrikationen energisch auftrat und in diesem Kampfe sich große Verdienste erwarb. Aber seine Bemühungen blieben isoliert, und zwar im steigenden Maße isoliert infolge der Herrschaft des Reformismus in der deutschen Sozialdemokratie.

So werden die demokratischen Traditionen in Deutschland immer wurzelloser. Die später auftretenden isolierten demokratischen Publizisten haben zumeist schon so wenig Kenntnis von der deutschen Geschichte, daß sie den von der Reaktion künstlich geschaffenen Gegensatz vom spezifisch deutschen Charakter der Entwicklung ihres Vaterlandes und von der Demokratie als „westlicher Importware“ oft unbesehen und unkritisch übernehmen und nur mit verkehrten Vorzeichen, d.h. bejahend und sich zum „undeutschen Westen“ bekennd, anwenden. Das verstärkt naturgemäß noch mehr ihre ideologische und politische Isolation in Deutschland.

Nur die Arbeiterbewegung hätte hier ein Zentrum des politischen und ideologischen Widerstandes bieten können, so wie es die „Neue Rheinische Zeitung“ 1848/49 tat, so wie Lenin und die Bolschewiki diese Arbeit für Rußland leisteten.

ao caráter alemão, que critica e recusa todos os princípios e resultados do desenvolvimento democrático-burguês e revolucionário no Ocidente como não alemães, como refutatório do caráter do “espírito nacional” alemão. E as abordagens para as viragens progressistas da história alemã: a Guerra dos Camponeses, o jacobinismo de Mainz, determinadas tendências na época das guerras de libertação, as reações plebeias à Revolução de Julho na Revolução de 1848, são, ou completamente ocultadas ou falseadas, de modo que apareçam para os leitores como acontecimentos dissuasivos. 1848 é chamado de agora em diante na terminologia burguesa alemã de “o ano louco”. Contrariamente, os períodos mais reacionários da história alemã reluzem em esplendor e glória.

A debilidade do movimento democrático na Alemanha se mostra também em que ele não pôde contrariar essa campanha de adulteração ideológica em grande estilo por sua própria conta, sem uma história real da Alemanha, sem uma história das lutas pela revolução democrática. Assim, toda a juventude alemã cresceu sem tradições democráticas. Franz Mehring é o único historiador alemão que atuou energicamente contra essas fábricas de lendas e obteve grandes méritos nessa luta. Mas seus esforços permaneceram isolados e, vale dizer, num isolamento crescente devido ao domínio do reformismo na social-democracia alemã. Assim, as tradições democráticas na Alemanha tornam-se cada vez mais sem raízes. Os publicistas democráticos isolados estreados mais tarde têm, na maior parte, tão pouco conhecimento da história alemã, que recriam artificialmente, pela reação, a oposição entre o caráter específico do desenvolvimento alemão como sua pátria e a democracia como “importação ocidental”, frequentemente facultada e acrítica, e apenas adotam-na com os sinais trocados, isto é, assertivamente, empregando e professando o “Ocidente não-alemão”. Naturalmente, isso reforça ainda mais seu isolamento ideológico e político na Alemanha.

Somente o movimento operário teria podido oferecer aqui um centro de resistência política e ideológica, tal como fez a *Nova Gaveta Renana* em 1848/1849, assim como Lenin e os bolcheviques promoveram esse trabalho pela Rússia.

Aber auch in der Arbeiterbewegung wirkten sich die allgemeinen Entwicklungstendenzen Deutschlands aus. Vor der Bismarckschen Vollendung der nationalen Einheit war es selbstverständlich, daß die Zentralfrage der demokratischen Revolution zum wesentlichen Spaltungsgrund der entstehenden Arbeiterbewegung wurde.

Einerseits vertraten Lassalle und nach ihm Schweitzer den preußisch-bonapartistischen Weg. Hier wirkten sich die ungünstigen Umstände der deutschen Entwicklung verhängnisvoll aus. Lassalle, mit dem die Massenbewegung der Arbeiterklasse nach der Niederlage der achtundvierziger Revolution begann, stand viel tiefer, als dies in den Geschichten der deutschen Arbeiterbewegung dargestellt wird, unter dem ideologischen Einfluß der herrschenden bonapartistischen Tendenzen. Seine persönliche und politische Annäherung an Bismarck in seinen letzten Lebensjahrf[en] ist keineswegs eine zufällige Verirrung, wie sie oft ausgelegt wird, vielmehr die notwendige logische Folge seiner ganzen philosophischen und politischen Position. Lassalle übernahm völlig ohne Kritik von Hegel den Gedanken des Primats des Staats vor der Wirtschaft und wandte ihn mechanisch auf die Befreiungsbewegung des Proletariats an.

Damit lehnte er alle jene Formen der Arbeiterbewegung ab, die durch Selbsttätigkeit des Proletariats zu einem Kampf um demokratische Ellenbogenfreiheit, zu einem demokratischen Zusammenstoß mit dem preußischen bonapartistisch-bürokratischen Staat hätten führen können. Die Arbeiter sollten auch ökonomisch ihre Befreiung vom preußischen Staat, vom Staat Bismarcks erwarten. Die einseitige Zentralstelle des allgemeinen Wahlrechts erhielt in diesem Zusammenhang ebenfalls eine bonapartistische Nuance. Um so mehr, als die innere Organisation des Allgemeinen Deutschen Arbeitervereins mit einer Kombination einer persönlichen Diktatur Lassalles und gelegentlichen Referendumabstimmungen des „souveränen Volks“ ebenfalls einen stark bonapartistischen Charakter erhielt. Lassalle konnte die Statuten „seines Reichs“, wie er sich selbst ausdrückt, (an) Bismarck mit der Bemerkung zuschicken, daß dieser ihn um sie vielleicht beneiden dürfte. Daß nun auf diesem Boden Lassalle sogar bis zum sozialen Königtum, bis zur direkten Unterstützung der Bismarckschen Einheitspolitik weiterschritt, ist wei-

No entanto, as tendências gerais de desenvolvimento da Alemanha também tiveram consequências para o movimento operário. Antes da consumação da unidade nacional por Bismarck, ficou evidente que a questão central da revolução democrática se tornou essencialmente a razão da clivagem no movimento operário emergente.

Por um lado, Lassalle, e depois dele Schweitzer, representavam a via prussiano-bonapartista. Aqui, as circunstâncias desfavoráveis do desenvolvimento alemão tiveram consequências funestas. Lassalle, com quem começou o movimento de massas da classe trabalhadora depois da derrota da Revolução de 1848, estava mais profundamente sob a influência ideológica das tendências bonapartistas dominantes do que está descrito nas histórias do movimento operário alemão. Sua aproximação pessoal e política a Bismarck em seus últimos anos de vida não é de modo algum um erro casual tal como se costuma interpretar, é antes a consequência lógica necessária de toda a sua posição filosófica e política. Lassalle adotou de Hegel, completamente sem crítica, a ideia da primazia do Estado ante a economia e aplicou-a mecanicamente ao movimento de libertação do proletariado. Com isso, ele recusou todas aquelas formas do movimento operário que, através da autoatividade do proletariado poderiam ter conduzido à luta por liberdades democráticas a um choque democrático com o Estado bonapartista-burocrático prussiano. Os trabalhadores também deviam esperar sua libertação econômica do Estado prussiano, do Estado de Bismarck. O posto central unilateral do sufrágio universal recebeu igualmente nesse contexto uma nuance bonapartista. Tanto mais e na medida em que a organização interna da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães com uma combinação de uma ditadura pessoal de Lassalle e votações de *referendum* ocasionais do “povo soberano” adquiriu um caráter fortemente bonapartista. Lassalle pôde enviar os estatutos do “seu Reich”, como ele mesmo se expressou, a Bismarck, com a observação de que ele talvez pudesse invejá-lo por estes. Não é de estranhar que nesse terreno Lassalle prosseguira até mesmo à monarquia social, até ao apoio direto da política



ter nicht verwunderlich. Wilhelm Liebknecht, der unter dem Einfluß von Marx und Engels die Fehler Lassalles und seiner Schule erkannte und kritisierte, vermochte nicht die richtige Linie durchzuhalten; er geriet sehr oft unter den ideologischen Einfluß der süddeutsch-demokratisch kleinbürgerlichen Tendenzen und stellte der Bismarckschen Lösung und ihrer Lassalleanischen Verteidigung nicht die alte revolutionär-demokratische Linie der „Neuen Rheinischen Zeitung“ gegenüber, sondern einen kleinbürgerlich-demokratischen, „süddeutschen“ Föderalismus.

Im Laufe der späteren Entwicklung der Arbeiterbewegung wirkte sich der erstarrte Reformismus auch in dieser Frage aus. Engels kritisiert in dieser Hinsicht mit rücksichtsloser Schärfe die opportunistischen Fehler des Erfurter Programms; vor allem, was ihm fehlt: den entschlossenen Kampf um die wirkliche Demokratisierung Deutschlands, um eine revolutionär-demokratische Zuendeführung der nationalen Einheit, die in der Bismarckschen Lösung reaktionär und darum unvollendet blieb. Nach Engels' Tod wird der Reformismus immer stärker und gerät damit immer mehr ins Schlepptau der kompromißlerischen liberalen Bourgeoisie. Der wirkliche Kampf um die radikale Demokratisierung Deutschlands, um die ideologische und politische Unterstützung revolutionär-demokratischer Bewegungen findet immer weniger Anklang in der deutschen Sozialdemokratie; die Isoliertheit Franz Mehrings, des einzigen konsequenten Vertreters dieser Traditionen, ist nicht zuletzt auf diese Lage zurückzuführen. Und diese reformistische Verzerrung des Marxismus beschränkt sich nicht nur auf den offen opportunistischen Flügel, der sogar bis zur Unterstützung des Kolonialimperialismus ging, sondern erfaßt auch das sogenannte „marxistische Zentrum“, das bei allgemeinen revolutionären Phrasen sich sehr „realpolitisch“ mit dem bestehenden Zustand Deutschlands abfindet. Auf diese Weise konnte die deutsche Arbeiterbewegung keine Sammelstätte, keine Anziehungskraft für die sich sporadisch zeigenden demokratischen Kräfte werden, konnte sie nicht erziehen und leiten. Und in Opposition gegen die opportunistischen Tendenzen des Reformismus verfielen große Teile der linken Opposition in eine sektiererische Haltung zu den Problemen der bürgerlichen Demokratie und insbesondere zur nationalen

de unidade de Bismarck. Wilhelm Liebknecht, que, sob a influência de Marx e Engels, reconheceu e criticou os erros de Lassalle e sua escola, não foi capaz de manter-se firme na linha correta; muito frequentemente caiu sob a influência ideológica das tendências democrático-pequeno-burguesas do sul da Alemanha e não se enfrentou com a solução de Bismarck e sua defesa lassaliana da antiga linha revolucionário-democrática da *Nova Gazeta Renana*, mas sim um federalismo pequeno-burguês-democrático do “sul-alemão”.

No decurso do desenvolvimento posterior do movimento operário, o reformismo fortalecido também incidiu nessa questão. Engels criticou com impiedosa acuidade os erros oportunistas do *Programa de Erfurt*; antes de tudo, o que falta a ele: a luta decidida pela democratização real da Alemanha, para uma condução democrático-revolucionária inflamável da unidade nacional, que na solução de Bismarck permaneceu reacionária e, por isso, inacabada. Após a morte de Engels, o reformismo torna-se mais forte e, com isso, cai cada vez mais a reboque da burguesia liberal comprometida. A verdadeira luta pela democratização radical da Alemanha, pelo apoio ideológico e político dos movimentos democrático-revolucionários encontra cada vez menos ressonância na social-democracia alemã; o isolamento de Franz Mehring, o único representante consequente dessas tradições, reporta não por último a essa situação. É essa distorção reformista do marxismo não se restringe apenas à ala abertamente oportunista, que chegou até mesmo a apoiar o imperialismo colonial, mas abarca também o chamado “centro marxista”, que, em frases revolucionárias gerais, resigna-se muito em termos de “*Realpolitik*” com a condição existente da Alemanha. Desse modo, o movimento operário alemão não pôde se tornar um lugar cumulativo, um magnetismo para as forças democráticas que aparecem esporadicamente, nem pôde educá-las e guiá-las. E em oposição às tendências oportunistas do reformismo, grande parte da oposição de esquerda entregou-se a uma postura sectária sobre os problemas da democracia burguesa e especialmente sobre a questão nacional,

Frage, wodurch auch von ihnen und später im Kriege vom Spartakusbund kein solcher Einfluß ausgehen konnte wie in Rußland von den Bolschewiken.

Unter solchen Umständen erfolgt in Deutschland der Eintritt in die imperialistische Epoche. Wie bekannt, wird sie von einem großen ökonomischen Aufschwung, von einer außerordentlich starken Konzentration des Kapitals etc. begleitet; Deutschland wird zum europäisch führenden Staat des Imperialismus, zugleich zu dem aggressivsten imperialistischen Staat, der am ungünstigsten auf die Neuaufteilung der Welt drängt. Dieser Charakter des deutschen Imperialismus ist wiederum eine Folge der verspäteten, aber sehr raschen kapitalistischen Entwicklung. Als Deutschland zu einer kapitalistischen Großmacht ward, näherte sich die Aufteilung der Kolonialwelt bereits [ihrem] Ende, so daß das imperialistische Deutschland ein seinem ökonomischen Gewicht entsprechendes Kolonialreich nur auf Grundlage der Aggression, nur auf Grund der Wegnahme von Kolonien zustande bringen konnte. Darum entstand in Deutschland ein besonders „hungriger“, beutelüsterer, aggressiver, auf die Neuaufteilung der Kolonien und Interessensphären vehement und rücksichtslos drängender Imperialismus.

Diese ökonomische Lage kontrastiert sehr merkwürdig zu der großen demokratisch-politischen Unreife des deutschen Volks in dieser Periode. Aber diese Unreife ist nicht nur ein äußerst wichtiges politisches Faktum, hat nicht nur zur Folge, daß die sprunghafte und abenteuerhafte Außenpolitik Wilhelms II. ohne große Reibungen im Inneren sich durchsetzen konnte, sondern hat auch für unser Problem wichtige ideologische Folgen. Kein Zustand ist je stabil, er muß sich nach vorwärts oder rückwärts weiterbewegen. Und da eine fortschrittlich-demokratische Weiterentwicklung des deutschen Volks in der imperialistischen Periode aus den geschilderten Gründen nicht erfolgte, mußte eine weitere Rückentwicklung einsetzen. Diese hängt mit einer allgemeinen politisch-ideologischen Tendenz der imperialistischen Periode zusammen. In dieser herrscht einerseits eine weitgehend allgemeine antidemokratische Tendenz. Andererseits entsteht notwendigerweise unter den Bedingungen des Imperialismus dort, wo eine Demokratie besteht, eine gewisse Enttäuschung der Massen

como também sobre eles e, mais tarde, na guerra, tal influência não pôde irradiar da Liga Spartacus como na Rússia dos bolcheviques.

Sob tais circunstâncias, a entrada na era imperialista tem lugar na Alemanha. Como se sabe, é acompanhada por um período de grande crescimento econômico, por uma concentração extraordinariamente forte de capital, etc.; a Alemanha se converte no Estado dirigente do imperialismo europeu e, ao mesmo tempo, no Estado imperialista mais agressivo, que insiste com mais ímpeto para a nova repartição do mundo. Esse caráter do imperialismo alemão é em compensação uma consequência do tardio, porém muito rápido, desenvolvimento capitalista. Quando a Alemanha se tornara uma grande potência capitalista, a repartição do mundo colonial já se aproximava do seu fim, de modo que a Alemanha imperialista só poderia alcançar um império colonial correspondente ao seu peso econômico com base na agressão, apenas devido ao arrebatamento das colônias. Por esse motivo, surgiu na Alemanha um imperialismo particularmente “faminto”, ávido por rapina, agressivo, veemente e impiedoso, pressionando pela nova repartição das colônias e esferas de interesse.

Essa situação econômica muito curiosamente contrasta com a grande imaturidade político-democrática do povo alemão durante esse período. Mas essa imaturidade não é apenas uma manifestação de um fato político extremamente importante, implica não apenas que a política externa volúvel e aventureira de Guilherme II não podia se impor sem grandes atritos internos, mas também tem importantes consequências ideológicas para o nosso problema. Nenhuma condição é estável, ela tem de se movimentar para frente ou para trás. E como do período imperialista não resultou num desenvolvimento democrático-progressista do povo alemão pelas razões descritas, recoloca-se uma nova involução. Isso se relaciona com uma tendência político-ideológica geral do período imperialista. Nessa involução, por um lado, predomina uma tendência antidemocrática amplamente geral. Por outro lado, surge necessariamente, sob as condições do imperialismo, ali, onde há uma democracia, um certo desapontamento das massas e

und ihrer ideologischen Wortführer an der Demokratie, wegen ihrer de facto geringen Macht der geheimen Exekutive der Bourgeoisie gegenüber, wegen der mit ihr im Kapitalismus notwendig verbundenen Korruption, wegen bestimmter antidemokratischer Erscheinungen, die mit ihr im Kapitalismus notwendig verknüpft sind (Wahlapparate etc.). Darum ist es keineswegs zufällig, daß gerade in den demokratischen Ländern eine breite Kritik der Demokratie einsetzt, die von offen reaktionären Richtungen bis in die Arbeiterbewegung hineinreicht (Syndikalismus in den romanischen Ländern).

Die allgemeine Tendenz dieser Kritik ist zweifellos eine romantisch-reaktionäre; es darf aber nicht außer acht gelassen werden, daß in ihr oft eine berechtigte Enttäuschung an der bürgerlichen Demokratie, ein enttäuschtes und zuweilen vorwärtsweisendes Erlebnis der sozialen Grenzen der bürgerlichen Demokratie steckt. Man denke an Anatole France[s] Spott über die demokratische Gleichheit vor dem Gesetz, die dem Armen und dem Reichen gleichermaßen majestätisch verbietet, unter der Brücke zu schlafen. Notabene war Anatole France, als er dies schrieb, vom Sozialismus noch weit entfernt; gerade darum ist sein Ausspruch charakteristisch für diese die Demokratie kritisierenden Stimmungen der fortschrittlichen intellektuellen Kreise des Westens. Eine charakteristische Mischung von richtiger Kritik und verworren-reaktionären Tendenzen kann man auch bei Shaw beobachten. Die komplizierteste und zeitweilig einflußreichste Mischung dieser Tendenzen erschien im Philosophen des Syndikalismus, G. Sorel.

Diese Tendenzen hatten, besonders in ihren reaktionären Schattierungen, eine tiefgehende und wichtige Wirkung auf die deutsche Intelligenz der imperialistischen Periode. Als sie jedoch in Deutschland rezipiert wurden, haben sie eine tiefgehende soziale Wandlung erhalten. Denn im Westen waren sie ein Ausdruck der Enttäuschung an der bereits errungenen, bestehenden bürgerlichen Demokratie, während sie in Deutschland zu einem Hindernis ihrer Erringung, zu einem Verzicht auf den entschiedenen Kampf um sie geworden sind. Diese Tendenzen vermischten sich in Deutschland mit der alten offiziellen Propaganda der Bismarck-Periode, die in der Rückständigkeit Deutschlands den Ausdruck des spezifisch

de seus porta-vozes ideológicos na democracia, devido a seu, de fato, mínimo poder ante o executivo sigiloso da burguesia, devido à corrupção associada a ele no capitalismo, devido a determinados fenômenos antidemocráticos que estão necessariamente ligados a ele no capitalismo (aparatos eleitorais etc.). Por isso, não é casual que, sobretudo nos países democráticos, inicia-se uma ampla crítica da democracia, que vai de direções frequentemente reacionárias até ao movimento dos trabalhadores (sindicalismo nos países latinos).

A tendência geral dessa crítica é, indubitavelmente, uma reação romântico-reacionária; porém, não se deve descuidar que muitas vezes há nela um desapontamento procedente da democracia burguesa, uma vivência frustrada e às vezes claramente adiantada dos limites sociais da democracia burguesa.

Pense-se na gozação de Anatole France sobre a igualdade democrática perante a lei, que, igualmente, proíbe majestosamente os pobres e os ricos de dormir debaixo da ponte. Note-se que, quando Anatole France escreveu isso, estava ainda distante do socialismo; é precisamente por isso que seu dito é característico desses estados de ânimos dos círculos intelectuais progressistas do Ocidente, que criticam a democracia. Uma mistura característica de crítica correta e tendências reacionárias-confusas também se pode observar em Shaw. A mistura mais complicada e às vezes mais influente dessas tendências apareceu no filósofo do sindicalismo, G. Sorel.

Estas tendências tiveram, especialmente em seus sombreados reacionários, um efeito profundo e importante sobre a *intelligentsia* alemã do período imperialista. Entretanto, quando foram recebidas na Alemanha, sofreram profundas mudanças sociais. Pois no Ocidente eram uma expressão de desapontamento para com a democracia burguesa conquistada e existente, enquanto na Alemanha tornaram-se um obstáculo para sua conquista, uma renúncia à luta decidida por ela. Na Alemanha, essas tendências se misturam com a propaganda oficial antiga do período de Bismarck, que na retrogradação da Alemanha

Deutschen in Geschichte, Soziologie etc. fand und propagierte. In der Bismarck-Periode wehrte sich die fortschrittliche, ja auch noch teilweise die liberale Intelligenz gegen eine solche Auffassung der Gesellschaft und der Geschichte (Virchow, Mommsen etc.).

Indem jetzt die Kritik der Demokratie als eine fortgeschrittene, westliche Geistestendenz in Deutschland rezipiert wurde, entstand mit anderen historischen und ideologischen Begründungen letzten Endes eine Kapitulation vor dieser Ideologie, die den Kampf um die Demokratie abschwächte, ihr den ideologischen und politischen Schwung nahm. Man denke, um nur ein bezeichnendes Beispiel anzuführen, an den bedeutendsten deutschen Soziologen und Historiker der Wilhelminischen Periode, an Max Weber. Dieser war aus patriotischen Gründen gegen das Wilhelminische System, dessen Dilettantismus, dessen Unfähigkeit, mit der französischen oder englischen Demokratie diplomatisch zu konkurrieren, er klar einsah; er wurde dementsprechend ein immer entschiedenerer Anhänger der Demokratisierung Deutschlands. Da aber sein Denken von dieser westlichen enttäuschten Kritik an der Demokratie tief durchdrungen war, war diese für ihn ein „kleineres Übel“ dem bestehenden System gegenüber. Ähnliche Widersprüche kann man bei anderen Politikern und Denkern dieser Zeit, freilich bei jedem in verschiedener Weise, etwa bei F. Naumann etc., beobachten. Es ist klar, daß auf solcher ideologischer Grundlage keine radikal demokratische bürgerliche Geistesrichtung oder gar Partei entstehen konnte.

So entsteht in der führenden deutschen Intelligenz der Wilhelminischen Periode eine Reproduktion der „deutschen Misere“ auf höherer Stufenleiter: bei den meisten letzten Endes ein Philistertum ohne wirkliche öffentliche Interessen. Indem die westliche Kritik der Demokratie bei vielen (nicht bei Max Weber) dazu führt, in der undemokratischen deutschen Entwicklung etwas Besonderes, eine höhere Stufe zu erblicken als in der problematischen, „undemokratischen“ Demokratie des Westens, entsteht eine spießberisch-literatenhafte Kapitulationstimmung dem bestehenden politischen System Deutschlands gegenüber; sehr oft ein snobistisches Aristokratentum, das bei einer scharfen, oft sogar geistreichen und treffenden Kritik des Bürgertums und der bürgerlichen Kultur sich vor

encontrou e propagou a expressão do alemão especificamente na história, na sociologia etc. No período de Bismarck, os progressistas, e até mesmo em certa medida a *intelligentsia* liberal, debateram-se contra tal concepção da sociedade e da história (Virchow, Mommsen, etc.).

Ao mesmo tempo em que, agora, a crítica à democracia foi recebida na Alemanha como uma tendência espiritual ocidental avançada, surgiu ante essa ideologia, afinal de contas com outras justificativas históricas e ideológicas, uma capitulação que atenuou a luta pela democracia e arrancou dela seu impulso ideológico e político. Pense-se, para indicar apenas um exemplo significativo, no sociólogo e historiador alemão mais importante do período guilhermino, Max Weber. Este era contra, por razões patrióticas, o sistema guilhermino, cujo dilettantismo, cuja incapacidade de competir diplomaticamente com a democracia francesa ou inglesa, ele reconheceu claramente; foi conseqüentemente um partidário cada vez mais firme da democratização da Alemanha. Mas como seu pensamento estava profundamente atravessado por essa desapontada crítica ocidental da democracia, esta era para ele um “mal menor” em relação ao sistema existente. Contradições semelhantes podem-se observar entre outros políticos e pensadores da época, porém cada uma de modo diferente, como se observa, por exemplo, em F. Naumann, etc. Evidentemente que, sobre essa base ideológica, não podia surgir nenhuma direção espiritual, ou mesmo partido, radicalmente democrático-burguês.

Assim, na *intelligentsia* alemã dirigente do período guilhermino, surgiu uma reprodução da “miséria alemã” em um nível mais elevado: na maior parte das vezes, ao fim e ao cabo, um filisteísmo sem nenhum interesse público real. Enquanto a crítica ocidental à democracia leva muitos (e não Max Weber) a enxergar algo especial no desenvolvimento alemão antidemocrático, em um nível mais alto do que na problemática democracia “antidemocrática” do Ocidente, emerge um estado de ânimo capitulacionista jocoso-literário ante o sistema político existente na Alemanha; muito frequentemente uma aristocracia esnobe que, em uma cortante, até mesmo espirituosa e pertinente crítica da burguesia e da cultura burguesa,

den adligen Bürokraten und Offizieren des Wilhelminischen Systems tief verbeugt, das den bürokratischen Apparat dieses Systems mit seinen halbfeudalen Überresten idealisiert. (Besonders deutlich sind diese Tendenzen beim geistvollen Satiriker Sternheim und beim demokratischen Politiker Rathenau sichtbar.)

Auch das Idealisieren der „Kompetenz“, „Sachkenntnis“, „Unparteilichkeit“ etc. der Bürokratie im Gegensatz zum „Dilettantismus“ der Parteipolitiker und [des] Parlament[s] ist eine allgemeine Tendenz der westeuropäischen antidemokratischen Strömungen (ich führe als Beispiel nur Faguet an). In ihr kommt der reaktionäre Charakter dieser Richtung sehr deutlich zum Ausdruck. Manchmal bewußt, zumeist freilich unbewußt sind die Schriftsteller, die solches verkünden, Handlanger des imperialistischen Finanzkapitals, das durch seine kleinen Ausschüsse, durch seine von Wahlen, Ministerwechsel unabhängig gemachten Vertrauensleute das kontinuierliche Durchsetzen seiner spezifischen Interessen erstrebt und sehr oft erreicht. (Man denke an die inneren Machtverhältnisse in den Ministerien des Äußeren zwischen oft wechselnden parlamentarischen Leitern und ständigen Staatssekretären, Hauptreferenten in den westeuropäischen demokratischen Ländern.) Dadurch, daß diese Tendenz im noch nicht demokratischen Deutschland auftaucht, verstärkt sie ideologisch den erfolgreichen Widerstand der kaiserlichen und der preußischen Zivil- und Militärbürokratie gegen jeden Versuch eines fortschrittlichen Umbaus der staatlichen Institutionen. Der Scheinparlamentarismus entartet zur vollendeten Machtlosigkeit; diese seine notwendige, offenkundige Unfruchtbarkeit wird aber nicht zum Motiv für eine demokratische Weiterbildung, sondern im Gegenteil zu seiner weiteren Erstarrung, Fixierung, zur Steigerung dieser Impotenz. Das imperialistische Finanzkapital Deutschlands vermag selbstverständlich diese Lage ebenso auszunützen wie die westeuropäische den Parlamentarismus.

Für die deutsche Entwicklung bedeutet jedoch diese Konstellation das Hineinwachsen der Überreste der „deutschen Misere“ in einen besonders reaktionären, durch keinerlei demokratische Kontrolle gestörten Imperialismus. Besonders verheerend wirkt sich diese Entwicklungstendenz in Deutsch-

inclina-se profundamente aos nobres burocratas e oficiais do sistema guilhermino, que idealiza o aparato burocrático desse sistema com seus resquícios semifeudais. (Essas tendências são particularmente visíveis no perspicaz satírico Sternheim e no político democrático Rathenau.)

Também o idealizar da “competência”, “do conhecimento de causa”, “do apartidarismo” etc. da burocracia, em oposição ao “dilettantismo” dos políticos partidários e do Parlamento, é uma tendência geral das correntes antidemocráticas da Europa Ocidental (indico como exemplo Faguet). Nelas se expressa com muita clareza o caráter reacionário dessa direção. Os escritores que a proclamam, às vezes conscientemente, porém, na maioria das vezes inconscientemente, são serventes do capital financeiro imperialista, que, através de seus pequenos comitês, através de suas eleições, da alternância de ministros feitos independentes, ambicionam, e muito frequentemente atingem, representantes eleitos para impor continuamente seus interesses específicos. (Pense-se nas relações internas de poder nos ministérios de assuntos exteriores entre líderes parlamentares frequentemente alternantes e secretários de Estado permanentes, principais oradores dos países democráticos da Europa Ocidental.) Por isso essa tendência aparece na Alemanha que ainda não é democrática, reforçando ideologicamente a resistência exitosa das burocracias civis e militares, imperiais e prussianas, contra qualquer tentativa de reconstrução progressista das instituições estatais. O parlamentarismo aparente degenera-se em impotência acabada; essa sua necessária e flagrante infertilidade não se torna motivo para um aperfeiçoamento democrático, mas, ao contrário, para sua maior paralisia, fixação, para com o incremento dessa impotência. O capital financeiro imperialista da Alemanha pode, claro, explorar essa situação assim como o europeu ocidental pode explorar o parlamentarismo.

Para o desenvolvimento alemão, no entanto, essa constelação significa que os resquícios da “miséria alemã” se habituariam com um imperialismo particularmente reacionário, por nenhum controle democrático obstaculizado. Essa tendência de desenvolvimento tem um efeito particularmente devastador na Alemanha,

land darum aus, weil dadurch die alte Servilität des durchschnittlichen und auch des geistig und moralisch hochentwickelten Intellektuellen nicht nur aufbewahrt bleibt, sondern noch eine neue ideologische Weihe erhält. Die Überreste des Absolutismus, die vom Bismarckschen „Bonapartismus“ zugleich konserviert und modernisiert wurden, haben in der politisch-moralischen Geisteskultur der Beamtenseele eine besondere Stütze: Der Bürokrat betrachtet es als seinen besonderen „Standesstolz“, die Verfügungen der höheren Instanz technisch vollkommen durchzuführen, auch wenn er mit ihnen inhaltlich nicht einverstanden ist. Und dieser Geist, der in Ländern mit alten demokratischen Traditionen sich auf das Beamtentum im engsten Sinne beschränkt, ist in Deutschland weit über die Bürokratie hinaus verbreitet. Sich vor den Entscheidungen der Obrigkeit bedingungslos zu beugen wird, als besondere deutsche Tugend betrachtet, im Gegensatz zu den westlich-demokratischen freieren Anschauungen immer stärker als sozial höhere Stufe verherrlicht. Selbst Bismarck, der persönlich und institutionell dieses Hinüberwachsen der politischen gesellschaftlichen Miserabilität aus dem Kleinstaatendasein in die vereinte, machtvolle Nation, diese Perennierung der Nullität der öffentlichen Meinung mächtig förderte, kritisiert gelegentlich den deutschen Mangel an „Zivilcourage“. Aus den hier angedeuteten Gründen entartet diese Tendenz in der Wilhelminischen Periode geradezu zu einem Byzantinismus der Intelligenz, in eine nach außen prahlerische, nach innen kriecherische Servilität breitester Mittelschichten.

Dies ist, wir wiederholen, eine ungewollte geistige Kapitulation vor der geschichtsfälschenden Propaganda der Verherrlichung der Zurückgebliebenheit Deutschlands, wie sie bereits in der Bismarck-Periode einsetzte, die aber jetzt in einer „feineren“, „höheren“, oft subjektiv oppositionellen Form auch die fortgeschrittensten und entwickeltsten Teile der führenden bürgerlichen Intelligenz erfaßte. Hier ist die soziale Verwandtschaft und mit ihr auch die geistige Parallelität zwischen „höherer“ und „ordinärer“ reaktionärer Ideologie handgreiflich faßbar. Ebenso wie etwa der buddhistische Quietismus Schopenhauers, die Nietzschesche Verwandlung des Verhältnisses zwischen Kapitalisten und Arbeiter[n] in eines zwischen Offizier und Soldaten mit der kleinbürgerlichen Apa-

não apenas porque permanece conservada a antiga servilidade do intelectual médio e também do intelectual de desenvolvimento espiritual e moralmente mais sofisticado, mas também porque obtém uma nova consagração ideológica. Os resquícios do absolutismo, que foram ao mesmo tempo conservados e modernizados pelo “bonapartismo” de Bismarck, têm um suporte especial na cultura intelectual político-moral da alma do funcionário público: o burocrata o considera como seu “orgulho da posição” especial, a realização da decretação da mais alta instância tecnicamente perfeita, ainda que não esteja conteudisticamente de acordo com eles. E esse espírito, que em países com antigas tradições democráticas se resume ao funcionalismo público em sentido mais restrito, na Alemanha, é difundido amplamente para além da burocracia. Inclina-se incondicionalmente ante as decisões da autoridade, considerado como virtude alemã especial; em contraposição às convicções democráticas ocidentais mais livres, enaltece-se cada vez mais como um nível social mais alto. O próprio Bismarck, que pessoal e institucionalmente estimulou tremendamente esse crescimento da miserabilidade política e social desde o ser pequeno Estado à nação unida e poderosa, essa perenização da nulidade da opinião pública, critica ocasionalmente a falta de “coragem cívica” dos alemães. Pelas razões aqui indicadas, no período guilhermino, essa tendência se degenerou em um bizantinismo da *intelligentsia*, em uma exterior presunção, em uma interna servilidade adulatora das camadas média mais amplas.

Tudo isso, repetimos, é uma capitulação intelectual involuntária à propaganda historicamente falsificadora do enaltecimento do atraso da Alemanha, como já havia iniciada no período de Bismarck, mas que agora, em uma forma “mais fina”, “mais elevada”, com frequência, subjetivamente opositora, também abrange as partes mais avançadas e mais desenvolvidas da *intelligentsia* burguesa dirigente. Aqui é elusivo o parentesco social e com ele também o paralelismo espiritual entre a ideologia reacionária “superior” e a “comum”. Tal como, por exemplo, o quietismo budista de Schopenhauer, a conversão de Nietzsche da relação entre capitalistas e trabalhadores em uma relação entre oficiais e soldados segue em paralelo com a

thie nach der Niederlage der achtundvierziger Revolution bzw. mit bestimmten kapitalistisch-militaristischen Wünschen der imperialistischen Periode parallel geht, ihnen entspricht, so auch hier. Damit ist der geistige Niveauunterschied keineswegs aufgehoben. Im Gegenteil. Dieser steht weiter im Vordergrund unseres Interesses. Jedoch nicht in erster [Linie] der intellektuellen Höhe wegen, sondern weil dadurch die soziale Reichweite der reaktionären Strömungen wächst: sie erfassen Schichten, an die sie mit ihren „normalen“ geistigen Mitteln nicht heranreichen, die ihrer Alltagsstimme gegenüber verachtungsvoll schwerhörig wären. Nur in den *letzten* sozialen Konsequenzen - und diese sind für das Schicksal Deutschlands auch geistig ausschlaggebend - münden sie in denselben Strom der Reaktion. Wenn z. B. am Anfang des ersten imperialistischen Weltkrieges M. Plenge die „Ideen von 1914“ als die höheren und „deutschen“ den Ideen von 1789 entgegensetzte, so ist damit ein großer Teil der besten deutschen Intelligenz auf das Niveau der Treitschkeschen Propagandahistorik gesunken. (Besonders kraß kann man diese Prinzipienlosigkeit, diesen Verlust des intellektuellen und moralischen Niveaus in den Broschüren des Kriegsanfanges beobachten; man denke, um nur ein sehr bezeichnendes Beispiel hervorzuheben, an die Kontrastierung der „Helden“ (die Deutschen) und „Händler“ (englische Demokratie) bei Werner Sombart.)

Auch der Zusammenbruch des Wilhelminischen Systems im ersten imperialistischen Weltkrieg und die Errichtung der Weimarer Republik bringt für die Demokratisierung Deutschlands, für die Entstehung tief gewurzelter demokratischer Traditionen in den breitesten Massen, auch außerhalb des Proletariats, keine radikale Wendung. Erstens ist diese politische Demokratisierung weniger aus der inneren Macht der Volkskräfte als aus einem militärischen Zusammenbruch entstanden; weite Kreise der deutschen Bourgeoisie akzeptierten Republik und Demokratie teils aus einer Zwangslage, teils weil sie von ihnen außenpolitische Vorteile, günstigere Friedensbedingungen durch Wilsons Hilfe erwarteten. (Hier ist ein großer Unterschied zur demokratischen Republik in Rußland 1917. Dort waren breite Kleinbürger- und Bauernmassen von Anfang an entschieden demokratisch und republikanisch,

apatia pequeno-burguesa após a derrota da Revolução de 1848, respectivamente, com determinados desejos capitalista-militaristas do período imperialista, também aqui eles se equivalem. Com isto, a diferença de nível intelectual não é de forma alguma revogada. Pelo contrário. Esta segue em evidência para o nosso interesse. No entanto, não por causa do nível intelectual, mas porque através disso aumenta a abrangência social das correntes reacionárias: elas abrangem camadas às quais não podem chegar com seus meios intelectuais “normais”, que seriam completamente desprezíveis em relação à sua amoucada voz cotidiana. Somente nas consequências sociais *últimas* — e estas são também intelectualmente decisivas para o destino da Alemanha — fluem para o mesmo fluxo da reação. Se, por exemplo, no começo da Primeira Guerra Mundial imperialista, M. Plenge se opôs às “ideias de 1914” como as ideias superiores e “alemãs” de 1789, com isso, uma grande parte da melhor *intelligentsia* alemã afundou ao nível da história da propaganda de Treitschke. (Essa falta de princípios, essa perda de nível intelectual e moral pode-se observar com particular evidência nas brochuras do começo da guerra; pense-se, para realçar apenas em um exemplo muito significativo, na contrasteação entre “heróis” (os alemães) e “mercadores” (democracia inglesa) feita por Werner Sombart.)

Nem mesmo o colapso do sistema guilhermino na Primeira Guerra Mundial imperialista e a criação da República de Weimar trouxeram uma virada radical para a democratização da Alemanha, para o surgimento de tradições democráticas profundamente enraizadas nas massas mais amplas, mesmo fora do proletariado. Em primeiro lugar, esta democratização política resultou menos do poder interno das forças do povo do que de um colapso militar; amplos círculos da burguesia alemã aceitaram a república e a democracia em parte por uma situação muito difícil, em parte porque esperavam com elas vantagens da política externa, condições pacifistas favoráveis através da ajuda de Wilson. (Aqui está uma grande diferença da República Democrática da Rússia em 1917. Lá, grandes massas pequeno-burguesas e camponesas eram, desde o início, decididamente democráticas e republicanas,

wenn auch in der Großbourgeoisie sehr ähnliche Stimmungen wie in Deutschland zu beobachten waren, wenn auch die Führerschicht der kleinbürgerlich-bäuerlichen Demokratie sich verräterisch der Demokratie gegenüber verhalten hat. Die Spaltungen z. B. bei den Sozialrevolutionären zeigen deutlich diese demokratischen Stimmungen der kleinbürgerlich-bäuerlichen Massen.) Zweitens wirkte sich die verspätete Entwicklung Deutschlands auch hier aus. Gleich am Ausbruch der bürgerlich-demokratischen Revolution stand das Proletariat als die entscheidende gesellschaftliche Macht da, war aber infolge der Stärke des Reformismus, infolge der damaligen ideologischen Schwäche des linken Flügels der Arbeiterbewegung den Problemen der Erneuerung Deutschlands nicht gewachsen. Die bürgerliche Demokratie war deshalb, wie dies, Engels schon viel früher prophetisch vorhergesehen hat, im wesentlichen eine Vereinigung aller bürgerlichen Kräfte gegen die drohende Gefahr einer proletarischen Revolution. (Die unmittelbar erlebten Erfahrungen der russischen Revolution von 1917 wirkten hier sehr stark nicht nur auf die Bourgeoisie selbst, sondern auch auf den reformistischen Flügel der Arbeiterbewegung ein.) Dieser hat dementsprechend die gegen das Proletariat gerichtete demokratische Koalition aller bürgerlichen Kräfte tatsächlich bedingungslos unterstützt, ja war ihr eigentliches Zentrum, ihre Kraftquelle.

Daher ist die Weimarer Republik im wesentlichen eine Republik ohne Republikaner, eine Demokratie ohne Demokraten, wie sie - selbstverständlich unter historisch ganz anderen Umständen - die französische Republik zwischen 1848 und 1851 gewesen ist. Die mit den Reformisten verbündeten linksbürgerlichen Parteien waren keine Durchführer einer revolutionären Demokratie, sondern unter den Parolen von Republik und Demokratie im wesentlichen „Ordnungsparteien“. Unter diesen Umständen ist es kein Wunder, daß [die] Volksmassen, die, wie wir gesehen haben, niemals eine demokratische Erziehung erhalten haben, in denen keine demokratischen Traditionen lebendig waren, sehr bald an der Demokratie tiefe Enttäuschungen erlebten und sich verhältnismäßig rasch von der Demokratie abwendeten. Dieser Prozeß hat sich besonders beschleunigt und vertieft, weil die Weimarer Demokratie gezwungen war, die tiefste nationale Erniedrigung,

ainda que o estado de ânimo da grande burguesia fosse observado como muito semelhante ao da Alemanha, ainda que a liderança da democracia pequeno-burguesa e camponesa se comportasse traiçoeiramente em relação à democracia. Por exemplo, as cisões entre os social-revolucionários mostram claramente esses estados de ânimo democráticos das massas pequeno-burguesas e camponesas.) Em segundo lugar, o desenvolvimento tardio da Alemanha também teve um efeito aqui. Igualmente ao irromper da revolução democrático-burguesa, o proletariado levantou-se como o poder social decisivo, mas devido à força do reformismo, devido à debilidade ideológica da ala esquerda do movimento dos trabalhadores na época, não teve capacidade para enfrentar os problemas da renovação da Alemanha. Por causa disso, como Engels previra profeticamente já muito antes, a democracia burguesa era essencialmente uma união de todas as forças burguesas contra o perigo iminente de uma revolução proletária. (As experiências vivenciadas imediatamente depois da Revolução Russa de 1917 surtiram efeitos muito fortes não apenas sobre a própria burguesia, mas também sobre a ala reformista do movimento dos trabalhadores.) Consequentemente, esta última apoiou incondicionalmente, de fato, a coalizão democrática de todas as forças burguesas contra o proletariado que era, sim, seu verdadeiro centro, sua fonte de força.

Por isso, a República de Weimar é essencialmente uma república sem republicanos, uma democracia sem democratas, tal como tinha sido — evidentemente que sob circunstâncias historicamente muito diferentes — a República Francesa entre 1848 e 1851. Os partidos burgueses de esquerda, aliados com os reformistas, não eram os realizadores da democracia revolucionária, mas essencialmente os “partidos da ordem” sob os lemas da república e da democracia. Sob tais circunstâncias, não é de admirar que as massas do povo, que, como vimos, nunca receberam uma educação democrática em que não houvesse tradições democráticas vivas, muito rapidamente experimentaram profundos desapontamentos com a democracia e dela se afastaram proporcionalmente rápido. Esse processo se acelerou e se aprofundou especialmente porque a democracia de Weimar foi forçada a levar a cabo e trazer à vida a mais profunda humilhação nacional



die Deutschland seit der Napoleonischen Zeit erlebt hat, den imperialistischen Frieden von Versailles durchzuführen und ins Leben zu setzen. Vor den demokratisch nicht erzogenen Volksmassen war also die Weimarer Republik das Vollzugsorgan dieser nationalen Erniedrigung im Gegensatz zu den Zeiten der nationalen Größe und Expansion, die mit den Namen Friedrich II. von Preußen, mit Blücher, mit Bismarck und Moltke, also mit monarchistisch-undemokratischen Erinnerungen verbunden waren. Hier kann man wieder den großen Gegensatz zwischen der französisch-englischen und der deutschen Entwicklung beobachten: Dort sind die revolutionär-demokratischen Perioden (Cromwell, die große Revolution etc.) Perioden des höchsten nationalen Aufschwungs. Hier unterstützen ihre oberflächlichen Erscheinungsformen die alte Auffassung von der „spezifisch deutschen“ antidemokratischen Entwicklung, geben einen scheinbar einleuchtenden Vorwand zu der Legende, als ob deutsche nationale Größe nur auf antidemokratischen Grundlagen entstehen könnte. (Die Historik und Publizistik der Reaktion hat diese Lage auch nach Möglichkeit ausgenutzt, und der linke Flügel des Bürgertums und der bürgerlichen Intelligenz vermochte ihr nichts Wirksames entgegen[zu] setzen.)

So verstärkte sich im Laufe der Weimarer Republik in breiten Schichten des Bürgertums und Kleinbürgertums das alte Vorurteil, als ob Demokratie in Deutschland eine „westliche Importware“, ein schädlicher Fremdkörper wäre, den die Nation, um zu gesunden, auszuschneiden hätte. Die Traditionslosigkeit vieler subjektiv überzeugten Demokraten zeigt sich darin, daß sie ihrerseits diesen angeblich ausschließlich „westlichen“ Charakter der Demokratie zur Grundlage ihrer Propaganda machten, ihr Antideutschtum, ihre Begeisterung für die westliche Demokratie taktlos und untaktisch in den Vordergrund stellten und damit der Reaktion in ihrer antidemokratischen Legendenbildung ungewollt eine Hilfe leisteten. (Am deutlichsten ist diese Ideologie im Kreis der „Weltbühne“ sichtbar.) Dazu kommt ein nihilistisches Verhalten breiter Kreise der radikalen bürgerlichen Intelligenz der nationalen Erniedrigung gegenüber (abstrakter Pazifismus), welcher Nihilismus auch, wenn auch in anderen Formen, in die radikale Arbeiterbewegung Eintritt fand. (Besonders stark in der

que a Alemanha experimentou desde a era napoleônica, a paz imperialista de Versalhes. Ante as massas do povo não bem-educadas democraticamente, a República de Weimar era, portanto, o órgão de execução dessa humilhação nacional, em oposição aos tempos de grandeza e expansão nacional, que se associaram com os nomes de Frederico II da Prússia, de Blücher, de Bismarck e Moltke, quer dizer, com memórias monárquico-antidemocráticas. Aqui, pode-se observar novamente a grande oposição entre o desenvolvimento franco-inglês e o alemão: ali, os períodos revolucionário-democráticos (Cromwell, a grande revolução etc.) são períodos de maior surto de expansão nacional. Aqui, suas formas de manifestação superficiais apoiam a antiga concepção do desenvolvimento antidemocrático “especificamente alemão”, dão um pretexto aparentemente plausível para a lenda, como se a grandeza nacional alemã só pudesse surgir sobre os fundamentos antidemocráticos. (A história e a publicística da reação, tanto quanto possível, também tiraram proveito dessa situação, e a ala esquerda da burguesia e a *intelligentsia* burguesa não estão em condições de se opor a ela eficazmente.)

Assim, no decurso da República de Weimar, o velho preconceito reforçou-se em amplas camadas da burguesia e da pequena burguesia, como se a democracia na Alemanha fosse uma “importação ocidental”, um corpo estranho nocivo que a nação teria de eliminar para manter-se saudável. A falta de tradição de muitos democratas subjetivamente convencidos mostra-se em que eles, por sua parte, fizeram desse tão somente alegado caráter da democracia “ocidental” o fundamento para sua propaganda, colocando em evidência, sem tato e sem tática, seu antigermanismo, seu entusiasmo pela democracia ocidental e, com isso, prestaram ajuda à reação em sua involuntária formação de lendas antidemocráticas. (Essa ideologia é mais significativamente visível no círculo do “Weltbühne”<sup>\*</sup>.) Acode para isso um comportamento niilista de amplos círculos da *intelligentsia* burguesa radical ante a humilhação nacional (pacifismo abstrato), pois também o niilismo, ainda que em outras formas, encontrou aceitação nos movimentos radicais dos trabalhadores. (Particularmente forte no

<sup>\*</sup> A *Die Weltbühne*, em português “O palco do mundo”, foi uma revista semanal alemã focada em política, arte e negócios. Fundada em Berlim em 7 de setembro de 1905 por Siegfried Jacobsohn sob o título *Die Schaubühne* (“O palco teatral”), em 4 de abril de 1918 recebeu esse nome. Após o incêndio do *Reichstag*, os nazistas baniram sua publicação. Sua última edição apareceu em 7 de março de 1933.

USPD, aber sogar die Kommunistische Partei war am Anfang ihrer Entwicklung nicht frei von einem nationalen Nihilismus.)

Trotzdem sind die offenen Restaurationsversuche der Hohenzollernschen Monarchie gescheitert (Kapp-Putsch 1920). Die Partei dieser Restauration, die Deutschnationalen, konnte nie zu einer wirklich großen entscheidenden Massenpartei erwachsen, obwohl sie wegen der antiproletarischen, antirevolutionären Tendenz der Weimarer Republik die meisten ihrer Machtpositionen im zivilen und militärischen Apparat behalten haben. Erst als infolge der großen Krise, die im Jahre 1929 einsetzt, die Enttäuschung breitesten Massen ihren Gipfelpunkt erreicht, gelingt es der Reaktion, sich eine Massenbasis zu schaffen in der „nationalsozialistischen Arbeiterpartei“, im Hitlerfaschismus.

Da wir hier nicht die Geschichte Deutschlands und der revolutionären Bewegung in Deutschland zu schildern haben, sondern die Entstehungsgeschichte der faschistischen Ideologie, die Voraussetzungen und Bedingungen ihrer zeitweiligen Herrschaft, die Gründe des geringen, zaghaften und unwirksamen Widerstandes gegen sie, müssen hier diese wenigen Andeutungen genügen.

Nunmehr ist unsere Aufgabe, auf Grund der hier gegebenen historischen Skizze der Entwicklung Deutschlands jenen ideologischen Umschwung näher zu verfolgen, der in der deutschen Ideologie zur Destruktion des einst herrschenden Humanismus geführt hat und damit ideologisch den Weg für die faschistische Barbarisierung freilegte.

USPD, mas até mesmo o Partido Comunista, no início do seu desenvolvimento, não estava livre de um niilismo nacional.)

Apesar disso, as tentativas abertas de restauração da monarquia Hohenzollern fracassaram (Kapp-Putsch 1920). O partido dessa restauração, o Partido Nacionalista Alemão, nunca pôde crescer a ponto de se tornar um partido de massa realmente grande e decisivo, ainda que tenha mantido a maioria de suas posições de poder no aparato civil e militar, devido à tendência antiproletária e antirrevolucionária da República de Weimar. Apenas em consequência da grande crise, iniciada em 1929, o desapontamento das amplas massas alcança o seu ponto alto, a reação logra criar uma base de massas para si no “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”, no fascismo de Hitler.

Como não pretendemos descrever aqui a história da Alemanha e o movimento revolucionário na Alemanha, mas a história do surgimento da ideologia fascista, os pressupostos e condições de seu domínio temporário, as razões da pequena, acanhada e ineficaz resistência contra ela, essas poucas alusões devem ser suficientes aqui.

Daqui em diante, é nossa tarefa, com base no esboço histórico do desenvolvimento da Alemanha já mostrado, perseguir mais de perto aquela reviravolta ideológica que levou à destruição do humanismo outrora predominante na ideologia alemã e, com isso, deixou ideologicamente aberto o caminho para a barbarização fascista.

## II

**Der Humanismus der deutschen Klassik**

Die deutsche Klassik ist der ideologische Reflex in der Elite des deutschen Volks auf die Ereignisse der Französischen Revolution, ihrer Vorbereitungen und ihrer Folgen. Diese sehr einfache und historisch klare Feststellung befindet sich im schroffen Gegensatz zu der ganzen bürgerlichen reaktionären Auffassung der ideologischen Blütezeit Deutschlands. Das Zerreißen dieses Zusammenhanges, wogegen in der neueren Zeit der einzige Franz Mehring energisch kämpfte, war die Grundlage aller rückschrittlichen Legendenbildung um die deutsche Klassik. In diesen Legenden wird vorerst ihre Beziehung zur Aufklärung verzerrt und verdunkelt, indem deutsche Klassik und englisch-französische Aufklärung zueinander in einen Gegensatz gebracht wurden. Es ist verständlich, daß der Faschismus, der alle fortschrittlichen Traditionen rücksichtslos zu vertilgen oder zu verfälschen bemüht ist, von der Verzerrung dieses Zusammenhanges den größten Nutzen zieht.

Es muß also gleich eingangs festgestellt werden, daß die Auffassung, als ob der klassische Humanismus Deutschlands einen Kampf gegen die Aufklärung geführt hätte, vom Grunde auf unrichtig, den Tatsachen nicht entsprechend ist. Wohl polemisierten die Hauptideologen dieser Periode teilweise gegen die deutschen Formen der Aufklärung. Um aber den Charakter dieser Streitigkeiten richtig zu verstehen, müssen wir uns über den sozialen Charakter der deutschen Aufklärung in der Mitte des 18. Jahrhunderts und besonders an seinem Ende im klaren sein. Das spezifische Wesen dieser deutschen Aufklärung bestand in der Anpassung des Kleinbürgertums und vor allem seiner Intelligenz an den Kleinstaatsabsolutismus, im Versuch, die krassesten Formen seiner feudalen Seiten zu mildern, zu reformieren und sie dem deutsch-kleinbürgerlichen „Verstand“ anzupassen. In diesen Reformversuchen haben die deutschen Aufklärer sich mancherlei Verdienste erworben, und wer die Geschichte des klassischen Humanismus einigermaßen im Detail kennt, weiß, daß viele seiner führenden Vertreter in manchen Fragen mit

## II

**O humanismo do classicismo alemão**

O classicismo alemão é o reflexo ideológico na elite do povo alemão dos acontecimentos da Revolução Francesa, seus preparativos e suas consequências. Essa constatação muito simples e historicamente clara situa-se em rigorosa oposição com toda a concepção reacionária burguesa do apogeu ideológico da Alemanha. A desconexão dessa conexão, contra a qual Franz Mehring foi o único que lutou energicamente nos últimos tempos, era o fundamento de toda a formação de lendas obscurantistas sobre o classicismo alemão. Nestas lendas, sua relação com o Iluminismo é distorcida e obscurecida, ao tempo que o classicismo alemão e o Iluminismo franco-inglês foram colocados, um com o outro, em uma oposição. É compreensível que o fascismo, que se esforça impiedosamente para destruir ou falsear todas as tradições progressistas, tire o maior proveito da distorção dessa conexão.

Portanto, desde o início, deve-se igualmente constatar que a concepção de que o humanismo clássico da Alemanha teria conduzido a uma luta contra o Iluminismo é fundamentalmente incorreta e não corresponde aos fatos. Certamente, os principais ideólogos deste período polemizaram em parte contra as formas alemãs do Iluminismo. No entanto, para entendermos corretamente o caráter dessas disputas, devemos ser claros sobre o caráter social do Iluminismo alemão em meados do século XVIII e, especialmente, em seu final. A essência específica deste Iluminismo alemão consistia na adequação da pequena burguesia e, sobretudo, de sua *intelligentsia* ao absolutismo dos pequenos Estados, na tentativa de amenizar e

reformar as formas mais flagrantes de seu lado feudal, e adaptá-lo ao “entendimento” pequeno-burguês alemão. Nessas tentativas de reforma, os iluministas alemães ganham muitos méritos, e quem quer que conheça a história do humanismo clássico razoavelmente em detalhes, sabe que muitos de seus principais representantes estiveram em algumas questões em conformidade com

ihnen konform gingen und sich von ihnen oft nur durch größere Entschiedenheit unterschieden. Trotz dieser Verdienste ist die Ideologie der deutschen Aufklärung eng, philisterhaft und führt letzten Endes oft zu einer kleinlichen Idealisierung der vorhandenen politischen, sozialen und ideologischen Miserabilität.

Der klassische Humanismus Deutschlands ist von Anfang an eine Oppositionsbewegung, der ideologische Versuch der Sammlung aller bürgerlichen Kräfte gegen den Kleinstaatsabsolutismus. Er ist vor allem die erste ideologische Formulierung des Strebens nach nationaler Einheit, wenn auch freilich vorerst nur auf kulturellen Gebieten, in ideologischer, histori[s]ierender Form (Hamburgische Dramaturgie, Götz von Berlichingen). In ihm kommt zum erstenmal in Deutschland die Verherrlichung früherer bürgerlich-demokratischer Revolutionen und ihrer Ideologie zum Ausdruck (die Rezeption Miltons, des großen Dichters der englischen Revolution durch Klopstock, die Dramen des jungen Schiller und seine Geschichte der niederländischen Revolution, Egmont). Er formuliert zum erstenmal in Deutschland den konkreten sozialen und moralischen Kampf gegen die Verkommenheit und Nichtswürdigkeit des Feudalabsolutismus der Kleinfürstentümer (Emilia Galotti, Kabale und Liebe). Zugleich aber - und hier geht er nicht nur an Radikalität, sondern der Richtung nach qualitativ über die deutsche Aufklärung hinaus - gibt er eine außerordentlich scharfe Kritik des bürgerlichen (klein- bürgerlich-philisterhaften) Lebens in Deutschland. Dabei jedoch erhebt sich der kritische Realismus der deutschen Humanisten bis zur Darstellung der Widersprüche der bürgerlichen Gesellschaft selbst; und zwar nicht nur in direkt kritisch angreifenden Gestaltungen, wie [den] Dramen des jungen Lenz, sondern in „prophetischer“ Aufdeckung solcher Widersprüche der bürgerlichen Gesellschaft, die sich auch in den kapitalistisch entwickelteren Ländern erst in dieser Periode zu zeigen begannen, die erst im 19. Jahrhundert allgemein offenkundig geworden sind (Werther). Daran schließt sich eine großangelegte positive Darstellung des neuen Menschen der entstehenden bürgerlichen Gesellschaft [an], in seinen Kämpfen mit der alten Wirklichkeit, mit seinen inneren Widersprüchen (Minna von Barnhelm, Nathan, Faust, Prometheus etc.).

eles e frequentemente se diferenciaram deles somente através de grande resolutibilidade. Apesar desses méritos, a ideologia do Iluminismo alemão é estreita, filisteia e, por último, conduz muitas vezes a uma idealização da miserabilidade ideológica e social, politicamente existente.

O humanismo clássico na Alemanha é, desde o início, um movimento de oposição, a tentativa ideológica de compilação de todas as forças burguesas contra o absolutismo dos pequenos Estados. É, sobretudo, a primeira formulação ideológica de aspiração pela unidade nacional, ainda que inicialmente, em forma ideológica, histórica, apenas em setores culturais (*Dramaturgia de Hamburgo, Götz von Berlichingen*). Nele, manifesta-se pela primeira vez na Alemanha o enaltecimento das revoluções democrático-burguesas anteriores e sua ideologia (a recepção de Milton, o grande poeta da Revolução Inglesa, por Klopstock, os dramas do jovem Schiller e sua história da Revolução Holandesa, Egmont). Ele formulou pela primeira vez na Alemanha a luta social e moral concreta contra a degradação e a vergonha do absolutismo feudal dos pequenos principados (*Emília Galotti, Intriga e Amor*). Mas, ao mesmo tempo, — e aqui ele não diz respeito apenas à radicalidade, mas à direção qualitativamente além do Iluminismo alemão —, fornece uma crítica extraordinariamente aguda da vida burguesa (pequeno-burguesa-filisteia) na Alemanha. Com isso, o realismo crítico dos humanistas alemães eleva-se, no entanto, até a descrição das contradições da própria sociedade burguesa; e, vale dizer, não apenas em criações diretamente críticas e ofensivas, como os dramas do jovem Lenz, mas em revelação “profética” de tais contradições da sociedade burguesa, que também só começaram a se mostrar nos países capitalisticamente desenvolvidos apenas nesse período, que, em geral, só se tornaram manifesto no século XIX (*Werther*). Isto se conecta a uma descrição amplamente positiva do novo ser humano na emergente sociedade burguesa, em suas lutas com a velha realidade, com suas contradições internas (*Minna von Barnhelm, Nathan, Fausto, Prometeu* etc.).

Durch diese Breite und Entschiedenheit steht also der klassische Humanismus in Opposition zur deutschen Aufklärung, bedeutet das Überwinden ihrer Zaghaftigkeit, Philisterhaftigkeit, ihres engen und beschränkten Horizonts. Dagegen steht die ganze deutsche humanistische Bewegung - bewußt - auf den Schultern der französisch-englischen Aufklärung, ist ihre würdige Fortsetzerin, hebt ihre Probleme oft auf ein höheres Niveau. Nur in einer Frage, in der der materialistischen Philosophie, fällt der deutsche Humanismus hinter seine englisch-französischen Vorbilder zurück. Dies ist eine Folge der ökonomischen Zurückgebliebenheit Deutschlands, wo die Entwicklung der materiellen Produktivkräfte, die soziale Basis der Entwicklung und Ausbreitung der materialistischen Philosophie, noch notwendig fehlen mußte. Soweit der Materialismus nach Deutschland eindrang, erschien er in seiner höfisch-aristokratischen, nicht in seiner demokratisch-revolutionären Form. (Man denke an die Sympathie am Hofe Friedrichs II. für den französischen Materialismus.) So konnte in Deutschland die karikaturhafte Bekämpfung des höfischen Materialismus mit seinem moralischen Nihilismus in der Figur des Franz Moor in Schillers „Räubern“ entstehen. Aber so falsch und ungerecht dieser Angriff vom Standpunkt des allgemeinen philosophischen Fortschritts auch sein mag, so sehr sich hierin die soziale Zurückgebliebenheit Deutschlands widerspiegelt, ist diese Gestalt wiederum ein heftiger und leidenschaftlicher Angriff gegen den Feudalabsolutismus der deutschen Höfe, befindet sich also darum in keinem ausschließenden Gegensatz zu den gesellschaftlichen Grundtendenzen der französischen Aufklärung.

Es gibt noch eine Reihe hauptsächlich ästhetischer Fragen, in welchen die deutschen Humanisten gegen einzelne Vertreter der französischen Aufklärung, vor allem gegen Voltaire, Stellung nahmen. Hier vertraten sie jedoch vom Standpunkt der internationalen Formierung der bürgerlichen Klasse den höheren Standpunkt, eine entschiedenere Absage an die Traditionen der absoluten Monarchie, in denen Voltaire noch teilweise befangen war. Wenn Lessing, Herder, der junge Goethe gegen Voltaires Mißachtung Shakespeares und Homers scharf Stellung nahmen, so haben sie nicht nur sachlich, sozial wie ästhetisch, recht behalten, sondern repräsentierten

Para o humanismo clássico, estar em oposição ao Iluminismo alemão devido a essa amplitude e resolutibilidade significativa, pois, a ultrapassagem de sua pusilanimidade, de seu filisteísmo, de seus horizontes estreitos e limitados. Contrariamente, todo o movimento humanista alemão está — conscientemente — sobre os ombros do Iluminismo

franco-inglês, é seu continuador digno, elevando com frequência seus problemas a um nível superior. Apenas em uma questão, a da filosofia materialista, o humanismo alemão fica para trás de seus modelos franco-inglês. Isto é uma consequência do atraso econômico da Alemanha, onde o desenvolvimento de forças produtivas materiais, a base social para o desenvolvimento e a expansão da filosofia materialista estavam ainda necessariamente ausente. À medida que o materialismo penetrou na Alemanha, ele apareceu em sua forma cortês-aristocrática, não em sua forma democrático-revolucionária. (Pense-se na simpatia pelo materialismo francês na corte de Frederico II.) Assim, na Alemanha, a luta caricatural do materialismo cortesão com seu niilismo moral podia ser vista na figura de Franz Moor em *Os bandoleiros*, de Schiller. Porém, por falso e injusto que possa ser esse ataque desde o ponto de vista do progresso filosófico geral, por mais que reflita nisso o atraso social da Alemanha, essa forma é em compensação um ataque violento e apaixonado contra o absolutismo feudal das cortes alemãs; por isso, não se situa em oposição excludente às tendências sociais de fundo do Iluminismo francês.

Há ainda uma série de questões principalmente estéticas nas quais os humanistas alemães tomaram posição contra representantes singulares do Iluminismo francês, especialmente contra Voltaire. No entanto, aqui, do ponto de vista da formação internacional da classe burguesa, eles adotaram o ponto de vista mais alto, uma recusa decidida às tradições da monarquia absolutista, na qual Voltaire ainda estava parcialmente enredado. Quando Lessing, Herder, o jovem Goethe tomaram uma posição firme contra o desprezo de Voltaire por Shakespeare e Homero, eles não tinham razão apenas factual, social e esteticamente, mas representavam

Voltaire gegenüber einen höheren, revolutionären Standpunkt der Aufklärung und befanden sich im vollen Einklang mit bestimmten Aufklärungstendenzen in England. Die reaktionäre bürgerliche Legendenfabrikation klammert sich immer wieder an diese Einzelheiten, verkennt ihr soziales Wesen und konstruiert daraus einen ausschließenden Gegensatz zwischen der revolutionären Ideologie des europäischen Bürgertums der Aufklärung und dem deutschen Humanismus. Man muß aber, zur kurzen Ergänzung unserer bisherigen Ausführungen, daran denken, daß Aufklärer wie Diderot und Rousseau, wie Shaftesbury, Fielding und Sterne grundlegend für die Entstehung und Herausbildung des klassischen deutschen Humanismus gewesen sind und ihr Einfluß von seinen wichtigen Vertretern nie bestritten, sondern im Gegenteil begeistert bejaht wurde.

Selbstverständlich ist der klassische deutsche Humanismus nicht revolutionär im Sinne der französischen Aufklärung. Die deutschen Verhältnisse drängten ja damals noch lange nicht in die Richtung des Schaffens der objektiven Vorbedingungen einer bürgerlich-demokratischen Revolution wie in Frankreich oder zu einer „industriellen Revolution“ wie in England. (Wobei freilich nicht zu vergessen ist, daß der größte Teil der französischen Aufklärer zwar objektiv-ideologisch durch sein ganzes Lebenswerk die bürgerliche Revolution gedanklich vorzubereiten half, persönlich jedoch keineswegs auf dem Standpunkt eines gewaltsamen Umsturzes stand.) Die politischen Ziele der deutschen Humanisten sind, der Zurückgebliebenheit ihrer politisch-sozialen Wirklichkeit entsprechend, oft verworren, ja philisterhaft beschränkt. Ähnliche Grenzen zeigt auch zuweilen ihre politische und gesellschaftliche Kritik. In alledem offenbart sich die Zurückgebliebenheit Deutschlands, die Enge und Kleinlichkeit seiner sozialen Verhältnisse. Diese Zurückgebliebenheit reflektiert sich auch darin, daß bei ihnen die religiöse, ästhetische und moralische Kritik der Verhältnisse vor der rein sozialen und politischen vorherrscht; und zwar nicht nur aus Gründen des äußeren Druckes von Seiten des Absolutismus, der die Menschen zwang, ihre Angriffe versteckt, auf Umwegen zu machen, sondern auch darum, weil viele Mißstände und Widersprüche des gegebenen gesellschaftlichen Zustandes für die

Voltaire em relação a um ponto de vista mais elevado e revolucionário do Iluminismo e estavam em plena concordância com determinadas tendências do Iluminismo na Inglaterra. A fabricação de lendas burguesas reacionárias agarra-se repetidamente a esses detalhes, desconhece a sua essência social e constrói daí uma oposição excludente entre a ideologia revolucionária da burguesia europeia do Iluminismo e o humanismo alemão. No entanto, para complemento breve de nossas explicações até agora, deve-se lembrar que iluministas como Diderot e Rousseau, como Shaftesbury, Fielding e Sterne, foram fundamentais para o surgimento e a formação do humanismo clássico alemão, e sua influência nunca foi contestada por seus representantes importantes, mas, pelo contrário, foi afirmada com entusiasmo.

Evidentemente, o humanismo alemão clássico não é revolucionário no sentido do Iluminismo francês. Nessa altura, as relações alemãs estavam, sim, longe de se apressarem na direção de criar as pré-condições objetivas para uma revolução democrático-burguesa como na França ou para uma “Revolução Industrial” como na Inglaterra. (No entanto, não se deve esquecer que a maior parte dos iluministas franceses, ainda que objetiva e ideologicamente, através de sua obra de vida, ajudaram a preparar intelectualmente a revolução burguesa, contudo, pessoalmente, de modo algum eram pelo ponto de vista de uma sublevação violenta.) Os objetivos políticos dos humanistas alemães são, correspondentemente ao atraso de sua realidade política e social, frequentemente confusos, mesmo filisteamente limitados. Suas críticas políticas e sociais às vezes mostram limites semelhantes. Em tudo isso se revela o atraso da Alemanha, a estreiteza e a mesquinhez de suas relações sociais. Esse atraso se reflete também em que, com ele, a crítica religiosa, estética e moral das relações prevalece sobre a crítica puramente social e política; e não apenas com base na pressão externa por parte do absolutismo, que forçou as pessoas a desvios para encobrir seus ataques, mas também porque muitos abusos e contradições da condição social dada

deutschen Humanisten auf religiösen, ästhetischen und moralischen Gebieten leichter und adäquater erfassbar waren als unmittelbar sozial und politisch. All dies ergibt eine gewisse Abstraktheit der Kritik der gesellschaftlichen Verhältnisse. Es ist weniger der irdische und reale Klassenkampf als eine Art „Geisterschlacht in den Lüften“, die hier durchgeföhrt wird. Betrachtet man aber aufmerksam den wirklichen Gehalt dieser Kämpfe, so läßt sich diese Abstraktheit unschwer ins Irdisch-Konkrete übersetzen.

Da Deutschland, wie Marx vom 19. Jahrhundert sagt, nicht nur daran litt, daß sein Kapitalismus zurückgeblieben war, sondern auch daran, daß er ein Kapitalismus war, erscheint bei den klassischen Humanisten Deutschlands die bürgerliche Gesellschaft nicht nur in ihren zurückgebliebenen deutschen Formen, sondern in ihrer realen Widersprüchlichkeit. Die deutsche Klassik setzt hier das Werk der letzten Ausläufer der französisch-englischen Aufklärung fort, Rousseaus, Sternes und des Diderot von „Rameaus Neffen“, bei denen die Widersprüche der bürgerlichen Gesellschaft zum erstenmal nicht als vereinzelte Erscheinungen, nicht als zufällige Mißgeschicke, sondern als wesensnotwendige Züge dieser Gesellschaft erscheinen. Und die Größe der deutschen Humanisten besteht nicht zuletzt darin, daß sie diese Widersprüche, die in der äußerst unentwickelten bürgerlichen Gesellschaft Deutschlands naturgemäß ebenfalls nur in unentwickelter Keimform vorhanden sein konnten, dennoch auf einem sehr hohen gedanklichen und moralischen Niveau erfaßt und dargestellt haben. Dazu trägt – paradoxerweise – ebenfalls die Unentwickeltheit der deutschen Verhältnisse bei. Da im zurückgebliebenen Deutschland, wo es nach den Worten von Marx nur verwesende Stände und noch nicht geborene Klassen gab, notwendigerweise auch der Klassenkampf und das Klassenbewußtsein (auch der herrschenden Klasse) unentwickelt sein mußte[n], konnten bedeutende und unerschrockene Männer die Widersprüche der bürgerlichen Gesellschaft, besonders in der von uns bereits angedeuteten abstrakten Weise, mit einer rücksichtsloseren Energie und Konsequenz zu Ende denken und gedanklich austragen, wie dies zuweilen in den Ländern der Heimat der Aufklärung möglich gewesen ist. So übertrifft in seiner Darstellung der Widersprüche der kapitalistischen

eram mais fácil e adequadamente compreensíveis para os humanistas alemães nos âmbitos religiosos, estéticos e morais do que diretamente social e politicamente. Tudo isso resulta em uma determinada abstração da crítica das relações sociais. É menos a luta de classes terrenal e real do que uma espécie de “combate espiritual no ar”, que é travado aqui. Mas, se se observa atentamente o conteúdo real dessas lutas, essa abstração deixa-se facilmente traduzir em concreto-terrenal.

Dado que a Alemanha, como disse Marx no século XIX, não sofria apenas porque o seu capitalismo era atrasado, mas também porque era um capitalismo, a sociedade burguesa aparece nos humanistas clássicos da Alemanha não apenas em suas formas atrasadas, mas na sua contraditoriedade real. O classicismo alemão continua a obra dos últimos afluentes do Iluminismo franco-inglês, Rousseau, Sterne e Diderot de *O sobrinho de Rameau*, nos quais as contradições da sociedade burguesa aparecem, pela primeira vez, não como fenômenos isolados, não como infortúnios casuais, mas sim como traços necessariamente essenciais dessa sociedade. E a grandeza dos humanistas alemães consiste sobretudo em que eles compreenderam e descreveram essas contradições que na sociedade burguesa muito pouco desenvolvida da Alemanha, naturalmente, só podiam existir também apenas em uma forma de germe pouco desenvolvida, embora em um nível intelectual e moral muito elevado. Para isso, contribui também — paradoxalmente — o não desenvolvimento das relações alemãs. Como na Alemanha atrasada, onde, segundo as palavras de Marx, só havia classes em decomposição e classes ainda não nascidas, a luta de classes e a consciência de classe (também da classe dominante) tinham de ser necessariamente também pouco desenvolvidas, homens significativos e intrépidos podiam pensar e discutir intelectualmente até o fim, com uma desabalada energia e consequência, sobre as contradições da sociedade burguesa, especialmente no modo abstrato por nós anteriormente já indicado, como por vezes tinha sido possível nos países da terra natal do Iluminismo. Assim, em sua descrição das contradições da sociedade capitalista,

Gesellschaft Goethes „Werther“ seine Vorbilder Richardson und Rousseau, so übernimmt der junge Hegel von den englischen Ökonomen die richtige Auffassung der kapitalistischen Gesellschaft, erkennt jedoch in ihr eine Widersprüchlichkeit, die einem Adam Smith notwendig verborgen bleiben mußte. Hier ist für den deutschen Humanismus die positive Kehrseite der Zurückgebliebenheit Deutschlands in ökonomischer, politischer und sozialer Hinsicht. Indem die deutschen Humanisten die sich aus dieser Lage ergebenden Vorteile so weit wie möglich ausschöpfen, sind sie die würdigsten Erben und Erfüller der englisch-französischen Aufklärung.

Alle die hier geschilderten Tendenzen steigern sich durch die Einwirkung der Französischen Revolution. Die Reflexe dieses Weltereignisses auf Deutschland schaffen die eigentliche deutsche Klassik, führen eine Periode herbei, die bereits in aller Entschiedenheit über die Aufklärung als eine höhere Entwicklungsstufe des menschlichen Geistes hinausgeht. Auch über diese Beziehung der deutschen Klassik zur Französischen Revolution müssen eine Reihe von reaktionären Legenden zerstört werden. Infolge der Zurückgebliebenheit Deutschlands, infolge der Gebundenheit der meisten deutschen Humanisten an die Lebensformen des kleinstaatlichen Absolutismus kann man bei vielen von ihnen kleinliche, philisterhafte Äußerungen über die Französische Revolution (besonders über die Periode 1792/94) finden; so z. B. vor allem bei Goethe selbst. Es ist natürlich, daß die bürgerlich-reaktionäre Darstellung des klassischen deutschen Humanismus sich an solche Äußerungen klammert und von hieraus die Beziehung dieser Glanzperiode der deutschen Entwicklung zur Französischen Revolution konstruieren möchte.

Diese Äußerungen sind nur insofern wirklich bezeichnend und historisch wesentlich, als sie klar den Tatbestand bezeichnen, daß die deutschen Humanisten keine plebejischen Revolutionäre, keine Anhänger der plebejischen, der jakobinischen Durchführung der bürgerlich-demokratischen Revolution gewesen sind; wenigstens nicht die meisten Gipfelgestalten dieser Periode (aber z.B. Fichte trat als philosophischer Verteidiger des Jakobinismus auf, Georg Förster starb im Pariser Exil für seine jakobinischen Überzeugungen). Es ist jedoch richtig, daß dies nicht die gedankliche und philosophische Hauptlinie

o *Werther* de Goethe supera seus modelos Richardson e Rousseau; também o jovem Hegel adotou a concepção correta da sociedade capitalista dos economistas ingleses, todavia, reconheceu nela uma contraditoriedade que necessariamente teria permanecido oculta em um Adam Smith. Aqui está para o humanismo alemão o aspecto positivo do atraso da Alemanha em termos econômicos, políticos e sociais. À medida que os humanistas alemães, tanto quanto possível, aproveitam ao máximo das vantagens dessa situação, eles são os herdeiros e realizadores mais dignos do Iluminismo franco-inglês.

Todas as tendências descritas aqui crescem-se através da influência da Revolução Francesa. Os reflexos deste acontecimento mundial sobre a Alemanha criam o classicismo alemão original e levam a um período que já ultrapassa em toda a resolutibilidade o Iluminismo como um patamar superior do desenvolvimento do espírito humano. Também têm de ser destruídas as várias lendas reacionárias sobre essa relação entre o classicismo alemão e a Revolução Francesa. Devido ao atraso da Alemanha, devido ao apego da maioria dos humanistas alemães às formas de vida do absolutismo pequeno-estatal, em muitos deles se podem encontrar observações mesquinhas e filisteias sobre a Revolução Francesa (especialmente sobre o período de 1792/1794); assim, por exemplo, especialmente no próprio Goethe. É natural que a descrição burguês-reacionária do humanismo clássico alemão se apegue a tais observações e daqui em diante queira construir a relação desse período de esplendor do desenvolvimento alemão com a Revolução Francesa.

Essas observações são realmente significativas e historicamente essenciais apenas na medida em que designam claramente o estado de fato: que os humanistas alemães não eram revolucionários plebeus, nem adeptos da realização plebeia, jacobina da revolução democrático-burguesa; pelo menos não a maioria das figuras de destaque desse período (mas, por exemplo, Fichte se apresentou como um defensor filosófico do jacobinismo, enquanto Georg Förster morreu no exílio em Paris por suas convicções jacobinas). É certo, porém, que essa não era a principal linha filosófica e intelectual



der deutschen Klassik, die Linie der Goethe und Schiller, der Kant und Hegel gewesen ist. Diese sahen in der Französischen Revolution - als Gesamtprozeß betrachtet - einen ungeheuren Schritt, den das Menschengeschlecht nach vorwärts tat, sie haben stets diesen Schritt als eine Grundlage des neuen Lebens, als eine unvermeidliche Etappe der Menschheitsentwicklung betrachtet.

Am bewußtesten historisch ist diese Auffassung der Französischen Revolution bei Hegel sichtbar; noch im späteren Alter, als er sich bereits mit der preußischen Entwicklung „versöhnt“ hatte, nennt er die Französische Revolution einen „herrlichen Sonnenaufgang. Alle denkenden Wesen haben diese Epoche mitgefeiert. Eine erhabene Rührung hat in jener Zeit geherrscht, ein Enthusiasmus des Geistes hat die Welt durchschauert, als sei es zur wirklichen Versöhnung des Göttlichen mit der Welt nun erst gekommen.“<sup>5</sup> Und Goethe, über dessen mißlungene Lustspiele, die die Karikierung des deutschen Jakobinismus zum Gegenstand haben, die reaktionäre Literaturgeschichte so viel Wesens macht, erkennt sehr bald die Bedeutung dieses Weltereignisses; schon 1797 schreibt er an einen Freund, daß er, der große Liebhaber Italiens, lieber nach Paris als nach Italien fahren würde, denn die Schmetterlinge in Paris interessierten ihn mehr als die bloßen Raupen in Italien. Und im späten Alter schreibt er seinem Freund, dem gewesenen Napoleonischen Gesandten Graf Reinhard, daß die Französische Revolution ein Thema sei, das ihn ununterbrochen beschäftige, von dem er nicht loskomme, das er jedoch auch nicht vollkommen bewältigen könne. Wie sehr Goethe schon am Ende des 18. Jahrhunderts die Französische Revolution in ähnlicher Weise wie Hegel aufgefaßt hat, zeigen einige Zeilen des bürgerlichen Epos „Hermann und Dorothea“:

Denn wer leugnet es wohl, daß hoch sich das Herz ihm erhoben,  
Ihm die freiere Brust mit reineren Pulsen geschlagen,  
Als sich der erste Glanz der neuen Sonne heranhob,  
Als man hörte vom Rechte der Menschen, das Allen gemein sei,  
Von der begeisternden Freiheit und von der löblichen Gleichheit!

<sup>5</sup> Hegel, Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte. Berlin 1840, S. 535f.; HSWG 11, S. 557 f.

do classicismo alemão, a linha de Goethe e Schiller, de Kant e Hegel. Estes viram na Revolução Francesa — considerada como processo como um todo — um enorme passo adiante dado pela humanidade, considerando-se sempre esse passo como uma base da nova vida, como uma etapa inevitável do desenvolvimento da humanidade.

Historicamente, essa concepção da Revolução Francesa é mais conscientemente visível em Hegel; mesmo mais tarde, quando ele já tinha “se reconciliado” com o desenvolvimento da Prússia, chama a Revolução Francesa de “esplêndido nascer do sol. Todos os seres pensantes celebraram juntos esta época. Uma comoção sublime dominou nesse momento, um entusiasmo do espírito resplandeceu pelo mundo como se a verdadeira reconciliação do divino com o mundo acabasse de acontecer.”<sup>5</sup> E Goethe, cujas comédias malogradas, que têm como tema a caricatura do jacobinismo alemão, tornando tão essencial a história da literatura reacionária, reconhece muito rapidamente a significação desse acontecimento mundial; já em 1797 escreve a um amigo que ele, o grande amante da Itália, preferia ir à Paris do que à Itália, visto que as borboletas em Paris lhe interessariam mais do que as meras lagartas na Itália. E, mais tarde, escreve a seu amigo, o ex-enviado napoleônico Conde Reinhard, que a Revolução Francesa era um tema que o mantinha ocupado, do qual não se desvencilhava, mas que não podia dominar completamente. O quão Goethe, já ao final do século XVIII, compreendia a Revolução Francesa à semelhança de Hegel mostram algumas das linhas da epopeia burguesa *Hermann e Dorothea*:

Quem nega que seu coração se elevou alto,  
seu peito livre bateu com latejos mais puros,  
ao raiar do primeiro brilho do novo sol,  
quando se ouvia de direitos humanos, que eram comuns a todos,  
da liberdade inspiradora e da igualdade louvável!

<sup>5</sup> Hegel. *Introdução à filosofia da história*.

Damals hoffte Jeder sich selbst zu leben; es schien sich Aufzulösen das  
Band, das viele Länder umstrickte,  
Das der Müßiggang und der Eigennutz in der Hand hielt.  
Schauten nicht alle Völker in jenen drängenden Tagen Nach der Haupt-  
stadt der Welt, die es schon so lange gewesen, Und jetzt mehr als je den herrli-  
chen Namen verdiente? <sup>6</sup>

Wir wiederholen, diese positive und befruchtende Einwirkung der Französischen Revolution bezieht sich auf das Ganze der Periode, bezieht sich also auch auf Napoleon I., den die deutschen Humanisten als Erben und Vollstrecker der Französischen Revolution aufgefaßt haben. Auch hier gilt es, die reaktionären Geschichtslegenden zu zerstören. Die Sympathie besonders Goethes und Hegels für Napoleon ist so offenkundig, daß sie unmöglich weggeleugnet werden kann. Man deutet sie deshalb in dem Sinne um, als ob „das Genie“ Goethe eben bloß „das Genie“ Napoleon bewundert hätte. Wir müssen dagegen daran erinnern, daß die Napoleonischen Eroberungen in Deutschland, die Schaffung des Rheinbundes mit der energischen Liquidation der feudalen Überreste verknüpft waren, daß Napoleon in Deutschland vielfach wirklich als Vollstrecker des Erbes der Französischen Revolution, des Kampfes gegen den Feudalabsolutismus aufgetreten ist.

Goethe und Hegel haben auch, soweit die Verhältnisse dies gestatteten, ihre politische Sympathie mit Napoleon und seinem System in Deutschland durchaus nicht verheimlicht. Sie kommt am deutlichsten zum Ausdruck in ihrer Ablehnung der Befreiungskriege, in ihrem ununterbrochenen bitteren Spott über die kurzsichtigen Illusionen jener Patrioten, die von feudalabsolutistischen Militärmächten eine wirkliche Befreiung Deutschlands erwarteten. Zur Zeit des Rheinbundes, als Hegel Redakteur einer Zeitung in Bamberg war, verfolgt er gespannt die Verhandlungen der süddeutschen Rheinbundfürsten mit Napoleon über die innere Ordnung ihrer Staaten. Er hofft nichts von den deutschen Fürsten und setzt seine Hoffnung einzig darauf, daß der „große Staatsrechtslehrer in Paris“ mit seinem Machtwort die inneren Fragen Deutschlands im fortschrittlichen Sinne regeln würde. In diesem Sinne muß man den bekannten Ausspruch Hegels zur Zeit der Schlacht von Jena, daß er in Napoleon „die Weltseele reiten

<sup>6</sup> Goethe, Hermann und Dororthea, VI. Gesang.

Naquele tempo, todos esperavam viver por si mesmos; parecia-se  
desfeito o liame que muitos países tricotava,  
que a ociosidade e o interesse próprio tinha à mão.  
Naqueles dias, não olhavam todos os povos com insistência para a capital  
do mundo que há tanto tempo, e agora mais que nunca, tinha merecido o mag-  
nífico nome? <sup>6</sup>

Repetimos que esse efeito positivo e fecundo da Revolução Francesa se refere a todo o período e, portanto, também se refere a Napoleão I, que os humanistas alemães consideravam como herdeiro e executor da Revolução Francesa. Aqui também é válido destruir as lendas da história reacionária. A simpatia especialmente de Goethe e Hegel por Napoleão é tão evidente que não pode ser negada. Portanto, ela é interpretada no sentido de que “o gênio” Goethe teria simplesmente admirado “o gênio” Napoleão. Devemos recordar, ao contrário disso, que as conquistas napoleônicas na Alemanha, a criação da Confederação do Reno estavam associadas à liquidação enérgica dos resquícios feudais; que, na Alemanha, Napoleão se comportou em muitos casos realmente como executor do legado da Revolução Francesa, da luta contra o absolutismo feudal.

Goethe e Hegel, tanto quanto as relações lhes permitiam, não dissimularam sua simpatia política por Napoleão e seu sistema na Alemanha. Ela se expressa mais claramente em suas recusas às guerras de libertação, em suas gozações incessantemente amargas das ilusões míopes daqueles patriotas que esperavam a libertação real da Alemanha das potências militares absolutistas feudais. Na época da Confederação do Reno, quando Hegel era o editor de um jornal em Bamberg, ele segue com interesse as negociações dos príncipes da Confederação do Reno do sul alemão com Napoleão sobre a ordem interna de seus Estados. Ele não espera nada dos príncipes alemães e coloca sua esperança unicamente em que o “grande mestre de Direito público em Paris”, com sua autoridade, regularia as questões internas da Alemanha em um sentido progressista. Neste sentido, deve ser entendido o conhecido dito de Hegel, na época da Batalha de Iena, que ele viu em Napoleão “a alma do mundo a cavalo”;

<sup>6</sup> Goethe. *Hermann e Dororthea*.

sah“, auffassen; in diesem Sinne ist auch die Bewunderung Goethes für „das Genie“ Napoleons zu verstehen.

Die deutsche Klassik reflektiert also – in dem oben angedeuteten abstrahierenden Sinn – die Gesamtentwicklung der Französischen Revolution als einen einheitlichen und zusammenhängenden Prozeß. Und durch das hohe Verständnis für einzelne allerwesentlichste Bestimmungen dieses Prozesses kommt die deutsche Klassik endgültig über die Aufklärung hinaus, nimmt eine geistig-historische Position ein, die sich im bestimmten Sinn in eine Parallele zu den ersten großen Utopisten setzt und sie damit zu einer der drei Quellen des Marxismus macht.

Wir können hier selbstredend nicht das Gedankensystem der deutschen Klassik, besonders das Goethes und Hegels, auch nur andeutend darstellen, wir müssen uns auf das Aufzeigen eines Hauptmomentes beschränken. Engels zeigt, besonders im „Antidürring“, die wichtigste ideologische Wendung, die die große Französische Revolution hervorgerufen hat: das Vernunftreich der Aufklärung hat sich als Reich der Bourgeoisie, als Reich des Kapitalismus erwiesen, und es sind in ihm alle Widersprüche des Kapitalismus ökonomisch, sozial, politisch und ideologisch zutage getreten. Aus der Erkenntnis dieser Widersprüchlichkeit entstehen in Frankreich die großen utopischen Systeme Saint-Simons und Fouriers, aus dieser Quelle entsteht bei ihnen die utopisch geforderte Notwendigkeit des Sozialismus. Die deutsche Klassik, vor allem das Lebenswerk Goethes und Hegels, geht weder politisch noch sozial über den Horizont der bürgerlichen Gesellschaft hinaus; die deutschen Klassiker sind als Ideologen notwendigerweise Vorbereiter der bürgerlichen Umwälzung des feudalabsolutistischen Deutschlands. Aus der paradoxen Lage jedoch, daß sie als Deutsche vorrevolutionäre Ideologen, als tiefe Beobachter der internationalen Weltbegebenheiten nachrevolutionäre Denker bzw. Dichter sind, entsteht eine besondere Auffassung der Gesellschaft und Geschichte bei ihnen, die einen Gipfelpunkt der fortschrittlichen Periode der bürgerlichen Entwicklung bedeutet.

Wir wiederholen: Goethe und Hegel haben, sozial angesehen, keinen Horizont, der über die bürgerliche Gesellschaft hinausweisen würde, aber sie fassen die bürgerliche Gesell-

neste sentido deve ser entendida também a admiração de Goethe pelo “gênio” de Napoleão.

O classicismo alemão reflete, pois, — no sentido abstrato mencionado acima —, o desenvolvimento como um todo da Revolução Francesa como um processo unitário e interligado. E devido ao alto nível de compreensão das disposições individuais mais essenciais desse processo, o classicismo alemão vai definitivamente além do Iluminismo, ocupa uma posição histórico-espiritual que, em certo sentido, situa-se em paralelo com os primeiros grandes utópicos e, com isso, tornar-se uma das três fontes do marxismo.

Claro que não podemos aqui nem sequer descrever rapidamente o sistema de pensamento do classicismo alemão, especialmente o de Goethe e Hegel; temos de nos limitar a evidenciar um elemento principal. Engels mostra, especialmente em *Antidürring*, a virada ideológica mais importante que a grande Revolução Francesa provocou: o reino da razão do Iluminismo revelou-se como o *Reich* da burguesia, o império do capitalismo, e afloraram nele econômica, social, política e ideologicamente todas as contradições do capitalismo. A partir do reconhecimento dessa contraditoriedade surgem na França os grandes sistemas utópicos de Saint-Simon e Fourier, a partir dessa fonte surge com eles a necessidade utópica do socialismo. O classicismo alemão, especialmente a obra de vida de Goethe e Hegel, não ultrapassa nem politicamente nem socialmente o horizonte da sociedade burguesa; os clássicos alemães, como ideólogos, são necessariamente os precursores do revolvimento burguês da Alemanha absolutista feudal. Todavia, a partir da situação paradoxal de que eles, como alemães, são ideólogos pré-revolucionários, como observadores profundos das circunstâncias internacionais do mundo pós-revolucionário são, por exemplo, pensadores, poetas, surge com eles uma concepção especial de sociedade e história que denota o ponto culminante do período progressista do desenvolvimento burguês.

Repetimos: Goethe e Hegel não têm, considerando-se socialmente, nenhum horizonte que aponte além da sociedade burguesa, porém compreendem a própria sociedade burguesa

schaft selbst unter dem Einfluß der Ereignisse der Französischen Revolution als etwas widerspruchsvoll Fortschrittliches auf. Sie bejahen den Fortschritt, fassen ihn tiefer und dialektischer auf, als es je ihre großen Vorläufer in der Aufklärung tun konnten, aber sie sehen in dem Fortschritt selbst einen widerspruchsvollen historischen Prozeß. Dieses tiefe gedankliche Erleben und Durchdenken der Probleme der Epoche der Französischen Revolution führt bei ihnen zur Herausarbeitung, zur philosophischen und dichterischen Verallgemeinerung der Widersprüche der Entwicklung, zur Erkenntnis des Widerspruchs als treibender Kraft, als Motors der historischen, der fortschrittlichen Entwicklung der Menschheit überhaupt. Dieser Gesichtspunkt wird nun in weiter und tiefer Verallgemeinerung auf die ganze Geschichte von Natur und Gesellschaft angewendet. So wird Goethe in seiner Naturauffassung zum Vorläufer der Entwicklungslehre; so erscheint in der Geschichtsphilosophie Hegels zum erstenmal die Entwicklung der menschlichen Gesellschaft als ein einheitlicher, dialektisch sich fortbewegender Prozeß, der mit unaufhaltsamer Notwendigkeit durch alle Widersprüche hindurch den menschlichen Prozeß produziert.

Eine solche richtige Erkenntnis der Widersprüchlichkeit der Entwicklung führt Goethe und Hegel dazu, das Moment des Negativen in der Geschichte des menschlichen Fortschritts ebenfalls dialektisch aufzufassen, im Negativen nicht nur das zu Verneinende zu sehen, wie es im allgemeinen die Aufklärung tat, sondern eine wesentliche, unvermeidliche Triebkraft der fortschrittlichen Weiterbewegung. So ist bei Goethe und Hegel eine neue Auffassung des fortschrittlicher Prinzips in der Menschheitsentwicklung entstanden: die historische Verteidigung des menschlichen Fortschritts. Die Aufklärung hatte hierzu einen vielfach antihistorischen oder wenigstens unklar historischen Standpunkt: Sie stellte die Forderungen der Vernunft imperativ der historischen Entwicklung, den historischen Tatsachen gegenüber. Aus dem reaktionärer Kampf gegen die Französische Revolution entstand wiederum ein Pseudohistorismus, der die theoretischen Unvollkommenheiten der Geschichtsauffassung der Aufklärung dazu benützte, um Geschichte und Fortschritt, Geschichte und Vernünftigkeit der menschlichen Gesellschaft einander ausschlie-

sob a influência dos acontecimentos da Revolução Francesa como algo progressista completamente contraditório. Afirmam o progresso, compreendem-no mais profunda e dialeticamente do que seus grandes precursores no Iluminismo podiam fazer, mas veem no próprio progresso um processo histórico contraditório completamente contraditório. Essa profunda experiência intelectual e a reflexão sobre os problemas da época da Revolução Francesa os conduzem à identificação, à generalização filosófica e poética das contradições do desenvolvimento, ao reconhecimento da contradição como força motriz, como motor do desenvolvimento histórico, do desenvolvimento progressista da humanidade em geral. Este ponto de vista aplica-se agora em ampla e profunda generalização a toda a história da natureza e da sociedade. Assim, em sua concepção da natureza, Goethe se torna precursor da teoria do desenvolvimento; do mesmo modo, na filosofia da história de Hegel, o desenvolvimento da sociedade humana aparece, pela primeira vez, como um processo unitário, dialético movendo-se que, com necessidade inexorável, produz o progresso humano através de todas as contradições.

Tal reconhecimento correto da contraditoriedade do desenvolvimento leva Goethe e Hegel a entenderem também dialeticamente o momento do negativo na história do progresso humano, a ver no negativo não apenas o que se deve negar, como em geral fez o Iluminismo, mas uma força impulsora essencial, inevitável do movimento progressivo. Desse modo, surge em Goethe e Hegel uma nova concepção do princípio progressista no desenvolvimento da humanidade: a defesa histórica do progresso humano. O Iluminismo tinha, quanto a isso, um ponto de vista histórico frequentemente anti-histórico ou ao menos obscuro: ele contrapôs as exigências da razão imperativa do desenvolvimento histórico aos fatos históricos. Da luta reacionária contra a Revolução Francesa surgiu novamente um pseudo-historicismo que se utilizava das imperfeições teóricas da concepção de história do Iluminismo para contrapor excludentemente uma a outra, história e progresso, história e racionalidade da sociedade humana.

ßend gegenüberzustellen. Indem die deutsche Klassik unter dem Einfluß der Französischen Revolution die Unvollkommenheit im Historismus der Aufklärung überwand, fand sie diesen hohen Standpunkt der historischen Verteidigung des Fortschritts, der eine glänzende Vernichtung des reaktionären Pseudohistorismus in sich barg.

Schon bei dieser Zentralfrage ist es klar ersichtlich, daß der deutsche Humanismus in einem ununterbrochenen Kampf mit den verschiedenartigsten reaktionären Tendenzen stand. Seine Anfänge sind nicht nur durch die Überwindung der spießhaften Tendenzen der deutschen Aufklärung gekennzeichnet, sondern auch durch die Bekämpfung von religiösen oder halbreligiösen, mehr oder weniger mit der Reaktion kokettierenden Oppositionsbewegungen, die sich gegen die Enge der deutschen Aufklärung richteten. In der Periode nach der großen Französischen Revolution konzentriert sich der Hauptkampf des klassischen deutschen Humanismus gegen die reaktionären Tendenzen der Romantik. Da es sich hier um einen entscheidenden Punkt der reaktionären Legendenbildung um die deutsche Klassik handelt, da das Hauptbestreben der neueren bürgerlichen Geschichtsschreibung der Literatur und der Philosophie darin besteht, die Unterschiede zwischen Klassik und Romantik in Deutschland zu verwischen, müssen die Hauptpunkte ihrer Gegensätzlichkeit kurz hervorgehoben werden, um so mehr, als sie von entscheidender Bedeutung für die spätere ideologische Entwicklung in Deutschland sind, wo die Angriffswaffen zur Zerstörung der fortschrittlichen Ideologie größtenteils aus dem Arsenal der reaktionären Romantik stammen.

Der erste Gegensatz scheint ein rein ästhetischer zu sein: Der klassische Humanismus sah im Denken und in der Kunst des klassischen Altertums sein Vorbild, die Romantik in denen des Mittelalters. Jedoch der rein ästhetische Charakter dieses Gegensatzes verschwindet, wenn man einerseits bedenkt, daß die Erneuerung der Antike die ideologische Grundlage des heroischen Aufschwungs in der Französischen Revolution gewesen ist, daß seit der Renaissance jede fortschrittliche Richtung, von der Politik bis zur Kunst, ihre Vorbilder im antiken republikanischen Heroismus, in der antiken Klarheit, Einfachheit, Volkstümlichkeit und Menschlichkeit

À medida que o classicismo alemão, sob a influência da Revolução Francesa, superou a imperfeição no historicismo do Iluminismo, encontrou esse elevado ponto de vista da defesa histórica do progresso, que continha em si uma luzente aniquilação do pseudo-historicismo reacionário.

É evidente que já nessa questão central o humanismo alemão encontrava-se em uma luta ininterrupta com as mais variadas tendências reacionárias. Seus primórdios se caracterizavam não apenas pela ultrapassagem das tendências retrógradas do Iluminismo alemão, mas também pelo combate a movimentos de oposição religiosos ou semirreligiosos, que flertavam mais ou menos com a reação, que se direcionavam contra a estreiteza do iluminismo alemão. No período posterior à grande Revolução Francesa, a luta principal do humanismo clássico alemão concentrou-se contra as tendências reacionárias do romantismo. Visto que se trata aqui de um ponto decisivo da reacionária formação de lendas sobre o classicismo alemão, visto que a pretensão principal da historiografia burguesa mais recente da literatura e da filosofia consiste em apagar as diferenças entre o classicismo e o romantismo na Alemanha, devemos destacar brevemente os pontos principais de sua contraditoriedade, porquanto eles possuem significação decisiva para o desenvolvimento ideológico posterior na Alemanha, onde as armas de ataque para a destruição da ideologia progressista provêm em grande parte do arsenal do romantismo reacionário.

A primeira oposição parece ser puramente estética: o humanismo clássico viu seu modelo no pensamento e na arte da Antiguidade clássica, o romantismo nos da Idade Média. No entanto, o caráter puramente estético dessa oposição desaparece quando se leva em consideração, por um lado, que a renovação da base ideológica antiga tornou-se o impulso heroico na Revolução Francesa, que desde o Renascimento todas as direções progressistas, desde a política até a arte, encontraram seus modelos no heroísmo republicano antigo, na antiga clareza, simplicidade, popularidade e humanidade

der Kunst fand. Dagegen bedeutet das Zurückgehen auf das Mittelalter politisch eine Verherrlichung des Feudalismus, ökonomisch ein Zurückgreifen auf vorkapitalistische Produktionsverhältnisse, sozial das Idealisieren der ständischen Schichtung der Gesellschaft, ihrer „ewigen“, „gottgewollten“ Hierarchie, weltanschaulich das Proklamieren des Autoritätsglaubens, der Unterordnung des Denkens und der Wissenschaft unter die Religion, künstlerisch die Vorherrschaft der primitiven, noch unentwickelten Kunst vor der großartigen Entfaltung aller menschlichen Möglichkeiten, die in ihr stecken, die die Kunst der Renaissance geoffenbart hat. Andererseits repräsentiert die griechische Antike, wie dies Marx und Engels wiederholt hervorgehoben haben, die erste große Periode des dialektischen Denkens, einen derartigen Aufschwung, eine derartige Entfaltung der Dialektik, daß in dieser Hinsicht die ganze spätere Philosophie ihm gegenüber einen Rückfall bedeutet, daß erst in der klassischen deutschen Philosophie dieser vielfach abgerissene Faden bewußt wieder aufgenommen wurde. Das mittelalterliche Denken ist dagegen dadurch bezeichnet, daß Philosophie und Wissenschaft zur „Magd der Theologie“ erniedrigt wurden, daß Kirche und Priestertum sich ein aristokratisches Monopol der Erkenntnis der Wahrheit anmaßen etc.

Wie stark diese Gegensätze aus dem Ästhetischen ins Soziale und Politische Umschlagen, wie sie alle Gebiete der Kunst und der Wissenschaft durchdringen, kann vielleicht am deutlichsten an einem der Hauptmomente des Bruchs zwischen Hegel und Schelling illustriert werden. Schelling vertrat die Ansicht, daß die adäquate Erkenntnis der Wahrheit nur auf Grundlage der Intuition, der „intellektuellen Anschauung“ möglich sei; zu dieser seien aber nur von Natur aus privilegierte Individuen fähig, die Menge, die Masse sei von vornherein - naturgegeben - von der Erkenntnis der objektiven Wahrheit ausgeschlossen. Hegel nannte in einer seiner Vorlesungen diese Auffassung empörend. In der Wirklichkeit würde natürlich nicht jeder Mensch Marschall oder König, es sei aber keinem von vornherein die Möglichkeit abzusprechen, Marschall oder König zu werden. Und die „Phänomenologie des Geistes“ hat unter anderem die Aufgabe, jenen Weg aufzuzeigen, den das Bewußtsein eines jeden denkenden

da arte. Pelo contrário, remontar à Idade Média significa politicamente um enaltecimento do feudalismo, economicamente um recorrer às relações de produção pré-capitalistas, socialmente o idealizar da estratificação estamental da sociedade, sua hierarquia “eterna”, “por vontade de Deus”, ideologicamente a proclamação da crença na autoridade, a subordinação do pensamento e da ciência à religião, artisticamente a predominância da arte primitiva, ainda não desenvolvida, ante o magnífico desabrochamento de todas as possibilidades humanas, preso a ele, que a arte do Renascimento revelou. Por outro lado, a Antiguidade grega, como Marx e Engels salientaram repetidamente, representa o primeiro grande período do pensamento dialético, um impulso, um desabrochamento da dialética que, em relação a isso, toda a filosofia posterior, contrária a ele, significa uma recaída; que somente na filosofia alemã clássica esse fio, muitas vezes interrompido, foi conscientemente retomado. O pensamento medieval, pelo contrário, caracteriza-se pelo fato de que a filosofia e a ciência foram rebaixadas à “servas da teologia”, que a Igreja e o sacerdócio arrogaram-se o monopólio aristocrático do conhecimento da verdade, etc.

Quão fortemente penetram essas oposições da estética no invólucro social e político, o quanto elas penetram em todos os âmbitos da arte e da ciência, talvez possa mais claramente ser ilustrado em um dos principais momentos da ruptura entre Hegel e Schelling. Schelling defendia a opinião de que um conhecimento adequado da verdade só era possível sobre a base da intuição, a “visão intelectual”; porém, apenas os indivíduos naturalmente privilegiados eram capazes disso; a multidão, as massas estavam desde o princípio — inevitavelmente — excluídas do conhecimento da verdade objetiva. Hegel chamou em uma de suas conferências essa concepção de escandalosa. Na realidade, claramente, nem todo mundo se tornaria marechal ou rei, mas não estaria negada desde o princípio a possibilidade de se tornar marechal ou rei. E a *Fenomenologia do espírito* tem, dentre outras, a tarefa de mostrar o caminho que a consciência de todo

Menschen von der unmittelbaren Anschauung bis zur adäquaten philosophischen Erkenntnis der objektiven Wirklichkeit zurücklegen muß; und dieser Weg steht nach Hegels Auffassung einem jeden Menschen offen, wenn auch in der Wirklichkeit nicht jeder Mensch diesen Weg zu Ende geht. Der Gegensatz von Hegel und Schelling, von Klassik und Romantik ist also auch in den kompliziertesten Fragen der Erkenntnistheorie nicht nur ein ausschließender, sondern auch ein politischer: der Gegensatz zwischen Demokratismus und Aristokratismus in der Erkenntnistheorie, der Gegensatz zwischen Fortschritt und Reaktion in der Philosophie.

Die eigentliche politische Scheidungslinie zwischen Klassik und Romantik haben wir schon in unseren früheren Betrachtungen berührt: Es handelt sich um die Stellungnahme für oder gegen Napoleon und die Napoleonische Liquidierung der feudalen Überreste in Deutschland. (Dabei muß natürlich bemerkt werden, daß infolge der politischen und sozialen Zurückgebliebenheit Deutschlands gerade in dieser Frage man sowohl rückschrittliche Elemente in der Stellungnahme für Napoleon wie bestimmte Tendenzen zum Fortschritt im Kampf gegen ihn entdecken kann. Es ist aber sicher nicht zufällig, daß ein beträchtlicher und nicht unwichtiger Teil der Romantik im Kampfe gegen Napoleon gerade die fortschrittlichen Tendenzen der Stein und Gneisenau verworfen und erbittert bekämpft hat, so Kleist, Arnim, Brentano, Adam Müller etc.) Mit diesem Gegensatz hängt es zusammen, daß die klassischen Humanisten von vornherein eine scharfe Stellung gegen die antifranzösische chauvinistische Welle einnahmen, die Deutschland während der Befreiungskriege und nach [ihnen] überflutete.

Der Gegensatz von Antike und Mittelalter als Vorbild beinhaltet zugleich entgegengesetzte Stellungnahme zur Religion und Mystik. Die Erneuerung der Antike konnte naturgemäß niemals zu einer religiösen Erneuerung führen. Die Begeisterung für die Antike beinhaltete ein „Heidentum“, eine polemische oder gleichgültige Ablehnung des Christentums. Natürlich sind die klassischen Humanisten keine Materialisten, keine bewußten Atheisten; es finden sich bei ihnen, besonders bei Hegel, sehr oft äußerst zweideutige, religiös auslegbare Aussprüche. Aber die durchgeführte dialektische Weltan-

ser humano pensante deve percorrer desde a concepção imediata até o conhecimento filosófico adequado da realidade objetiva; e, na concepção de Hegel, esse caminho está aberto a todo ser humano, ainda que, na realidade, nem todo ser humano vai até o fim nesse caminho. A oposição entre Hegel e Schelling, entre classicismo e romanticismo é, portanto, mesmo nas questões mais complicadas da teoria do conhecimento, não apenas excludente, mas também política: a oposição entre democratismo e aristocratismo na teoria do conhecimento, a oposição entre progresso e reação na filosofia.

Em nossas considerações anteriores já nos referimos à linha de separação política real entre classicismo e romanticismo: trata-se da tomada de posição a favor ou contra Napoleão e a liquidação napoleônica dos resquícios feudais na Alemanha. (Naturalmente, deve-se notar que, devido ao atraso político e social da Alemanha, precisamente nesta questão, podem-se redescobrir tanto elementos retrospectivos na tomada de posição por Napoleão quanto, na luta contra ele, determinadas tendências para o progresso. Mas, certamente não é casual que uma parte considerável e não sem importância do romantismo em luta contra Napoleão, por isso mesmo, rejeitou e combateu sem tréguas as tendências progressistas de Stein e Gneisenau, como Kleist, Arnim, Brentano, Adam Müller etc.) Essa oposição tem relação com o fato de que os humanistas clássicos, desde o princípio, tomaram uma posição rígida contra a onda chauvinista antifrancesa que inundou a Alemanha durante e depois das guerras de libertação.

A oposição entre Antiguidade e Idade Média como modelo contém ao mesmo tempo tomadas de posições contrárias sobre religião e misticismo. Naturalmente, a renovação da Antiguidade jamais poderia conduzir à renovação religiosa. O entusiasmo pela Antiguidade continha um “paganismo”, uma recusa polêmica ou indiferente ao cristianismo. Naturalmente, os humanistas clássicos não são materialistas, nem ateus conscientes; encontra-se com eles, especialmente em Hegel, ditos muitas vezes extremamente ambíguos e religiosamente interpretáveis. Mas a concepção de mundo dialeticamente executada,

schauung, auch wenn es sich um eine idealistische Dialektik handelt, eliminiert Gott aus der Natur und aus der gesellschaftlichen Entwicklung. Die Goethe- und Hegelsche Dialektik ist oft, wie dies Engels in bezug auf Hegel wiederholt hervorgehoben hat, ein nur unbewußter, ein auf den Kopf gestellter Materialismus. Es ist dagegen ebenso selbstverständlich, daß die Renaissance des Mittelalters, die die Romantik inauguriert hat, aus einer „artistischen Vorliebe“, wie A. W. Schlegel anfangs sein Schwärmen für mittelalterliche Kunst bezeichnet hat, zwangsläufig in eine Renaissance des Katholizismus, der kirchlichen Reaktion hinüberwachsen mußte.

Aber auch auf rein ästhetischem Gebiet bedeutet die Romantik letzten Endes einen Schritt rückwärts, obwohl nicht zu leugnen ist, daß diese Bewegung für Kunst und Kunstwissenschaft außerordentlich viel Neues und Wichtiges hervorgebracht hat. Sie hat den Gesichtskreis unserer Kunstbetrachtung erweitert, zugleich aber das Schwärmen für das Primitive und Exotische anstelle des geistig und künstlerisch Vollendeten eingeführt. Sie hat extensiv, stofflich und inhaltlich viel zur Universalität von Kunst und Kunstbetrachtung beigetragen, zugleich aber den wirklichen Universalismus, das historische Aufzeigen des großen fortschrittlichen Weges in der Kunst verwirrt und gestört. Die polemischen Kämpfe, die besonders Goethe gegen diese Tendenz geführt hat, haben also einen großen weltanschaulichen und politischen Sinn. Goethe hat alle Neuerungen und Anregungen der Romantik sich zu eigen gemacht, er hat niemals die historische Bedeutung der orientalischen oder der mittelalterlichen Kunst bestritten, im Gegenteil, gerade er hat ihnen ihre wichtige historische Stellung zugewiesen. Wenn er nun ihre Verteidiger heftig angriff, so hat er im voraus verschiedene Tendenzen der entstehenden modernen Dekadenz bekämpft, hat für die Selbständigkeit der Kunst, für ihre Freiheit von religiöser Bevormundung gekämpft, hat die große Linie der wirklich allgemeinen, tief realistischen und echt volkstümlichen Kunst interessanter Verzerrungen gegenüber verteidigt. Und vor allem lehnte Goethe auch in der Geschichte und Bewertung der Kunst jedes nationalistische Vorurteil, jede pseudoästhetische Herabsetzung der Gleichberechtigung der Völker ab. So verteidigte er die französische Kunst und Literatur gegen die chauvinisti-

mesmo que se trate de uma dialética idealista, elimina Deus da natureza e do desenvolvimento social. A dialética de Goethe e Hegel, como Engels destacou repetidamente em relação a Hegel, é frequentemente apenas um materialismo inconsciente, um materialismo de ponta-cabeça. Em contrapartida, é igualmente evidente que o Renascimento da Idade Média, que inaugurou o romantismo a partir de uma “predileção artística”, como A. W. Schlegel, denotando inicialmente sua paixão pela arte medieval, inevitavelmente teve de crescer além de um renascimento do catolicismo, da reação eclesiástica.

Todavia, também no campo puramente estético, o romantismo significou, ao fim e ao cabo, um passo atrás, embora não se possa negar que esse movimento criou extraordinariamente para a arte e para a ciência da arte muitas coisas novas e importantes. Ampliou o círculo de visão de nossa contemplação sobre a arte, mas, ao mesmo tempo, introduziu a paixão pelo primitivo e exótico em lugar do espiritual e artisticamente acabado. Contribuiu extensiva, material e conteudisticamente muito para a universalidade da arte e da contemplação da arte, mas, ao mesmo tempo, confundiu e perturbou o universalismo real, a demonstração histórica da grande via progressista na arte. As lutas polêmicas que sobretudo Goethe travou contra essa tendência têm, portanto, um grande significado ideológico e político. Goethe aproveitou todas as novas conquistas e sugestões do romantismo; jamais contestou o significado histórico da arte oriental ou medieval, pelo contrário, atribuiu a ela sua importante posição histórica. Se agora ataca intensamente seus defensores, combateu antecipadamente as várias tendências da decadência moderna nascente, lutou pela independência da arte, por sua libertação da tutela religiosa, defendeu a grande linha da arte realmente geral, profundamente realista e genuinamente popular contra distorções interessantes. E, sobretudo, na história e na avaliação da arte, Goethe também repudiou todo preconceito nacionalista, toda redução pseudoestética da igualdade dos povos. Assim, ele defendeu a arte e a literatura francesas contra a



sche Herabsetzung seitens der deutschen Romantiker; so begeisterte er sich zwar für die Entdeckung und Herausgabe alter deutscher Poesie, er wehrte sich aber dagegen, daß aus nationalistischen Gründen etwa das Nibelungenlied gegen Homer ausgespielt werde; so begrüßte er freudig die Sammlung deutscher Volkslieder, Märchen etc. durch die Romantiker, er hatte aber gleichzeitig ein ebenso lebendiges Interesse für die serbischen oder neugriechischen Volkslieder, für die Anfänge der tschechischen Literatur.

Der klassische Humanismus Deutschlands ist die Ideologie der fortgeschrittensten Schicht im damaligen Deutschland. Er beherrscht Literatur und Denken dieser Periode, ist aber infolge der bereits geschilderten sozialen Verhältnisse notwendigerweise nur der weltanschauliche und künstlerische Ausdruck der fortgeschrittensten Minderheit und steht breiten Massen gegenüber in einer bestimmten Isolation, die sich notwendigerweise im ganzen Charakter seiner Philosophie und Literatur ausdrücken muß.

Der klassische Humanismus hat eine gehobene und pathetische Konzeption von Mensch und Menschlichkeit, die er aus dem 18. Jahrhundert übernommen, aber seinerseits historisiert und dialektisch gemacht hat. Er hat die Erfahrungen der Revolutionsperiode und stellenweise auch die der „industriellen Revolution“ in England in seine Konzeption des Menschen hineingearbeitet. (Man denke an Hegels Beziehung zur klassischen Ökonomie Englands.) Der pathetisch aufgefaßte Mensch, dessen Universalität, dessen allseitige Entwicklung aller seiner Fähigkeiten der klassische Humanismus propagiert, steht also für sie inmitten der Widersprüche der bürgerlichen Gesellschaft. Goethe gestaltet diese Widersprüche im „Faust“, aber auch in „Reineke Fuchs“, „Wilhelm Meister“, „Wahlverwandtschaften“ etc.

Es handelt sich um die Entwicklung der universellen Fähigkeiten des Menschen, um sein Streben nach ihrer allseitigen Entfaltung, aber jetzt schon in dialektischer Wechselwirkung mit der Arbeitsteilung der bürgerlichen Gesellschaft. Die die Entwicklung des einzelnen Menschen und des ganzen Menschengeschlechts vorwärtstreibenden Widersprüche dieser Lage bestimmen die Konzeption des Menschen im klassischen deutschen Humanismus. Es handelt sich hier vor allem darum,

degradação chauvinista por parte dos românticos alemães; entusiasmava-se então pelas descobertas e lançamentos da antiga poesia alemã, mas, por exemplo, defendia-se, a partir de razões nacionalistas, de que os *Nibelungos* fossem jogados contra Homero; assim aprovava alegremente a coleção de canções populares alemãs, contos etc. através dos românticos, mas, ao mesmo tempo, tinha um interesse igualmente vivo pelas canções populares sérvias ou gregas modernas, nos inícios da literatura tcheca.

O humanismo clássico da Alemanha é a ideologia das camadas mais avançadas da Alemanha daquela época. Domina a literatura e o pensamento desse período, mas, devido às relações sociais já descritas, é necessariamente apenas a expressão ideológica e artística da minoria mais avançada e está diante das amplas massas em determinado isolamento, que deve necessariamente se expressar em todo o caráter de sua filosofia e literatura.

O humanismo clássico tem uma sofisticada e patética concepção de ser humano e humanidade, que assumiu a partir do século XVIII, mas que, por sua vez, tornou-a histórica e dialética. Incorporou em sua concepção de ser humano as experiências do período revolucionário e, em algumas partes, também as da “Revolução Industrial” na Inglaterra. (Pense-se na relação de Hegel com a economia clássica da Inglaterra.) O ser humano pateticamente concebido, cuja universalidade, cujo desenvolvimento abrangente de todas as suas capacidades o humanismo clássico propaga, está para ele no meio das contradições da sociedade burguesa. Goethe dá forma a essas contradições em Fausto, mas também em *Reineke-Raposo*, *Wilhelm Meister*, *As afinidades eletivas*, etc.

Trata-se do desenvolvimento das capacidades universais do ser humano, de sua aspiração pelo seu florescimento integral, mas agora em uma interação dialética com a divisão do trabalho na sociedade burguesa. As contradições dessa situação, impulsionando adiante o desenvolvimento do ser humano singular e da humanidade como um todo, determinam a concepção de ser humano no humanismo clássico alemão. Antes de tudo, trata-se aqui de

die widersprüchliche Entwicklung und zugleich die Möglichkeit der letztthinnigen harmonischen Zusammenarbeit der verschiedenen menschlichen Fähigkeiten, Triebe, Begabungen und Leidenschaften philosophisch nachzuweisen und dichterisch zu gestalten. Fourier hat mit glänzender Dialektik und großartiger Satire gezeigt, daß die Leidenschaften in der kapitalistischen Gesellschaft notwendig widerspruchsvoll und einander zerstörend wirken müssen, und seine Schilderung des sozialistischen Zustandes hat einen seiner Gipfelpunkte gerade darin, daß dort die Leidenschaften einander harmonisch fördern und zur Entwicklung von vielseitigen und harmonischen Menschen beitragen werden. Goethe und Hegel haben, wie gezeigt, keine[n] sozialistischen Horizont. Sie kämpfen um die Harmonie des vielseitigen Menschen im Rahmen der bürgerlichen Gesellschaft, in bezug auf welche, da sie nur ihre Anfänge erlebt haben, sie berechtigterweise noch Illusionen haben konnten. Aber ihre Träume, die sie selbst sehr oft äußerst selbstkritisch betrachteten, waren fruchtbar und fortschrittlich. Die klassischen Humanisten riefen die Menschen zu einem Kampf gegen die menschvernichtenden Tendenzen der kapitalistischen Gesellschaft auf; sie sahen (auch hier ein schroffer Gegensatz zur Romantik) ebenso wie Ricardo, daß die Entwicklung der Produktivkräfte, auch in ihren kapitalistischen Formen, eine bisher ungeahnte Höherentwicklung der menschlichen Fähigkeiten beinhaltet. Infolge all dieser Gründe erscheint ihnen der Kampf des Menschen um die Harmonie seiner Fähigkeiten auch in der kapitalistischen Gesellschaft nicht notwendigerweise ein vergeblicher; er ist für den Einzelmenschen fördernd und für das Menschengeschlecht auch im Falle des tragischen Untergangs der Einzelpersönlichkeit fruchtbar und fortschrittbringend.

Für die weitere Entwicklung der deutschen Ideologie ist hier besonders wichtig die dichterisch und philosophisch proklamierte Tendenz zur Harmonie von Gefühl, Verstand und Vernunft. Die Widersprüche der kapitalistischen Gesellschaft spiegeln sich im Einzelmenschen als eine mitunter feindliche Gegensätzlichkeit ihrer einzelnen seelischen Vermögen. Die normale Spießerei löst diese Konflikte in der Form der sklavischen Unterordnung der spontanen Gefühle und der philosophischen Vernunft unter die Herrschaft des „realpolitischen“

demonstrar filosoficamente e dar forma poética ao desenvolvimento contraditório e, ao mesmo tempo, à possibilidade da colaboração ulteriormente harmoniosa das diferentes capacidades, impulsos, talentos e paixões humanas. Fourier mostrou, com dialética brilhante e grande sátira, que as paixões na sociedade capitalista devem ser necessariamente contraditórias e reciprocamente destrutivas, e seu relato do regime socialista tem um de seus pontos altos precisamente em que, ali, as paixões se promovem harmoniosamente uma à outra e contribuem para o desenvolvimento de seres humanos multifacetados e harmoniosos. Goethe e Hegel não têm, como mostramos, um horizonte socialista. Eles lutam pela harmonia do ser humano multifacetado no contexto da sociedade burguesa, em relação a qual, como apenas vivenciaram seus começos, poderiam, justificadamente, ainda ter ilusões. Mas seus sonhos, que eles mesmos muitas vezes julgavam como extremamente autocríticos, foram frutíferos e progressistas. Os humanistas clássicos iniciaram os seres humanos na luta contra as tendências humanamente aniquiladoras da sociedade capitalista; viram (também aqui em uma forte oposição com o romantismo), assim como Ricardo, que o desenvolvimento das forças produtivas, também em suas formas capitalistas, implicava um desenvolvimento ascendente até agora inimaginável das capacidades humanas. Por todas essas razões, a luta do ser humano pela harmonia de suas capacidades, para eles, mesmo na sociedade capitalista, não parece necessariamente em vão; ela é frutífera e progressista para o ser humano singular e para a humanidade, mesmo no caso do acaso trágico da personalidade singular.

Para o desenvolvimento posterior da ideologia alemã, é particularmente importante aqui a tendência que é proclamada poética e filosoficamente para a harmonia do sentimento: entendimento e razão. As contradições da sociedade capitalista se refletem no ser humano singular como uma opositividade às vezes inimiga de suas riquezas anímicas individuais. O burguês normal resolve esses conflitos sob a forma de subordinação escrava dos sentimentos espontâneos e da razão filosófica sob o domínio do entendimento estreito

engen Verstandes. Die interessante und komplizierte Spießerei der romantischen Opposition gegen den Kapitalismus verherrlicht ihrerseits Gefühl und Intuition und verleiht ihnen eine Vorherrschaft gegenüber dem verachteten Verstand und der der Intuition untergeordneten Vernunft.

Goethe und Hegel erkennen dagegen den tiefen inneren Zusammenhang, die innere Einheit dieser seelischen Vermögen und erstreben eine Vernünftigkeit des gebildeten Menschen, in welcher Gefühl und Verstand im Hegelschen dialektischen Sinn aufgehoben, d. h., zugleich aufbewahrt und auf höhere Stufe erhoben sind. Sie erkennen natürlich, daß in der kapitalistischen Wirklichkeit ein Gegensatz der seelischen Vermögen vorhanden ist, daß es, wie Hegel sagt, „auch einseitigerweise verstandlose Herzen und herzlose Verstände gibt“. Er fährt aber fort: „... aber die Philosophie ist es nicht, welche solche Unwahrheiten des Daseins und der Vorstellung für die Wahrheit, das Schlechte für die Natur der Sache nehmen soll.“<sup>7</sup> Eine solche Weltanschauung ist auch die Grundlage der großen dichterischen Gestaltungen Goethes, vor allem des „Faust“.

Diese Konzeption der Lebens- und Entwicklungsmöglichkeiten gründet sich im deutschen Humanismus auf seine Beziehung zur historischen, zur fortschrittlichen Entwicklung des Menschengeschlechts. Der Glaube an die Möglichkeit der Harmonie von seelischen Fähigkeiten im einzelnen Menschen beruht auf dem Nachweis einer vorwärtsstrebenden Entwicklung des ganzen Menschengeschlechts. Die Vernunft kann im Einzelmenschen nur darum fruchtbar und fördernd Anschauung, Gefühl und Verstand durchdringen und auf eine höhere Stufe heben, weil die Entwicklung des ganzen Menschengeschlechts eine vernünftige, d. h. zu Freiheit und Fortschritt führende ist. Das ist der Inhalt der Hegelschen Philosophie der Weltgeschichte; das ist die Grundlage der Goetheschen Konzeption der Weltliteratur. Das einzelne Individuum ist in dieser Konzeption nur ein verkleinertes Abbild des ganzen Menschengeschlechts, dessen Entwicklungsgeschichte es in verkürzter und verkleinerter Form in sich erlebt und reproduziert („Phänomenologie des Geistes“, „Faust“).

Diese großartige Auffassung von Mensch und Menschheit beschränkt sich keineswegs auf die eng aufgefaßte geschrie-

da *“Realpolitik”*. A interessante e complicada burguesia da oposição romântica ao capitalismo, por sua vez, enaltece o sentimento e a intuição e empresta a eles uma predominância ante o entendimento desprezado e a razão subordinada à intuição.

Goethe e Hegel, contrariamente, reconhecem a profunda conexão interna, a unidade interior dessas riquezas anímicas e ambicionam uma racionalidade dos seres humanos educados, em que sentimento e entendimento são superados no sentido dialético de Hegel, i. e., são ao mesmo tempo conservados e elevados a um nível superior. Reconhece, naturalmente, que na realidade capitalista existe uma oposição das riquezas anímicas que, como diz Hegel, “há também corações unilateralmente incompreendidos e entendimentos sem corações”. No entanto, prossegue: “... mas não é a filosofia que tem de tomar tais falsidades da existência e da representação para a verdade, do mau para a natureza das coisas.”<sup>7</sup> Tal concepção de mundo é também o fundamento das grandes criações poéticas de Goethe, especialmente do *Fausto*.

No humanismo alemão, essa concepção da vida e das possibilidades de desenvolvimento funda-se em sua relação com o desenvolvimento histórico e progressivo da humanidade. A crença na possibilidade de harmonia das capacidades anímicas no ser humano singular baseia-se na comprovação de um desenvolvimento impulsionador adiante de toda a humanidade. A razão pode, apenas por isso, penetrar e elevar a um nível superior, frutífera e favoravelmente, a convicção, o sentimento e o entendimento do ser humano singular porque o desenvolvimento de toda a humanidade é um condutor razoável, a saber, para a liberdade e para o progresso. Este é o conteúdo da filosofia hegeliana da história do mundo; este é o fundamento da concepção goethiana da literatura mundial. Nesta concepção, o indivíduo singular é apenas uma imagem reduzida de toda a humanidade, cuja história de desenvolvimento é vivenciada e reproduzida em si em forma abreviada e reduzida (*Fenomenologia do espírito, Fausto*).

Esta formidável concepção do ser humano e da humanidade de modo algum se limita a uma consideração estreita da

<sup>7</sup> Hegel, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*, § 445.

<sup>7</sup> Hegel. *Enciclopédia das ciências filosóficas*.

bene Geschichte. Trotz bestimmter idealistischer Verzerrungen existiert bei Hegel die genial vorwärtsweisende Konzeption, daß der Mensch sich durch seine Arbeit selbst zum Menschen geschaffen hat. Goethe hat seinerseits den Menschen immer als ein Stück der Natur und der Naturentwicklung aufgefaßt und schon in verhältnismäßig früher Periode den radikalen anatomischen Unterschied zwischen Mensch und Säugetieren geleugnet und diese seine Einsicht gegen die herrschende Ansicht der damaligen Naturforschung durchgesetzt (Zwischen[kiefer]knochen). Dadurch also, daß die klassischen Humanisten die Dialektik der Griechen wiedererweckt und auf dem Niveau der damals höchsten Wissenschaftlichkeit konkretisiert und weitergeführt haben, dadurch, daß sie Vorläufer der Entwicklungslehre, der Theorie von der Unaufhaltsamkeit des dialektisch gefaßten Fortschritts in Natur und Gesellschaft geworden sind, konnten sie auf allen Gebieten des menschlichen Lebens die Fortschrittlichkeit in einer neuen, in einer dialektischen und historischen Weise verteidigen.

história escrita. Apesar de determinadas distorções idealistas, existe em Hegel a genial concepção impulsionadora adiante de que o ser humano criou-se como ser humano através do seu próprio trabalho. Goethe, por sua vez, sempre compreendeu o ser humano como um pedaço da natureza e do desenvolvimento natural, e já em um período relativamente cedo, negou a diferença anatômica radical entre o ser humano e os mamíferos, e reforçou sua conclusão contra a visão dominante da pesquisa da natureza na época (entre ossos maxilares). Dessa maneira, os humanistas clássicos despertaram, portanto, a dialética grega e concretizaram a cientificidade da época em um nível mais elevado; por isso, tornaram-se os precursores da doutrina do desenvolvimento, da teoria da irrefreabilidade do progresso dialeticamente compreendido na natureza e na sociedade, defenderam a progressividade em todos os âmbitos da vida humana em um modo dialética e historicamente novo.

## III

**Die Destruktion des Humanismus in der deutschen Ideologie**

Mit der Julirevolution in Frankreich und ihren Folgen auf Deutschland endet die Periode des klassischen Humanismus. (Es ist ein merkwürdiger historischer Zufall, daß seine größten Vertreter, Goethe und Hegel, sehr bald nach der Julirevolution gestorben sind.) Ihr Ende ist eine gesellschaftlich-geschichtliche Notwendigkeit. Denn der spezifische Charakter, das spezifisch hohe geistige und künstlerische Niveau dieser Periode hängt ebenso wie ihre Beschränktheiten und Grenzen mit der sozialen Zurückgebliebenheit Deutschlands zusammen. Vor allem damit, daß die nur im Keime vorhandenen Klassengegensätze jene besondere Form des radikalen Austragens der wesentlichsten, letzten abstrakten Gegensätze im quasi luftleeren Raum der reinen Poesie und der reinen Philosophie gestattet haben. Sobald nach der Julirevolution die Klassengegensätze in der Form von wirklichen konkreten Klassenkämpfen, wenn auch vorerst auf primitiver Stufe, sich zu äußern, wenn die Klassen und ihre Parteien sich zu formieren beginnen, sind jene Formen der Synthese, die der klassische Humanismus geschaffen hat, nicht mehr haltbar. Man muß sie entweder konkretisieren, weiterbilden, aus dem Himmel der reinen Abstraktion auf die Erde hinunterbringen, oder man muß sie verwerfen.

Der größte Dichter dieser Zeit, der Schüler Goethes und Hegels, Heinrich Heine, proklamierte diese Wendung in scharfer und adäquater Weise, indem er vom „Ende der Kunstperiode“ sprach. Er meint damit die Notwendigkeit einer neuen, irdischeren Poesie und Philosophie, in der die Harmonie der klassischen Periode gesprengt werden muß, die aber eben deshalb Führerin der Unterdrückten und Rebellierenden zu einer neuen, höheren irdischen Harmonie für alle werden kann. (Es ist kein Zufall, daß Heine neben Goethe und Hegel auch der Schüler des französischen utopischen Sozialismus gewesen ist.) Dieser Bruch mit dem klassischen Humanismus, der bei Heine im Gegensatz zu den bornierteren Radikalen seiner Zeit, z.B. zu Börne, zugleich ein Aufbewahren

## III

**A destruição do humanismo na ideologia alemã**

Com a Revolução de Julho na França e suas conseqüências sobre a Alemanha chegou ao fim o período do humanismo clássico. (É um acaso histórico curioso que seus maiores representantes, Goethe e Hegel, tenham morrido logo após a Revolução de Julho.) Seu fim é uma necessidade histórica e social. Pois o caráter específico, o nível intelectual e artístico especificamente elevado desse período, bem como suas estreitezas e limites, estão relacionados com o atraso social da Alemanha. Sobretudo com que as oposições de classes, presentes apenas em germes, permitiram essa forma especial do resolver radical das mais essenciais, últimas oposições abstratas no quase vazio da poesia pura e da filosofia pura. Assim que, após a Revolução de Julho, as oposições de classe na forma de lutas de classe realmente concretas, ainda que inicialmente em um nível primitivo, expressam-se quando as classes e seus partidos começam a se formar e aquelas formas de síntese que o humanismo clássico criou não são mais sustentáveis. Deve-se concretizá-las, atualizá-las, transportá-las do céu da abstração pura para a terra, ou tem-se de rejeitá-las.

O maior poeta desta época, o discípulo de Goethe e Hegel, Heinrich Heine, proclamou essa virada de maneira nítida e adequada ao falar do “fim do período artístico”. Ele se refere com isso à necessidade de uma nova poesia e filosofia mais terrenal, na qual a harmonia do período clássico tem de ser detonada, mas que precisamente por isso, pode se tornar a dirigente dos oprimidos e rebeldes para uma nova e mais elevada harmonia terrenal para todos. (Não é casual que, ao lado de Goethe e Hegel, Heine também tenha sido discípulo do socialismo utópico francês.) Essa ruptura com o humanismo clássico, que, para Heine, em oposição aos radicais mais limitados do seu tempo, por exemplo, para Börne, era ao mesmo tempo uma conservação

seines wertvollen Erbes war, bedeutet eine organische Höherentwicklung der deutschen Ideologie. In der Tat, solange die politisch unterdrückten Klassen Deutschlands sich zur bürgerlich-demokratischen Revolution rüsteten, geht trotz aller Versuche des preußischen Königs Friedrich Wilhelm IV., alle Kräfte der reaktionären Romantik zur ideologischen Verteidigung des schwankenden Königthrons zu sammeln, die ideologische Entwicklung unaufhaltsam aufwärts. Die Heinesche Auffassung der neuen Epoche, die Auflösung des Hegelianismus, die Entstehung der materialistischen Philosophie in Deutschland mit Ludwig Feuerbach, die Begründung des historischen und dialektischen Materialismus durch Marx und Engels sind die großen Etappen dieser Aufwärtsbewegung. Es ist nicht zufällig, daß das „Kommunistische Manifest“ am Vorabend der bürgerlichen Revolution in Deutschland, in deutscher Sprache erschien, mit der Perspektive auf die internationale Bedeutung der kommenden demokratischen Revolution in Deutschland: In ihm kulminiert dieser progressive Bruch mit dem klassischen Humanismus Deutschlands, seine Aufhebung im großen, fruchtbaren, historisch fortschrittlichen Sinne.

So steht die deutsche Ideologie in dieser Periode wieder einmal an der Spitze des europäischen Fortschritts. Sie teilt aber noch einmal die Nachteile der früheren Periode: Sie ist die Ideologie der fortgeschrittensten Minderheit und ist nicht imstande, das ganze Volk mit ihren richtigen Anschauungen zu durchdringen. Marx und Engels schildern wiederholt, wie es zum Verrat der deutschen Bourgeoisie an ihrer eigenen Revolution kam, wie sich das Kleinbürgertum, von Phrasen berauscht, schwankend benahm, wie die wenigen bewußten Mitglieder des Kommunistenbundes in der großen Massenbewegung verschwanden und nicht imstande waren, diese zu revolutionären Taten zu führen und zu organisieren.

So ist die von Denkern und Dichtern dieser Jahrzehnte vorbereitete Wendung in der deutschen Geschichte nicht eingetreten: Die Revolution wurde geschlagen, die Reaktion hat gesiegt. Damit tritt eine neue Wendung in der deutschen Ideologie ein. Wir sahen: Der klassische Humanismus und erst recht die Ideologie der Kampfjahrzehnte vor 1848 bedeuteter einen ununterbrochenen Kampf gegen die Zurückgebliebenheit

de sua herança valiosa, significa um desenvolvimento orgânico superior da ideologia alemã. Na realidade, enquanto as classes politicamente oprimidas da Alemanha se preparavam para a revolução democrático-burguesa, o desenvolvimento ideológico inexoravelmente ascendente avança, apesar de todas as tentativas do rei prussiano Frederico Guilherme IV de reunir todas as forças do romantismo reacionário para a defesa ideológica do trono oscilante. A concepção heiniana da nova época, a dissolução do hegelianismo, o surgimento da filosofia materialista na Alemanha com Ludwig Feuerbach, a justificação do materialismo histórico e dialético por Marx e Engels são as grandes etapas desse movimento ascendente. Não é casual que o *Manifesto Comunista* apareceu na língua alemã às vésperas da revolução burguesa na Alemanha, com a perspectiva sobre a significação internacional da vindoura revolução democrática na Alemanha: culmina nele essa ruptura progressista com o humanismo clássico da Alemanha, sua superação no sentido amplo, frutífero e historicamente progressista.

Assim, a ideologia alemã está uma vez mais na dianteira do progresso europeu. Mas ela partilha novamente das desvantagens do período anterior: é a ideologia da minoria mais avançada e não é capaz de penetrar em todo o povo com suas concepções corretas. Marx e Engels descrevem repetidamente como a burguesia alemã pôde trair a sua própria revolução; como a pequena burguesia, embriagada de frases, comportou-se com oscilações; como os poucos membros conscientes da Liga Comunista desapareceram no grande movimento de massas e foram incapazes de dirigir e organizar essas ações revolucionárias.

Portanto, a virada na história alemã preparada pelos pensadores e poetas dessas décadas não aconteceu: a revolução foi derrotada, a reação venceu. Com isso, ocorre uma nova virada na ideologia alemã. Vimos: o humanismo clássico e, mais ainda, que a ideologia das décadas de luta anteriores a 1848 significou uma luta contínua contra o atraso

Deutschlands, gegen die „deutsche Misere“ auf allen Gebieten und wurden in diesem Kampf zu Führern des europäischen ideologischen Fortschritts. Jetzt, als die Bourgeoisie vor der Hohenzollernreaktion und später vor der Bismarckschen „bonapartistischen Monarchie“ kapitulierte, wurde die offizielle Grundlinie der deutschen Ideologie eine Verherrlichung der wiederhergestellten, befestigten und reaktionär weitergebildeten politischen Miserabilität Deutschlands.

Diese Wendung hat sich selbstverständlich nicht glatt und reibungslos durchgesetzt. Zerbrochene Schriftstellerlaufbahnen bezeichnen das Zeitalter dieser Wendung. Ludwig Feuerbach, der seinen philosophisch-materialistischen und politisch-demokratischen Überzeugungen treu blieb, starb im Elend und in Vergessenheit. Viele hochbegabte Schriftsteller, deren Laufbahn in der Vorbereitungszeit der achtundvierziger Revolution begann, verstummten, gelangten zu einer problematischen Produktion oder wurden ihren Jugendidealen untreu. Es genügt, wenn man die Namen solcher untereinander in bezug auf ihr Schicksal sehr verschiedener Schriftsteller aufzählt wie Weerth, Freiligrath, Herwegh, Hebbel, Otto Ludwig, Richard Wagner. Die entscheidende ideologische Signatur dieser Wendung ist das weltanschauliche Hinübergehen vieler bedeutender Schriftsteller von Feuerbach zu Schopenhauer, d. h. von der Bekämpfung der deutschen Zurückgebliebenheit, vom Versuch ihrer Überwindung zu ihrer Apologetik und Glorifizierung. Mit dem Triumph Schopenhauers siegte die deutsche Reaktion ideologisch über Hegel und Feuerbach.

Um die richtige Bedeutung dieser entscheidenden reaktionären Wendung richtig würdigen zu können, müssen wir kurz die Notwendigkeit der Überwindung des absoluten Idealismus der Hegelschen Philosophie und die verschiedenen Richtungen dieser Überwindung betrachten. Die radikale, die fortschrittliche Tendenz zu dieser Überwindung führt, wie wir gesehen haben, vom Himmel der Abstraktionen zum irdischen Materialismus, zum Verständnis der Dialektik als der inneren Gesetzlichkeit der historischen Entwicklung von Natur und Gesellschaft: zum dialektischen und historischen Materialismus.

Der schwankende Charakter der liberalen Bourgeoisie Deutschlands, der später politisch zum Verrat an der eigenen

da Alemanha, contra a “miséria alemã” em todos os âmbitos, e nessa luta se tornaram dirigentes do progresso ideológico europeu. Agora, quando a burguesia capitulou ante a reação de Hohenzollern e, mais tarde, ante a “monarquia bonapartista” bismarckiana, a linha principal da ideologia oficial alemã tornou-se um enaltecimento da miserabilidade política restaurada, estabelecida e reaccionariamente formada da Alemanha.

Essa virada, evidentemente, não se impôs sem problemas. As carreiras interrompidas de escritores marcam a época dessa virada. Ludwig Feuerbach, que permaneceu fiel às suas convicções filosófico-materialistas e político-democráticas, morreu na desgraça e no esquecimento. Muitos escritores de grande talento, cujas carreiras começaram no período de preparação para a Revolução de 1848, emudeceram, chegaram a uma produção problemática ou se tornaram desleais a seus ideais juvenis. Basta enumerar os nomes de, no que diz respeito aos seus destinos tão diferentes entre si, escritores como Weerth, Freiligrath, Herwegh, Hebbel, Otto Ludwig e Richard Wagner. A assinatura ideológica decisiva dessa virada é o passar para o outro lado, ideologicamente, de muitos escritores importantes, de Feuerbach a Schopenhauer, ou seja, da luta contra o atraso alemão, da tentativa da sua ultrapassagem para a sua apologética e glorificação. Com o triunfo de Schopenhauer, a reação alemã venceu ideologicamente a Hegel e Feuerbach.

Para apreciarmos adequadamente a significação correta dessa virada reacionária decisiva, devemos considerar brevemente a necessidade da ultrapassagem do idealismo absoluto da filosofia hegeliana e as diferentes direções dessa ultrapassagem. A tendência radical, progressista para essa ultrapassagem, conduz, como vimos, do céu das abstrações ao materialismo terrenal, à compreensão da dialética como a legalidade interna do desenvolvimento histórico de natureza e sociedade: ao materialismo histórico e dialético.

O caráter oscilante da burguesia liberal da Alemanha que, mais tarde, conduziu politicamente à traição de sua própria

Revolution geführt hat, äußerte sich in ihren Ideologen schon vor dem Ausbruch der Revolution, zur Zeit der Auflösung des Hegelianismus darin, daß sie bei Einsicht in die Unhaltbarkeit der Hegelschen Philosophie in [ihrer] „orthodoxen“ Form, statt diese fortschrittlich weiterzubilden, einen Schritt zurück, den Schritt zur Kantschen Philosophie gemacht haben. Diese Wendung, das Abschwächen der Einheit von Idee und Wirklichkeit, die Beschränkung der Idee (in ihrer Anwendung: des Fortschritts) auf ein bloßes Sollen, die Abkehr vom objektiven Idealismus und der in ihr als möglich proklamierten Erkenntnis des Dinges an sich zu einer Kantisch gefaßten Unerkennbarkeit der objektiven Wirklichkeit: diese Entwicklung beginnt in Deutschland schon lange vor der bewußten Proklamierung des Rückgangs auf Kant, sie hat ihren Ausgangspunkt im liberalen, sogenannten „Zentrum“ des ‘Hegelianismus.

Aber eine solche Abschwächung des Hegelschen absoluten Idealismus konnte der offenen Reaktion nicht genügen. Diese verlangte ein direktes Leugnen der Vernünftigkeit der Welt und besonders des historischen Ablaufs. Für sie mußte die Realität prinzipiell als unvernünftig, in ihrer Sprache gesprochen als übervernünftig, als irration[al] gefaßt werden. Deshalb erscheint in ihr das adäquate Erfassen der Realität nur als intuitiv, nur als religiös erlangbar. Nicht zufälligerweise wurde Schelling zum Verkünder dieser Philosophie von Friedrich Wilhelm IV. nach Berlin als Nachfolger Hegels berufen.

Wie man sieht, haben sich die Tendenzen zur reaktionären Wendung in der deutschen Ideologie schon lange vor der Niederlage der achtundvierziger Revolution, besonders im Schoße der Romantik, vorbereitet. Die Reaktionsperiode nach 1848 hat tatsächlich auch in der rückschrittlichen Ideologie nichts wesentlich Neues produziert. Sie hat nur jene reaktionären Kräfte freigesetzt und zur ideologischen Herrschaft gebracht, die in der früheren Periode, besonders unter der „Diktatur“ Hegels, nicht zu umfassendem Einfluß gelangen konnten. Schelling ist nach der Abwendung von seinen ehrlichen und großangelegten Jugendbestrebungen in der klassischen Periode beiseite geschoben worden, Schopenhauer gelang es überhaupt nicht, zur Geltung zu kommen.

Es ist eine allgemein bekannte Tatsache, daß die tiefe De-

revolução, manifestou-se em seus ideólogos antes mesmo da irrupção da revolução, no período da dissolução do hegelianismo, em que ela, na compreensão da insustentabilidade da filosofia hegeliana em sua forma “ortodoxa”, em vez de seguir nessa formação progressista continuada, deu um passo atrás, o passo em direção à filosofia kantiana. Essa virada, o atenuar da unidade de ideia e realidade, a circunscrição da ideia (em sua aplicação: do progresso) a um mero dever, a recusa do idealismo objetivo e do seu conhecimento da coisa em si, proclamado como possível, para uma incognoscibilidade da realidade objetiva, kantianamente compreendida: esse desenvolvimento começa, na Alemanha, muito antes da proclamação consciente do recuo à Kant, teve seu ponto de partida liberal no assim chamado “centro” do hegelianismo.

Mas, tal atenuação do idealismo absoluto hegeliano não podia satisfazer a reação aberta. Isto exigiu uma negação direta da racionalidade do mundo e, especialmente, do decurso histórico. Para ela, a realidade tinha de ser tomada em princípio como a-racional, dita em sua língua como suprarracional, como irracional. Por causa disto, o conceber adequado da realidade aparece nela apenas como intuitivo, apenas como religiosamente alcançável. Não é por acaso que Schelling foi nomeado por Frederico Guilherme IV para proclamador dessa filosofia em Berlim como sucessor de Hegel.

Como se vê, as tendências para a virada reacionária na ideologia alemã se prepararam muito antes da derrota da Revolução de 1848, especialmente no seio do romantismo. O período de reação após 1848, de fato, não produziu nada essencialmente novo, mesmo na mais anacrônica ideologia. Libertou e levou para o domínio ideológico apenas aquelas forças reacionárias, que não puderam aportar uma influência abrangente no período anterior, especialmente sob a “ditadura” de Hegel. Schelling foi deixado de lado após o afastamento dos seus grandes e sinceros esforços juvenis no período clássico; Schopenhauer não conseguiu nenhum reconhecimento.

É um fato em geral conhecido que a profunda



pression und allgemeine Desorientiertheit der bürgerlichen Klasse in Deutschland aus dem „verkannten Genie“ Schopenhauer in der Periode der Reaktion den führenden Ideologen Deutschlands gemacht haben. Depression und Desorientiertheit des Bürgertums führten auch später seinen Weltruf herbei. Dabei ist natürlich noch zu bemerken, daß Schopenhauer, der als Zeitgenosse Goethes und Hegels eine reaktionär-irrationalistische Philosophie, einen Reflex der Hoffnungslosigkeit der „deutschen Misere“ gedanklich durchfechten wollte, durch die allgemein hohe philosophische Kultur dieser Zeit, durch den Kampf mit solchen Gegnern wie Fichte, Schelling und Hegel notwendigerweise ein ganz anderes denkerisches Niveau haben mußte als die durchschnittlichen ideologischen Wortführer des reaktionären Irrationalismus in anderen Ländern. Dazu war Schopenhauer bei aller persönlichen Schrullenhaftigkeit ein ungewöhnlich geistreicher Mensch, der bei seiner überdurchschnittlichen künstlerischen Empfänglichkeit sich auch die hohe ästhetische Kultur der Goethezeit erarbeiten konnte.

Dies sind jedoch nur die subjektiven Voraussetzungen seines philosophischen Weltruhms. Objektiv ist dieser in jenen Inhalten seines Denkens begründet, in denen er den reaktionären Tendenzen der Periode entgegenkam und ihnen einen allgemein verständlichen philosophischen Ausdruck verlieh. Es gilt nun, diese Motive ein bißchen von der Nähe zu betrachten. Das wichtigste ist Schopenhauers sogenannter Pessimismus, d. h. konkreter ausgedrückt, sein Unglaube an die Vernünftigkeit der Weltentwicklung, das Leugnen einer jeden Vernunft in der Weltentwicklung, das philosophische Darstellen der Welt als eines Chaos, in welchem die Vernunft stets als der Geprellte dasteht oder bestenfalls die Rolle eines unbeteiligten, verächtlichen Zuschauers spielen kann. Diese Auffassung wird von Schopenhauer so formuliert, daß der Wille, der bei ihm prinzipiell vernunftlos, Vernunft jenseitig ist, im schroffen und ausschließenden Gegensatz zur Vernunft steht, das eigentliche Wesen der Welt, den Kern des berühmten Kantischen Dinges an sich ausmacht.

Aus dieser radikal-irrationalistischen Auffassung der Welt folgt notwendigerweise ein konsequenter Antihistorismus. Nach Schopenhauers Auffassung ist jeder historische Fort-

depressão e a desorientação geral da classe burguesa na Alemanha fizeram do “gênio incompreendido” Schopenhauer, o ideólogo mais importante na Alemanha no período da reação. A depressão e a desorientação da burguesia levaram mais tarde à sua fama mundial. Com isso, percebe-se, claro, que Schopenhauer, que como contemporâneo de Goethe e Hegel, queria defender intelectualmente uma filosofia reacionário-irracionalista, um reflexo da desesperança da “miséria alemã”, através da alta cultura filosófica geral da época, através da luta com opositores como Fichte, Schelling e Hegel, teria de ter necessariamente um nível de pensamento completamente diferente do de porta-vozes ideológicos medianos do irracionalismo reacionário em outros países. Além disso, Schopenhauer era, apesar de toda a sua excentricidade, um ser humano extraordinariamente espirituoso que, com sua receptividade artística acima da média, também foi capaz de assimilar a alta cultura estética da época de Goethe.

Tudo isto, no entanto, são apenas os pressupostos subjetivos de sua fama filosófica mundial. Objetivamente, fundamenta-se naqueles conteúdos de seu pensamento, nos quais ele acomodou as tendências reacionárias do período e conferiu-lhes uma expressão filosófica geral compreensível. É preciso agora considerar mais de perto esses motivos. O mais importante é o chamado pessimismo de Schopenhauer expresso concretamente, i. e., sua descrença na racionalidade do desenvolvimento do mundo, a negação de toda razão no desenvolvimento do mundo, a descrição filosófica do mundo como um caos no qual a razão sempre figura como enganada ou, quanto muito, pode protagonizar o papel de um espectador desinteressado e desprezível. Essa concepção formulada por Schopenhauer de que a vontade, que para ele é por princípio sem-razão, razão do além, está em uma oposição aguda e excludente para com a razão, para com a real essência do mundo, para com o núcleo da famosa coisa em si kantiana.

A partir dessa concepção irracionalista-radical do mundo advém necessariamente um anti-historicismo consequente. Após a concepção de Schopenhauer, todo progresso histórico

schritt ein Selbstbetrug der Menschen. Ist ja die Änderung der menschlichen Zustände, die den Gegenstand der Geschichte bildet, nur bloßer Schaum an den Wellen und hat mit den Untiefen des Meeres nichts zu tun, ist bloße oberflächliche Erscheinung, bloßer Schein. Schein und Erscheinung sind aber bei Schopenhauer, der die dialektische Auffassung der realen und der logischen Zusammenhänge radikal leugnet, nicht eine Manifestationsform des Wesentlichen, sondern Schein und Wesen, historische Ereignisse und der mystische Weltwille, das Schopenhauersche Ding an sich, stehen zueinander in einer schroffen ausschließenden Gegensätzlichkeit. Von dem einen zum anderen führt keine Brücke der Erkenntnis, nur der Sprung der Intuition kann über diesen Abgrund hinübersetzen. So gibt es bei Schopenhauer im Grunde überhaupt keine Geschichte. Dem Wesen nach sind die Beziehungen der Menschen immer die gleichen gewesen: immer hat sich der gleiche blinde, vernunftlose Wille in ihnen geoffenbart. Die Unterschiede zwischen den einzelnen Perioden sind so unwesentlich, daß es für einen wirklichen Denker überhaupt nicht lohnt, sich mit ihnen zu beschäftigen.

Es ist leicht ersichtlich, daß eine solche Philosophie bei all ihrem Pessimismus, ja gerade wegen ihres radikalen Pessimismus eine Philosophie des Trostes für das Bürgertum nach 1848 werden konnte. Nach dem Zusammenbruch aller Hoffnungen auf eine mühelos errungene, den sozialen Wünschen entsprechende Gesellschaftsordnung, besonders da der Zusammenbruch infolge eigener Illusionen, Schwächen, infolge eigener Fehler und Feigheit erfolgte, war es außerordentlich trostreich, aus „kompetentem“ philosophischem Munde zu hören, daß jede menschliche Handlung seit Erschaffung der Welt auf Illusionen beruht, daß jedes menschliche Bestreben von jeher gescheitert ist, daß das gegenwärtige Scheitern nicht die Folge spezifischer Fehler, die durch harte Selbstkritik gutgemacht, nicht durch eigene Feigheit, die durch harte Selbstzucht in Mut verwandelt werden müßte, geschehen ist, sondern durch eine mystische Notwendigkeit des Wesens der Welt verursacht wurde.

Bourgeoisie und Kleinbürgertum Deutschlands befanden sich damals in einer Lage, die ihnen wenig Lust zu großer politischer Aktivität gab. Um die Herrschaft der bürgerlichen

é um autoengano do ser humano. A mudança das condições humanas que compõe o objeto da história é apenas mera espuma nas ondas e não tem nada que ver com as profundezas do mar; é mera aparição superficial, mera aparência. Para Schopenhauer, que nega radicalmente a concepção dialética do real e das conexões lógicas, aparência e aparição não são formas de manifestação do essencial, mas aparência e essência, acontecimentos históricos e da mística vontade do mundo, a coisa em si schopenhaueriana, estando uma a outra em uma contraposição aguda e excludente. Nenhuma ponte de conhecimento conduz de uma à outra, apenas o salto da intuição pode levar além desse abismo. Portanto, no fundo, não há história em Schopenhauer. A essência das relações humanas tem sido sempre as mesmas: sempre se manifestou nelas a mesma vontade sem-razão e cega. As diferenças entre os períodos específicos são tão insignificantes que para um pensador verdadeiro não vale a pena se ocupar com elas.

É evidente que tal filosofia, com todo o seu pessimismo, justamente por seu pessimismo radical, poderia tornar-se uma filosofia de consolo para a burguesia depois de 1848. Após o colapso de todas as esperanças em uma ordem social alcançada sem esforços correspondentes aos desejos sociais, especialmente porque o colapso teve lugar devido às próprias ilusões, debilidades, devido aos próprios erros e covardia, foi extremamente reconfortante ouvir da boca de filósofos “competentes” que toda a ação humana desde a criação do mundo baseia-se em ilusões, que todo esforço humano desde sempre fracassou, que o fracasso atual não é consequência de erros específicos, reparados através de duras autocríticas, nem que aconteceu devido à própria covardia, que teria de ser transformada em coragem por dura autoflagelação, mas foi causado por uma necessidade mística da essência do mundo.

A burguesia e a pequena burguesia da Alemanha se encontravam nessa altura em uma situação que lhes dava pouca vontade de se envolver em uma grande atividade política. Para conquistar o domínio

Klasse zu erkämpfen und – was in dieser Periode objektiv wiederholt möglich war – die Reaktion zum Weichen zu bringen, hätte man an die breiten Massen appellieren müssen. Aber die Erfahrungen des „tollen Jahres“, wie die Bürgerlichen sich immer mehr gewöhnten das Jahr 1848 zu bezeichnen, schreckten sie vor diesem einzig möglichen Weg der politischen Aktivität, des Kampfes um die Staatsmacht zurück. Andererseits zwang sie der erstarkende Bonapartismus Bismarcks in immer demütigendere Kompromisse hinein. Wenn also in dieser Zeit ein Philosoph bekannt wurde, der in geist-reich-bissiger Weise ein jedes Handeln als zwecklos und sinnlos verurteilte, der das spießhafte Sichzurückziehen in sich, das Sichabsondern von den gesellschaftlichen Kämpfen, von den - aus der Ewigkeitsperspektive der Philosophie gesehen - nichtigen öffentlichen Interessen als Gipfel der menschlichen Erhabenheit pries, so mußte eine solche Predigt in breitesten Kreisen der bürgerlichen Intelligenz und weit darüber hinaus im Bürgertum und Kleinbürgertum ein begeistertes Echo finden.

Diese Popularität in weiten intellektuellen Kreisen wurde noch durch die „Modernität“ Schopenhauers gesteigert. Die Abkehr vom gesellschaftlichen Handeln hat nämlich bei ihm keinen christlichen Charakter; überhaupt verbindet Schopenhauer seine mystische Philosophie nirgends mit dem Christentum. Die Abwendung von der Welt, in welcher sein System gipfelt, trägt ein buddhistisches Gepräge. Dies hat nun für seine Popularität die verschiedensten Vorteile mit sich gebracht. Vor allem ist der Orient und hauptsächlich Indien durch die Romantik in Mode gekommen, während breite Schichten der gebildeten Intelligenz sich innerlich vom Christentum losgesagt haben. Man vergesse nicht, daß die Popularität Schopenhauers unmittelbar auf die vulgär-materialistische Welle, auf die vulgär-atheistische Propaganda der Büchner, Vogt etc. folgt und teilweise mit dieser parallel läuft. Nun ist aber der Buddhismus, besonders in seiner Schopenhauerischen Fassung, eine „atheistische Religion“, die also gerade den Bedürfnissen einer solchen bürgerlichen Intelligenzschicht sehr weit entgegenkommt: Als Atheismus ist die Schopenhauerische Philosophie „aufgeklärt“, antikirchlich, eines modernen, „auf naturwissenschaftlicher Grundlage stehen-

da classe burguesa e — o que objetivamente era possível repetidas vezes nesse período — para fazer a reação recuar, ter-se-ia de apelar às amplas massas. Mas as experiências do “ano louco”, como a burguesia cada vez mais se acostumou a designar o ano de 1848, assustou-as ante essa única via possível da atividade política, da luta pelo poder do Estado. Por outro lado, o crescente bonapartismo de Bismarck forçou-as a compromissos cada vez mais humilhantes. Se, portanto, nessa época, tornou-se conhecido um filósofo que, de modo espiritualmente rico e mordaz, condenou toda ação como inútil e sem sentido, que enalteceu o dissuadir-se burguês em si, o isolar-se das lutas sociais, desde o vão interesse público — visto a partir da perspectiva de eternidade da filosofia — como topo da sublimidade humana, então tal sermão teve de encontrar um eco entusiástico nos círculos mais amplos da *intelligentsia* burguesa, e muito além dele, na burguesia e na pequena burguesia.

Essa popularidade em amplos círculos intelectuais foi intensificada pela “modernidade” de Schopenhauer. Para ele, a recusa da ação social não tem, de fato, caráter cristão; em nenhum lugar Schopenhauer vincula a sua filosofia mística com o cristianismo. O afastamento do mundo em que seu sistema culmina tem um cunho budista. Isto trouxe consigo na ocasião diferentes vantagens para a sua popularidade. Sobretudo o Oriente e principalmente a Índia entraram em moda através do romantismo, enquanto amplas camadas da *intelligentsia* culta renunciaram interiormente ao cristianismo. Não se esqueça que a popularidade de Schopenhauer segue imediatamente na onda vulgar-materialista, na propaganda vulgar-atéista de Büchner, Vogt etc. e, em parte, corre paralela a ela. Mas, agora, o budismo, especialmente em sua versão schopenhaueriana, é uma “religião atéista” que, portanto, satisfaz por isso mesmo muitíssimo às necessidades de tal camada da *intelligentsia* burguesa: como ateísmo, a filosofia schopenhaueriana é “iluminada”, anticlerical, digna de um ser humano moderno, “permanecendo sobre a base das ciências naturais”;

den“ Menschen würdig; andererseits hat sie nicht den groben und materialistischen Ton des gewöhnlichen Atheismus, sie ist im Gegenteil fein, tief, religiös, nur eine Religion auf einer höheren und moderneren Stufe als die der gewöhnlichen Kirchen. Mit einem Wort: Sie ist der vollendete Salon-Atheismus.

Hier ist eine der wichtigsten Ursachen, warum in dieser Periode der Hauptvertreter der romantischen Reaktion vor der achtundvierziger Revolution, der späte Schelling, vollständig in Vergessenheit geraten ist und von Schopenhauer abgelöst wurde. Die Schellingsche Mystik ist nämlich resolut auf das Christentum basiert und soll in einer philosophischen Weise die reaktionärsten Formen des Christentums rehabilitieren, während die Schopenhauersche Mystik mit allen „modernen“ Anschauungen vereinbar zu sein schien, ja ihnen erst die richtige philosophische Weihe gab. Dazu kommt, daß der späte Schelling in einer sehr inkonsequenten, sehr eklektischen Weise die Naturphilosophie seiner Jugendperiode zu retten versuchte. Dadurch war in seinem letzten System die Naturdialektik, die Erkennbarkeit des Dinges an sich, wenn auch nur als Vorbereitung, als bloße „negative Philosophie“, die einer „positiven“ Ergänzung durch die Offenbarung bedarf, doch aufbewahrt.

Auch in dieser Hinsicht ist Schopenhauer viel moderner. Er steht zur Dialektik, zur Möglichkeit der verstandesmäßigen Erkenntnis des Dinges an sich völlig ablehnend. Er bekennt sich in dieser Hinsicht zu Kant, jedoch zu einem Kant, der ganz auf den solipsistischen Standpunkt Berkeleys zurückgeführt wurde. Kant selbst, der, wie Lenin überzeugend gezeigt hat, in seiner Erkenntnistheorie zwischen Idealismus und Materialismus schwankte, nennt den Berkeleyschen Solipsismus einen „Skandal der Vernunft“. Da nun die allgemeine Liquidation des revolutionären Gedankens im Bürgertum, die sich in der Periode der Reaktion vollzog, sich in erster [Linie] auf die Ausmerzungen der Dialektik, der „Algebra der Revolution“, wie Herzen sie nannte, richtete, mußte ein solches Zurückgehen auf Kant, das auch aus ihm alle Ansätze zur Dialektik, die ihn zu einem Vorläufer Hegels machten, restlos entfernte, vor dem damaligen Bürgertum als besonders anziehend, „wissenschaftlich“ und modern erscheinen.

Man muß das skeptische Verhalten zur Möglichkeit der Er-

por outro lado, ela não tem o tom grosseiro e materialista do ateísmo habitual; pelo contrário, ela é apurada, profunda, religiosa, apenas uma religião em um nível mais elevado e mais moderno do que o das Igrejas comuns. Em uma palavra: ela é o perfeito ateísmo de salão.

Eis aqui uma das principais razões de por que, nesse período, o principal representante da reação romântica antes da Revolução de 1848, o Schelling tardio, foi completamente esquecido e substituído por Schopenhauer. De fato, o misticismo schelliniano é resolutamente baseado no cristianismo e tem que reabilitar as formas mais reacionárias do cristianismo em um modo filosófico, enquanto o misticismo schopenhaueriano parece ser compatível com todas as concepções “modernas”, deu a elas, primeiro, a consagração filosófica correta. Acrescente-se a isso que o Schelling tardio tentou salvar a filosofia da natureza de seu período juvenil de modo muito inconsequente e muito eclético. Por isso, em seu último sistema, a dialética da natureza, a cognoscibilidade da coisa em si foi conservada, ainda que apenas como preparação, como mera “filosofia negativa”, que necessitava de uma complementação “positiva”, por meio da revelação.

Também neste aspecto Schopenhauer é muito mais moderno. Ele assume completa reprovação para com a dialética, para com a possibilidade do conhecimento intelectual da coisa em si. Neste aspecto, declara-se partidário de Kant, mas de um Kant que foi totalmente reconduzido sobre o ponto de vista solipsista de Berkeley. O próprio Kant, que, como Lenin demonstrou convincentemente, oscilou em sua teoria do conhecimento entre idealismo e materialismo, chama o solipsismo berkeleyano de “escândalo da razão”. Agora que a liquidação geral do pensamento revolucionário na burguesia, que se consumou no período da reação, dirigiu-se em primeira linha para a erradicação da dialética, da “álgebra da revolução”, como Herzen a chamava, tal retroceder à Kant, que também a partir dele, removeu totalmente todas as abordagens dialéticas que o fez um precursor de Hegel, teve de aparecer ante a burguesia como particularmente atrativo, “científico” e moderno.

É preciso distinguir muito bem o comportamento cético ante a possibilidade de

kenntnis der objektiven Wirklichkeit in dieser Reaktionsperiode sehr scharf von anderen Zeiten des Skeptizismus unterscheiden. Wir wollen gar nicht von jenen Formen des Skeptizismus sprechen, die in fortschrittlicher Weise das alte religiöse Denken zersetzten; auch der Skeptizismus und Agnostizismus, wie der der modernen Naturforscher, ist zwar für die Entwicklung der Philosophie gefährlich und zersetzend, ist aber dem Wesen nach doch, nach Engels' Worten, ein verschämter Materialismus. Die Wiederaufnahme des Berkeleyschen Skeptizismus bei Schopenhauer mündet aber direkt in buddhistische Mystik; er ist nur die gedankliche Vorbereitung zu dieser Mystik.

Freilich in einer vorsichtigen und modernen Form. Denn für die moderne Bourgeoisie ist die Entwicklung der materiellen Produktivkräfte eine Lebensfrage, und diese ist wiederum ohne ununterbrochenen Fortschritt der exakten Naturwissenschaften unmöglich. Eine Skepsis, die in breiten Kreisen des Bürgertums Verbreitung und Popularität erlangen soll, darf sich also nicht gegen die praktischen Ergebnisse der Naturwissenschaften richten, sie muß diese in irgendeiner Weise bejahen. Dann kann sie allerdings gleichzeitig die heftigsten Angriffe gegen das wissenschaftliche Weltbild richten, das sich notwendig mit philosophischer Konsequenz aus den Ergebnissen und Entdeckungen der Naturwissenschaft ergeben würde. Eine Zersetzung dieses Weltbildes wird in der reaktionären Bourgeoisie um so mehr mit Sympathie aufgenommen, weil sie fühlt, daß diese Konsequenzen materialistischer und dialektischer Art sein müssen, und solchen Konsequenzen würde sie immer auch die krasseste Mystik vorziehen.

So kann sich die empirische Anerkennung der Ergebnisse der Naturwissenschaft mit einer wüsten Mystik philosophisch verbinden und im niedergehenden Bürgertum eine Popularität erlangen. Auf ersten Anblick erscheint eine solche enge Verbindung von empirischer Naturforschung und Mystik paradox. Man ist gerade seit der Zeit Schopenhauers, als man die heftigsten Angriffe gegen die Hegelsche Naturphilosophie richtete, daran gewöhnt worden, gerade Dialektik und Mystik miteinander zu verknüpfen, die Dialektik dadurch zu kompromittieren, daß man ihr einen mystischen Charakter zuschrieb; Hegels Ausdrucksweise gibt dazu manchen Vorwand.

conhecer a realidade objetiva nesse período de reação de outros períodos do ceticismo. Não queremos falar nem sequer daquelas formas de ceticismo que de modo progressivo decomposeram o velho pensamento religioso; mesmo o ceticismo e o agnosticismo, como o dos naturalistas modernos, são perigosos e decompositores para o desenvolvimento da filosofia, mas, segundo as palavras de Engels, são essencialmente um materialismo envergonhado. A retomada do ceticismo berkeleyano por Schopenhauer desemboca diretamente no misticismo budista; ele é apenas a preparação mental para esse misticismo.

Porém, em uma forma cuidadosa e moderna. Pois, para a burguesia moderna, o desenvolvimento das forças produtivas materiais é uma questão de vida, e esta, por sua vez, é impossível sem o progresso contínuo das ciências exatas. Um ceticismo que quer alcançar disseminação e popularidade em amplos círculos da burguesia não pode dirigir-se contra os resultados práticos das ciências naturais; deve sim, de algum modo, afirmá-los. Depois disso, contudo, pode dirigir, ao mesmo tempo, os mais ferozes ataques à imagem de mundo científica que necessariamente adviria, com consequência filosófica, dos resultados e descobertas das ciências naturais. Uma decomposição dessa imagem de mundo é recebida com tanto mais simpatia na burguesia reacionária, porque ela sente que essas consequências devem ser de tipo materialista e dialético, e ela sempre preferiu o misticismo extremo a tais consequências.

Assim, a aceitação empírica dos resultados das ciências naturais pode se conectar com um misticismo filosófico devastador e obter popularidade na burguesia em declínio. À primeira vista, essa tão estreita vinculação entre pesquisa natural empírica e misticismo parece paradoxal. Especialmente desde os tempos de Schopenhauer, quando os ataques mais intensos se dirigiam contra a filosofia natural hegeliana, costumava-se por isso mesmo vincular dialética e misticismo entre si, comprometendo através disso a dialética, atribuindo-lhe um caráter místico; o modo de expressão de Hegel dá o pretexto para isso.

Aber schon Engels hat deutlich gezeigt, daß es sich hier um eines der vielen bürgerlichen Vorurteile handelt. Als Zusammenfassung seiner fein satirischen Analyse der spiritistischen Experimente bedeutender oder wenigstens verdienstvoller Naturforscher sagt er: „Es zeigt sich hier handgreiflich, welches der sicherste Weg von der Naturwissenschaft zum Mystizismus ist. Nicht die überwuchernde Theorie der Naturphilosophie, sondern die allerplatteste, alle Theorie verachtende, gegen alles Denken mißtrauische Empirie.“<sup>8</sup>

Diese Bemerkungen Engels' zeigen einen historischen Zusammenhang auf, der nicht nur für unsere jetzige Analyse der philosophischen Anschauungen Schopenhauers und ihrer Popularität wichtig ist, sondern auch ein Licht auf noch viel krassere Formen von Mystizismus ihrer späteren Entwicklung wirft. Sie zeigen nämlich, daß weder „allgemeine Bildung“ noch Aufschwung der Naturwissenschaften und Verbreitung ihrer Ergebnisse die Menschheit davor beschützen können, daß der finsterste Aberglauben, die dunkelste und sinnloseste Mystik breite Massen, darunter ehrliche und intelligente Menschen, ergreife. Es genügt, wenn diese Mystik, wie wir bei Schopenhauer gezeigt haben und wie wir es bei späteren Denkern zeigen werden, bestimmten sozial bedingten psychologischen Bedürfnissen dieser Massen entgegenkommt; insbesondere wenn die beteiligten Menschen durch das Mißtrauen gegen alles Denken der mystischen Vergiftung gegenüber ideologisch wehrlos gemacht worden sind. Es ist die historische Bedeutung Schopenhauers, daß er dieses ideologische Wehrlosmachen, dieses Mißtrauen dem Denken gegenüber in breiteste Kreise des deutschen Bürgertums hineingetragen hat.

Diese ideologische Entwaffnung und Vergiftung des bürgerlichen Denkens vollzieht Schopenhauer mit großer Konsequenz und [mit] Erfolg auch auf dem Gebiete der Moral. Sein Hauptbestreben ist hier, die Moral von jeder Gesellschaftlichkeit, von jedem öffentlichen Interesse loszulösen. Vor der Revolution legte die philosophische Ideologie des deutschen Bürgertums in der Moralwissenschaft einen fortschrittlichen Weg zurück von Kant bis Hegel. (Feuerbach bedeutet, wie Engels gezeigt hat, in der Typ[ologie] der Ethik hier einen Rückschritt Hegel gegenüber.) Wenn bestimmte Kreise der li-

No entanto, Engels já demonstrou claramente que esse é um dos muitos preconceitos burgueses. Como resumo de sua análise finamente satírica dos experimentos espíritas de cientistas naturais importantes ou pelo menos meritórios, diz ele: “mostra-se aqui palpavelmente qual é o caminho mais seguro da ciência da natureza para o misticismo. Não a teoria sufocante da filosofia da natureza, mas o empirismo mais banal, depreciativo de toda teoria, desconfiado de todo pensamento.”

Esses comentários de Engels mostram uma ligação histórica que não é apenas importante para nossa análise atual das concepções filosóficas de Schopenhauer e sua popularidade, mas também lança luz sobre formas ainda mais flagrantes do misticismo em seu desenvolvimento posterior. Eles mostram, a saber, que nem a “educação geral”, nem o crescimento das ciências naturais e a disseminação de seus resultados podem proteger a humanidade de que a superstição mais sombria, o misticismo mais obscuro e sem sentido, apodere-se das grandes massas, incluindo seres humanos honestos e inteligentes. É suficiente, como mostramos com Schopenhauer e como mostraremos com os pensadores posteriores, quando esse misticismo satisfaz determinadas necessidades psicológicas socialmente condicionadas dessas massas; especialmente quando os seres humanos envolvidos são tornados ideologicamente indefesos contra o envenenamento místico pela desconfiança de todo pensamento. A importância histórica de Schopenhauer está em que ele levou esse tornar indefensável ideologicamente, essa desconfiança de pensamento, para os mais amplos círculos da burguesia alemã.

Schopenhauer executa esse desarmamento e envenenamento ideológico do pensamento burguês com grande consequência e com êxito também no âmbito da moral. Sua principal pretensão aqui é desprender a moral de toda a sociabilidade, de todo o interesse público. Antes da revolução, a ideologia filosófica da burguesia alemã forneceu na ciência da moral um caminho de volta progressista, desde Kant até Hegel. (Feuerbach significa, como Engels demonstrou, na tipologia da ética, aqui, um retrocesso em relação a Hegel) Se determinados círculos da burguesia

<sup>8</sup> Friedrich Engels, *Die Naturforschung in der Geiswelt*. In: Herrn Eugen Dührings *Umwälzung der Wissenschaft*. Dialektik der Natur. 1873-1882. [MEGA-] Sonderausgabe zum vierzigsten Todestage von Friedrich Engels. Hrgs. Von V. Adoratskij. Moskau – Leningrad 1935. S. 715; MEW 20 S. 345.

<sup>8</sup> Friedrich Engels. *A pesquisa da natureza no mundo do espírito*. In: *A dielétrica da natureza*.

beralen Bourgeoisie in dieser Periode auf Kant zurückgegriffen haben, so haben sie ebenfalls an dieser rückschrittlichen Bewegung teilgenommen, indem sie die sowieso abstrakten Formulierungen der Kantschen Ethik noch weiter abstrahierten und aus ihr eine Ideologie des kleinbürgerlichen Gehorsams einer jeden Gesellschaftsordnung gegenüber gemacht haben. Indem Schopenhauer auch aus der Ethik eine jede Dialektik entfernt, indem er den Willen, das Irrationale in einen ausschließenden Gegensatz zur Vernunft bringt, geht er in diesem Zerreißen der Verbindungen zwischen individueller Moral und Gesellschaftlichkeit noch weiter als die sonstigen Neukantianer. Er begründet die Moral des intellektuellen Spießers, die Rechtfertigung für seine gesellschaftliche Untätigkeit, für sein Sichzurückziehen vor jedem Opfer den öffentlichen Interessen gegenüber.

Dazu kommt, daß Schopenhauer von seiner Perspektive der Ewigkeit in der Moral zur Konsequenz geführt wurde, alle unmittelbaren Leiden unter der kapitalistischen Gesellschaft als im Wesen der Welt begründet anzusehen. Sie sind „ewig“, stammen aus dem mystischen Charakter des Willens, und jeder Versuch, sie vom gesellschaftlichen Standpunkt zu betrachten, ihre gesellschaftlichen Gründe zu eliminieren, erscheint in diesem Zusammenhang als oberflächlich, flach, unphilosophisch. Philosophisch ist dagegen, die „Tiefe“ ihres ewigen Charakters zu begreifen und daraus gedanklich - wohlgemerkt nur gedanklich - die Konsequenzen zu ziehen. Denn die Schopenhauersche Philosophie hat in ihrer Moral noch einen spezifischen „Komfort“ für den intellektuellen Spießer: Sie verlangt nur ein gedankliches Verständnis und nicht eine Verwirklichung im Leben selbst. Nach Schopenhauer wäre die praktische Verneinung des Willens zum Leben die einzig folgerichtige Konsequenz seiner Lehre, aber er selbst bekennt, daß er auch nicht nach dieser Lehre lebt, und verlangt von keinem seiner Anhänger, daß er hier die letzten Konsequenzen ziehe. Schopenhauer verhält sich also zu seiner eigenen reaktionären Philosophie und Moral wie die Jesuiten des Ancien regime zum Christentum; er hat auch eine ähnliche Beliebtheit in der reaktionären Bourgeoisie erlangt wie jene im verkommenen Hofadel Frankreichs.

Diese wesentlichen Züge der Schopenhauerschen Philoso-

liberal recorreram a Kant durante esse período, portanto, igualmente compartilharam desse movimento retrógrado, pois, em todo caso, abstraíram continuamente as formulações abstratas da ética kantiana e fizeram delas uma ideologia de obediência pequeno-burguesa contra todo um regulamento social. Na medida em que Schopenhauer também afasta a partir da ética qualquer dialética, na medida em que submete, pela vontade, o irracional a uma oposição excludente com a razão, ele vai ainda mais longe do que os outros neokantianos neste romper das ligações entre moral individual e socialidade. Justifica a moral do burguês intelectual, a explicação para sua inatividade social, para seu isolar-se ante toda vítima em relação ao interesse público.

Além disso, Schopenhauer foi levado desde sua perspectiva da eternidade na moral à consequência de considerar todos os sofrimentos imediatos da sociedade capitalista como fundados na essência do mundo. Eles são “eternos”, provêm do caráter místico da vontade, e toda tentativa de examiná-los do ponto de vista social, de eliminar suas razões sociais, aparece nessa conexão como superficial, plano, não filosófico. Filosoficamente, pelo contrário, a “profundidade” está em apreender seu caráter eterno e daí extrair mentalmente — aliás, apenas mentalmente — as consequências. Assim, a filosofia schopenhaueriana tem ainda em sua moral um “conforto” específico para o burguês intelectual: ele exige apenas uma compreensão mental e não uma materialização na própria vida. Conforme Schopenhauer, a negação prática da vontade de viver seria a única consequência lógica de seus ensinamentos, mas ele mesmo confessa que não vive de acordo com esses ensinamentos, e não exige a nenhum de seus seguidores que extraia aqui as consequências últimas. Schopenhauer se comporta, portanto, para com a sua própria filosofia e moral reacionárias como os jesuítas do Antigo Regime para com o cristianismo; ele também obteve notabilidade na burguesia reacionária à semelhança da degenerada nobreza da corte francesa.

Esses traços essenciais da filosofia schopenhaueriana

phie ergeben einen neuen, einen indirekten Weg der Apologetik der kapitalistischen Gesellschaft. Kurz gefaßt: Die Welt (d. h. die kapitalistische Gesellschaft) soll von ihren „schlechten Seiten“ aus verteidigt werden. Die alte liberale Apologetik predigte den harmonischen Charakter der Welt, vor allem die prästabilierte Harmonie zwischen den Interessen der Klassen, vor allem zwischen denen von Bourgeoisie und Proletariat. Je mehr die kapitalistische Gesellschaft sich entfaltete - und die Periode der Popularität Schopenhauers ist die des ersten großen Aufschwungs der kapitalistischen Produktion in Deutschland -, desto stärker treten die Widersprüche des Kapitalismus hervor, desto weniger lassen sich die Scheußlichkeiten seines Systems vor breiten Schichten der denkenden Menschen einfach in Harmonie verwandeln. Die beginnende Einsicht in diese Widersprüche, das Erleben der Widerwärtigkeiten des Kapitalismus, seiner Grausamkeit, der prosaischen Öde des Lebens zerstört den weltanschaulichen Glauben breiter bürgerlicher Schichten an die Harmonie der gesellschaftlichen Erscheinungen.

Solche Erlebnisse lösen Enttäuschung, sogar Verzweiflung aus, besonders in Zeiten eines reaktionären politischen und gesellschaftlichen Druckes auf breite Massen, in Zeiten, in welchen sich die bisherigen Perspektiven zu verdunkeln beginnen. Eine solche Enttäuschung oder Verzweiflung, so verworren sie auch sein mag, kann unter Umständen in eine Einsicht in die Grundlagen der Gesellschaft, in eine Revolutionierung des Denkens Umschlagen oder kann wenigstens die Menschen empfänglich für die Aufnahme revolutionärer Lehren machen. Freilich schafft die bürgerliche Gesellschaft ununterbrochen und spontan große äußere und innere Hemmungen, die ein solches Umschlagen, eine solche Empfänglichkeit für revolutionäre Lehren hindern und auf falsche Bahnen ablenken. Die soziale und politische Bedeutung eine: Philosophie wie [der] Schopenhauers besteht gerade darin daß sie diese Ablenkung in großem Stil, für weite Kreise voll bringt.

Der Pessimismus Schopenhauers fügt sich organisch in diese Bedürfnisse der bürgerlichen Klasse nach den Enttäuschungen der Revolutionsjahre und während der Kompromißneigungen in der Reaktionsperiode. Indem hier die Welt vor

resultam em um novo caminho indireto da apologética na sociedade capitalista. Em resumo: o mundo (i. e., a sociedade capitalista) tem que ser defendido de seu “lado ruim”. A velha apologética liberal proclamava o caráter harmonioso do mundo, sobretudo a harmonia preestabelecida entre os interesses das classes, especialmente entre os da burguesia e do proletariado. Quanto mais a sociedade capitalista se desenvolvia — e o período de popularidade de Schopenhauer é o da primeira grande expansão da produção capitalista na Alemanha —, tanto mais fortemente afloravam as contradições do capitalismo, tanto menos as atrocidades de seu sistema se deixavam transformar-se facilmente em harmonia ante as amplas camadas de seres humanos pensantes. A compreensão inicial dessas contradições, a experiência das torpezas do capitalismo, sua crueldade, o tédio prosaico da vida destroem a crença ideológica das amplas camadas burguesas na harmonia dos fenômenos sociais.

Tais experiências desencadeiam sobre amplas massas o desapontamento e mesmo a desesperação, especialmente em tempos de pressão política e social reacionárias, em momentos em que as perspectivas anteriores começam a escurecer. Tal desapontamento ou desesperação, por confuso que seja, pode em determinadas circunstâncias se transformar em uma compreensão dos fundamentos da sociedade, em uma revolucionarização do pensamento, ou pode, pelo menos, tornar seres humanos predispostos à aceitação de ensinamentos revolucionários. Certamente, a sociedade burguesa produz contínua e espontaneamente grandes inibições externas e internas que impedem e desviam por falsos trajetos esse transformar, tal receptividade para os ensinamentos revolucionários. O significado social e político de uma filosofia como a de Schopenhauer reside precisamente em que ela traz essa completa distração em grande estilo para os amplos círculos.

O pessimismo de Schopenhauer acomoda-se organicamente a essas necessidades da classe burguesa após os desapontamentos dos anos revolucionários e durante a predisposição para o compromisso no período da reação. Ao retratar aqui o mundo como



Grund aus als sinnlos und schlecht dargestellt wird, als ein Chaos, in welchem von Ewigkeit her die blinden Triebe triumphieren, in welcher für Vernunft und Güte kein Platz ist, schafft er ein Weltbild, in welchem alle konkreten Leiden der Epoche, alle konkreten Bestrebungen, ihnen durch soziale und politische Aktionen abzuwenden, als sinnlos und nichtig erscheinen. Es ergibt sich aus dieser Philosophie, daß jede konkrete Kritik der Gesellschaft oberflächlich und am Wesen der Dinge vorbeigehend ist, daß jeder, der auf Grundlage einer solchen Kritik sich mit der Verbesserung des gesellschaftlichen Zustandes befaßt, untief denkt, in den nichtigsten Oberflächenerscheinungen befangen bleibt. Ein wirklich wesentlicher Mensch ist nur der, der sich aus dieser Scheinwelt rettet, für den der „Schleier der Maja“ zerreißt; der sich ausschließlich [der] Kunst und Philosophie, die sich prinzipiell von dieser Scheinwelt ablösen, sich so hoch über sie erheben, daß sie ihr nicht einmal feindlich polemisch gegenüberstehen, hingibt; der sich damit vom gesellschaftlich-geschichtlichen Weg vollständig abwendet.

Die Schopenhauersche Philosophie gibt also scheinbar eine unvergleichlich radikale[re] Kritik aller Übel der Welt als jede andere - Schopenhauer spricht auch verächtlich vom „ruchlosen Optimismus“ der deutschen klassischen Philosophen -, sie findet deshalb ein Echo bei allen, die vom Weltlauf enttäuscht, verbittert und zur Verzweiflung gebracht worden sind. Jedoch indem sie ihre Verzweiflung vom Leben der Gesellschaft ablenkt, aus ihrer Verzweiflung eine gesellschaftliche Untätigkeit macht, ist ihre Wirkung dieselbe wie eine direkte Apologetik des Kapitalismus. Sie ist sogar insofern wirksamer und gefährlicher, weil ihre indirekte Apologetik vollkommen versteckt ist (Schopenhauer sagt verständlicherweise kein gutes Wort über die kapitalistische Gesellschaft); weil ihre Wirkung gerade jene Kreise erreicht, die bereits durch ihre Erlebnisse und Gedanken für die direkte und grobe Apologetik unerreichbar geworden sind, in denen deshalb die Möglichkeit vorhanden gewesen wäre, sich kritisch weiterzuentwickeln.

In der Verhinderung dieser Weiterentwicklung, in der Ablenkung rebellierender Instinkte auf falsche Bahnen liegt die soziale Mission der Schopenhauerschen Philosophie, die

sem sentido e mau, como um caos no qual os instintos cegos triunfam da eternidade, na qual não há lugar para a razão e para a bondade, ele cria uma imagem de mundo na qual todos os sofrimentos concretos da época, todos os esforços concretos para remediá-los através de ações sociais e políticas aparecem como sem sentido e nulos. Resulta dessa filosofia que toda crítica concreta da sociedade passa superficialmente pela essência das coisas, que, quem quer que se ocupe com a melhoria da condição da sociedade sobre a base de tal crítica, pensa com pouca profundidade, permanece enredado nas manifestações superficiais mais vãs. Um ser humano verdadeiramente essencial é apenas aquele que se salva desse mundo de aparência, para quem o “véu de Maya” se rasga; que se entrega exclusivamente à arte e à filosofia, que por princípio se desprendem desse mundo de aparência, levantam-se tão alto sobre ele que nem mesmo o defrontam hostilmente, polemicamente; que, com isso, afasta-se completamente da via histórico-social.

A filosofia de Schopenhauer, portanto, faz, aparentemente, uma crítica incomparavelmente radical a todos os males do mundo como nenhuma outra — Schopenhauer fala também depreciativamente do “otimismo inescrupuloso” dos filósofos clássicos alemães —, encontra, por isso, um eco em todos os que foram desencantados, amargurados e desesperados pelo curso do mundo. No entanto, ao distrair sua desesperação da vida da sociedade, ao fazer da sua desesperação uma inatividade social, seu efeito é o mesmo que uma apologética direta do capitalismo. É até nesse ponto eficaz e perigoso, porque sua apologética indireta está completamente encoberta (compreensivelmente, Schopenhauer não diz uma palavra boa sobre a sociedade capitalista); porque seu efeito atinge precisamente aqueles círculos que já se tornaram inacessíveis para a apologética direta e grosseira através de suas experiências e pensamentos, nos quais, por isso mesmo, a possibilidade teria existido para continuar a se desenvolver criticamente.

A missão social da filosofia schopenhaueriana, a base da fama mundial, está na inibição dessa continuação do desenvolvimento, na distração revoltosa dos instintos

Grundlage seines Weltruhms. (Daß Schopenhauer persönlich ein bewußter Reaktionär war, der 1848 auf der Seite der militärischen Unterdrückung der Revolution stand und einen Teil seines Vermögens der Unterstützung der Hinterlassenen der für die Konterrevolution Gefallenen vermachte, vervollständigt nur dieses Bild. Die Lobpreisungen seitens der reaktionären Bourgeoisie haben Schopenhauer kein Unrecht getan, keine Verzerrung an seinem wirklichen Bild vollbracht, wie dies sonst in der Geschichte wiederholt geschehen ist. Sein literarisches Schicksal ist nur dadurch bestimmt, daß er erst durch den Sieg der Reaktion als führender Philosoph emporkommen konnte, obwohl er als „einsames und verkanntes Genie“ die Philosophie einer aufgeblasenen und spießhaften Reaktion bereits in der Goethe-Periode verkündet hat.)

Diese von Schopenhauer entdeckte und gleich außerordentlich wirksam gewordene indirekte Apologetik der kapitalistischen Gesellschaft gewinnt mit dem Eintritt in die imperialistische Periode außerordentlich an Bedeutung. Einerseits verschärfen sich notwendigerweise die Widersprüche des kapitalistischen Systems, insbesondere in Deutschland, wo zu ihren ökonomisch-sozialen Widersprüchen noch der schreiende Widerspruch zwischen der ökonomischen Macht des Kapitals und der politischen Machtlosigkeit der bürgerlichen Klasse hinzutritt; es steigert sich die Enttäuschung der Massen an der gesellschaftlichen Entwicklung. Die direkte Apologetik des Kapitalismus, die Verteidigung [seiner] Harmonie verliert immer mehr an Spielraum in den fortgeschrittenen Kreisen der Gesellschaft. (Natürlich stirbt sie, solange der Kapitalismus existiert, nie vollständig ab; sie existiert einerseits als grobe Massenpropaganda für unentwickelte Schichten, andererseits - freilich als bloßes Sollen - im Neukantianismus weiter.)

Andererseits stellt der Eintritt in die imperialistische Periode seitens der herrschenden Klassen andere, größere Anforderungen an ihre Gefolgschaft. Für die „bonapartistische Monarchie“ der vorimperialistischen Zeit hat die politische Neutralisation der bürgerlichen Elite ausgereicht, da sie das Kleinbürgertum mit grob chauvinistischer Propaganda mit sich reißen konnte und die Bourgeoisie durch ihre materiellen Interessen an sie gekettet war. Jetzt bereiteten sich aber große

sobre a trajetória falsa. (Que Schopenhauer era pessoalmente um reacionário consciente, que em 1848 estava ao lado da repressão militar e deixou como herança uma parte de sua riqueza para apoiar os deixados para trás pelos soldados mortos pela contrarrevolução, apenas completa esse quadro. As exaltações por parte da burguesia reacionária não fizeram mal a Schopenhauer, e não causaram distorção em sua imagem real, como de costume isso sucede repetidamente na história. Seu destino literário é determinado por isso apenas em que, ele, só através do triunfo da reação, pôde emergir como filósofo dirigente, embora, como “gênio solitário e incompreendido”, já tivesse proclamado a filosofia de uma reação inflada e burguesa no período de Goethe.)

Essa apologética indireta da sociedade capitalista, descoberta por Schopenhauer e ao mesmo tempo tornada extraordinariamente efetiva, obtém uma importância extraordinária com a entrada no período imperialista. Por um lado, as contradições do sistema capitalista se agudizam necessariamente, especialmente na Alemanha, onde suas contradições econômicas e sociais unem-se à contradição gritante entre o poder econômico do capital e a impotência política da classe burguesa, aumentando o desapontamento das massas no desenvolvimento social. A apologética direta do capitalismo, a defesa de sua harmonia perde cada vez mais espaço de manobra nos círculos avançados da sociedade. (Naturalmente, enquanto o capitalismo existir, ela nunca desaparece completamente; continua a existir, por um lado, como grosseira propaganda de massas para camadas não-desenvolvidas, por outro lado — porém, como mero dever — no neokantianismo.)

Por outro lado, a entrada no período imperialista por parte das classes dominantes coloca outras, maiores, exigências a seus seguidores. Para a “monarquia bonapartista” do período pré-imperialista, a neutralização política da elite burguesa era suficiente, já que poderia disputar a pequena burguesia com a propaganda chauvinista grosseira, e a burguesia estava acorrentada a ela através de seus interesses materiais. Agora, no entanto, preparavam-se grandes

Kämpfe um die vom imperialistischen Deutschland beabsichtigte Neuaufteilung der Welt vor; die Widersprüche der kapitalistischen Gesellschaft drohten in revolutionäre Kämpfe umzuschlagen, und dies bei einer ständig wachsenden Anzahl des Proletariats, bei einem ständig wachsenden Einfluß der Sozialdemokratie, auch über die Grenzen des Proletariats hinaus. Man denke an die große Krise 1889/90, die mit Bismarcks Sturz endete. Dieser Sturz hatte nicht nur außenpolitische Gründe, den Übergang Deutschlands zur aggressiv-imperialistischen Politik, die Bismarck nicht mehr verstand und nicht mitmachen wollte, sondern auch die Stellung zur Arbeiterbewegung: Bismarck wollte das Sozialistengesetz erneuern, einen bewaffneten Zusammenstoß mit dem Proletariat provozieren, um auf diese Weise das alte Regime weiterführen zu können. Bekanntlich taucht das Gespenst der Erneuerung des Sozialistengesetzes in der Wilhelminischen Periode immer wieder auf.

Die Anforderungen der herrschenden Klasse an die Ideologie der Elite sind also die einer viel konkreteren und bestimmteren Bejahung des bestehenden Zustandes als in der früheren Periode: Es handelt sich nicht mehr um bloße Neutralität, sondern um offene und rückhaltlose Unterstützung. Gleichzeitig bringen die Widersprüche der Entwicklung rebellische Instinkte und Neigungen in breiten Schichten, auch außerhalb des Proletariats, hervor. Ich verweise nur auf den Einfluß der sozialistischen Gefühle auf die literarische Jugend seit der zweiten Hälfte der achtziger Jahre, die [?] in den Anfängen des deutschen Naturalismus explodierte und ein Werk wie Hauptmanns „Die Weber“ hervorbrachte, auf die Anfänge des deutschen Expressionismus etc. Es entsteht also für die herrschenden Klassen die große Aufgabe, diese rebellierenden Instinkte vom Suchen des richtigen Wegs abzulenken und in ihren Dienst zurückzuführen.

Selbstverständlich gibt es auch in der imperialistischen Periode eine breite, offene, ordinäre Propaganda der Politik der herrschenden Klasse: wilder Chauvinismus, Forderung für Deutschland eines „Platzes an der Sonne“, Flottenverein, Antisemitismus, Alldeutschtum etc. etc. Aber all dies reicht nicht aus, um die Spitze der bürgerlichen Intelligenz – und es handelt sich hier um eine verhältnismäßig breite und weit über

lutas para a nova partilha do mundo que a Alemanha imperialista pretendia; as contradições da sociedade capitalista ameaçavam transformar-se em lutas revolucionárias, e isto com um número continuamente crescente do proletariado, com uma influência continuamente crescente da social-democracia, mesmo além das fronteiras do proletariado. Pense-se na grande crise de 1889/1890 que chegou ao fim com a queda de Bismarck. Essa queda não teve apenas razões de política externa, a transição da Alemanha para a política agressivo-imperialista, que Bismarck não entendia mais e não queria tomar parte, mas também a posição para com o movimento trabalhista: Bismarck queria renovar a lei socialista,\* provocar um choque armado com o proletariado, para desse modo poder continuar o Antigo Regime. Como se sabe, o fantasma da renovação da lei socialista reaparece repetidamente no período guilhermino.

As exigências da classe dominante sobre a ideologia da elite são, portanto, as de uma afirmativa muito mais concreta e definitiva da condição existente do que no período anterior: não se trata mais da mera neutralidade, mas sim do apoio aberto e incondicional. Ao mesmo tempo, as contradições do desenvolvimento transmitem instintos e predisposições rebeldes às amplas camadas, mesmo fora do proletariado. Refiro-me apenas à influência dos sentimentos socialistas na juventude literária desde a segunda metade dos anos de 1880, que explodiu nos primórdios do naturalismo alemão e criou uma obra como *Os tecelões* de Hauptmann, nos primórdios do expressionismo alemão, etc. Surge, desse modo, uma grande tarefa para as classes dominantes: procurar o caminho correto para desviar e levar de volta à sua função esses instintos rebeldes.

Evidentemente, há também no período imperialista uma propaganda ampla, aberta e ordinária da política da classe dominante: chauvinismo selvagem, reivindicação para a Alemanha de um “lugar ao sol”, associação de frotas, antissemitismo, pangermanismo etc. etc. Mas, tudo isso não é suficiente para mobilizar a dianteira da *intelligentsia* burguesa — e trata-se aqui de uma camada relativamente ampla e influente muito além de

\* N. T. A lei antissocialista de Bismarck foi aprovada pelo *Reichstag* em 1878 e permaneceu em vigor até 1890. Proibia a existência de partidos de trabalhadores, impedia a formação de organizações sindicais e deu ao Estado o poder de proibir atividades públicas e mobilizações em massa do movimento operário.

ihre Zahl einflußreiche Schicht – zu gewinnen und gar für die neuen Zwecke zu mobilisieren. So entstehen neue ideologische Bedürfnisse, die sich besonders in der Wendung der Philosophie der imperialistischen Periode als Tendenzen zur Überwindung des Neukantianismus, als Drang nach „Weltanschauung“, als Forderung einer Philosophie der Geschichte als Neubewertung der ideologischen Geschichte Deutschlands, als neue, inhaltliche Moral etc. äußern. Wieder stand den herrschenden Klassen des Imperialismus für diese Zwecke ein „einsames Genie“ der Vorbereitungszeit des Imperialismus zur Verfügung, das am [Ende] des 19. Jahrhunderts im Schnellzugtempo zur Popularität und zum Weltruhm kam: Nietzsche.

Nietzsche repräsentiert in der Tat eine höhere Stufe der indirekten Apologetik des kapitalistischen Systems. Er ist der wichtigste Fonsetzer und Weiterbilder der Schopenhauerschen Philosophie, mit dem wesentlichen Unterschied, daß der klare und offene Antihistorismus seines Meisters bei ihm in eine mythische, antiwissenschaftliche, antihistorische „Geschichtsauffassung“ umschlägt. Dieser Umschlag bereitet sich auch bei Nietzsche allmählich von der Zeit [des] deutsch-französischen Krieg[es] 1870/71 bis zum Vorabend der imperialistischen Periode, wo er der geistigen Umnachtung verfällt [vor]. Er tritt als treuer Schüler Schopenhauers auf, den er neben Richard Wagner als den Menschen der Epoche verherrlicht; es ist kein Zufall, daß diese ersten Veröffentlichungen Nietzsches unmittelbar auf seine Auslegung der Antike im Sinne der modernen Zeit, im Sinne der Liquidierung ihrer humanistischen Auffassung, auf seinen Angriff auf den Repräsentanten der liberalen Ideologie, D. F. Strauß, auf seine Bekämpfung der Wissenschaftlichkeit in der Geschichte und seine Forderung [nach] der Unterordnung der Geschichte unter die Bedürfnisse „des Lebens“ folgen.

Erkenntnistheoretisch bleibt Nietzsche sein ganzes Leben lang ein Schüler Schopenhauers, nur daß der Berkeleyanismus seines Meisters bei ihm einen modernen pseudorealistischen Akzent erhält. Auch bei Nietzsche ist die unmittelbare individuelle Wahrnehmung der Welt das Letzte, die eigentlich objektive Wirklichkeit selbst, und er polemisiert mit großer Heftigkeit gegen den „Idealismus“ jener, die „hinter“ der Wahr

seu número — e ganhá-la para os novos propósitos. Surgem, assim, novas necessidades ideológicas, que se manifestam particularmente na virada da filosofia do período imperialista como tendências para a ultrapassagem do neokantianismo, como impulso para a “concepção de mundo”, como requisição de uma filosofia da história como nova avaliação da história ideológica da Alemanha, como nova moral conteudística etc. Novamente, as classes dominantes do imperialismo tinham um “gênio solitário” do período preparatório do imperialismo à disposição para esse propósito, que no final do século XIX ganhou popularidade e fama mundial rapidamente: Nietzsche.

Nietzsche representa, na realidade, um nível mais elevado da apologética indireta do sistema capitalista. Ele é o continuador e prosseguidor mais importante da filosofia schopenhaueriana, com a diferença essencial de que o anti-historicismo claro e aberto de seu mestre se transforma nele em uma “concepção da história” mítica, anticientífica e anti-histórica. Em Nietzsche, essa transformação se prepara aos poucos, desde a época da Guerra Franco-Prussiana de 1870/1871 até a véspera do período imperialista, antes de ele se entregar à perturbação mental. Ele se apresenta como discípulo fiel de Schopenhauer, a quem enalteceu, ao lado de Richard Wagner, como o ser humano da época; não é por acaso que essas primeiras publicações de Nietzsche estão diretamente relacionadas à sua interpretação da Antiguidade no sentido dos tempos modernos, no sentido da liquidação de sua concepção humanista, ao seu ataque ao representante da ideologia liberal, D. F. Strauss, ao seu combate à cientificidade na história e sua requisição pela subordinação dos acontecimentos às necessidades “da vida”.

Epistemologicamente, Nietzsche permaneceu durante toda a sua vida um discípulo de Schopenhauer, apenas que o berkeleyanismo de seu mestre recebeu dele um acento moderno e pseudorealista. Também com Nietzsche, a percepção individual imediata do mundo é a última, a própria realidade realmente objetiva, e ele polemiza com grande veemência contra o “idealismo” daqueles que “de trás” da

nehmung, hinter den Sinneseindrücken noch eine vom Wahrnehmenden unabhängige objektive Wirklichkeit suchen. Diese „realistische“ Formulierung des äußersten Agnostizismus entsteht bei Nietzsche ganz unabhängig, aber vollständig parallel mit den Bestrebungen von Mach und Avenarius. Die Übereinstimmung ist oft sogar die der sprachlichen Formulierungen, sie wurde aber nur später von begeisterten Forschern entdeckt.

Nietzsche unterscheidet sich jedoch von Mach und Avenarius darin, daß er nicht bei der erkenntnistheoretischen Begründung einer möglichen Mystik stehenbleibt, sondern sein eigenes Weltbild, seinen eigenen Mythos auf dieser Grundlage aufbaut und verkündet. Der Ausgangspunkt hierzu ist der Schopenhauersche: der Kampf gegen die Vernunft. Diese kann unmöglich das Wesen der Welt erreichen, ihre Zusammenhänge aufdecken, da das Wesen der Welt, das wahre Sein für Nietzsche ebenso wie für Schopenhauer irration[al], vernunftjenseitig ist, das Gepräge eines von der Vernunft abgetrennten, ihr ausschließlich gegenübergestellten, in die objektive Wirklichkeit hineinprojizierten Willens besitzt. Bei Nietzsche aber tritt an die Stelle des blinden, völlig ziellosen, einen bloß statischen Kreislauf verursachenden Schopenhauerschen Willens schlechthin der bestimmte, konkretisierte, freilich ebenso mystifizierte Wille zur Macht als Grundtatsache des Lebens.

Daraus folgen nicht unwichtige Konkretisierungen der Schopenhauerschen Erkenntnistheorie. Bei beiden sind Vernunft und Gefühl ausschließende metaphysische Gegensätze. Während aber Schopenhauer bei der Deklassierung der Vernunft, bei der Denunziation ihrer Ohnmacht stehenbleibt, betrachtet Nietzsche die Erkenntnis als eine Art „Überbau“ der Triebe und Gefühle, als ein „soziologisch“ oder sozialpsychologisch zu untersuchendes Symptom ihrer pseudohistorischen Wandlung, ihres „rassenmäßigen“ Charakters. Diese Priorität von Trieb und Gefühl über Verstand und Vernunft bringt bei beiden einen entschiedenen Aristokratismus in der Erkenntnistheorie hervor. Bei Schopenhauer ist aber diese nur noch die äußerste Zuspitzung des romantischen Geniekultus, dem wir in der Kontroverse zwischen Schelling und Hegel begegnet sind. Bei Nietzsche erhält diese aristokratische Erkennt-

percepção, detrás das impressões sensoriais, ainda estão procurando uma realidade objetiva independente do perceptível. Esta formulação “realista” do agnosticismo extremo surge em Nietzsche de todo independente, mas completamente paralela aos esforços de Mach e Avenarius. A concordância é muitas vezes até a das formulações linguísticas, mas que, somente mais tarde, foi descoberta por pesquisadores entusiastas.

Nietzsche, no entanto, se diferencia de Mach e Avenarius, pois não se detém gnosiologicamente na justificação de um possível misticismo, mas constrói e proclama sua própria imagem de mundo, seu próprio mito sobre essa base. O ponto de partida para isso é a schopenhaueriana: luta contra a razão. Para esta é impossível alcançar a essência do mundo, descobrir suas conexões, uma vez que a essência do mundo, o verdadeiro ser para Nietzsche assim como para Schopenhauer irracional, está além da razão, possui o selo de uma vontade separada da razão, excludentemente oposta a ela, projetada adentro na realidade objetiva. Mas, com Nietzsche, toma o posto da vontade schopenhaueriana cega e completamente sem rumo, um ciclo meramente estático causador, pura e simplesmente, da vontade de poder determinada, concretizada, porém, igualmente mistificada como fato fundamental da vida.

Daí sobrevêm concretizações, não sem importância, da teoria do conhecimento de Schopenhauer. Em ambos, razão e sentimento são oposições metafisicamente excludentes. Mas, enquanto Schopenhauer se detém na desclassificação da razão, com a denúncia da sua impotência, Nietzsche considera o conhecimento como uma espécie de “superestrutura” de pulsões e sentimentos, como um sintoma “sociologicamente” ou sociopsicologicamente analisável de sua mudança pseudo-histórica, de seu caráter “racial”. Esta prioridade de pulsão e sentimento sobre entendimento e razão produz em ambos um decidido aristocratismo na teoria do conhecimento. Com Schopenhauer este é, no entanto, apenas a agudização extrema do culto romântico ao gênio que encontramos na controvérsia entre Schelling e Hegel. Com Nietzsche, essa aristocrática teoria do conhecimento recebe

nistheorie einen pseudohistorischen und pseudosozialen Unterbau: Die - intuitive - Erkenntnis der wirklichen Zusammenhänge ist das ausschließliche Privileg der „höherer Menschen, der „Herrenrasse“; die Ideologie des Sklaven ist naturnotwendig durch Ressentiment verzerrt. Der Glaube an die Macht der Vernunft, die objektive Wirklichkeit adäquat zu erkennen, an die allgemeine Zugänglichkeit einer solchen Erkenntnis ist eines der wichtigsten Symptome dieses „priesterhaften“, christlichen, demokratisch-pöbelhaften Ressentiments.

Dieses Weiterbilden der Schopenhauerschen Mystik hat für uns zwei besonders interessante Seiten. Erstens die Beibehaltung des Pessimismus, insbesondere für Gesellschaft und Geschichte. Der Pessimismus hat aber einen bestimmteren, moderneren, „historischeren“ Charakter. Der Wille zur Macht zwar bei Nietzsche ebenso die Grundtatsache eines jede Seins, wie es der bloße Wille bei Schopenhauer gewesen ist. Während aber Schopenhauer hier bestimmte Momente der Naturphilosophie seiner Zeit ins Reaktionäre umbog, Nietzsche moderner, indem er aus grob verdrehten Schlagworten des Darwinismus eine mystifizierte Natur- und Gesellschaftsphilosophie zimmert.

Die Konkretisierung dieses Pessimismus durch Nietzsche bedeutet, daß die düsteren und dunkeln Seiten des Lebens einen gesellschaftlicheren Charakter erhalten als bei Schopenhauer. Bei diesem verblaßte alles gesellschaftlich-geschichtlich Spezifische des menschlichen Leidens, der Übel der Gesellschaft vor der „Ewigkeitsperspektive“ des zeitlosen und ziellosen Willens als Dinges an sich. Bei Nietzsche gibt es dagegen sehr große Unterschiede zwischen den einzelnen Geschichts-epochen, seine Philosophie soll gerade eine Neubewertung der Geschichte, eine Umwertung aller Werte der gesellschaftlichen Moral herbeiführen. Die Grundlage dieser Umwertung bildet aber bei ihm eine ebensolche, nur konkretere und modernere „Verewigung“, „Vernatürlichung“ des spezifischen Charakters der kapitalistischen Gesellschaft und [ihrer] Übel. „Leben selbst ist *wesentlich* Aneignung, Verletzung, Überwältigung des Fremden und Schwächeren, Unterdrückung, Härte Aufzwingung eigener Formen, Einverleibung und mindestens, mildestens Ausbeutung... Die ‚Ausbeutung‘ gehört nicht

uma infraestrutura pseudo-histórica e pseudossocial: o conhecimento — intuitivo — das conexões reais é privilégio exclusivo dos seres humanos “superiores, da “raça perfeita”; a ideologia do escravo é natural e necessariamente distorcida pelo ressentimento. A crença no poder da razão para conhecer adequadamente a realidade objetiva, na acessibilidade geral de tal conhecimento, é um dos sintomas mais importantes desse ressentimento “sacerdotal”, cristão, democrático-plebeu.

Essa formação contínua do misticismo de Schopenhauer tem dois lados particularmente interessantes para nós. Em primeiro lugar, a preservação do pessimismo, especialmente para a sociedade e a história. Mas, o pessimismo tem um caráter mais definido, mais moderno e “mais histórico”. Em Nietzsche, a vontade de poder é igualmente um fato fundamental de qualquer ser, como era a mera vontade em Schopenhauer. Mas, enquanto Schopenhauer, aqui, vergou em reacionários determinados momentos da filosofia da natureza de seu tempo, Nietzsche, modernamente, ao mesmo tempo em que ele carpintejou a partir dos retorcidos bordões do darwinismo uma mistificada filosofia da natureza e da sociedade.

A concretização desse pessimismo através de Nietzsche significa que os lados sombrios e escuros da vida adquirem um caráter mais social do que com Schopenhauer. Com este, todo o específico do sofrimento humano, do mal da sociedade, desvaneceu, histórica e socialmente, ante a “perspectiva da eternidade” da vontade atemporal e sem rumo como coisa em si. Com Nietzsche há, em contrapartida, diferenças muito grandes entre as épocas históricas singulares; sua filosofia tem de ocasionar precisamente uma nova avaliação da história, uma reavaliação de todos os valores da moral social. No entanto, a base dessa reavaliação constitui, com ele, uma “perpetuação”, “naturalização”, igualmente apenas mais concreta e mais moderna, do caráter específico da sociedade capitalista e de seus males. “A própria vida é *essencialmente* apropriação, ferimento, subjugação do estranho e mais fraco, opressão, imposição rígida de formas próprias, incorporação e ao menos, exploração mais comedida ... A ‘exploração’ não faz parte de uma

einer verderbten oder unvollkommenen und primitiven Gesellschaft an: sie gehört ins *Wesen* des Lebendigen, als organische Grundfunktion, sie ist eine Folge des eigentlichen Willens zur Macht, der eben der Wille des Lebens ist. - Gesetz, dies ist als Theorie eine Neuerung - als Realität ist es das *Ur-Faktum* aller Geschichte: man sei doch so weit gegen sich ehrlich! -“<sup>9</sup> Es ist leicht zu sehen, daß die Mystifizierung der Grundtatsachen der kapitalistischen Welt zu Urtatsachen des menschlichen Daseins, ja eines jeden Wesens hier auf einer höheren Stufe, konkreter und mystischer erscheinen [t] als bei Schopenhauer.

Zweitens folgt daraus - und dies ist ebenfalls eine wichtige Weiterbildung der Schopenhauerschen Philosophie - eine moralische Apologie der antihumanen Instinkte. Nietzsche will eine Moral der „Vornehmheit“ begründen. Zu dieser Vornehmheit gehört aber vor allem ein rücksichtsloser, von keinen Gewissensskrupeln gehemmter Egoismus, ein gutes Gewissen in der Unterdrückung und Ausbeutung jener, die vom Willen zur Macht dazu verurteilt sind. „Das Wesentliche an einer guten und gesunden Aristokratie ist ..., daß sie ... mit gutem Gewissen das Opfer einer Unzahl Menschen hinnimmt, welche *um ihretwillen* zu unvollständigen Menschen, zu Sklaven, zu Werkzeugen herabgedrückt und vermindert werden müssen.“<sup>10</sup> Die Erschütterung dieses guten Gewissens bedeutet bei Nietzsche Korruption, Dekadenz. Und da dieses gute Gewissen der Ausbeutung und der Unterdrückung die Vorherrschaft der egoistischen, ja der barbarischen und bestialischen Instinkte im Menschen voraussetzt, bedeutet Dekadenz eine Abschwächung dieses gesunden Barbarentums.

Wie man sieht, erhält der böse Charakter der Welt und die notwendige Beziehung der Moral zur Urtatsache des Bösen bei Nietzsche einen ganz anderen Akzent als bei Schopenhauer, obwohl es evident ist, daß seine Philosophie nicht nur aus der Schopenhauers organisch herausgewachsen ist, sondern auch seine Leser von Schopenhauer zur Empfänglichkeit ihr gegenüber herangebildet worden sind. In Schopenhauers Moral ist die angemessene Reaktion auf den bösen Charakter der Welt das buddhistische Mitleid, d. h. das Heraustreten aus diesem Getriebe, das Einnehmen der Position eines vornehmen, unbeteiligten, mitleidvollen Zuschauers. Nietzsches

<sup>9</sup> Friedrich Nietzsche, *Jenseits von Gut und Böse*. IX/259. In: Nietzsches Werke. Taschen-Ausgabe, Band 8, S. 237f.

<sup>10</sup> Friedrich Nietzsche, *Jenseits von Gut und Böse*. IX/258. Ebenda, S. 236f.

sociedade deteriorada ou imperfeita e primitiva: pertence à *essência* dos vivos, como função básica orgânica, é uma consequência da vontade de poder real, que é precisamente a vontade da vida.— Suponhamos que isto é uma inovação como teoria — como realidade é o *fato original* de toda a história: sê honesto consigo mesmo até aqui!”<sup>9</sup> É fácil ver que a mistificação dos fatos básicos do mundo capitalista em fatos originais do da existência humano, na verdade, de toda essência aqui em um nível mais elevado, parece mais concreta e mística do que com Schopenhauer.

Em segundo lugar, decorre disso — e isto é também um importante aperfeiçoamento da filosofia de Schopenhauer — uma apologia moral dos instintos anti-humanos. Nietzsche quer justificar uma moral da “distinção”. No entanto, pertence a essa distinção antes de tudo um egoísmo desabusado, desinibido de escrúpulos de consciência, uma boa consciência na opressão e exploração daqueles que estão condenados a isso pela vontade de poder. “A essencialidade em uma aristocracia boa e saudável é ... que, ela... com boa consciência, aceita o sacrifício de uma infinidade de seres humanos, os quais *para o bem dela* devem ser reduzidos e premiados a seres humanos incompletos, a escravos, a ferramentas.”<sup>10</sup> Para Nietzsche, a sacudidela dessa boa consciência significa corrupção, decadência. E como essa boa consciência da exploração e opressão pressupõe a dominância de instintos egoístas, até bárbaros e bestiais nos seres humanos, decadência significa uma atenuação dessa barbárie saudável.

Como se vê, o caráter malvado do mundo e a necessária relação da moral com o fato original do mal recebem um acento completamente diferente com Nietzsche do que com Schopenhauer, embora seja evidente que sua filosofia não só cresceu organicamente a partir da de Schopenhauer, mas também seus leitores foram treinados por Schopenhauer para uma receptividade a ela. Na moral de Schopenhauer, a reação adequada ao caráter malvado do mundo é a compaixão budista, i. e., o sair dessa engrenagem, o retomar da posição de um espectador compassivo, indiferente, distinto. A filosofia de Nietzsche,

<sup>9</sup> Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*.

<sup>10</sup> Friedrich Nietzsche. *Além do bem e do mal*.

Philosophie fordert dagegen zur Teilnahme am Bösen auf, indem sie gerade in seiner Bejahung die Vornehmheit, die Möglichkeit einer Höherbildung der Menschheit erblickt. Am Schlusse des Buches „Jenseits von Gut und Böse“, aus welchem wir die oben angeführten Zitate entnehmen, läßt Nietzsche den göttlichen Schutzpatron seiner Philosophie, den Gott Dionysos erscheinen. Und der Gott verkündet nun seinem Philosophen, daß er die Menschen vorwärtsbringen, indem er sie stärker, böser, tiefer und schöner machen will. Es ist klar, daß in diesem Zusammenhang auch die Begriffe der Tiefe und Schönheit einen neuen, antihumanen, barbarisierten Sinn erhalten. (In Nietzsches Ästhetik spielt z. B. als Wesen der Kunst die „verfeinerte Grausamkeit“ eine große Rolle.)

Durch diese „historische Konkretisation“ wird die indirekte Apologetik, den Bedürfnissen der imperialistischen Periode entsprechend, auf eine höhere Stufe gehoben. Die kapitalistische Gesellschaft, die Klassenschichtung der Gesellschaft überhaupt erscheint als „naturgemäß“, nicht weil sie eine Harmonie repräsentiert, nicht weil sie im „wohlverstandenen Interesse“ aller Menschen liegt, sondern im Gegenteil, weil sie jede Harmonie aufhebt, weil sie an sich, „naturgemäß“ böse ist. Das oben analysierte gute Gewissen der Ausbeuter und der Unterdrückten beruht darauf, daß die Menschen nach der Nietzscheschen Philosophie von Natur aus ungleich sind, daß sie zwei voneinander grundverschiedenen Rassen, den Herren und den Sklaven, angehören. Damit zieht die Rassentheorie in die führende deutsche Philosophie ein, während sie bis dahin nur das Propagandamittel eines groben Antisemitismus gewesen war.

Freilich ist der Nietzschesche Rassenbegriff noch lange nicht der des Faschismus. Er ist noch viel vornehmer, blasser, internationaler als seine spätere demagogische Vergrößerung. Nietzsche charakterisiert seine Rassen zwar ebenfalls auf einer pseudobiologischen Grundlage, diese ist aber bei ihr noch ganz verschwommen, und das Wichtige ist nur das Herausarbeiten des gesellschaftlichen und moralischen Gegenstzes zwischen vornehm und plebejisch, zwischen Herren und Sklaven. Aber z. B. ein unmittelbarer Anschluß an die Propaganda des deutschen Chauvinismus fehlt hier noch. Der viel

pelo contrário, reivindica a participação no mal, na medida em que enxerga, precisamente em sua afirmativa da distinção, a possibilidade de uma educação superior da humanidade. No final do livro *Além do bem e do mal*, do qual extraímos as citações acima, Nietzsche deixa aparecer o patrono divino de sua filosofia, o Deus Dionísio. E o Deus proclama agora o seu filósofo, que quer fazer os seres humanos progredir, fazendo-os mais fortes, mais malvados, mais profundos e mais belos. É claro que nessa conexão também os conceitos de profundidade e beleza adquirem um novo significado anti-humano, mais bárbaro. (Na estética de Nietzsche, por exemplo, a “crueldade refinada” cumpre um papel importante como essência da arte.)

Através dessa “concretização histórica”, a apologética indireta, equivalente às necessidades do período imperialista, eleva-se a um nível superior. A sociedade capitalista, a estratificação de classe da sociedade em geral, aparece como “natural” não porque representa uma harmonia, não porque se situa no “interesse bem compreendido” de todos os seres humanos, mas, pelo contrário, porque suspende toda harmonia, porque ela é em si “naturalmente” má. A boa consciência dos exploradores e opressores analisados acima baseia-se em que, segundo a filosofia de Nietzsche, os seres humanos são por natureza desiguais, pertencem a duas raças muito diferentes, os senhores e os escravos. Com isto, a teoria das raças instala-se na filosofia alemã dominante, enquanto até então tinha sido apenas o meio de propaganda de um antissemitismo grosseiro.

Sem dúvida, o conceito de raças de Nietzsche não é ainda amplamente o do fascismo. Ele é muito mais distinto, mais pálido, mais internacional que sua posterior ampliação demagógica. Nietzsche também caracteriza igualmente suas raças sobre uma base pseudobiológica, mas esta é nele ainda mais indefinida, e o importante é apenas o salientar da oposição social e moral entre nobres e plebeus, entre senhores e escravos. No entanto, por exemplo, ainda falta aqui uma ligação direta com a propaganda do chauvinismo alemão. Nietzsche,



seitig gebildete und ästhetisch feinfühliges Nietzsche steht zur deutschen Kultur seiner Zeit, ja zur deutschen Kultur überhaupt außerordentlich kritisch und ist ein großer Verehrer der Formklarheit und Gedankenschärfe der französischen Kultur. Auch verachtet Nietzsche den groben Antisemitismus seiner Zeitgenossen und hat Achtung und Verständnis für die geistigen und moralischen, „rassenmäßigen“ Eigenschaften des Judentums; auch macht er die bornierte Hetze der deutschen Chauvinisten gegen Heinrich Heine nie mit, sondern verehrt ihn als eine der letzten großen internationalen Erscheinungen, die Deutschland hervorgebracht hat.

Die Kritik der deutschen Kultur ist für die Wirkung Nietzsches sehr bedeutungsvoll. Ist doch für sehr viele gerade die Unzufriedenheit mit der kulturellen Entwicklung Deutschlands, die Enttäuschung an ihr die Brücke gewesen zu Nietzsches Philosophie überhaupt. Und diese Kritik der kulturellen Symptome der deutschen Entwicklung ist bei Nietzsche, soweit es sich um Symptome und nicht um ihr gesellschaftlich-geschichtliches Wesen handelt, oft außerordentlich scharfsinnig und geistreich. So daß es sogar im Lager des bewußten und kämpferischen Antifaschismus nicht unbedeutende Geister gibt, die in Nietzsche geradezu einen fortschrittlichen Denker, eine antifaschistische Kraft erblicken. Darum muß diese Frage etwas detaillierter betrachtet werden.

Nietzsche verachtet tatsächlich die deutsche Kultur seiner Zeit, die Kultur des neuen Reichs Bismarckscher Observanz. Betrachtet man aber die Grundlinie seiner bissigen und in Einzelheiten geistvollen Kritik, so findet man, daß er die Kultur von Bismarck-Deutschland nicht deshalb kritisiert, weil die „bonapartistische Monarchie“ die deutsche Einheit in einer reaktionären, undemokratischen Form verwirklichte, sondern er ist im Gegenteil ein Gegner Bismarcks, weil dieser zu demokratisch ist, weil er der Demokratie zu große Konzessionen gemacht hat.

Das hängt mit der allgemeinen Grundlinie der Nietzscheschen Geschichtsauffassung eng zusammen. Für ihn ist Demokratie, Demokratisierung der Gesellschaft prinzipiell gleichbedeutend mit Dekadenz. Da [er] seine Konzeption von der Höherentwicklung der Menschheit auf der prinzipiellen Ungleichheit der Menschen begründet, die eine naturhafte,

educado em muitas facetas e esteticamente sensível, é extremamente crítico da cultura alemã de seu tempo, e da cultura alemã em geral, e é um grande admirador da clareza de forma e agudeza de pensamento da cultura francesa. Nietzsche também despreza o antissemitismo rude de seus contemporâneos e tem atenção e entendimento pelas características intelectuais e morais, “raciais” do judaísmo; também nunca toma parte na agitação tacanha dos chauvinistas alemães contra Heinrich Heine, mas o reverencia como um dos últimos grandes fenômenos internacionais que a Alemanha produziu.

A crítica da cultura alemã é muito significativa para o efeito Nietzsche. Para muitos, justamente a insatisfação com o desenvolvimento cultural da Alemanha, o desapontamento com ela foi a ponte para a filosofia de Nietzsche em geral. E essa crítica aos sintomas culturais do desenvolvimento alemão é, em Nietzsche, muitas vezes extraordinariamente engenhosa e espirituosa, porquanto se refere aos sintomas e não a sua essência histórico-social. Desse modo, até mesmo no campo do antifascismo consciente e combativo, não há espíritos importantes que enxerguem em Nietzsche um pensador progressista, uma força antifascista. É por isso que essa questão deve ser considerada com algum detalhe.

Nietzsche efetivamente despreza a cultura alemã de seu tempo, a cultura da nova observância do *Reich* bismarckiano. Mas, se se considera a linha principal de sua crítica mordaz e em detalhes perspicaz, verifica-se então que ele não critica a cultura de Bismarck-Alemanha porque a “monarquia bonapartista” realizou a unidade alemã em uma forma reacionária e antidemocrática, mas porque, pelo contrário, é um opositor de Bismarck, porque este é democrático, porque ele fez grandes concessões à democracia.

Isto se relaciona estreitamente com a linha principal geral da concepção de história de Nietzsche. Para ele, democracia, democratização da sociedade é em princípio sinônimo de decadência. Já que justifica sua concepção do desenvolvimento ascendente da humanidade na desigualdade de princípio do ser humano, que é uma desigualdade natural,

rassenmäßige, unüberbrückbare Ungleichheit aller Naturanlagen zwischen Herrenrasse und Sklavenrasse ist, da es für ihn daraus konsequenterweise folgt, daß die beiden Rassen, ihren Lebensbedingungen entsprechend, gegensätzliche Erkenntnistheorien, Moralen, Künste etc. haben, erscheint bei ihm notwendigerweise jeder Versuch, diese Grundtatsache des Lebens zu erschüttern, als naturwidrig, als dekadent.

Natürlich kritisiert Nietzsche Bismarck nicht ausschließlich von diesem Gesichtspunkt; er ist viel zu gebildet und kulturell hochstehend, um die junkerhafte Borniertheit Bismarcks zu übersehen. Dazu kommt, daß seine Konzeption der aristokratischen Höherbildung der Menschheit mit einer Vorahnung des imperialistischen Zeitalters eng zusammenhängt: Er erwartet eine Periode der „großen Politik“, des Kampfes um die Erdherrschaft und sieht in Bismarck nicht den geeigneten Führer für diese Periode. Bismarck ist für ihn nicht genügend imperialistisch. Aber das Grundmotiv seiner Ablehnung ist doch, daß Bismarck sich viel zu tief mit der Demokratie eingelassen, daß er damit der dekadenten Entwicklung Deutschlands Tür und Tor geöffnet hat. Die oft geistreiche und faszinierende Kritik Nietzsches an der kulturellen Verkommenheit, an der Kulturlosigkeit Deutschlands ist also immer wieder eine Kritik von rechts: Die Bismarcksche Politik ist für ihn nicht genügend aristokratisch, nicht genügend reaktionär.

In der blendenden Kritik der kapitalistischen Kulturlosigkeit seiner Zeit ist Nietzsche ein Schüler des romantischen Antikapitalismus. Er sieht außerordentlich klar, wie stark der Kapitalismus seiner Zeit die Kultur verwüstet und zerstört, er läßt sich in dieser Hinsicht weder von seinen ökonomischen noch von seinen technischen Errungenschaften blenden. Indem er die Kultur seiner Zeit mit denen vergangener großer Kulturen kontrastiert, deckt er mit großem Scharfsinn und in vielen Einzelheiten treffend ihre negativen Züge auf. (Auch hier ist ein wichtiger Punkt, wo Unzufriedene, Oppositionelle, ja sogar Rebellierende den Anschluß an Nietzsches Philosophie fanden.) Und er hat sogar in den Symptomen recht, wenn er in der Kultur, im Denken und im Schaffen seiner Zeit, im Vergleich zu alten Kulturen einen teils charakterlosen, teils outriert charakteristischen Zug findet, wenn er die Kultur seiner Zeit damit herabzusetzen versucht, daß er sie schau-

racial e intransponível de todas as unidades naturais entre raça-senhor e raça-escravo, já que, para ele, segue-se conseqüentemente disso que ambas as raças, segundo suas condições de vida correspondentes, têm conflitantes teorias do conhecimento, da moral, da artes etc., assim que, nele, toda tentativa de convulsionar esse fato básico da vida necessariamente aparece como desnaturada, como decadente.

Naturalmente, Nietzsche não critica Bismarck exclusivamente desse ponto de vista; ele é demasiado culto e culturalmente elevado para não reparar na pobreza de espírito de Bismarck. Além disso, sua concepção da educação superior aristocrática da humanidade está estreitamente relacionada com uma premonição da era imperialista: ele espera um período da “grande política”, da luta pelo domínio terrenal e não vê Bismarck como o líder apropriado para esse período. Para ele, Bismarck não é suficientemente imperialista. Mas, o motivo básico para sua recusa é que Bismarck se envolveu profundamente com a democracia, que abriu as portas para o desenvolvimento decadente da Alemanha. A crítica frequentemente espirituosa e fascinante de Nietzsche à depravação cultural, à falta de cultura da Alemanha é, portanto, repetidamente uma crítica de direita: para ele, a política de Bismarck não é suficientemente aristocrática, nem suficientemente reacionária.

Na fascinante crítica da falta de cultura capitalista de seu tempo, Nietzsche é um discípulo do anticapitalismo romântico. Ele vê com extraordinária clareza o quanto o capitalismo de seu tempo devasta e destrói a cultura; nesse aspecto, não se deixa ofuscar nem por seus progressos econômicos nem por seus progressos técnicos. Enquanto contrasta a cultura de seu tempo com as grandes culturas passadas, descobre seus traços negativos com grande perspicácia e em muitos detalhes pertinentes. (Está aqui também um ponto importante no qual insatisfeitos, opositores e até rebeldes encontraram a conexão com a filosofia de Nietzsche.) E ele tem razão quanto aos sintomas, quando encontra na cultura, no pensamento e na produção do seu tempo, em comparação com as culturas antigas, um traço em parte sem caráter, em parte caracteristicamente exagerado, quando tenta detrair a cultura de seu tempo, chamando-a de dramática,

spielerisch, grob rhetorisch, pöbelhaft nennt. Aber auch diese geistreiche Kritik ist immer eine Kritik von rechts. Denn alle diese Mängel der modernen Kultur (ent)stammen nach Nietzsches Auffassung nicht aus dem Kapitalismus, sondern aus der Demokratie, aus der politischen Gleichheit der Menschen, aus dem Recht der Massen, sich an der Kultur, wenigstens als Rezeptive, zu beteiligen.

Dieser romantische Antikapitalismus Nietzsches hat deshalb einen komplizierten, schillernden und schwankenden Charakter, und diese Vieldeutigkeit ist wiederum ein Motiv seiner breiten und allgemeinen Wirkung. Denn Nietzsche kritisiert zwar immer die kapitalistische Kultur von rechts, aber dieses Rechts hat bei ihm einen Doppelcharakter. Einerseits ist der gegenwärtige Kapitalismus in seinen Augen schlecht, weil er zu kapitalistisch ist, weil er nicht die Einfachheit und Klarheit der scharfen Ständeschichtungen und ihrer aristokratischen Kultur besitzt (besonders das Frankreich des 17. Jahrhunderts ist ein solches vorbildliches Zeitalter für Nietzsche). Andererseits ist der gegenwärtige Kapitalismus darum kulturlos, weil er noch nicht genügend kapitalistisch, weil er noch kein Imperialismus ist. Die demokratischen Strömungen seiner Zeit erscheinen ihm als die Übel einer Übergangszeit, aus welcher nur der Sieg des Aristokratismus, die Entstehung einer neuen, höheren Herrschaft den Ausweg zu zeigen imstande ist. Dieses Umschlagen des romantischen Antikapitalismus in eine Apologetik vom Standpunkt des „genialen Unternehmers“, der neuen Aristokratie aus ist nicht vollkommen neu. Sie ist schon bei Carlyle vorhanden. Nietzsche gibt ihr eine zeitgemäßere und deutschere Form, indem er gegen die groben, rohen, unästhetischen Formen der Beziehung zwischen Kapitalisten und Arbeiter die zwischen Offizier und *Soldaten* ausspielt. „Arbeiter sollen wie Soldaten empfinden lernen.“ Und andererseits: „Militärdienst: sodaß durchschnittlich jeder Mann der höheren Stände Offizier ist, er sei sonst, was er sei.“ Nietzsche meint, das sei „das allerletzte Mittel, die *große Tradition*“ aufzunehmen oder festzuhalten „hinsichtlich des *obersten Typus* Mensch, des *starken Typus*“. Und, fügt er charakteristischerweise hinzu, „alle Begriffe, die die Feindschaft und Rangdistanz der Staaten verewigen, dürfen daraufhin sanktioniert erscheinen (z. B. Nationalismus, Schutzzoll)“. Hier

grosseiramente retórica, plebeia. Mas, também essa crítica espiritualosa é sempre uma crítica de direita. Já que todas essas deficiências da cultura moderna, segundo a concepção de Nietzsche, não provêm do capitalismo, mas da democracia, da igualdade política do ser humano, a partir do Direito das massas de participar da cultura, ao menos como receptivos.

Esse anticapitalismo romântico de Nietzsche tem, por isso, um caráter complicado, matizado e oscilante, e esta ambiguidade é, por sua vez, um motivo para seu efeito amplo e geral. Pois Nietzsche sempre critica a cultura capitalista de direita, mas essa direita tem nele um caráter duplo. Por um lado, o capitalismo atual é a seus olhos mau, porque é demasiado capitalista, porque não possui a simplicidade e a clareza das estratificações agudas e de sua cultura aristocrática (a França do século XVII é uma época especialmente exemplar para Nietzsche). Por outro lado, o capitalismo atual não tem cultura porque ainda não é suficientemente capitalista, porque ainda não é imperialismo. As correntes democráticas de seu tempo aparecem-lhe como os males de um período de transição do qual apenas a vitória do aristocratismo, o surgimento de uma nova camada superior de senhores é capaz de mostrar a saída. Essa mudança do anticapitalismo romântico para uma apologética do ponto de vista do “empreendedor genial”, a nova aristocracia, não é de todo nova. Ela já está presente em Carlyle. Nietzsche dá a ele uma forma mais contemporânea e alemã, ao jogar as formas grosseiras, toscas e antiestéticas da relação entre capitalista e trabalhador contra as da relação entre oficial e soldado. “Trabalhadores devem aprender a sentirem-se como *soldados*.” E, por outro lado: “Serviço militar: de modo que, em média, cada homem dos níveis mais elevados é um oficial, caso contrário, ele é o que é”. Nietzsche pensa que esse é “o último meio” para incorporar ou manter a *grande tradição* “relativamente ao *tipo superior* de ser humano, ao *tipo forte*”. E acrescenta caracteristicamente, “todos os conceitos que perpetuam a inimizade e a distância de posto dos Estados podem aparecer por conseguinte sancionados (por exemplo, nacionalismo, protecionismo)”. É

ist wieder einmal deutlich sichtbar, wie die „höhere“, die „vornehere“ Form der reaktionären Ideologie letzten Endes, nur auf indirekten Wegen, denselben Zielen zustrebt wie die ordinäre. Die Verherrlichung des Militarismus, die „disziplinierte“, bedingungslose Unterordnung des Arbeiters unter die Befehle der Kapitalisten kann man in jeder Dutzendbroschüre der imperialistischen Propaganda lesen. Aber dazu ist ein Nietzsche nötig, damit diese Schlußfolgerung im Zusammenhang mit dem Kampf gegen die Dekadenz, mit dem Ideal der Vornehmheit, mit der Entstehung des starken Typus Mensch etc. etc. auch für jene Kreise zugänglich werde, die die oben, erwähnten Traktätchen verachtungsvoll und ungelesen wegschmeißen würden.

Die Darstellung und Kritik der Dekadenz bildet auf diese Weise den zentralen Teil der Nietzscheschen Philosophie, der in seiner inneren Widersprüchlichkeit zugleich der interessanteste ist. Trotz des reaktionären Ausgangspunktes und der reaktionären Begründung seiner Darstellung und Kritik enthält sie viel Geistvolles und im einzelnen manchmal Richtige. Wie wir wissen, ist sein Ausgangspunkt der Angriff auf die Demokratie als soziale Grundlage und Ursache der Dekadenz. Aber in der Ausführung verbreitert sich diese Kritik, sie umfaßt die meisten ihrer kulturellen und psychologischen Symptome. Bei ihrer Einzelbehandlung gerät aber nicht selten der ursprüngliche Vorsatz in den Hintergrund, ja zuweilen in vollständige Vergessenheit, Nietzsche kritisiert dann die Dekadenz als geistreiche[r] Fortsetzer des romantischen Antikapitalismus: Die Symptome der Dekadenz erscheinen im Zusammenhang einer romantischen Kritik der kapitalistischen Kultur überhaupt; die Prosaizierung, Verödung und Vergröberung des Lebens, der Kultur im Kapitalismus werden mit der Höhe und Verfeinerung alter Kulturen kontrastiert.

Dies ist jedoch noch immer nicht die wichtigste Verschiebung des Gesichtspunktes. Nietzsche ist, wie wir gesehen haben, kein konsequenter romantischer Antikapitalist. Sein Zeitalter (besonders das zeitgenössische Deutschland) ist für ihn gleichzeitig zu viel und zu wenig kapitalistisch: Er ist zugleich ein „Prophet“ der imperialistischen Kulturepoche. Kritisiert er nun vom ersteren Gesichtspunkt die kapitalistische Kultur von außen, vom Standpunkt vergangener Kulturen, so ist er in

aqui mais uma vez visível como a forma “mais elevada”, a “mais distinta” da ideologia reacionária, por último, apenas por caminhos indiretos, aspira aos mesmos objetivos que a ordinária. O enaltecimento do militarismo, a subordinação “disciplinada”, incondicional do trabalhador às ordens dos capitalistas pode-se ler em cada dúzia de folhetos da propaganda imperialista. Mas, para isso, é necessário um Nietzsche, para que esta conclusão em conexão com a luta contra a decadência, com o ideal da distinção, com o surgimento do ser humano tipo forte, etc. etc., também se torne acessível para todos os círculos que jogaram fora sem ler, e como completamente desprezíveis, os tratados referidos acima.

A descrição e a crítica da decadência constitui a parte central da filosofia de Nietzsche, que em sua contraditoriedade interna é ao mesmo tempo a mais interessante. Apesar do ponto de partida reacionário e da justificação reacionária, sua descrição e crítica contêm muita perspicácia e em pormenores às vezes verdadeiros. Como sabemos, seu ponto de partida é o ataque à democracia como base social e causa da decadência. Mas em suas explicações, essa crítica se alarga abrangendo a maioria de seus sintomas culturais e psicológicos. Em seu tratamento individual, no entanto, não é raro que o intuito inicial fique em segundo plano, às vezes até caia completamente no esquecimento; Nietzsche critica então a decadência como prosseguimento espiritual do anticapitalismo romântico: os sintomas da decadência aparecem em conexão com uma crítica romântica da cultura capitalista em geral; a prosaificação, desolação e endurecimento da vida, da cultura no capitalismo contrastam com a elevação e o refinamento das culturas antigas.

Todavia, tudo isto não é ainda o deslocamento mais importante do ponto de vista. Nietzsche não é, como vimos, um anticapitalista romântico consequente. Sua época (especialmente a Alemanha contemporânea) é, para ele, ao mesmo tempo muito pouco capitalista: ele é ao mesmo tempo um “profeta” da época da cultura imperialista. Se doravante critica a cultura capitalista do ângulo de fora, do prisma das culturas passadas, então,

letzterer Hinsicht gerade mit den Symptomen der Dekadenz, mit den zersetzten, selbstzerfleischenden Verfeinerungen der entwickelten kapitalistischen Kultur solidarisch, in Polemik mit der grobschlächtigen, „gesunden“ Spießerei ihrer zurückgebliebenen Formen, besonders in Deutschland. Er solidarisiert sich mit diesen Erscheinungsformen der Dekadenz, vor allem mit denen der französischen Literatur und Kunst, Psychologie und Analyse moralischer Probleme. Und dies ist kein bloßes, spontanes Geschmacksurteil. Als „Prophet“ des Imperialismus erblickt Nietzsche in gewissen dekadenten Erscheinungen seiner Zeit Symptome der notwendigen Höherentwicklung in seinem Sinne, Bausteine zur neuen aristokratischen Kultur, von der er träumt.

So wird seine Kritik der Dekadenz in ihren wesentlichen Teilen eine Selbstkritik, ein Bekenntnis. Nietzsche kritisiert die dekadenten Züge der Kultur seiner Zeit nicht mehr als außersiehender Beobachter, sondern als leidenschaftlicher Beteiligter, der sich dessen vollkommen bewußt ist, daß sein Gefühlsleben und sein Denken von dekadenten Tendenzen durch und durch bestimmt ist. Und er ist denkerisch ehrlich genug, dies einzugestehen. Dadurch entsteht wiederum ein schillerndes und schwankendes Bild des Zeitalters in Nietzsches Philosophie, ein schillerndes und schwankendes Selbstporträt des Philosophen selbst. Er betrachtet sich einerseits als Dekadenten, andererseits als den größten Feind und den wirklichen Überwinder der Dekadenz. Diese beiden Seiten gehen jedoch in seinen Betrachtungen ununterbrochen ineinander über und bringen geistvolle, widerspruchsvoll paradoxe Stellungnahmen hervor. (Man denke an den leidenschaftlichen Haß des späteren Nietzsche gegen Richard Wagner und zugleich an die Tatsache, daß er sich niemals bis zum Ende von der Faszination der Wagnerschen Kunst, in der er einen Prototyp der Dekadenz sah, befreien konnte.)

Damit wird die Nietzschesche Philosophie zu einem Trostgesang für alle Dekadenten. Sie fühlen einerseits die Ursachen ihres Unbehagens an der Welt, ihres Unbehagens an sich selbst aufgedeckt, andererseits werden gerade ihre dekadenten Züge, ihre dekadente Psychologie und Moral von dieser Philosophie bejaht und verstärkt. Sie erhalten aus dieser Philosophie eine Begründung ihrer Ablehnung der Gesellschaft ihrer

por último, é solidário com os sintomas da decadência, com os refinamentos corrosivos e autodestrutivos da cultura capitalista desenvolvida em polémica com a burguesia grosseira e “saudável” de formas atrasadas, especialmente na Alemanha. Solidariza-se com essas formas de manifestação da decadência, sobretudo com as da literatura e da arte francesas, da psicologia e da análise dos problemas morais. E isto não é mero julgamento espontâneo de gosto. Como “profeta” do imperialismo, Nietzsche, segundo seu sentido, enxerga em certos fenômenos decadentes de seu tempo sintomas do necessário desenvolvimento ascendente, componentes para a nova cultura aristocrática com a qual ele sonha.

Desse modo, sua crítica da decadência torna-se, em suas partes essenciais, uma autocrítica, uma confissão. Nietzsche não critica mais os traços decadentes da cultura de seu tempo como observador externo, mas como participante apaixonado, que é completamente consciente de que sua vida afetiva e seu pensamento são determinados por tendências decadentes. E ele é suficientemente pensante, honesto para admitir isso. Dessa maneira, em compensação, cria-se na filosofia de Nietzsche uma imagem matizada e oscilante da época, um autorretrato matizado e oscilante do próprio filósofo. Por um lado, ele se julga como um decadente, por outro lado, como o maior inimigo e o verdadeiro sobrepujador da decadência. No entanto, esses dois lados, em suas considerações, entrelaçam-se continuamente um no outro e produzem tomadas de posição perspicazes, contraditórias e paradoxais. (Pense-se no ódio apaixonado do Nietzsche tardio contra Richard Wagner e, ao mesmo tempo, no fato de que ele nunca pôde se libertar até ao fim do fascínio pela arte wagneriana, na qual viu um protótipo da decadência.)

Com isso, a filosofia de Nietzsche se torna um canto de consolação para todos os decadentes. Por um lado, eles sentem as causas de seu desassossego com o mundo, descobrem o seu desassossego consigo mesmo, por outro lado, precisamente seus traços decadentes, sua psicologia e moral decadentes são afirmados e reforçados por essa filosofia. Recebem a partir dessa filosofia uma justificação para a recusa da sociedade

Zeit, ihrer Rebellion gegen sie, aber die Lösung ihrer Zweifel verknüpft sie - in scheinoppositioneller Weise - noch tiefer mit dieser Gesellschaft, macht sie in den kommenden (reaktionären) Tendenzen der Entwicklung beheimatet. Die Nietzsche'sche Tendenz der Überwindung der Dekadenz ist objektiv ihre Befestigung und Vertiefung; sie gibt der bürgerlichen Dekadenz ein gutes Gewissen, eine Selbstbejahung. Und da dies in schillernd widerspruchsvollen Formen geschieht, obwohl der letztthinnige soziale Gehalt ein feststehender ist, kann aus dieser Philosophie ein jeder das schöpfen, was ihm beliebt, was ihm fördernd scheint, und er bleibt damit auf dem Boden dieser Philosophie, da ja gerade diese Förderung, die Höherentwicklung des Typus Mensch, das einzige Wahrheitskriterium im Sinne von Nietzsche ist.

Das sind die wesentlichen Momente, die den allgemeinen Erfolg dieses „einsamen Genies“ bestimmt haben. Es ist sowohl für die Philosophie Nietzsches wie für das Zeitalter, in welchem [sie] wirksam geworden ist, äußerst charakteristisch, daß der erste Verkünder seines Weltruhms der bekannte liberale Literaturhistoriker Georg Brandes gewesen ist. Und auch seither kann man immer wieder feststellen, daß, politisch angesehen, linksgerichtete bürgerliche Denker, Schriftsteller etc. philosophisch große Verehrer Nietzsches waren. (Man kann vor Brandes über Simmel eine solche Linie bis zu Thomas Mann ziehen, der erst in den letzten Jahren unter den Erfahrungen des antifaschistischen Kampfes Nietzsche gegenüber eine kritischere Stellung einzunehmen beginnt.)

So hat nicht die äußerste Reaktion selbst, sondern die liberale bürgerliche Intelligenz den Weltruhm Nietzsches zu begründen geholfen. Aus den oben angedeuteten Gründen hat sich dieser Weltruhm, insbesondere der breite und tiefe Einfluß auf die deutsche Ideologie, überraschend schnell durchgesetzt. Verhältnismäßig rasch wurde er trotz seiner unsystematischen, aphoristischen Form von den Universitäten als philosophischer Klassiker akzeptiert. Eine besonders breite und tiefe Wirkung übte er inhaltlich wie formell auf Literatur und Publizistik [aus]. Schon formell läßt sich diese Wirkung im Deutschland bis in die Tagesblätter hinein beobachten, ab eine Zersetzung des systematischen Gedankenaufbaus, der Gedankendurchführung, als eine Herrschaft der Instinkt

de seu tempo, para sua rebelião contra ela, mas a solução de suas dúvidas liga-os — de modo aparentemente oposto — ainda mais profundamente a essa sociedade, fazendo-os originários dela nas tendências (reacionárias) de desenvolvimento vindouras. A tendência nietzschiana da ultrapassagem da decadência é objetivamente sua consolidação e aprofundamento; ela dá à decadência burguesa uma boa consciência, uma autoafirmação. E uma vez que isso tem lugar em formas contraditoriamente matizadas, embora o conteúdo social último seja fixo, cada um pode criar a partir dessa filosofia o que bem quiser, o que pareça favorecê-lo, e permanecer com isso no solo dessa filosofia, já que é precisamente essa promoção, o desenvolvimento ascendente do tipo humano, que é o único critério de verdade no sentido de Nietzsche.

Estes são os momentos essenciais que determinaram o êxito geral desse “gênio solitário”. É extremamente característico tanto da filosofia de Nietzsche quanto da época em que ela se tornou efetiva, que o primeiro proclamador de sua fama mundial tenha sido o conhecido historiador literário liberal Georg Brandes. E também, desde então, pode-se afirmar repetidamente que, visto politicamente, pensadores burgueses de esquerda, escritores etc. eram filosoficamente grandes admiradores de Nietzsche. (Pode-se traçar tal linha antes de Brandes passando por Simmel até Thomas Mann, que apenas nos últimos anos sob as experiências da luta antifascista começou a tomar uma posição mais crítica contra Nietzsche.)

Assim, não foi a própria reação mais extrema, mas a *intelligentsia* burguesa liberal que ajudou a justificar a fama mundial de Nietzsche. Pelos motivos sugeridos acima, essa fama mundial, especialmente a influência ampla e profunda na ideologia alemã, impôs-se com surpreendente rapidez. Proporcionalmente rápida, a despeito da forma assistemática e aforística, foi a sua aceitação como filósofo clássico pelas universidades. Ele exerceu, tanto no conteúdo como na forma, um efeito particularmente amplo e profundo na literatura e na publicística. Já formalmente, este efeito deixa-se observar na Alemanha até nos jornais diários, partindo de uma decomposição da estrutura sistemática de pensamento, da realização de pensamento, como um domínio do instinto,

aber die Vernunft auch im Stil. Inhaltlich war die neue Form des Aristokratismus, die Kritik des Kapitalismus und zugleich „Überwindung“ aller sozialistischen Tendenzen, die gleichzeitige Selbstkritik und Selbstbejahung der Dekadenz, der aristokratische Geniekult, die Moral der Vornehmheit, das wesentliche Kennzeichen seiner Wirkung. Und obwohl Nietzsche selbst, wie wir sahen, eine sehr kritische Stellung zu den bornierten Formen des Chauvinismus einnahm, haben seine Verehrer in Deutschland und im internationalen Maßstabe mit richtigem Instinkt gefühlt, daß er hier eigentlich inkonsequent ist. So prägnante Vertreter des in der imperialistischen Periode neu aufflammenden Chauvinismus wie in Frankreich M. Barrès, wie in Italien Gabriele D’Annunzio bauen ihre extrem nationalistische Ideologie auf Grundlage des Nietzscheschen imperialistisch dekadenten Aristokratismus auf. Diese Tendenz wird in adäquater Fortsetzung der Bestrebungen Nietzsches unterstützt durch eine bewußte und polemische Wegwendung von den gesellschaftlichen Problemen, die als oberflächlich, „seicht“, eines tiefen und vornehmen Menschen unwürdig betrachtet werden (André Gide, Stefan George und seine Schule, Paul Ernst und der Neuklassizismus).

In der Philosophie selbst bedeutet die internationale Wirkung eine neue Welle des Kampfes gegen die Vernunft, des Irrationalismus, der zeitgemäßen Mischung von Agnostizismus und Mystik. Der Irrationalismus der imperialistischen Periode nimmt den neuen Namen „Lebensphilosophie“ auf. Er kontrastiert in ausschließender Weise „Leben“ und Vernunft, wobei der Begriff des Lebens von vornherein reaktionär-irrationalistisch entleert wird, indem aus ihm jede Vernünftigkeit, jede Beziehung auf das gesellschaftliche Leben eliminiert wird, indem bestimmte Seiten des Lebens (vor allem Unmittelbarkeit, intuitive Spontaneität) mit Hilfe eines mystifizierten Biologismus und Psychologismus ins Maßlose aufgebauscht werden (Dilthey, Simmel, Bergson etc.).

Die sozialen Wurzeln der Popularität dieser „Lebensphilosophie“ liegen in der Mechanisierung des Lebens durch die Arbeitsteilung des imperialistischen Kapitalismus, in der prosaischen Öde seines Alltagslebens, welche sozialen Tatsachen eine Sehnsucht nach einem „Sichausleben“ der Persönlichkeit, ihrer spontan vorhandenen, aber von der kapitalistischen Ge-

mas a razão também ao estilo. Conteudisticamente, as características essenciais de seu efeito eram a nova forma do aristocratismo, a crítica do capitalismo e, ao mesmo tempo, a “ultrapassagem” de todas as tendências socialistas, a autocrítica simultânea e a autoafirmação da decadência, o culto aristocrático ao gênio, a moral da distinção. E, se bem que o próprio Nietzsche, como vimos, tomou uma posição muito crítica sobre as formas tacanhas do chauvinismo, seus admiradores na Alemanha e em escala internacional sentiram com instinto correto que, aqui, ele era realmente inconsequente. Assim, representantes pregnantes do novo chauvinismo inflamável no período imperialista como M. Barrès na França, como Gabriele D’Annunzio na Itália, constroem sua ideologia extremamente nacionalista sobre a base do aristocratismo imperialista decadente de Nietzsche. Esta tendência se apoia no prosseguimento adequado dos esforços de Nietzsche por uma mudança de percurso consciente e polêmica dos problemas sociais, que se consideram como superficiais, “rasos”, inqualificáveis de um ser humano profundo e distinto (André Gide, Stefan George e sua escola, Paul Ernst e o neoclassicismo).

Na própria filosofia do irracionalismo, o efeito internacional significa uma nova onda de luta contra a razão, a mistura atual de agnosticismo e misticismo. O irracionalismo do período imperialista incorpora o novo nome de “filosofia de vida”. Contrasta “vida” e razão de modo disjuntivo, pelo qual o conceito de vida é, de antemão, irracional e reacionariamente esvaziado, ao mesmo tempo em que, a partir dele, toda racionalidade, toda relação com a vida social é eliminada, enquanto determinados lados da vida (sobretudo a imediatividade, a intuição espontaneidade) são exagerados com a ajuda de um biologismo e psicologismo mistificados (Dilthey, Simmel, Bergson etc.).

As raízes sociais da popularidade dessa “filosofia de vida” situam-se na mecanização da vida através da divisão do trabalho do capitalismo imperialista, no tédio prosaico de sua vida cotidiana, em que os fatos sociais evocam um anseio por um “viver por si” da personalidade, por suas capacidades espontaneamente existentes, mas atrofiadas pela

sellschaft verkümmerten Fähigkeiten wachrufen. Diese sozial begründete und berechtigte Unzufriedenheit mit dem Leben im Kapitalismus wird nun durch die „Lebensphilosophie“ auf dem Niveau ihrer bloßen Unmittelbarkeit festgehalten und dann in mystisch-reaktionäre Bahnen abgelenkt. Diese „lebensphilosophische“ Tendenz ist so breit und allgemein, erfaßt so weite Kreise der Gesellschaft, daß sie sogar in die Arbeiterbewegung, in die Ideologie sich zum Sozialismus Bekennender eindringt. (Man denke an einige Dramen von Shaw, vor allem an „Mensch und Übermensch“, an G. Sorel etc.)

Alle diese Tendenzen, die selbstverständlich in den verschiedenen Ländern, bei den verschiedenen Ideologen selbständig und getrennt auftreten und untereinander oft heftige Kämpfe aufführen, beinhalten gemeinsam eine systematische Destruktion der Traditionen des klassischen Humanismus. Wie die von uns nur sehr allgemein angedeuteten Wirkungen zeigen, ist die Ausbreitung dieser antihumanistischen Tendenzen international: allgemein imperialistisch und dekadent. Aber unsere bisherigen Betrachtungen haben gezeigt, daß es keineswegs zufällig ist, daß die philosophischen „Klassiker“ der Destruktion des Humanismus gerade in Deutschland entstanden sind. Die spezifisch undemokratische, antidemokratische Entwicklung Deutschlands zu einem mächtigen und aggressiven imperialistischen Reich hat seiner ideologischen Entwicklung diesen zweifelhaften Vorrang vor den anderen großen imperialistischen Ländern gesichert.

Wenn man die Geschichte der Destruktion der humanistischen Ideologie in Deutschland ernsthaft studiert, so darf man selbstverständlich die Rolle der hervorragendsten und einflußreichsten Begründer der neuen reaktionären Tendenzen nicht von der allgemeinen Entwicklung der bürgerlichen Ideologie isolieren. Vor allem darf man die Rolle nicht aus dem Auge lassen, die dabei der deutsche Liberalismus - besonders seit seiner Umwandlung in der Bismarckzeit in Nationalliberalismus - im allmählichen Abbau des klassischen Humanismus gespielt hat. Dieser Abbau geschieht in der ausgesprochen liberalen Ideologie keineswegs in der Form eines Kampfes gegen den klassischen Humanismus. Im Gegenteil. Die liberale Bourgeoisie glaubt an diesen Traditionen unentwegt festzu-

sociedade capitalista. Esta insatisfação com a vida no capitalismo, socialmente justificada e autorizada, é agora assegurada, através da “filosofia de vida”, no nível de sua mera imediatez e depois desviada em trajetórias místico-reacionárias. Esta tendência “filosófica de vida” é tão ampla e geral, abrange círculos tão amplos da sociedade que penetra até mesmo no movimento dos trabalhadores, na ideologia de adeptos do socialismo. (Pense-se em alguns dramas de Shaw, especialmente em *Homem e Super-Homem*, em G. Sorel etc.)

Todas essas tendências que, claro, se apresentam nos diferentes países, entre os diferentes ideólogos independentes e separadas e, muitas vezes, chocam-se uma com as outras em lutas intensas, implicam conjuntamente uma destruição sistemática das tradições do humanismo clássico. Como mostram os efeitos que apenas muito em geral demos a entender, a difusão dessas tendências anti-humanistas é internacional: geralmente imperialista e decadente. Mas nossas considerações até agora mostraram que não é de modo algum casual que os “clássicos” filosóficos da destruição do humanismo tenham surgido precisamente na Alemanha. O desenvolvimento especificamente ademocrático e antidemocrático da Alemanha, em um *Reich* imperialista poderoso e agressivo, salvaguardou com o seu desenvolvimento ideológico essa primazia suspeitosa sobre os outros grandes países imperialistas.

Quando se estuda seriamente a história da destruição da ideologia humanista na Alemanha, não se pode isolar, evidentemente, o papel dos fundadores mais notáveis e mais influentes das novas tendências reacionárias do desenvolvimento geral da ideologia burguesa. Sobretudo, não se pode perder de vista o papel que incluso o liberalismo alemão — especialmente desde sua conversão em liberalismo nacional nos tempos Bismarck — desempenhou na degradação progressiva do humanismo clássico. Na ideologia acentuadamente liberal, essa degradação de modo algum acontece na forma de uma luta contra o humanismo clássico. Pelo contrário. A burguesia liberal acredita incansavelmente nessas tradições, em sua defesa contra os ataques modernos,



halten, sie gegen moderne Angriffe zu verteidigen, sorgt dafür, daß die Klassiker durch Schule, Universität, billige Ausgaben etc. verbreitet und popularisiert werden. Aber der Abbau besteht gerade in der Art der Auffassung des klassischen Humanismus. Die liberale Ideologie „reinigt“ die Klassiker von jeder Verbundenheit mit der Politik, mit den Beziehungen zur großen Französischen Revolution, zu den sozialen Kämpfen ihrer Zeit, zu den Fragen der demokratischen Formierung der bürgerlichen Klasse Deutschlands, zur Schaffung einer volkstümlichen deutschen Kultur in einem freien, von den feudalen Überresten befreiten Deutschland. (Wir haben bereits daran erinnert, daß der einzige Franz Mehring einen einsamen Kampf gegen diese Geschichtsfälschung, gegen diese Entleerung der deutschen Klassik geführt hat.)

Es entsteht, sich auf einzelne Zitate der Klassiker stützend, ihre entstellte Auffassung als „allgemein menschlich“. Dieses Wort ist tatsächlich die Bezeichnung eines Zentralproblems der deutschen Klassik, ihrer ununterbrochenen emphatischen Hervorhebung von Mensch und Menschlichkeit. Das allgemein Menschliche“ bedeutet aber für Goethe und Hegel ein Sicherheben der Former der Neuzeit über die kleinlichen, lokalen und zünftlerischen Schichteninteressen, ein Sicherheben zu jenem allgemeinen Standpunkt, von welche[m] aus die großen sozialen und kulturellen Probleme der Befreiung Deutschlands, der Neuschaffung der Welt auf Grundlage der von ihnen weiterentwickelten und dialektisch gemachten Prinzipien der Aufklärung sichtbar und verständlich werden.

Für die Ideologen der liberalen Bourgeoisie bedeutet dagegen das „allgemein Menschliche“ ein selbstgenügsames geistiges Philistertum, eine Abkehr von allen Bestrebungen, die eine Umwälzung der Gesellschaft herbeiführen könnten, ein hochmütig spießhaftes Herabsehen auf die großen sozialen Kämpfe der Zeit im Namen einer Kultivierung der sogenannten, von der Gesellschaft abgetrennten Kultur; dabei notwendigerweise eine sklavische Unterwerfung unter die jeweilig herrschende Macht. Wenn nun in diesem Zusammenhang die großen realistischen Tendenzen der Klassik, ihre Erhebung über die kleinliche naturalistische Detailmalerei als „Zeitlosigkeit“ der Kunst und Philosophie bezeichnet wird, so bedeutet dies hier im steigenden Maße eine innere Beziehungslosigkeit

aferra-se em fazer com que os clássicos sejam difundidos e popularizados através de escolas, universidades, edições baratas, etc. Mas a degradação consiste precisamente no tipo de concepção do humanismo clássico. A ideologia liberal “depura” os clássicos de qualquer ligação com a política, com as relações com a grande Revolução Francesa, com as lutas sociais de seu tempo, com as questões da formação democrática da classe burguesa da Alemanha, com a criação de uma cultura alemã popular em uma Alemanha livre, liberta dos resquícios feudais. (Já recordamos que Franz Mehring foi o único que travou uma luta solitária contra essa falsificação da história, contra esse esvaziamento do classicismo alemão.)

Sua concepção deformada do “humano geral” produz-se sustentada em citações isoladas dos clássicos. Essa palavra é, com efeito, a designação de um problema central no classicismo alemão, seu realce continuamente enfático no ser humano e na humanidade. Para Goethe e Hegel, o “humano geral” significa, portanto, um elevar-se seguro do formador da Idade Moderna acima das camadas de interesses mesquinhos, locais e corporativos, um elevar-se seguro para esse ângulo geral a partir do qual os grandes problemas sociais e culturais da libertação da Alemanha, a recriação do novo mundo sobre a base dos princípios do Iluminismo que eles desenvolveram continuamente e fizeram dialéticos, tornam-se visíveis e compreensíveis.

Para os ideólogos da burguesia liberal, ao contrário, o “humano geral” significa um filisteísmo intelectual autossuficiente, um afastamento de todos os esforços que poderiam ocasionar um revolvimento na sociedade, um presunçoso aburguesado olhar de cima para as grandes lutas sociais da época em nome do cultivo da assim chamada cultura separada da sociedade; incluso, necessariamente uma subordinação servil ao respectivo poder dominante. Se agora, nessa conexão, as grandes tendências realistas do classicismo, seu enaltecimento acima da detalhista pintura em detalhes naturalista são classificadas como “atemporalidade” da arte e da filosofia, isto significa, aqui, crescentemente, uma falta de relacionalidade interna

zur Gegenwart, zu ihren Problemen und Kämpfen. So entsteht in der Ideologie der nationalliberalen Bourgeoisie ein langweiliger Akademismus, eine abstrakte Philosophie und Kunst der spießberischen Servilität. Es ist kein Zufall, daß die gegen diese geistige und künstlerische Öde rebellierende Jugend, die gerade durch den Unterricht der Klassiker in Schule und Universität ein jedes Verständnis für ihr wirkliches Wesen verloren hat, die die Klassik mit ihrer nationalliberalen Auslegung identifiziert, immer wieder die klassische Periode in Bausch und Bogen als unmodern verwirft (Naturalismus der achtziger und neunziger Jahre, Expressionismus etc.).

Schopenhauer und Nietzsche sind auch in dieser Hinsicht die Führer einer neuen Beziehung zum klassischen Humanismus, seine bewußteren und wirksameren Destruktoren. Es fehlt natürlich auch bei ihnen nicht der direkte Angriff auf den klassischen Humanismus. Besonders Schopenhauer hat viel dazu beigetragen, daß die Dialektik der klassischen deutschen Philosophie in Verruf geraten ist, aber auch bei Nietzsche finden wir solche Angriffe, wie z. B. auf Schiller als der „Moraltrumpeter von Säckingen“.

Aber das Wesentliche bei ihnen, insbesondere bei Nietzsche, ist das neue „kritische“ Verhalten zum klassischen Humanismus, seine Umwertung im Sinne der neuen Bedürfnisse, seine Anpassung an die neuen dekadenten Zielsetzungen. Im Zentrum dieser Umwertung steht die Nietzschesche Auffassung der Antike, in welcher der Triumph des dionysischer Prinzips über das apollinische, des Rausches, der Spontanität und Intuition, letzten Endes der Hysterie, Dekadenz und Barbarei über das Apollinische als Prinzip von Vernunft und Form verkündet wird. Dies erfährt eine weitere Steigerung in Nietzsches Kampf gegen Sokrates. Verstand und Vernunft erscheinen in dieser Polemik als Prinzipien der Pöbelhaftigkeit als Zersetzungskräfte des echten klassischen Griechentums. So entsteht eine neue, wesentlich reaktionäre Synthese: Der Nietzschesche Kanon der Antike beinhaltet die Glorifikation eines dekadenten Aristokratismus in der Herrschaft der Triebe, der mystischen Intuition über den pöbelhaften Verstand.

Die griechische Klassik, die Kultur des normalen Kindesalters der Menschheit (Marx), bleibt also auch hier weiter vor-

com o presente, com seus problemas e lutas. Assim, na ideologia da burguesia liberal nacional origina-se um acadêmico entediante, uma filosofia e uma arte abstratas da servilidade burguesa. Não é uma casualidade que a juventude rebelada contra esse tédio espiritual e artístico, que perdeu toda compreensão de sua verdadeira essência precisamente através do ensino dos clássicos na escola e na universidade, que identifica o clássico com sua interpretação liberal-nacional, rejeita repetidamente o período clássico como totalmente fora de moda (naturalismo dos anos 1880-1890, expressionismo etc.).

Schopenhauer e Nietzsche são também, nesse sentido, os líderes de uma nova relação com o humanismo clássico, seus destrutores mais conscientes e mais eficientes. Naturalmente, não falta também neles o ataque direto ao humanismo clássico. Schopenhauer, particularmente, contribuiu muito para que a dialética da filosofia alemã clássica caísse em descrédito, mas também em Nietzsche encontramos tal ataque, como, por exemplo, a Schiller como o “trompetista moral de Säckingen”.

Mas o essencial com eles, especialmente com Nietzsche, é o novo comportamento “crítico” em relação ao humanismo clássico, sua reavaliação no sentido das novas necessidades, sua adaptação aos novos objetivos decadentes. No centro dessa reavaliação situa-se a concepção de Nietzsche da Antiguidade, na qual é proclamado o triunfo do princípio dionisíaco sobre o apolíneo, da embriaguez, da espontaneidade e da intuição, por último da histeria, a decadência e a barbárie sobre o Apolíneo como princípio de razão e forma. Isto experimenta um outro incremento na luta de Nietzsche contra Sócrates. Entendimento e razão aparecem nessa polêmica como princípio da plebeidade como forças de decomposição do grego clássico autêntico. Assim, origina-se uma nova síntese essencialmente reacionária: o cânone de Nietzsche da Antiguidade contém a glorificação de um aristocratismo decadente no domínio dos instintos, a intuição mística sobre o entendimento plebeu.

O classicismo grego, a cultura da infância normal da humanidade (Marx) permanece, portanto, também aqui,

bildlich. Die deutsche Jugend hat aber jetzt nur die Wahl zwischen dem akademischen blutlosen Musterknaben des schulmäßigen Nationalliberalismus und dem [Vertreter] des krankhaft hemmungslosen Rausches im Gefolge des neuentdeckten Gottes Dionysos. Es ist kein Wunder, daß der geistreichere und den Instinkten der Dekadenz entgegenkommendere Dionysos den Sieg über den apollinischen Schulmeister davontrug. In ähnlicher Weise wird die große Aufschwungepoche der Neuzeit, die Renaissance, in ein Zeitalter der Herrschaft der Barbarei, der Entstehungszeit der „blonden Bestie“ umgedeutet. Anstelle der Lionardo da Vinci und Michelangelo, der Giordano Bruno und Galilei wird Cesare Borgia zur Zentralfigur. (Hier ist der ältere Freund Nietzsches, Jacob Burckhardt, sein unmittelbarer Vorläufer.)

Auf dieser Linie vollzieht sich auch die Verfälschung und Destruktion des klassischen deutschen Humanismus. Goethe erscheint im steigenden Maße als Vertreter der Intuitionsphilosophie, als Gegner von Vernunft und Wissenschaftlichkeit, als Repräsentant der „Lebensphilosophie“, als großer Verkünder des egoistischen, um die Gesellschaft unbekümmerten, alles Gesellschaftliche verachtenden Auslebens der Persönlichkeit (Dilthey, Simmel, Gundolf etc.). Die vorsichtige und feine Dialektik Goethes, seine „zarte Empirie“, die zu begreifen strebt, daß die Wirklichkeit selbst Theorie ist, erscheint immer energischer als Antiwissenschaftlichkeit, als Agnostizismus und Mystik. (Besonders scharf wird die Naturphilosophie Goethes von Chamberlain und Gundolf im Sinne eines Gegensatzes zur Evolutionstheorie verfälscht.) Alle zweifelhaften und rückständigen Aussprüche von Goethe werden benützt, um aus ihm ein „einsames Genie“ à la Schopenhauer und Nietzsche zu machen, um seine Anschauungen in Gegensatz zum Fortschritt, zur Freiheit, zur politischen Tätigkeit etc. zu bringen.

Diese Tendenzen verstärken sich durch die Erneuerung der Romantik im imperialistischen Zeitalter, deren Hauptbestreben darauf gerichtet ist, den von uns geschilderten Gegensatz zwischen Klassik und Romantik zu verwischen, den klassischen Humanismus nach Möglichkeit den reaktionären Tendenzen der Romantik anzunähern, den klassischen Humanismus als einen bloßen Vorläufer der reaktionären Romantik

exemplar. Mas, a juventude alemã tem, agora, apenas a opção entre o menino-exemplar academicamente exangue do liberalismo nacional liberal escolar e o representante da embriaguez doentia desinibida no séquito redescoberto do Deus Dionísio. Não é de admirar que o Dionísio mais espirituoso e obsequioso com os instintos da decadência alcançou a vitória sobre o mestre-escola apolíneo. De modo semelhante, o grande período de crescimento da Idade Moderna, o Renascimento, foi ressignificado como uma época do domínio da barbárie, a época da criação do “animal loiro”. Em vez de Leonardo da Vinci e Michelangelo, de Giordano Bruno e Galileu, César Bórgia se torna a figura central. (Aqui está o velho amigo de Nietzsche, Jacob Burckhardt, seu precursor imediato.)

Nesta linha consuma-se a adulteração e a destruição do humanismo clássico alemão. Goethe aparece, crescentemente, como representante da filosofia da intuição, como opositor da razão e da cientificidade, como representante da “filosofia de vida”, como propagador do egoísta, despreocupado pela sociedade, desdenhoso de todo viver social da personalidade (Dilthey, Simmel, Gundolf etc.).

A cautelosa e fina dialética de Goethe, seu “empirismo sutil”, que aspira compreender que a própria realidade é teoria, aparece sempre vigorosamente como anticientificidade, como agnosticismo e misticismo. (A filosofia da natureza de Goethe é particularmente distorcida por Chamberlain e Gundolf no sentido de uma oposição com a teoria da evolução.) Todos os ditos duvidosos e antiquados de Goethe são utilizados para fazer dele um “gênio solitário” à la Schopenhauer e Nietzsche, para pôr suas concepções em oposição com o progresso, a liberdade, a atividade política etc.

Estas tendências se reforçam através da renovação do romantismo na era imperialista, cujo esforço principal é direcionado para esfumar a oposição por nós descrita entre o classicismo e o romantismo, para aproximar o humanismo clássico segundo a possibilidade das tendências reacionárias do romantismo, para evidenciar o humanismo clássico como mero precursor de romantismo

aufzuzeigen. Auch die Erneuerung des Hegelianismus in der imperialistischen Zeit bezweckt eine ähnliche „Synthese“. Einerseits wird der erkenntnistheoretische Fortschritt von Kant zu Hegel vernichtet und Hegel auf das Kantsche Niveau zurückgeschraubt, andererseits wird Hegel der reaktionären Romantik, der Intuitionsphilosophie angenähert (Dilthey, Windelband, Kroner etc.). Mit einem Wort: Neben der nationalliberalen Entleerung des klassischen Humanismus haben wir hier, als Ergänzung zu ihr, ein Vollfüllen des klassischen Humanismus mit jenen reaktionären Inhalten vor uns, die dieser in der ganzen Periode seiner Wirksamkeit aus leidenschaftlichster Bekämpfung hat.

Dem entspricht die einseitige und pathetische Verherrlichung des „Helden“, des „großen Mannes“, des „Genies“, das nicht nur die Geschichte macht, sondern dessen Entstehung und Entfaltung der eigentliche Zweck aller Geschichte ist. Und parallel damit entsteht notwendigerweise die Verachtung der Massen und alles dessen, was Leben und Wirksamkeit der Massen ist. Die Massen haben überhaupt keine Geschichte ihre Darstellung gehört in eine ungeschichtliche „Soziologie“ (Rickert). Dieser allgemein sich verbreitende Aristokratismus erfaßt von der Erkenntnistheorie, die für die Intuition eine besondere, nicht jedem zugängliche Gabe erfordert, bis zu Geschichte, Moral und Anthropologie alle Gebiete des Wissens. Die Nietzschesche Konzeption der verschiedenen, voneinander durch Abgründe getrennten Rassen dringt immer mehr ins allgemeine Denken ein und nimmt - hier im Gegensatz zu den Worten Nietzsches, aber im Sinne seiner zeitgemäßen Weiterbildung - den Akzent einer chauvinistischen Verherrlichung der germanischen, der deutschen Rasse auf (Chamberlain; es ist aber interessant und kennzeichnend, daß diese deutsche Rassentheorie auch bei sonst dem Fortschritt zuneigenden politischen Ideologen wie z. B. Walther Rathenau zu finden ist).

Daraus erwächst naturgemäß eine philosophische Zersetzung der Moral. Der Geniekult bringt eine Stimmung des „Alles ist erlaubt“ hervor, und der sophistische Skeptizismus der „Lebensphilosophie“ deutet die an sich richtige Beobachtung von der gesellschaftlich-geschichtlichen Wandlung der moralischen Anschauungen in einen relativistischen Nihilismus um.

reacionário. Também a renovação do hegelianismo na era imperialista pretende uma “síntese” semelhante. Por um lado, o progresso gnosiológico de Kant para Hegel é destruído e Hegel é reduzido ao nível kantiano; por outro lado, Hegel é aproximado do romantismo reacionário, da filosofia da intuição (Dilthey, Windelband, Kroner etc.). Em uma palavra: ao lado do esvaziamento liberal-nacional do humanismo clássico, temos aqui, como sua complementação, um preenchimento, ante nós, do humanismo clássico com aquele conteúdo reacionário, o qual foi combatido apaixonadamente por todo o período de sua efetividade.

A isto corresponde ao enaltecimento unilateral e patético do “herói”, do “grande homem”, do “gênio”, que não apenas faz a história, mas cuja gênese e desenvolvimento são o propósito real de toda a história. E, paralelamente a isto, surge, necessariamente, o desprezo pelas massas e tudo o que é vida e efetividade das massas. As massas não têm sobretudo história, e sua descrição pertence a uma “sociologia” a-histórica (Rickert). Esse aristocratismo geral que se propaga, abrange todos os campos do saber desde a teoria do conhecimento, que requer um dom especial para a intuição, não acessível a todos, até a história, a moral e a antropologia. A concepção de Nietzsche das diferentes raças, separadas entre si por abismos, penetra cada vez mais no pensamento geral e — em oposição às palavras de Nietzsche, mas no sentido de seu aperfeiçoamento contemporâneo — incorpora o acento de um enaltecimento chauvinista do germânico, da raça alemã (Chamberlain; mas é interessante e característico que essa teoria da raça alemã também é encontrada em ideólogos políticos que, habitualmente, tendem para o progresso, como, por exemplo, Walther Rathenau).

Decorre disto, naturalmente, uma decomposição filosófica da moral. O culto ao gênio produz um estado de ânimo do “tudo é permitido”, e o ceticismo sofisticado da “filosofia de vida” aponta para a observação em si correta da transformação sócio-histórica das concepções morais em um niilismo relativista.

Und die politische und soziale Gefahr des „Alles ist erlaubt“ wird durch seine rassenmäßig-mystische Erweiterung noch größer: Indem die prinzipielle Ungleichheit der Menschen proklamiert wird und diese Ungleichheit auch auf die Nationen und Völker ausgeweitet wird, entsteht die Auffassung, daß für die Herrenrasse (für die Germanen, für die Deutschen) in ihrem Kampf um die Weltherrschaft alles erlaubt ist. Damit sind die letzten Spuren des klassischen Humanismus aus den Köpfen der Anhänger dieser Lehren vertilgt.

All dies spielt sich im imperialistischen Deutschland in der Vorbereitungszeit des ersten Weltkrieges ab. Das politisch veraltete System Deutschlands erweist sich als unfähig, die Aufgaben der inneren und äußeren Politik zu lösen. Immer wieder entsteht eine soziale und politische Unzufriedenheit. Alle von uns kurz analysierten Ideologien knüpfen an seelische Tatsachen an, die direkt oder indirekt mit dieser Unzufriedenheit verbunden sind, und führen nun diese nach rückwärts statt nach vorwärts, lenken sie vom Weg der Selbstverständigung über die Aufgaben der nationalen und sozialen Selbstbesinnung ab. Unter dem Einfluß dieser Ideologie erscheint nicht die politische Zurückgebliebenheit Deutschlands, seine Schwäche als die Quelle seiner Fehler und Fehlschläge, sondern im Gegenteil sein partielles Angestecktsein durch den Westen, durch den „Import“ der westlichen Demokratie. Die Schwäche Deutschlands ist nicht zu wenig, sondern zu viel Demokratie; nicht die reformistische Entartung der Sozialdemokratie, sondern die Existenz der Sozialisten überhaupt. Es gilt also als Zielsetzung solcher Ideologie, die „deutsche Eigenart“ zu bewahren, die, wenn konsequent aufgebaut, für die ganze Welt vorbildlich ist.

Mit der Parole „Am deutschen Wesen soll die Welt genesen“ zogen breite Massen in den ersten imperialistischen Weltkrieg, von dessen aggressiv-imperialistischem Charakter sie - ideologisch verführt und verdorben - keine Ahnung hatten. Niedrig demagogische und verfeinert hochstehende Ideologien Deutschlands haben auf getrennten Wegen, aber einmütig diesen Kriegsrausch, diese Vernebelung, diese Unkenntnis der wahren Zusammenhänge, diese ideologische Wehrlosigkeit gegenüber der imperialistischen Wirklichkeit vorzubereiten geholfen. Gegenteilendungen gab es natürlich,

E o perigo político e social do “tudo é permitido” torna-se ainda maior através de sua expansão místico-racial: enquanto proclama a desigualdade de princípio dos povos e essa desigualdade é alargada às nações e povos, surge a concepção de que, para a raça-dominante (para os germânicos, para os alemães) em sua luta pelo domínio do mundo tudo é permitido. Com isso, os últimos vestígios do humanismo clássico são eliminados da cabeça dos seguidores desses ensinamentos.

Tudo isso acontece na Alemanha imperialista no período de preparação da Primeira Guerra Mundial. O sistema politicamente arcaico da Alemanha se mostra incapaz de resolver as tarefas da política interna e externa. Repetidamente, surge uma insatisfação social e política. Todas as ideologias que analisamos brevemente reportam-se a fatos anímicos que, direta ou indiretamente, estão associados a essa insatisfação, e se as conduzem, agora, para trás e não para frente, desviam-nas do caminho da autoconsciência através das tarefas de autoconsciência nacional e social. Sob a influência dessa ideologia não é o atraso político da Alemanha, sua debilidade que aparece como a fonte de seus erros e fracassos, mas, pelo contrário, seu ser afetado parcialmente pelo Ocidente, pela “importação” da democracia ocidental. A debilidade da Alemanha não é que há pouca, mas demasiada democracia; não é a degeneração reformista da social-democracia, mas sobretudo a existência dos socialistas. Vigora como finalidade de tal ideologia, portanto, conservar a “peculiaridade alemã”, que, se conseqüentemente construída, é exemplar para o mundo inteiro.

Com a palavra de ordem “A essência alemã convalescerá o mundo”, arrastaram amplas massas para a Primeira Guerra Mundial imperialista, de cujo caráter imperialista agressivo — ideologicamente fascinante e depravado — não faziam ideia. As ideologias rasteiramente demagógicas e sofisticadamente refinadas da Alemanha auxiliaram, por vias separadas, mas de comum acordo, para preparar essa embriaguez-bélica, esse enevoamento, essa ignorância da verdadeira conexão, essa vulnerabilidade ideológica ante a realidade imperialista. Naturalmente, havia contratendências,

aber doch nur vereinzelt, und sie kamen unter den von uns geschilderten politischen und ideologischen Umständen nicht zur Geltung.

Alle diese Tendenzen der reaktionären ideologischen Entwicklung wirkten sich in der Periode der Weimarer Republik in verstärkter Weise aus. Ihre innere Problematik, die uns bereits bekannt ist, widerspiegelt sich in der Reproduktion reaktionärer Ideologien auf erhöhter Stufenleiter. Es ist für die Weimarer Periode, für diese Republik ohne Republikaner, für diese Demokratie ohne Demokraten bezeichnend, daß die bekanntesten und einflußreichsten Produkte ihrer Ideologie einfach die nachachtundvierziger reaktionäre Linie des deutschen Denkens fortsetzten und weiterbildeten, daß in ihr keinerlei fortschrittlich-demokratische Lehre von innerer Bedeutung und äußerem Einfluß entstand.

Der Neukantianismus der liberalen Bourgeoisie als Philosophie vor der Krisenzeit, wie Siegfried Marek die Weimarer Periode bezeichnet, zersetzt sich, verschwindet fast vollständig vom Schauplatz und läßt nur den erkenntnistheoretischen Agnostizismus als Erbe für alle seine Nachfolger zurück. Der Neuhegelianismus, der im wesentlichen an seine Stelle tritt, erstrebt die Synthese aller Weltanschauungen von Kant bis Nietzsche - die „weltanschaulichen“ Bestrebungen der äußersten Reaktion, des Faschismus, mit inbegriffen. Sie ist die Ideologie jener bürgerlichen Schicht, die das „Gesunde“ am Faschismus als Aufbauelement für die Weimarer Republik retten möchte.

Die Husserl-Schule der „Phänomenologie“, die auch in der Zeit vor dem ersten imperialistischen Weltkrieg auf dem Standpunkt eines reaktionären Intuitismus stand, deren Tätigkeit sich aber damals hauptsächlich auf Probleme der Logik oder höchstens der Moral beschränkte, tritt jetzt in die Arena der Weltanschauungskämpfe ein und verkündet mit Scheler die Ohnmacht der Vernunft in Gesellschaft und Geschichte. Sie beeinflußt damit die ebenfalls jetzt entstehende „Soziologie des Wissens“, eine Hochschule des Relativismus aller Standpunkte. Und der letzte hervorragende Vertreter der „Phänomenologie“, Heidegger, erneuert die reaktionäre Überwindung Hegels durch Kierkegaard, um eine Metaphysik der Angst, des Grauens, der Leere und der Öde als wirklichen

mas apenas esporádicas, e elas advinham sob circunstâncias políticas e ideológicas sem prestígio.

Todas essas tendências do desenvolvimento ideológico reacionário surtiram efeito reforçado a partir do período da República de Weimar. Seus problemas internos, que já conhecemos, refletem-se na reprodução de ideologias reacionárias em escala ampliada. É característico do período de Weimar, dessa república sem republicanos, dessa democracia sem democratas, que os produtos mais conhecidos e mais influentes de sua ideologia simplesmente prosseguiram e se desenvolveram com a linha reacionária de 1848 do pensamento alemão, que não surgiu nela nenhuma doutrina democrático-progressista de importância interna e influência externa.

O neokantantismo da burguesia liberal como filosofia anterior ao período de crise, como Siegfried Marek designa o período de Weimar, desintegra-se, desaparece quase completamente de cena e deixa apenas o agnosticismo epistemológico como uma herança para todos os seus sucessores. O novo hegelianismo, que essencialmente ocupa o seu lugar, ambiciona a síntese de todas as concepções de mundo, de Kant a Nietzsche — incluindo os esforços “ideológicos” da reação mais extrema, o fascismo. Ele é a ideologia da camada burguesa que deseja salvar os “saudáveis” do fascismo como elemento construtivo da República de Weimar.

A Escola de Husserl de “fenomenologia”, que no período anterior à Primeira Guerra Mundial imperialista, também se situava do ponto de vista de um intuicionismo reacionário, mas cuja atividade, naquele tempo, restringia-se principalmente aos problemas da lógica ou, no máximo, da moral, adentra agora na arena das lutas pela concepção de mundo e proclama com Scheler a impotência da razão na sociedade e na história. Ela influencia, com isso, a “sociologia do conhecimento” também agora nascente, uma academia de relativismo para todos os pontos de vista. E o último representante destacado da “fenomenologia”, Heidegger, renova a ultrapassagem reacionária de Hegel por Kierkegaard, para proclamar uma metafísica do medo, do horror, do vazio e do tédio como

Inhalt des Lebens, seine absolute Nichtigkeit zu verkünden.

Gleichzeitig entsteht, geführt von Baeumler und Klages, eine Renaissance der reaktionären Inhalte und Methoden des genialen Altertumsforschers Bachofen. Es ist eine Weiterführung der Nietzscheschen Philosophie in der radikaleren Zerstörung des klassischen Humanismus mit gleichzeitigem Anschluß an die reaktionärsten Tendenzen der Romantik. Das Dionysisch-Rauschvolle als positiv wertbetontes Gegenstück zur Klarheit, zu den deutlich konturierten Formen der Vernunft scheint ihnen ungenügend, zu „rationalistisch“. Baeumler, sonst ein großer Verehrer Nietzsches, kritisiert dessen Auffassung der Antike als „untief“, als vom Positivismus angekränkt. Die mythische Fassung der großen Entdeckung Bachofens von der Periode des Mutterrechts wird zum Ausgangspunkt dieser weiteren Fortbildung Nietzsches ins Reaktionäre: Erdhaft, dumpf, „mutterhaft“, bloß unartikulierter Instinkt, das ist, was hier der Vernunft und der Gesellschaftlichkeit gegenübergestellt wird: das chthonische Prinzip. So entsteht eine negative pessimistische Geschichtsphilosophie vom Weltunglück, daß Apollon über die chthonischen Mächte des Mutterrechts triumphiert hat. Die Vernunft erscheint hier nicht mehr als bloß ohnmächtig, als bloßes Anhängsel der Instinkte, nicht mehr als nur minderwertig der Intuition gegenüber, sondern geradezu als ruchlos, als sündhaft, als eine jede Menschlichkeit, die im dumpfen Weben der Instinkte besteht, zersetzend. Diese Tendenzen werden durch die Entwicklung der Psychologie, durch neuere herrschende Tendenzen der Freud-Schule, durch die modern gewordene Mythenforschung etc. wirksam unterstützt.

All dies spielt sich größtenteils auf den Universitäten der Weimarer Republik ab, aber stellenweise ebenfalls ziemlich weit entfernt von unmittelbaren Massenwirkungen. Aber am Anfang und am Ende der Weimarer Periode stehen Denker, die nicht nur eine bestimmte direkte Wirkung auf die Massen ausübten, sondern auch die reaktionäre Ideologie in einem noch entschiedeneren, noch einflußreicheren Sinn weiterbildeten.

Am Anfang der Weimarer Periode setzt der Welterfolg des letzten Denkers ein, in welchem sich der führende Anteil

o conteúdo real da vida, sua nulidade absoluta.

Concomitantemente surge, liderado por Baeumler e Klages, um renascimento dos conteúdos e dos métodos reacionários do genial antiquário Bachofen. É uma continuação da filosofia de Nietzsche na destruição mais radical do humanismo clássico com ligações simultâneas com as tendências mais reacionárias do romantismo. A completa embriaguez dionisíaca como contrapartida positiva de acentuado valor para a clareza, para as formas da razão claramente contornadas, parece-lhes insuficiente, “racionalista”. Baeumler, aliás, um grande admirador de Nietzsche, critica sua concepção da Antiguidade como “superficial”, como enfermada pelo positivismo. A versão mítica da grande descoberta de Bachofen do período dos direitos maternos torna-se o ponto de partida para essa ampla formação de Nietzsche no mais reacionário: instinto terrenal, obtuso, “maternal”, meramente desarticulado, que é, o que aqui contrapõe a razão e a socialidade: o princípio ctônico. Surge, assim, uma filosofia pessimista negativa da história da desventura mundial, que Apolo triunfou sobre os poderes ctônicos do direito materno. A razão não aparece mais aqui como meramente impotente, como mero acessório dos instintos, não mais apenas como inferior em relação à intuição, mas sim, diretamente como desalmada, como pecaminosa, como destrutiva de toda humanidade, que existe no tecer escuro dos instintos. Essas tendências são efetivamente auxiliadas pelo desenvolvimento da psicologia, pelas novas tendências dominantes da Escola de Freud, pela investigação de mitos, etc. tornada moderna.

Tudo isso sucede em grande medida nas universidades da República de Weimar, mas, em alguns lugares, também muito longe do imediato efeito de massas. No entanto, no início e no final do período de Weimar, há pensadores que não apenas exerceram um determinado efeito direto sobre as massas, mas também aperfeiçoaram a ideologia reacionária em um sentido ainda mais decisivo e ainda mais influente.

No início do período de Weimar, começa o êxito mundial do último pensador, que personifica a cota-parte dirigente da

Deutschlands an der Herausbildung der reaktionären Ideologie verkörpert: Oswald Spenglers. Spengler führt die pessimistische Linie Schopenhauers und Nietzsches weiter und macht zugleich aus dem mythischen Pseudohistorismus Nietzsches eine das ganze Weltbild beherrschende Geschichtsphilosophie. Diese ist ein absoluter Fatalismus der Kulturentwicklung, der für die nächste Zukunft Europas den Sieg der äußersten Reaktion, die Herrschaft der Cäsaren (der Potentaten des Finanzkapitalismus) als unvermeidlich notwendig vorhersagt. Bei Spengler haben wir die bisher höchstentwickelte Mischung der extremen Verachtung von Vernunft und Wissenschaft und des apodiktischsten intuitiven Prophetentums vor uns. Er lehnt eine jede vernunftmäßig wissenschaftlich erkennbare Gesetzmäßigkeit der Geschichte ab; diese hat ein organisches Wachstum, das mit den intuitiven Methoden der „Morphologie“ in ihrer fatalen Notwendigkeit erfaßt werden kann. Es ist das organische Wachstum von „Kulturkreisen“, von Jugend zum Alter, und dieses Wachstum kann durch keinerlei Handlungen von Menschen oder Klassen aufgehalten werden, ist ebenso naturnotwendig, wie das Wachstum der einzelnen biologischen Individuen unabhängig vom menschlichen Denken ist. Diese „Kulturkreise“ stehen nun einander ebenso solipsistisch ausschließend gegenüber wie in der Menschenauffassung der Dekadenz die einzelnen Menschen. Vor einem „Kulturkreis“ zum anderen gibt es keinen Weg, keine Vermittlung; nicht einmal die der Entwicklung der exakten Wissenschaften. Die Euklidische Geometrie ist ebenso ein bloßer Ausdruck des antiken Lebens ohne sonstigen Anspruch auf objektive Geltung, wie die moderne Mathematik eine des neuen, des „faustischen“ Zeitalters ist.

So entsteht die bisher vollendetste Form des pseudohistorischen Relativismus: Es gibt überhaupt keine Objektivität, es gibt überhaupt keine absolute Wahrheit, alles ist nur Erscheinungsweise einer bestimmten Kultur und hat einen Sinn ausschließlich als Ausdruck dieser Kultur. Aus diesem Weltbild liest nun Spengler den fatalen Sieg seiner Cäsaren, d. h. der Großkapitalisten der imperialistischen Epoche, ab. Sich dagegen zu wehren, ist Dummheit, sich dagegen in Gedanken aufzulehnen, rationalistische Flachheit. Die Massen sind bloßer Rohstoff in den Händen der Cäsaren: Parias, Kulis. Was am

Alemanha na formação da ideologia reacionária: Oswald Spengler. Spengler continua a linha pessimista de Schopenhauer e Nietzsche e, ao mesmo tempo, faz do pseudo-historicismo mítico de Nietzsche uma filosofia da história dominante em toda a imagem de mundo. Essa é um fatalismo absoluto do desenvolvimento cultural, que prediz para o futuro próximo da Europa a vitória da reação extrema, o domínio dos Césares (os potentados do capitalismo financeiro) como inevitavelmente necessário. Com Spengler, temos ante nós a mistura até agora mais altamente desenvolvida do extremo desprezo pela razão e pela ciência e a profecia mais apodítica e intuitiva. Ele recusa qualquer regularidade da história racional e cientificamente reconhecível; isto tem um crescimento orgânico que pode ser compreendido em sua necessidade fatal com os métodos intuitivos da “morfologia”. É o crescimento orgânico dos “círculos de cultura”, da juventude à velhice, e esse crescimento não pode ser detido por nenhuma ação de seres humanos ou de classes, é tão naturalmente necessário como o crescimento dos indivíduos biológicos singulares é independente do pensamento humano. Estes “círculos de cultura” se defrontam exclusivamente, agora, tão solipsisticamente como o ser humano singular na concepção do ser humano da decadência. Ante um “círculo de cultura” e outro não há caminho, não há mediação; nem mesmo a do desenvolvimento das ciências exatas. A geometria euclidiana é também uma mera expressão da vida antiga, sem outra exigência que a de prestígio objetivo, como a matemática moderna é uma das novas, das eras “faustianas”.

É assim que surge a forma mais completa do relativismo pseudo-histórico: não há nenhuma objetividade, não há nenhuma verdade absoluta, tudo é apenas modo de aparição de uma determinada cultura e tem um significado exclusivo como expressão dessa cultura. Partindo desta imagem de mundo, Spengler lê agora a vitória fatal de seus Césares, i.e., dos grandes capitalistas da época imperialista. Debater-se contra isso é estupidéz, revoltar-se contra isso em pensamento é superficialidade racionalista. As massas são meras matérias-primas nas mãos dos Césares: párias, ajudantes. O que



Sozialismus berechtigt ist, hat bereits Friedrich der Große in der preußischen Armee und Bürokratie verwirklicht. Der Sozialismus ist also nicht nur unsinnig, sondern auch vollständig veraltet, es gehört zum schlechten Ton unter gebildeten Menschen, über ihn überhaupt zu sprechen.

Wenn wir nun die letzten Jahre der Weimarer Epoche betrachten, so sehen wir neben der sich bereits massenhaft ausbreitenden nationalsozialistischen Arbeiterpartei eine ganze Reihe von ideologischen Strömungen, die die Ideen der äußersten Reaktion in verschiedenen Formen verkünden. Wir heben nur einige aus ihrer großen Zahl hervor. Da ist die Soziologie Hans Freyers und seiner Schule. Sie geht von Dilthey und der „Soziologie des Wissens“ aus, konzentriert aber den dort entstandenen und von ihr weitergebildeten Relativismus auf die Geschichte des 19. Jahrhunderts. Der Sozialismus wird hier nicht bekämpft oder grob verfälscht (wie bei Spengler), auch nicht einfach als eine Ideologie neben den anderen behandelt (Soziologie des Wissens); aus der allgemeinen Charakteristik des 19. Jahrhunderts, aus ihrer Dekadenz wird vielmehr für diese Zeit sogar die Möglichkeit eines Sieges des Sozialismus zugegeben. (Hugo Fischer, ein Schüler Freyers, sieht in Marx und Nietzsche Parallelscheinungen, als bedeutende Kritiker der Dekadenz, nur daß selbstverständlich Nietzsches Kritik tiefer greift als die von Marx, da jener den Kapitalismus als bloßes Teilmoment der Dekadenz faßt und nicht wie dieser die dekadente Ideologie aus einer bestimmten Entwicklungsstufe des Kapitalismus ableitet.) Im 19. Jahrhundert wäre also an und für sich der Sieg des Sozialismus möglich gewesen. Jedoch, wie Freyer in einem Pamphlet „Revolution von rechts“ ausführt, ist dieser Sieg infolge der Herrschaft des Reformismus unmöglich gewesen. Der Sozialismus, den Freyer durchweg mit dem Reformismus identifiziert, hat die Probleme der neuen Weltwirtschaft und Weltpolitik, vor allem die nationale und die Agrarfrage nicht verstanden, darum ist die Entwicklung über ihn hinausgegangen. Jetzt ist die „Revolution von rechts“, d. h. der Faschismus, der zeitgemäße Erbe von allem, was am Sozialismus historisch berechtigt war.

Diese Zentralstellung des Sozialismus in den historischen Betrachtungen ist für die am Ende der zwanziger Jahre mas-

é legítimo no socialismo já foi materializado por Frederico, o Grande, no exército e na burocracia prussianos. O socialismo, portanto, é não somente um absurdo, mas também completamente arcaico; não é de bom-tom falar sobre ele entre pessoas cultas.

Se agora examinarmos os últimos anos da época de Weimar, vemos, ao lado do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, já se propagando massivamente, uma série ampla de correntes ideológicas que proclamavam em formas diversas as ideias da reação extrema. Do seu grande número destacaremos, agora, apenas algumas. Há a sociologia de Hans Freyer e sua escola. Ela parte de Dilthey e da “sociologia do conhecimento”, mas concentra o relativismo originado ali e por ele se aperfeiçoa na história do século XIX. Aqui, o socialismo não é combatido ou distorcido grosseiramente (como em Spengler), nem tratado simplesmente como uma ideologia ao lado de outras (sociologia do conhecimento); admite-se, pelo contrário, das características gerais do século XIX, de sua decadência, a possibilidade de uma vitória do socialismo para esse período. (Hugo Fischer, um discípulo de Freyer, vê em Marx e Nietzsche, como importantes críticos da decadência, fenômenos paralelos, mas que, as críticas de Nietzsche, claro, são mais profundas do que as de Marx, uma vez que ele compreende o capitalismo como um mero momento parcial da decadência e não deriva, como aquele, a ideologia decadente de determinado patamar de desenvolvimento do capitalismo.) No século XIX, portanto, a vitória do socialismo teria sido possível em si e para si. No entanto, como Freyer expõe no panfleto *Revolução de direita*, esta vitória foi impossível devido ao domínio do reformismo. O socialismo, que Freyer sem exceção identifica com o reformismo, não entendeu os problemas da nova economia mundial e da nova política mundial, sobretudo a questão nacional e a questão agrária, por isso, o desenvolvimento o ultrapassou. Agora a *Revolução de direita*, i. e., o fascismo, é o herdeiro contemporâneo de tudo o que era historicamente legítimo no socialismo.

Esta posição central do socialismo nas considerações históricas é extremamente característica da literatura e da filosofia de seitas semifascistas ou totalmente fascistas (em oposição a Spengler)

senhaft entstehende halb oder ganz faschistische Sektenliteratur und -philosophie (im Gegensatz zu Spengler) äußerst charakteristisch. Diese Literatur enthält die verschiedenartigsten Elemente, darunter auch ehrliche, verworrene Rebellen, solche, die später ihrer oppositionellen Haltung gegen den herrschenden Faschismus zum Opfer gefallen sind (Niekisch und der „Widerstandskreis“). Für alle diese Schriftsteller (Hielscher, Jünger, Schauwecker etc.) ist es bezeichnend, daß sie den Sozialismus als aktuelles Problem, ja zuweilen als einzig möglichen Ausweg aus der Krise betrachten; der Kapitalismus in seiner gegenwärtigen Form ist in ihren Augen unfähig, die Probleme der Epoche zu lösen. Auf dieser Grundlage entsteht eine sehr scharfe Polemik gegen jede Bürgerlichkeit, gegen die bürgerliche Kultur, wozu für diese Schriftsteller selbstverständlich vor allem auch die Demokratie gehört. Sie lehnen die Ökonomie der Bourgeoisie ab, stellen ihr aber im allgemeinen nicht eine neue Ökonomie, sondern eine Periode ohne Ökonomie, eine Aufhebung der Ökonomie überhaupt gegenüber. Weiter wird bei ihnen der Gedanke des Sozialismus als Ausweg aus der Krise mit der nationalen Befreiung, mit dem Kampf gegen den Versailler Frieden verknüpft. Hier treten freilich die politischen Differenzen innerhalb dieser Strömungen besonders scharf hervor. Dabei wirft die spätere oppositionelle Haltung von Niekisch gegen den Faschismus ihren Schatten voraus, indem er die Priorität der nationalen Befreiung vor dem Sozialismus zwar betont, die beiden Prinzipien jedoch, als voneinander untrennbar, verknüpft. Dagegen steht z. B. Jünger dem Gedanken einer Diktatur der Reichswehr nahe. Er veröffentlicht ein ganzes Buch von der Welt des „Arbeiters“, die der bürgerlichen so ausschließend und fremd gegenübersteht, daß zwischen ihnen nicht einmal ein feindliches Verhältnis vorwaltet. Dies beruht bei ihm auf der Basis einer imperialistisch-militaristischen Konzeption der kommenden Periode, der Periode „des Arbeiters“. Sie ist zugleich die Zeit der „totalen Mobilmachung“, des „totalen Krieges“. Die außerordentliche Wichtigkeit, die der Kampf gegen Versailles bei diesen den Faschismus unmittelbar vorbereitenden Ideologen spielt, hat zur Folge, daß sie einerseits den Zustand des deutschen Volks als gefährlich zersetzt auffassen, andererseits aber einen revolutionären Umschwung er-

surgidas em massa no final da década de 1920. Esta literatura contém os mais diversos tipos de elementos, entre eles os rebeldes honestos e confusos, aqueles que, mais tarde, foram vítimas de suas atitudes contra o fascismo dominante (Niekisch e o “círculo de resistência”). É característico para todos esses escritores (Hielscher, Jünger, Schauwecker etc.) que eles consideram o socialismo como um problema atual e, às vezes, como a única saída possível da crise; o capitalismo em sua forma atual é, a seus olhos, incapaz de solucionar os problemas da época. Sobre esta base, surge uma polêmica muito aguda contra toda burguesidade, contra a cultura burguesa, de que, para esses escritores, claro, faz parte também, especialmente, a democracia. Eles recusam a economia da burguesia, mas, em geral, não a enfrentam com uma nova economia, mas sim com um período sem economia, uma superação ante a economia em geral. Adiante, eles associam a ideia do socialismo como saída da crise com a libertação nacional, com a luta contra a paz de Versalhes. Aqui, porém, afloram com particular nitidez as diferenças políticas dentro dessas correntes. A atitude oposicionista tardia de Niekisch contra o fascismo lançou sua sombra junto a isso, ao ele acentuar a prioridade da libertação nacional ante o socialismo, que, no entanto, associa os dois princípios como inseparáveis. Contrariamente, Jünger, por exemplo, acerca-se à ideia de uma ditadura do *Reichswehr*.<sup>\*</sup> Publica um livro inteiro sobre o mundo do “proletário”, que se defronta com o burguês tão estranha e excludentemente que nem sequer prevalece entre eles uma relação inimiga. Para ele, isto repousa sobre a base de uma concepção imperialista-militarista do período vindouro, o período “do proletário”. Ele é também o tempo da “mobilização total”, da “guerra total”. A extraordinária importância que a luta contra Versalhes desempenha nesses ideólogos preparadores imediatos do fascismo tem por consequência que, por um lado, eles veem a condição do povo alemão como perigosamente dissoluto, mas, por outro lado,

<sup>\*</sup> N. T. *Forças armadas do Reich*.

warten, dessen Ausgangspunkt und Grundlage das heroische „Fronterlebnis“ aus dem vergangenen Weltkrieg ist, das intuitiv-irrationalistische Aufflammen des Gefühls für nationale Größe und zugleich für erhöhte Bewährung der Persönlichkeit in einer organischen Gemeinschaft im Gegensatz zur egoistisch-prosaïschen Öde der bürgerlichen „Sekurität“. Dieses Erlebnis muß ein allgemein nationales werden, damit das deutsche Volk wieder gesunde.

Die Periode der Weimarer Republik hat, wie man sieht, eine erneute Höherentwicklung der reaktionären Ideologie gezeitigt. Teilweise ist diese eine einfache Weiterführung der früheren Tendenzen. Teilweise, bei den zuletzt behandelten Autoren, taucht jedoch ein bedeutsames neues Motiv auf: eine neue Stellungnahme zum Sozialismus. Während man bis dahin den Sozialismus verächtlich beiseite schob (Nietzsche, Spengler), wird er jetzt als Aufbauelement in die mythische Geschichtsphilosophie aufgenommen. In dieser Wendung spiegeln sich die Wirkungen der politischen und wirtschaftlichen Krise der letzten Phase der Weimarer Periode. Mit dieser Wendung wird der letzte Schritt zur ideologischen Vorbereitung des Faschismus getan; mit ihr liegen sämtliche gedanklichen Bausteine der faschistischen „Weltanschauung“ fertig vor. Will man jedoch die realen Zusammenhänge dieser Vorbereitungsarbeit mit ihrer Verwirklichung in der faschistischen Barbarei richtig würdigen, so ist es unerläßlich notwendig, jene allgemeine Krise des deutschen Volkes, aus der der Faschismus real entstand und zur Macht gelangte, etwas ausführlicher zu analysieren.

esperam uma reviravolta revolucionária cujo ponto de partida e base é a heroica “experiência do *front*” da guerra mundial passada, o inflamar intuitivo-irracionalista do sentimento para a grandeza nacional e, ao mesmo tempo, para o aumento da comprovação da personalidade em uma comunidade orgânica, em oposição ao tédio egoísta-prosaico da “seguridade” burguesa.

O período da República de Weimar, como se vê, gerou novamente um desenvolvimento ascendente da ideologia reacionária. Em parte, este é uma simples continuação das tendências anteriores. Em parte, junto aos últimos autores discutidos, emerge, no entanto, um novo motivo significativo: uma nova tomada de posição sobre o socialismo. Enquanto que o socialismo era, até então, desprezivelmente posto à margem (Nietzsche, Spengler), agora, é incorporado à filosofia da história mítica como elemento estrutural. Essa virada reflete os efeitos da crise política e econômica da última fase do período de Weimar. Com esta virada deu-se o último passo na preparação ideológica do fascismo; com ela, estão disponíveis todos os componentes mentais da “concepção de mundo” fascista. No entanto, se se quer fazer *jus*, adequadamente, às conexões reais desse trabalho preparatório com sua materialização na barbárie fascista, então é indispensavelmente necessário analisar com detalhes a crise geral do povo alemão, da qual o fascismo real surgiu e chegou ao poder.

## IV

## Der Faschismus als theoretisches und praktisches System der Barbarei

Es könnte die Frage auftauchen: Warum so ausführlich Ideologien behandeln, die sich direkt nur an die bürgerliche Elite wenden, die also scheinbar abseits vom großen politischen Wege des deutschen Volkes liegen? Was haben sie mit jener Massenbewegung zu tun, durch welche die deutsche Nation teils zum freiwilligen, teils zum unfreiwilligen Sklaven der Hitleriten wurde?

Wir glauben, sehr viel. Erstens darf man die indirekte, unterirdische Massenwirkung der bisher analysierten neomodischen reaktionären Ideologien nicht unterschätzen: Diese Wirkung beschränkt sich nicht auf den unmittelbaren Einfluß der von den Philosophen verfaßten Bücher selbst, obwohl man nicht außeracht lassen soll, daß die Auflagen der Werke Schopenhauers und Nietzsches sicherlich viele Zehntausende erreichen. Aber über Universitäten, Vorträge, Presse etc. verbreiten sich diese Ideologien auch in den breitesten Massen, selbstverständlich in vergrößelter Form; dadurch jedoch wird ihr reaktionärer Inhalt eher verstärkt als abgeschwächt, da die Kerngedanken die Vorbehalte stärker beherrschen. Die Massen können durch solche Ideologien intensiv vergiftet sein, ohne daß ihnen die unmittelbare Quelle der Vergiftung je zu Gesicht gekommen wäre. Die Nietzschesche Barbarisierung der Instinkte ist ein notwendiges Produkt der imperialistischen Periode, und die durch Nietzsche veranlaßte Beschleunigung dieses Prozesses kann sich auch bei Tausenden und aber Tausenden auswirken, denen nicht einmal der Name Nietzsches bekannt ist.

Zweitens bilden diese Ideologien die Funktionäre der reaktionären Massenbewegung aus, vom Stab bis zum Unteroffizier (Goebbels ist z. B. ein unmittelbarer Schüler von Gundolf), bereiten sie ideologisch für die kommende Tätigkeit in der reaktionären Massenbewegung vor, machen sie für die Propaganda des Faschismus empfänglich. (Heinrich Mann schildert im Roman „Der Untertan“ außerordentlich plastisch solche reaktionär-ideologische Wirkungen von Wagners „Lo-

## IV

## O fascismo como sistema teórico e prático da barbárie

Poder-se-ia levantar a questão, por que tratar tão minuciosamente de ideologias que se dirigem diretamente apenas à elite burguesa, isto é, que se situam aparentemente fora da grande trajetória política do povo alemão? O que elas têm a ver com o movimento de massa através do qual a nação alemã se tornou, em parte voluntária, e em parte escrava involuntária, dos hitleristas?

Pensamos muito. Em primeiro lugar, não se deve subestimar o efeito de massa indireto e subterrâneo das ideologias reacionárias em moda analisadas até agora: esse efeito não se limita à influência direta dos livros escritos pelos próprios filósofos, embora não se deva esquecer de que as edições das obras de Schopenhauer e Nietzsche atingem decerto muitas dezenas de milhares. Mas, difundem-se essas ideologias por meio de universidades, conferências, imprensa etc., às massas mais amplas, claro, de forma grosseira; no entanto, assim, seu conteúdo reacionário é mais reforçado do que atenuado, uma vez que as ideias centrais dominam as reservas muito fortemente. As massas podem ser intensamente envenenadas através de tais ideologias sem que a fonte imediata de envenenamento lhes tenha sido alguma vez revelada. A barbarização nietzschiana dos instintos é um produto necessário do período imperialista, e a aceleração desse processo provocada por Nietzsche pode incidir sobre milhares e milhares que nem sequer conhecem o nome de Nietzsche.

Em segundo lugar, essas ideologias capacitam os funcionários do reacionário movimento de massa, do estado-maior ao sargento (Goebbels, por exemplo, foi aluno direto de Gundolf), os preparam ideologicamente para a próxima atividade no reacionário movimento de massas, os tornam receptivos à propaganda do fascismo. (No romance *O Súdito*, Heinrich Mann descreve extraordinária e plasticamente os efeitos ideológico-reacionários da

hengrin“ auf einen wildgewordenen Bürger der Wilhelminischen Periode.)

Drittens verwirren solche Ideologien Schichten nicht nur in der Intelligenz, freilich hauptsächlich in ihr, die sonst vielleicht überhaupt oder wenigstens im höheren Ausmaße der reaktionären Propaganda Widerstand geleistet hätten. Sie werden durch ihre ideologische Entwicklung, durch ihre Erziehung von Schopenhauer, Nietzsche und Co. geistig wehrlos der faschistischen Propaganda gegenüber. (Arnold Zweig schildert in seinen Kriegsromanen an verschiedensten Typen der deutschen Intelligenz diese ideologische Wehrlosigkeit der - im Vergleich mit dem Faschismus sehr primitiven - Kriegspropaganda des ersten Weltkriegs gegenüber.) Endlich ist die faschistische Ideologie selbst nichts weiter als die eklektische Zusammenfassung und die demagogische Ausnützung der im Laufe von Jahrzehnten herausgebildeten reaktionären Ideologien, eine demagogische „Synthese“ ihrer verschiedensten, groben wie feinen Spielarten.

Dabei sind hier - trotz des geistig außerordentlich niedrigen Niveaus der faschistischen Ideologie - gerade die von uns ausführlich behandelten „höheren“ Formen des reaktionären Denkens besonders wichtig. Denn eine ordinäre und grobe, breite und direkte reaktionäre Massenpropaganda gab es in Deutschland wie auch in anderen Ländern schon lange vorher, ohne daß diese entscheidende Massenwirkungen erzielt hätte, ohne daß daraus eine derartige Massenbasis für die Reaktion entstanden wäre, wie sie Hitler schon vor seinem Machtantritt herausgebildet hat. Antisemitismus z.B. gab es in Deutschland seit Jahrzehnten immer, aber bis auf die kurze Stöckersche Episode in den achtziger Jahren ist daraus niemals eine Massenbewegung entstanden. Die ideologischen Vertreter des Antisemitismus (wie z. B. der Literaturhistoriker Bartels) blieben im geistigen Leben Deutschlands isoliert, waren Outsider, Kuriositäten. Ebenso beschränkte sich die direkte und aggressive chauvinistische Propaganda, wenn man von den ersten Jahren des imperialistischen Krieges absieht, auf bestimmte Massen des Kleinbürgertums und vermochte nie auf die Arbeiterklasse einen Einfluß auszuüben. Auch die Rassentheorie hatte in Deutschland [ihre] konsequenten Vertreter (vor allem Chamberlain). Aber einen wirklichen Einfluß hatte sie nur in

*Lohengrin* de Wagner sobre um cidadão tornado animal silvestre do período guilhermino.)

Em terceiro lugar, tais ideologias confundem camadas não só na *intelligentsia*, mas sobretudo nela, que de outra forma poderiam ter resistido à propaganda reacionária, ou pelo menos a um grau mais elevado. Elas se tornam em relação à propaganda fascista, através do seu desenvolvimento ideológico, através da sua educação por Schopenhauer, Nietzsche e companhia, espiritualmente indefesas. (Em seus romances de guerra, Arnold Zweig descreve essa indefensabilidade ideológica nos mais distintos tipos da *intelligentsia* alemã contra a propaganda de guerra da Primeira Guerra Mundial — em comparação com o fascismo mais primitivo.) Finalmente, a própria ideologia fascista não é mais que o resumo eclético e a utilização demagógica das ideologias reacionárias que se desenvolveram ao longo de décadas, uma “síntese” demagógica das suas variantes mais diversas, grosseiras bem como finas.

Aqui, apesar do nível intelectual extraordinariamente rasteiro da ideologia fascista, são particularmente importantes justamente as formas “elevadas” do pensamento reacionário que temos tratado em detalhes. Pois existia desde muito antes na Alemanha, bem como noutros países, uma propaganda de massa reacionária, ordinária e grosseira, ampla e direta, sem que tivesse alcançado decisivos efeitos de massa, sem que tivesse surgido a partir dela semelhante base de massa para a reação, como Hitler a desenvolveu antes de sua chegada ao poder. O antissemitismo, por exemplo, existiu na Alemanha por décadas, mas, à exceção do curto episódio Stöcker nos anos de 1880, jamais deu origem a um movimento de massas. Os representantes ideológicos do antissemitismo (como, por exemplo, o historiador da literatura Bartels) permaneceram isolados na vida intelectual da Alemanha, eram outsiders, curiosidades. Outrossim, a prescindir dos primeiros anos da guerra imperialista, a propaganda chauvinista direta e agressiva se limitou a determinadas massas da pequena burguesia e nunca foi capaz de exercer influência sobre a classe trabalhadora. A teoria racial também teve na Alemanha seus representantes consequentes (especialmente Chamberlain). Mas só teve uma influência real

der von uns geschilderten „feineren Form“, wie sie Nietzsche vertrat.

In der Frage der Antiwissenschaftlichkeit stehen sogar die verschiedenen Strömungen der reaktionären Ideologie einander feindlich, gegenüber. Denn die offizielle reaktionäre Lehre ist ein orthodoxer Protestantismus, der die Wissenschaft nur innerhalb der von ihm gezogenen Grenzen duldet. Dagegen verbreiten die „feineren“ Formen der Antiwissenschaftlichkeit zwar eine allgemeine Atmosphäre des Unglaubens an die Vernunft, an den Wert der Wissenschaft, binden sich jedoch an keine Form der vorhandenen Religionen, predigen sogar in den meisten Formen eine Art von mystischem „religiösem Atheismus“. Und wiederum knüpft der Faschismus gerade hier an, bindet sich an keine Religion. Hitler laviert anfangs vorsichtig in der religiösen Frage und überläßt das radikale Konsequenzziehen den „Ideologen“ der Bewegung. Aber die allgemeine Religionsunterdrückung unter der Naziherrschaft zeigt, was schon das ursprüngliche Ziel war: aus Rassentheorie und Führerkult mit Hilfe der sozialistischen und nationalen Demagogie einen hysterischen Massenaberglauben zu schaffen, eine trübe Flut, die nicht nur die Dämme der Vernunft und Wissenschaft einreißt, sondern zugleich alle religiösen Gemütsstimmungen überschwemmt.

Das antidemokratische Hohenzollernregime hat keine ideologisch vereinigte Massenbasis gehabt. Die Folgen zeigten sich nicht nur im plötzlichen Zusammenbruch der Hohenzollernherrschaft, sondern auch in der Schwäche der Restaurationsparteien.

Der Faschismus bedeutet demgegenüber einen neuen Weg der Reaktion: Auf Grundlage der nationalen und sozialen Demagogie schafft er in einer krisenhaften, von Revolution schwangeren Zeit eine Massenbasis für den reaktionärsten Teil des imperialistischen Kapitalismus. Der Ausdruck Demagogie bedarf hier einer Konkretisierung, um das spezifische Wesen des Faschismus im Gegensatz zu vorangegangenen reaktionären Strömungen klar zu erfassen. Denn auch die Alldeutschen der Wilhelminischen Periode, die Deutschnationalen der Weimarer Republik benützten immer wieder demagogische Mittel. Aber diese beinhalteten immer einen direkten Appell an die zurückgebliebenen Anschauungen und In-

na “forma mais refinada” que descrevemos, como Nietzsche a defendia.

Na questão da anticientificidade até mesmo as diferentes correntes da ideologia reacionária são hostis umas em relação às outras. Pois a doutrina reacionária oficial é um protestantismo ortodoxo que tolera a ciência apenas dentro dos limites que ela traçou. Em contraposição, as formas “mais refinadas” da anticientificidade difundem uma atmosfera geral de descrença na razão, no valor da ciência, contudo, não se vinculam a nenhuma forma das religiões existentes, pregam até mesmo, na maioria das formas, uma espécie de “ateísmo religioso” místico. E mais uma vez o fascismo retorna aqui, e não se vincula a nenhuma religião. No início, Hitler bordeja com cuidado na questão religiosa e deixa os “ideólogos” do movimento tirarem as consequências radicais. Mas a opressão religiosa geral sob o domínio nazista mostra qual era o objetivo original: criar uma superstição de massas históricas a partir da teoria racial e do culto do *Führer* com a ajuda da demagogia nacional e socialista, uma enchente turva que não apenas rompe as barragens da razão e da ciência, mas ao mesmo tempo inunda todos os ânimos religiosos.

O regime antidemocrático de Hohenzollern não tinha uma base de massas ideologicamente unida. As consequências se mostram evidentes não apenas no colapso repentino da assimilação do domínio Hohenzollern, mas também na debilidade dos partidos da Restauração.

Em contrapartida, o fascismo significa um novo caminho da reação: sobre o fundamento da demagogia nacional e social, ele cria uma base de massas para a parte mais reacionária do capitalismo imperialista, em um período de crise e prenhe de revolução. Para se compreender claramente a essência específica do fascismo em oposição às correntes reacionárias anteriores, o termo demagogia necessita aqui de uma concretização. Pois os pangermanistas do período guilhermino, os nacionais alemães da República de Weimar também utilizaram repetidamente meios demagógicos. Mas estes continham um apelo direto às concepções e

stinkte des Kleinbürgertums; sie konnten deshalb - normalerweise, von den ersten Jahren des imperialistischen Krieges abgesehen - nur auf rückständige Schichten wirken. Ihre demagogische Propaganda prallte von der Arbeiterklasse ab und vermochte, wiederum abgesehen von den ersten Kriegsjahren, auf die entwickeltere Intelligenz keinen Eindruck zu machen. Der Faschismus dagegen ist in alle diese Schichten eingedrungen, hat bestimmte Teile von ihnen mit sich gerissen, andere wenigstens zu neutralen Zuschauern seines Kampfes gegen die fortschrittlichen Kräfte Deutschlands, vor allem gegen die der Arbeiterklasse, gemacht. Dies verdankt der Faschismus seiner mit neuen Methoden gezimmerten „Weltanschauung“, seinen neuen Wegen der Propaganda, und bei diesen neuen Methoden spielt die Übernahme, die Politisierung, die demagogische Vergrößerung der Ideologie der „feineren“ Spielarten der Reaktion, der Methode der indirekten Apologetik eine bedeutende, ja ausschlaggebende Rolle.

Diese Wendung in der reaktionären Propaganda ist keineswegs auf irgendwelche „Genialität“ Hitlers oder seiner Mitarbeiter zurückzuführen. Sie lag vielmehr in der Luft, und wenn die reaktionären Kräfte die mit der Wirtschaftskrise von 1929 einsetzende Erschütterung der Grundlagen der Weimarer Republik, ja der bürgerlichen Gesellschaft in Deutschland überdauern und sie sogar für ihre Zwecke ausnützen wollten, so waren sie bei Strafe des Untergangs gezwungen, zu diesen Mitteln zu greifen. Hätte es nicht Hitler getan, so wäre an seine Stelle ein anderes „Genie“ der äußersten Reaktion getreten. Die „Genialität“ Hitlers lag bloß darin, daß er mit einer Handbewegung des gewiegten Massendemagogen aus diesen Ideologien alles von sich schob, was bloß eine Schrulle von Ideologen der Dekadenz war, dessen momentane Wirkungsfähigkeit sich auf enge Kreise der höheren, dekadenten Intelligenz beschränkte; daß er instinktiv erkannte, worin diese die Bestrebungen breiter Massenstimmungen ausdrückten.

Dabei spielt eine Hauptrolle, daß er mit großer demagogischer Geschicklichkeit die bisher zumeist getrennt gegangenen Ströme der feineren und gröberen Reaktion vereinigt, daß er es zustande bringt, die indirekte Apologetik der bisherigen reaktionären Denker in eine auch für rückständige kleinbürgerliche Schichten verständliche demagogische Sprache umzu-

instintos atrasados da pequena burguesia; podiam, por isso mesmo — normalmente, à exceção dos primeiros anos da guerra imperialista —, surtir efeito apenas sobre as camadas atrasadas. Sua propaganda demagógica ricocheteou na classe trabalhadora e, mais uma vez, à exceção dos primeiros anos da guerra, não foi capaz de causar qualquer impressão na *intelligentsia* mais desenvolvida. O fascismo, pelo contrário, penetrou em todas essas camadas, levou consigo determinadas partes delas, fez de outras pelo menos espectadoras neutras da sua luta contra as forças progressistas da Alemanha, sobretudo contra as da classe trabalhadora. O fascismo deve isso a sua “concepção de mundo” construída com novos métodos, a seus novos caminhos da propaganda, e junto a esses novos métodos, joga um papel decisivo a aceitação, a politização e o endurecimento demagógico da ideologia das variantes “mais refinadas” da reação, o método da apologética indireta.

Essa virada na propaganda reacionária não se deve de modo algum à “genialidade” de Hitler ou de seus colaboradores. Pelo contrário, ela estava no ar, e se as forças reacionárias resistissem ao abalo dos fundamentos da República de Weimar, iniciado com a crise econômica de 1929, e até mesmo quisessem usá-la para seus propósitos, seriam forçados sob pena de ruína a recorrer a esses meios. Se Hitler não o tivesse feito, outro “gênio” da reação extrema teria ocupado seu lugar. A “genialidade” de Hitler está apenas em que ele, com um gesto do experiente demagogo de massas, livrou-se de tudo o que nessas ideologias era meramente proveniente das manias dos ideólogos da decadência, cuja momentânea capacidade de efeito se restringiu a círculos estreitos da *intelligentsia* superior e decadente; que ele reconhecia instintivamente no que isso expressava as aspirações do amplo estado de ânimo das massas.

Nisso, joga um papel importante, que ele, com grande habilidade demagógica, une as correntes mais refinadas e mais grosseiras da reação que até agora, na maioria das vezes, estiveram separadas, e consegue realizar, com uma linguagem demagógica que é compreensível mesmo para camadas pequeno-burguesas atrasadas, a apologética indireta de pensadores reacionários

setzen. Diese „Synthese“ ist selbstverständlich keine bloß propagandistisch-stilistische Frage. Es handelt sich um das politische Problem, alle Tendenzen der Reaktion, alle Schichten der Bevölkerung, die die Krise aus ihrer Ruhe aufgeschreckt und rebellisch gemacht hat, in eine gemeinsame Massenbasis für die äußerste Reaktion zu vereinigen.

Die Lage, in welcher die Hitlerpropaganda in den deutschen Massen Verbreitung fand, war für die Gründung einer derartigen reaktionären Massenpartei außerordentlich günstig. Denn die Enttäuschung der Massen an den politischen Parteien war diesmal eine allgemeine. Alle Parteien waren in den Augen der verbitterten Massen mitschuldig sowohl an der nationalen Erniedrigung nach der Niederlage im ersten imperialistischen Weltkrieg, an den Lasten des Versailler Friedens, in denen diese Massen, von der reaktionären Demagogie geschürt, die Hauptursache ihres materiellen und moralischen Elends sahen, als auch an dem wirtschaftlichen Elend, das die Krise von 1929 in ungeahntem Maße hervorgebracht hat. Eine besondere Steigerung erfuhr diese Gunst der Umstände für die reaktionäre Massenpropaganda dadurch, daß die Sozialdemokratie von Anfang an eine Hauptstütze des Versailler Systems war, weshalb sie sehr leicht von gerissenen und gewissenlosen Demagogen für die nationale Erniedrigung wie für alle Übel des Kapitalismus zum Sündenbock gemacht werden konnte.

Die antikapitalistischen Stimmungen in den breiten Massen waren, weit über das Proletariat hinaus, außerordentlich stark, jedoch sehr verworren und rückständig. Die Politik der Reformisten hat es der reaktionären Demagogie nicht allzu schwer gemacht, die lügnenhafte Identifikation von Liberalismus und Sozialdemokratie, von Kapitalismus und bisherigem „marxistischem“ Sozialismus breiten Massen einzureden.

Aus der spontanen Erbitterung der Massen, aus ihrer tiefen Enttäuschung durch die Ergebnislosigkeit der ersten Revolutionsjahre, aus der Aussichtslosigkeit ihrer Lage in der großen Wirtschaftskrise wuchs eine Bereitschaft für die soziale Demagogie des deutschen Faschismus, für die scharfe Trennung von „schaffendem“ und „raffendem“ Kapital heraus. Breite Massen des Kleinbürgertums und der Bauernschaft wendeten sich spontan antikapitalistisch, mit verworrenem Bewußtsein

anteriores. Esta “síntese” não é, evidentemente, apenas uma questão propagandístico-estilística. Trata-se do problema político de unir todas as tendências da reação, todas as camadas da população que a crise despertou do seu descanso e tornou rebeldes, numa base de massas comum para a reação extrema.

A situação em que a propaganda de Hitler se disseminou entre as massas alemãs foi extraordinariamente favorável para a fundação de semelhante partido de massas reacionário. Pois, o desapontamento das massas nos partidos políticos desta vez foi geral. Aos olhos das massas amarguradas, todos os partidos foram cúmplices tanto na degradação nacional após a derrota na Primeira Guerra Mundial imperialista, nas custas da Paz de Versalhes, em que essas massas, atizadas pela demagogia reacionária, viram a causa principal da sua miséria material e moral, quanto na miséria econômica que a crise de 1929 produziu em proporção inimaginável. Esse favorecimento das circunstâncias para a propaganda de massas experiencia assim o incremento especial de que a social-democracia foi, desde o início, o principal suporte do sistema de Versalhes, pelo qual poderia ter sido muito facilmente convertida por demagogos astutos e inescrupulosos em bode expiatório para a degradação nacional bem como para todos os males do capitalismo.

As inclinações anticapitalistas nas amplas massas, muito além do proletariado, eram extraordinariamente fortes, embora muito confusas e atrasadas. A política dos reformistas não tornou demasiado difícil para a demagogia reacionária persuadir as amplas massas da identificação falsa de liberalismo e social-democracia, de capitalismo e do anterior socialismo “marxista”.

Do ranço espontâneo das massas, do seu profundo desapontamento pela inconclusividade dos primeiros anos da revolução, da desesperança da sua situação na grande crise econômica, cresceu uma disponibilidade para a demagogia social do fascismo alemão, para a separação nítida de capital “criador” e “arrebanhador”. Amplas massas da pequena burguesia e do campesinato viraram-se espontaneamente, com consciência anticapitalista confusa,



gegen ihre unmittelbaren Aussauger. Nun vernahmen sie, daß dieses ihr unmittelbares Gefühl die eigentliche Wahrheit sei.

Es ist leicht ersichtlich, wie in diesem Zusammenhang der Antisemitismus, der Sozialismus der dummen Leute, wie ihn seinerzeit Engels genannt hatte, eine zentrale Stelle bekommt. In der Gestalt des Juden wird alles konzentriert, worauf sich der Haß der enttäuschten und erbitterten Volksmassen richten soll: Der Jude ist der Repräsentant des „raffenden Kapitals“; er hat als sozialdemokratischer Funktionär die Befestigung des Kapitalismus in Deutschland und die Erniedrigung durch den Versailler Frieden durchgeführt; er ist zugleich der Repräsentant jenes Liberalismus, jener Demokratie, die aus dem Westen nach Deutschland importiert wurden, um den deutschen Geist, das deutsche Volk zu verwirren, um durch nicht „arteigene“ Institutionen und Ideologien die wirkliche Kraft der deutschen Nation zu lähmen.

Die soziale Propaganda des deutschen Faschismus ist noch in anderer Hinsicht, auf einer neuen Linie, demagogisch: Sie tritt als eine Revolution auf. Wie wir gesehen haben, hat diese neue und außerordentlich wirksame Form der Demagogie in Deutschland eine lange Vorgeschichte. Angefangen von Nietzsche selbst, dessen Philosophie in jeder Hinsicht mit der Prätention eines revolutionären Umsturzes aller Ideologien, mit dem Programm einer „Umwertung aller Werte“ auftrat, bis zu den halb oder ganz faschistischen Ideologen der Vor-Hitlerzeit gab es eine Reihe von Denkern mit solchen Programmen einer „Revolution von rechts“. Und tatsächlich war eine Wirkung auf wirklich breite Massen in dieser schweren Krisenperiode, mit ihren ungeheuren Massen von Arbeitslosen, mit ihrer ununterbrochenen Herabsetzung der Arbeitslosenunterstützung, mit ihren Massenbankrotten mittlerer und kleiner Industrieller, Gewerbetreibender und Händler, mit ihrer ungeheuren Menge von beschäftigungslosen, zum Betteln verurteilten Intellektuellen etc., anders als mit einer Parole des sofortigen Umsturzes, der sofortigen Revolution nicht erzielbar.

Breite Massen verfielen der faschistischen Demagogie des skrupellosen und gewissenlosen Versprechens einer sofortigen Revolution, einer sofortigen Änderung der Lage für alle Schichten. Die faschistische Propaganda ging dabei in der zy-

contra seus sugadores imediatos. Então eles perceberam que este seu sentimento imediato era a própria verdade.

É evidente como neste contexto o antissemitismo, o socialismo de pessoas estúpidas, como Engels a seu tempo o denominou, ocupa um lugar central. Na figura do judeu se concentra tudo o que deve se orientar do ódio das massas desiludidas e rancorosas do povo: o judeu é o representante do “capital espoliador”; como funcionário social-democrata, ele levou a cabo a consolidação do capitalismo na Alemanha e a degradação através da paz de Versalhes; ele é, ao mesmo tempo, o representante deste liberalismo, desta democracia, que foi importada do Ocidente para a Alemanha, para confundir o espírito alemão, o povo alemão, para paralisar o poder real da nação alemã através de instituições e ideologias não “específica”.

A propaganda social do fascismo alemão é demagógica também noutro aspecto, numa nova linha: ela entra em cena como uma revolução. Como já vimos, esta forma de demagogia nova e extraordinariamente eficaz tem na Alemanha uma longa pré-história. Começando pelo próprio Nietzsche, cuja filosofia entrou em cena, em todos os aspectos, com a pretensão de uma sublevação revolucionária de todas as ideologias, com o programa de uma “reavaliação de todos os valores”, até os ideólogos meio ou completamente fascistas da época pré-Hitler, havia uma série de pensadores com tais programas de uma “revolução de direita”. E com efeito, neste período de grave crise, com suas enormes massas de desempregados, com sua contínua redução do seguro-desemprego, com suas falências massivas de pequenos e médios industriais, distribuidores e comerciantes, com sua enorme multidão de intelectuais desocupados condenados à mendicância, etc., não era possível obter de outro jeito um efeito real sobre as amplas massas não educáveis senão com um lema da sublevação imediata, de revolução imediata.

Amplas massas entregaram-se à demagogia fascista da promessa inconsciente e inescrupulosa de uma revolução imediata, uma mudança imediata da situação para todas as camadas. A propaganda fascista procedeu

nischsten Weise vor. Die Massen aber empfanden so tief die Ausweglosigkeit und Perspektivlosigkeit ihrer Lage, daß sie nach jedem Strohalm griffen, der ihnen die leiseste Hoffnung zur sofortigen Rettung bot. In ihrer Verzweiflung wollten sie um jeden Preis glauben, daß ein rettendes Wunder doch möglich sei.

Nur so ist die paradoxe Lage verständlich, daß der Faschismus in bestimmte Kreise der Arbeiterklasse, besonders in die Arbeiterjugend, eingedrungen ist, daß er einen Teil der qualifizierten Intelligenz mit sich riß. Die Paradoxie der Lage steigert sich noch dadurch, daß in ihren Reihen nicht wenige waren, die - wenn auch mit sehr verworrener Ideologie, aber besten Glaubens und mit ehrlicher Überzeugung - mit dem Fanatismus, daß sie wirklich einer rettenden Revolution dienten, dem Faschismus die Eroberung der Macht erleichterten.

Die faschistische Massenpropaganda unterscheidet sich von den früheren reaktionären Formen auch darin, daß sie die Enttäuschung der Massen an der bürgerlichen Demokratie zur Alleinherrschaft [ihrer] Partei, zur Liquidierung aller politischen Parteien benützt. Diese Enttäuschung der Massen an der bürgerlichen Demokratie, am Parlamentarismus, an den parlamentarischen Parteien ist keine neue Erscheinung. Sie erhielt aber in Deutschland eine spezifisch ausgeprägte Form. Einerseits hatten die Parteien, mit Ausnahme der Arbeiterparteien und des katholischen Zentrums, weniger tiefe Wurzeln in den Volksmassen als die alten demokratischen Parteien des Westens. Andererseits waren die Massen durch lange Gewöhnung an die monarchistische Herrschaft, an das Sichbeugen vor [dem] Zentralwillen des Monarchen und seines bürokratischen und militärischen Apparates daran gewöhnt, von einem „starken Mann“ geführt zu werden und sich seiner Führung willenlos unterzuordnen. Die Weimarer Periode war nicht geeignet, die Massen im demokratischen Sinne umzuerziehen.

Diese Empfänglichkeit breiter Massen für eine antisozialistische und antidemokratische Demagogie ist noch durch den imperialistischen Versailler Frieden und durch seine Folgen gesteigert worden. Ganz abgesehen davon, daß es für die faschistische Demagogie sehr leicht war, für das Elend der Massen die Reparationszahlungen, den Dawesplan etc., die Demokratie verantwortlich zu machen, brachte der Versailler Frie-

da maneira mais cínica. Mas as massas sentiam tão profundamente a desesperança e a falta de perspectiva da sua situação, que se agarravam a cada réstia de esperança que lhes oferecia a mínima salvação imediata. Em seu desespero, queriam acreditar a todo custo que um milagre salvador era possível.

Só assim é compreensível a situação paradoxal em que o fascismo penetrou em determinados círculos da classe trabalhadora, especialmente na juventude operária, que levou consigo uma parte da qualificada *intelligentsia*. O paradoxo da situação se intensifica ainda pelo fato de que não eram poucos em suas fileiras que, ainda que com uma ideologia muito confusa, mas com a melhor fé e com convicção sincera, facilitaram a conquista do poder pelo fascismo com o fanatismo de que realmente serviam a uma revolução salvadora.

A propaganda de massas fascista diferencia-se das antigas formas reacionárias também em que ela utiliza o desapontamento das massas na democracia burguesa para a autocracia do seu partido, para a liquidação de todos os partidos políticos. Este desapontamento das massas na democracia burguesa, no parlamentarismo e nos partidos parlamentaristas não é um fenômeno novo. Ele adquire na Alemanha uma forma especificamente pronunciada. Por um lado, com exceção dos partidos de trabalhadores e do centro católico, os partidos tinham raízes menos profundas nas massas do povo do que os velhos partidos democráticos do Ocidente. Por outro lado, as massas estavam acostumadas, por meio de uma longa habituação ao domínio monárquico, a sujeitarem-se à vontade central do monarca e ao seu aparelho burocrático e militar, a serem conduzidas por um “homem forte” e a submeterem-se sem vontade à sua liderança. O período de Weimar não era apropriado para reeducar as massas num sentido democrático.

Esta receptividade de amplas massas a uma demagogia antissocialista e antidemocrática intensificou-se ainda mais pela paz imperialista de Versalhes e suas conseqüências. Sem mencionar que era muito fácil para a demagogia fascista responsabilizar os pagamentos de reparações, o Plano Dawes, etc., a democracia, pela miséria das massas; a paz de

den eine solche Erniedrigung für die deutsche Nation, daß eine verständliche patriotische Wut darüber auch in solchen Volksmassen lebendig war, die anfangs mit dem Faschismus nichts zu tun hatten.

Dadurch konnte die Hitlerische Demagogie vor den Massen die Demokratie mit der nationalen Erniedrigung in einen engen Zusammenhang bringen. Einerseits, indem die alten Länder der Demokratie als Verursacher der deutschen Erniedrigung dargestellt wurden; andererseits, indem die deutsche Demokratie selbst als „westliche Importware“ denunziert wurde, die nicht organisch aus der deutschen Geschichte herausgewachsen ist, sondern den Deutschen mit fremder Waffengewalt aufgezwungen worden war und die deshalb das sklavischwillige Werkzeug zur Durchsetzung der antideutschen Pläne des westlichen Imperialismus wurde.

Daß hinter der Schürung der berechtigten und verständlichen patriotischen Wut gegen die imperialistischen Erniedriger Deutschlands der sich neu rüstende deutsche Imperialismus stand, haben die Massen nicht gemerkt. Sie glaubten an die Identität der Demokratie mit der nationalen Erniedrigung und wurden empfänglich für eine reaktionäre Propaganda, die ununterbrochen darauf hinwies, daß die nationalen Glanzepochen Deutschlands niemals Perioden der Demokratie waren; daß der Absolutismus Friedrichs des Großen, die Herstellung der nationalen Einheit durch Bismarck und Moltke eben Resultate der damaligen „arteignen“, dem deutschen Wesen entsprechenden antidemokratischen Struktur des Landes gewesen sind.

Die Ideologen der Demokratie waren dieser Propaganda gegenüber machtlos. Teils, weil sie, wie wir es früher ausführlich gezeigt haben, mit der Geschichte der demokratischen Bestrebungen in Deutschland keine innigen Verbindungen hatten und deshalb weder die Problematik der angeblichen Glanzperioden historisch richtig darstellen (z. B. die Schmach der Jenaer Niederlage der Preußen gegen Napoleon als notwendige historische Folge des Friderizianischen Systems usw.) noch dem deutschen Volk seine eigenen Traditionen der Demokratie (Bauernkrieg, wirkliche Ideologie des klassischen Humanismus, wirkliche demokratische Tendenzen in und vor 1848 usw.) populär und anziehend machen konnten. Teils, weil

Versalhes trouxe tanta humilhação à nação alemã que era compreensível que ainda estivesse viva sobre isso uma ira patriótica, que inicialmente nada tinha a ver com o fascismo.

Através disso, a demagogia de Hitler ante as massas pôde levar a democracia a uma estreita relação com a degradação nacional. Por um lado, ao apresentar os velhos países da democracia como causadores da degradação alemã; por outro lado, ao denunciar a própria democracia alemã como uma “importação ocidental” que não tinha crescido organicamente a partir da história alemã, mas que havia sido imposta aos alemães pela mão armada estrangeira e que, por isso, converteu a docilidade escrava em ferramenta para a imposição dos planos antialemães do imperialismo ocidental.

As massas não perceberam que por detrás do aticamento da justificada e compreensível ira patriótica contra os degradadores imperialistas da Alemanha estava o recém-preparado imperialismo alemão. Acreditavam na identidade da democracia com a degradação nacional e tornaram-se receptivos à propaganda reacionária que indicava continuamente que as épocas de fulgor nacional da Alemanha nunca foram períodos de democracia; que o absolutismo de Frederico, o Grande, a fabricação da unidade nacional através de Bismarck e Moltke, foram precisamente os resultados, de então, da estrutura antidemocrática “específica” do país, correspondente à essência alemã.

Os ideólogos da democracia eram impotentes contra esta propaganda. Em parte, porque, como antes demonstramos pormenorizadamente, eles não tinham nenhuma ligação íntima com a história das aspirações democráticas na Alemanha e, por isso, não podiam representar histórica e verdadeiramente a problemática dos alegados períodos de fulgor (por exemplo, a desonra da derrota dos prussianos por Napoleão em Iena como consequência histórica necessária do sistema de Frederico, etc.), nem o povo alemão podia tornar populares e atrativas as suas próprias tradições de democracia (a Guerra dos Camponezes, a verdadeira ideologia do humanismo clássico, as verdadeiras tendências democráticas anteriores e em 1848, etc.). Em parte, porque

ihre an sich berechnete und vielfach richtige Entlarvung der reaktionären Kriegspropaganda, des reaktionären Charakters des ersten imperialistischen Krieges oft in eine Blindheit den wirklichen patriotischen Gefühlen gegenüber umschlug und sie noch mehr von den national empörten Massen trennte.

Alle diese Umstände bestimmen jedoch nicht nur den Inhalt, sondern auch die Form der faschistischen Demagogie. Wir haben bereits ausführlich dargestellt, wie in der deutschen Ideologie seit Schopenhauer immer stärker eine Bewegung zur Erniedrigung der Vernunft, zur Verherrlichung der Unmittelbarkeit, der Intuition, der Triebe etc. entstanden ist und wie diese Bewegung sich im imperialistischen Zeitalter immer stärker - in der Form von pseudohistorischen Mythen - konkretisiert hat, um in der Weimarer Zeit bereits als politischer Mythos aufzutreten, um die Vernunft als niederträchtige Anmaßung asozialer Kräfte zu denunzieren.

Diese philosophische Entwicklung hat, wie wir gesehen haben, viel tiefere als rein philosophische Grundlagen. Die Stellung der Elite der deutschen Intelligenz inmitten der reaktionären Entwicklung Deutschlands hat den besonderen Charakter, die führende Rolle der deutschen Ideologie in dieser allgemeinen Tendenz des kapitalistischen und imperialistischen Niedergangs, der Zerstörung der Werte der klassischen Periode bestimmt. Jetzt ergreift diese gegen die Vernunft gerichtete Tendenz breite Massen, auch die der Arbeiterklasse, und Argumente, die von den Arbeitern bisher wirkungslos abgeprallt sind, erhalten bei ihnen jetzt eine bereitwillige Empfänglichkeit. Denn für die Massen wird die Frage von Vernunft oder Irrationalität noch schärfer als Lebensfrage und nicht als bloß theoretisches Problem gestellt als für die Intelligenz. Die großen Fortschritte der Arbeiterbewegung, die klare Perspektive auf erfolgreiche Kämpfe zur Besserung ihrer Lage, auf absehbaren Sturz des Kapitalismus haben die Arbeiterklasse dazu geführt, in ihrem eigenen Leben, in ihrer eigenen historischen Entwicklung etwas Vernünftiges und Gesetzmäßiges zu sehen; jeder erfolgreiche Tageskampf, jede Abwehr der Reaktion (z. B. zur Zeit des Sozialistengesetzes) hat diese Weltanschauung in ihnen verstärkt, hat sie zur überlegenen Verachtung der damals plumpen, religiös-irrationalistischen Propaganda des reaktionären Lagers erzogen.

o seu desmascaramento em si justificado e muitas vezes correto da propaganda bélica reacionária, do carácter reacionário da Primeira Guerra imperialista, transformou-se numa cegueira frequente contra os verdadeiros sentimentos patrióticos e separou-os ainda mais das massas nacionalmente indignadas.

Todas essas circunstâncias determinam, portanto, não apenas o conteúdo, mas também a forma da demagogia fascista. Já descrevemos detalhadamente como na ideologia alemã, desde Schopenhauer, surgiu cada vez mais forte um movimento para a degradação da razão, para o enaltecimento da imediatividade, da intuição, dos impulsos, etc. e como este movimento se concretizou cada vez mais fortemente — na forma de mitos pseudo-históricos — para entrar em cena como um mito político já no período de Weimar, para denunciar a razão como uma presunção vil de forças sociais.

Como vimos, esse desenvolvimento filosófico tem fundamentos muito mais profundos do que aqueles puramente filosóficos. A posição da elite da *intelligentsia* alemã no meio do desenvolvimento reacionário da Alemanha determinou o carácter especial, o papel de liderança da ideologia alemã nessa tendência geral da decadência capitalista e imperialista, a destruição dos valores do período clássico. Agora, esta tendência contra a razão está se apoderando de amplas massas, incluso as da classe trabalhadora, e os argumentos que antes eram rebatidos pelos trabalhadores sem efeito, obtêm agora por parte deles uma solícita receptividade. Pois para as massas, a pergunta pela razão ou pela irracionalidade se coloca ainda mais nitidamente como questão de vida e não como um mero problema teórico como para a *intelligentsia*. O grande progresso do movimento dos trabalhadores, a perspectiva clara de lutas bem-sucedidas para a melhoria de sua situação, da previsível queda do capitalismo, levaram a classe trabalhadora a ver em sua própria vida, em seu desenvolvimento histórico, algo de razoável e legítimo; cada luta diária bem-sucedida, cada defesa contra a reação (por exemplo, na época da lei socialista) reforçou essa concepção de mundo neles, educando-os ao desprezo sobrepujante da então rude propaganda religiosa-irracionalista de vertente reacionária.

Mit dem Sieg des Reformismus, mit der Teilnahme der Reformisten am Weimarer System hat sich diese Lage im Kern geändert. Schon die Vorstellung der Vernünftigkeit erhielt einen gründlich geänderten Akzent. Bernstein hatte bereits den revolutionären Kampf um die sozialistische Gesellschaft, um das „Endziel“ als utopisch herabzusetzen versucht und stellte diesen Bestrebungen die platte und philisterhafte „realpolitische Vernünftigkeit“ des Kompromisses mit der liberalen Bourgeoisie, der Anpassung an die kapitalistische Gesellschaft gegenüber. Seitdem die Sozialdemokratie regierende Partei geworden ist, herrschte in ihr, in ihrer Propaganda und vor allem ihren Taten diese „realpolitische Vernünftigkeit“. Diese Propaganda mischte sich in den ersten Revolutionsjahren mit demagogischen Versprechungen der baldigen Sozialisierung, der Verwirklichung des Sozialismus auf diesem „vernünftigen“ Weg, im Gegensatz zu dem „unvernünftigen Abenteuerertum“, zur „irrealen Katastrophenpolitik“ der Kommunisten. Die „relative Stabilisierung“ machte die Herrschaft der Bernsteinschen Vernunft in Theorie und Praxis des Reformismus zu einer absoluten. Und die Linie dieser „realpolitischen Vernünftigkeit“ wurde in der Epoche der großen Krise vom herrschenden Reformismus mit eiserner Energie aufrechterhalten. „Vernunft“ bedeutete also praktisch für die Massen: bei Lohnherabsetzungen nicht zu streiken, sondern sich diesen zu fügen; bei Verminderung der Arbeitslosenunterstützung, bei Ausscheidung immer größerer Massen aus dem Unterstütztwerden sich jeder Demonstration, jedes energischen Schritts zu enthalten; bei den blutigsten faschistischen Provokationen auszuweichen, sich zurückzuziehen, die Kraft der Arbeiterklasse, ihre Beherrschung der Straße nicht zu verteidigen, sondern, wie Dimitroff diese Politik richtig charakterisierte, der Gefahr so zu entgehen, daß man die Bestie nicht reizt.

So hat die reformistische „Vernunft“ die Arbeiterklasse nicht nur in den Kämpfen gegen den imperialistischen Kapitalismus, gegen den sich zur Machteroberung rüstenden Faschismus praktisch widerstandsunfähig gemacht, sondern hat auch die alte Überzeugung von der Vernünftigkeit der historischen Entwicklung, die durch richtig geführte Kämpfe zur Verbesserung der täglichen Lage der Arbeiterklasse und letz-

Com a vitória do reformismo, com a participação dos reformistas no sistema de Weimar, esta situação mudou no seu cerne. Mesmo a noção de racionalidade recebeu uma ênfase minunciosamente alterada. Bernstein já tinha tentado a luta revolucionária pela sociedade socialista, para menosprezar o “objetivo final” como utópico, e enfrentou estas aspirações com a chata e filisteia “racionalidade da *Realpolitik*” do compromisso com a burguesia liberal, da adaptação à sociedade capitalista. Desde que a social-democracia se tornou o partido governante, esta “racionalidade da *Realpolitik*” prevaleceu nela, na sua propaganda e, sobretudo, nas suas ações. Nos primeiros anos revolucionários, essa propaganda se misturou com promessas demagógicas de socialização rápida, a realização do socialismo nesse caminho “racional”, em oposição ao “aventureirismo a-racional”, à “política de catástrofes irrealis” dos comunistas. A “estabilização relativa” fez do domínio da razão bersteiniana na teoria e na práxis do reformismo um domínio absoluto. E a linha dessa “racionalidade da *Realpolitik*”, na época da grande crise, foi mantida com energia férrea pelo reformismo dominante. Para as massas, portanto, na prática, “razão” significava: não fazer greve em caso de redução salarial, mas submeter-se a esta; em caso de restrição do seguro-desemprego, em caso da eliminação sempre crescente das massas, abster-se de se tornar apoiador em cada manifestação, em cada passo enérgico; retirar-se para evitar as provocações fascistas mais sangrentas, não escudar a força da classe trabalhadora, sua dominação da rua, mas, como Dimitrov caracterizou corretamente essa política, escapar do perigo, não provocando a besta.

Assim, a “razão” reformista não apenas tornou a classe trabalhadora praticamente incapaz de resistência nas lutas contra o capitalismo imperialista, contra o fascismo preparatório para a conquista do poder, mas também comprometeu e desintegrou a velha convicção da racionalidade do desenvolvimento histórico, que conduz à melhoria da situação cotidiana da classe trabalhadora e, por último,

ten Endes zu ihrer vollständigen Befreiung führt, kompromittiert und zersetzt. Die reformistische Propaganda gegen die Sowjetunion hat diese Entwicklung noch dahin verstärkt, daß der Heroismus der russischen Arbeiterklasse als unnütz, zweckwidrig, ergebnislos dargestellt wurde.

Diese Entwicklung hatte in der Arbeiterklasse selbst sehr verschiedene Konsequenzen. Eine verhältnismäßig große Vorhut wendete sich vom Reformismus weg, um die alten Traditionen des Marxismus in der neuen, dem imperialistischen Zeitalter gemäßen Form, in der des Leninismus, weiterzubilden. Eine breite Schicht erstarnte auf dem Niveau dieser „realpolitischen Vernünftigkeit“ und wurde praktisch unfähig, gegen den Faschismus wirksam zu kämpfen. Es gab aber eine verhältnismäßig beträchtliche Masse, besonders unter den jungen, infolge der verzweifelten Krisenlage von Ungeduld geladenen Arbeitern, bei denen diese Entwicklung eine Erschütterung ihres Glaubens an die Vernunft überhaupt, an die revolutionäre Vernünftigkeit der historischen Entwicklung, an die innige Verknüpfung und Zusammengehörigkeit von Vernunft und Revolution hervorgebracht hat. In dieser Schicht war also gerade infolge ihrer theoretischen und praktischen Erziehung durch den Reformismus eine Bereitwilligkeit da, in ihre Weltanschauung die moderne Tendenz der Antivernünftigkeit, die Verachtung von Vernunft und Wissenschaft aufzunehmen, sich dem Wunderglauben des Mythos hinzugeben.

Das bedeutet selbstverständlich nicht, daß solche erbitterten Jungarbeiter zu Lesern und Verehrern von Nietzsche oder Spengler geworden wären. Da aber der Gegensatz von Verstand und Gefühl für die Massen aus dem Leben selbst herauszuwachsen schien, mußte in ihnen auch ideologisch eine Empfänglichkeit für diese Lehre entstehen. So bestand die „Genialität“ Hitlers und der faschistischen Propaganda gerade darin, diese modern-reaktionären Gedankentendenzen aus den philosophischen Büchern, aus den Hörsälen der Universität auf die Straße hinauszutragen, ihren reaktionären Inhalt in einer solchen Sprache auszudrücken, die den ideologischen Bedürfnissen verzweifelnder, ihres Wegs verlustig gewordener, auf rettende Wunder harrender Massen entspricht.

Noch ausgeprägter war die Bereitschaft für die Aufnahme solcher irrationalistischen Wunderlehren bei Kleinbürgertum

à sua completa libertação através de lutas corretamente dirigidas. A propaganda reformista contra a União Soviética estimulou esse desenvolvimento até que o heroísmo da classe trabalhadora russa fosse retratado como inútil, despropositado, inoperante.

Esse desenvolvimento teve consequências muito variadas na própria classe trabalhadora. Uma vanguarda proporcionalmente grande desviou-se do caminho do reformismo para aperfeiçoar as velhas tradições do marxismo na nova forma segundo a era imperialista, a do leninismo. Uma ampla camada petrificou-se no nível dessa “racionalidade da *Realpolitik*” e tornou-se praticamente incapaz de lutar eficazmente contra o fascismo. Mas havia uma massa proporcionalmente significativa, especialmente entre os jovens, operários raivosos que se desolaram devido à desesperada situação de crise, nos quais esse desenvolvimento produziu um abalo da sua fé na razão em geral, na racionalidade revolucionária do desenvolvimento histórico, na íntima combinação e conexão de razão e revolução. Nesta camada, precisamente devido à sua educação teórica e prática através do reformismo, havia a solicitude de incorporar em sua concepção de mundo a tendência moderna da antirracionalidade, o desprezo da razão e da ciência, de entregar-se à crença milagrosa do mito.

Evidentemente que isto não significa que tais jovens trabalhadores amargados teriam se tornado leitores e admiradores de Nietzsche ou Spengler. Mas, uma vez que a oposição de razão e sentimento parecia crescer, para as massas, a partir da própria vida, teria de surgir nelas, também ideologicamente, uma receptividade para esse ensinamento. Assim, a “genialidade” de Hitler e da propaganda fascista consistia precisamente em difundir estas modernas e reacionárias tendências de pensamento a partir dos livros filosóficos, das salas de aulas da universidade para as ruas, consistia em expressar seu conteúdo reacionário numa linguagem correspondente às necessidades ideológicas das massas desesperadas, perdidas em seu caminho, esperançosas de um milagre salvador.

Ainda mais pronunciada foi a disponibilidade para a aceitação de tais ensinamentos de milagres irracionais entre a pequena burguesia

und Bauernschaft. In ihnen war von jeher der irrationalistische Einfluß durch Kirche und offizielle preußische Weltanschauung stark verbreitet. Die linken bürgerlichen Parteien unterschieden sich in bezug auf „realpolitische Vernünftigkeit“ selbstverständlich nicht vom Reformismus, ist ja dieser in seinen Ursprüngen nichts anderes als eine Anpassung der revolutionären Arbeiterbewegung an jene Grenzen, die die Klasseninteressen der liberalen Bourgeoisie vorschreiben. In der Weltanschauung und dementsprechend in der Presse der linksbürgerlichen Parteien herrschte aber seit Jahrzehnten immer stärker die modern-reaktionäre Ideologie. Wir haben wiederholt darauf hingewiesen, daß z. B. die ersten Vorkämpfer des Nietzscheanismus linksbürgerliche Intellektuelle gewesen sind; ebenso stand die Sache in bezug auf Spengler und andere führende Ideologen der irrationalistisch-reaktionären Tendenzen der Weimarer Republik. Der auf der Oberfläche unüberbrückbar scheinende Gegensatz zwischen „realpolitischer Vernünftigkeit“ in der Praxis und irrationalistischer Mystik im Denken wurde durch den immer stärker sich herausbildenden Relativismus überbrückt, der, wie wir ebenfalls gesehen haben, gerade in der Weimarer Periode einen ausgesprochen soziologisch-politischen Akzent erhalten hat (Soziologie des Wissens etc.). Wenn also in den von diesen Parteien beeinflussten Massen eine Enttäuschung an der „realpolitischen Vernünftigkeit“ eintrat - und sie mußte in der großen Krise eintreten -, so waren diese Massen von vornherein ideologisch wehrlos gegen jede antivernünftige, antiwissenschaftliche Propaganda des irrationalen Mythos.

Diese Wehrlosigkeit verstärkt sich noch dadurch, daß ja im Leben alle Probleme der nationalen Existenz ebenfalls mit diesem weltanschaulichen Problem verknüpft waren. Die Durchführung des Versailler Friedens mit allen seinen nationalen Erniedrigungen wurde ja ebenfalls mit den Argumenten der „realpolitischen Vernünftigkeit“ begründet. Daraus ergab sich für die Massen das folgende prinzipiell falsche, aber aus dem Leben, aus der politischen Praxis herausgewachsene Dilemma: entweder sich „vernünftig“ jeder nationalen Erniedrigung zu unterwerfen oder sich irration[al]-heroisch, an ein Wunder glaubend, in den Kampf zu werfen. Damit wird auch in diesen Massen der Unglaube an die Vernunft, die Herabset-

e o campesinato. Neles, a influência irracionalista sempre foi fortemente difundida através da Igreja e da concepção de mundo prussiana oficial. Os partidos burgueses de esquerda, no que concerne à “racionalidade da *Realpolitik*”, evidentemente não se diferenciam do reformismo; nas suas origens, este nada mais é do que uma adaptação do movimento revolucionário dos trabalhadores aos limites impostos pelos interesses de classe da burguesia liberal. Na concepção de mundo e, conseqüentemente, na imprensa dos partidos burgueses de esquerda domina, portanto, cada vez mais fortemente, há décadas, a ideologia reacionária moderna. Chamamos a atenção repetidamente que, por exemplo, os primeiros precursores do nietzschianismo eram intelectuais burgueses de esquerda; a mesma coisa ocorreu com Spengler e outros ideólogos dirigentes em relação às tendências reacionário-irracionalistas da República de Weimar. A oposição aparentemente intransponível na superfície entre a “racionalidade da *Realpolitik*” na práxis e o misticismo irracionalista no pensamento foi transposta pelo relativismo cada vez mais emergente, que, como igualmente vimos, especialmente no período de Weimar, recebeu um acento político-sociológico pronunciado (sociologia do conhecimento, etc.). Portanto, se nas massas influenciadas por estes partidos ocorreu um desapontamento na “racionalidade da *Realpolitik*” — e ele teve de ocorrer na grande crise —, então essas massas estavam desde o princípio ideologicamente indefesas contra qualquer propaganda antirracional e anticientífica do mito irracional.

Essa indefensabilidade reforça-se pelo fato de, na vida, todos os problemas da existência nacional estarem igualmente ligados a este problema ideológico. A execução da paz de Versalhes, com todas as suas degradações nacionais, foi também justificada com os argumentos da “racionalidade da *Realpolitik*”. Disto resultou o seguinte dilema para as massas, em princípio falso, mas procedente da vida, da práxis política: ou se submeter “racionalmente” a cada degradação nacional ou se lançar na luta irracional e heroicamente, acreditando num milagre. Com isto, fixa-se também nestas massas a descrença na razão, a degradação

zung der Vernunft als unfruchtbar, verräterisch, ruchlos befestigt. Um so mehr, als sich hier in der Krise - den verschiedenen Klassenlagen entsprechend verschieden - ähnliche Konflikte entwickeln wie beim Proletariat und die regierenden Parteien der Weimarer Republik bei jeder unpopulären, die Interessen der Massen tief verletzenden Maßnahme ebenfalls immer an die „Vernunft“ appellierten. Die Tendenz gegen die Vernunft verkoppelt sich hier naturgemäß viel stärker zur Einheit der nationalen und sozialen Frage als beim Proletariat. Und es ist selbstverständlich, daß auf diese Weise der weltanschauliche Irrationalismus, der, wie wir oben gezeigt haben, in der Theorie der bürgerlich-republikanischen Parteien dieser Zeit vorherrschend war, diesen Massenstimmungen eine pseudophilosophische Grundlage gab.

Die Ideologie des Widerstandes gegen die nationale Erniedrigung in den verschiedensten Schichten des Kleinbürgertums als etwas Antivernünftiges, als bejahenswerte heroische Torheit hat eine ziemlich lange Vorgeschichte in den verschiedenen reaktionären militärischen Geheimbünden, Verschwörungen etc., die auf die Jugend des Kleinbürgertums einen großen Einfluß ausübten, die große Teile der faschistischen Funktionäre praktisch ausbildeten. Eine solche Ideologie der heroischen Torheit des nationalen Widerstandes erhält noch eine besondere Stütze durch die Theorie des von uns bereits hervorgehobenen „Fronterlebnisses“. Diese Theorie appelliert einerseits an die starken nationalen Gefühle, indem sie die siegreichen ersten Kriegsjahre als nationalen Aufschwung mit der späteren Erniedrigung kontrastiert. Andererseits gibt sie den starken, aber verworrenen romantisch-antikapitalistischen Gefühlen der kleinbürgerlichen Jugend eine faßbare, konkret Gestalt, indem sie diese heroische Torheit, die gefährlichen und abenteuerhaften Erlebnisse der Geheimbünde und Militärverschwörungen mit der flachen und öden Prosa des kleinbürgerlichen Alltagslebens, mit der kleinlich-„vernünftiger“ „Sekurität“ des bürgerlichen Daseins überhaupt konfrontiert (Man denke an die ebenso romantisch-antikapitalistische Gegenüberstellung von Militär- und Kapital-Arbeiter-Verhältnis bei Nietzsche.)

Nach unseren bisherigen Betrachtungen erscheint es selbstverständlich, daß alle diese Theorien in der deutschen Jugend

da razão como estéril, enganadora, vil. Ainda mais que se desenvolve, aqui, na crise, — que varia correspondentemente às diferentes situações de classe —, conflitos similares aos do proletariado e partidos governantes da República de Weimar, que sempre apelaram à “razão” em cada medida impopular que fere profundamente também os interesses das massas. A tendência contra a razão, naturalmente, se associa aqui muito mais fortemente com a unidade da questão nacional e social do que com o proletariado. E é evidente que, deste modo, o irracionalismo ideológico, que, como mostramos acima, prevaleceu na teoria dos partidos republicanos-burguês da época, deu a esses estados de ânimo das massas uma base pseudofilosófica.

A ideologia da resistência contra a degradação nacional nas diferentes camadas da pequena burguesia como algo antirracional, como insensatez heroica de valor afirmativo, tem uma pré-história bastante longa nas várias sociedades secretas militares reacionárias, conspirações, etc., que exerceram uma grande influência na juventude da pequena burguesia; esta, na prática, treinou grande parte dos funcionários fascistas. Tal ideologia da insensatez heroica da resistência nacional obtém apoio através da teoria da “experiência de *Front*” por nós já enfatizada. Por um lado, esta teoria apela aos fortes sentimentos nacionais ao contrastar os primeiros anos triunfantes da guerra como um impulso nacional com a degradação posterior. Por outro lado, dá uma figura concreta tangível aos sentimentos anticapitalista-românticos, fortes, mas confusos, da juventude pequeno-burguesa quando ela enfrenta, sobretudo, essa insensatez heroica, as experiências perigosas e aventureiras das sociedades secretas e conspirações militares com a prosa sem graça e maçante da vida cotidiana da pequena burguesia, com a “seguridade” mesquinha “racional” da existência burguesa (Pense-se na confrontação igualmente anticapitalista-romântica da relação de militar e capital-trabalhador em Nietzsche.)

Conforme nossas considerações até agora, parece evidente que todas essas teorias possam receber uma ampla



eine breite pseudohistorische Fundamentierung erhalten konnten. Da die deutsche Geschichte keine solche Einheit des nationalen und revolutionären Aufschwungs kennt wie die französische, da die fort-dauernde Geschichtsfälschung die progressiven Momente, die Ansätze zu einer solchen Vereinheitlichung des nationalen und sozialen Aufstiegs teils aus der Geschichte verschwinden läßt, teils reaktionär umfälscht, ist es nur natürlich, daß der Intuiti[on]ismus, die Antivernünftigkeit dieser verzweifelt nationalen Tendenzen notwendig - auch bei subjektiv ehrlich überzeugten, persönlich zu jedem Opfer bereiten Intellektuellen, Kleinbürgern oder Bauern - eine mehr oder weniger starke, zumeist eher mehr als weniger starke reaktionäre Note erhält.

Aus alledem ist ersichtlich, wie recht Dimitroff am VII. Weltkongreß gehabt hat, als er über die Hitlerpropaganda sagte: „Der Faschismus entfacht nicht nur die in den Massen tief verwurzelten Vorurteile, sondern er spekuliert auch auf die besten Gefühle der Massen ...“<sup>11</sup> Diese Spekulation ist die Grundlage des Inhalts wie der Form der faschistischen Propaganda. Sie bestimmt die Struktur seiner nationalen und sozialen Demagogie, wobei wiederum in dieser Struktur der Zusammenhang mit der von Schopenhauer entdeckten, von Nietzsche weitergebildeten indirekten Apologetik sichtbar wird. Die soziale Demagogie des Faschismus appelliert an die tiefen antikapitalistischen Stimmungen in den Massen, um ihre Empörung gegen das kapitalistische System zu der reaktionärsten Befestigung des Kapitalismus auszunützen, die je vorhanden war. So wie Schopenhauer und Nietzsche durch eine pessimistische Kritik des menschlichen Daseins ihre Leser zu einer Duldung (Schopenhauer), ja sogar zu einer aktiven Unterstützung (Nietzsche) der kapitalistischen Gesellschaft erziehen, so will der Faschismus die antikapitalistischen Massen mit der Ideologie des Kampfes gegen das „raffende Kapital“, mit dem Versprechen der „Befreiung von der Zinsknechtschaft“ zur Vernichtung der wirklichen Gegner des Kapitalismus mobilisieren und sie dann zum willenlosen Sklaven eines reaktionären Imperialismus, der in der Propaganda die Aufschrift „deutscher Sozialismus“ erhält, der von der sozialen Demagogie als ein nicht mehr kapitalistischer Gesellschaftszustand proklamiert wird, machen.

<sup>11</sup> Georgi Dimitrov, Arbeiterklasse gegen Faschismus (VII. Weltkongreß der Kommunistischen Internationale). Bericht und Schlußwort zum 2. Punkt der Tagesordnung: „Die Offense des Faschismus und die Aufgabe der Kommunistischen Internationale für die Einheit der Arbeiterklasse gegen den Faschismus“ und Ansprache in der Schlußsitzung des kongresses. Moskau – Leningrad 1935, S. 10.

fundamentação pseudo-histórica na juventude alemã. Visto que a história alemã não conhece tal unidade de expansão nacional e revolucionária como a francesa, visto que a contínua falsificação da história faz desaparecer em parte a partir da história, em parte, de modo reaccionariamente falsificado, os momentos progressistas, as abordagens de tal uniformização da ascensão nacional e social, é natural que o intuicionismo, a antirrationalidade dessas tendências desesperadamente nacionais — mesmo entre intelectuais subjetiva e honestamente convencidos, pequeno-burgueses ou camponeses pessoalmente preparados para cada sacrifício — adquiram necessariamente uma classificação reacionária mais ou menos forte, na maioria das vezes, mais forte do que menos forte.

De tudo isto fica evidente o quão certo estava Dimitrov no VII Congresso Mundial quando disse sobre a propaganda de Hitler: “O fascismo não só atíça preconceitos profundamente enraizados nas massas, mas também especula sobre os melhores sentimentos das massas ...”<sup>11</sup> Esta especulação é a base tanto do conteúdo como da forma da propaganda fascista. Ela determina a estrutura da sua demagogia nacional e social, pela qual, em compensação, se torna visível nessa estrutura a conexão com a apologética indireta descoberta por Schopenhauer e aperfeiçoada por Nietzsche. A demagogia social do fascismo apela aos estados de ânimo profundamente anti-capitalistas nas massas para tirar proveito da sua indignação contra o sistema capitalista para a consolidação mais reacionária do capitalismo que jamais existiu. Tal como Schopenhauer e Nietzsche, através de uma crítica pessimista do ser-aí humano, educam os seus leitores para uma tolerância (Schopenhauer), até mesmo para um apoio ativo (Nietzsche) à sociedade capitalista, assim o fascismo quer mobilizar as massas anticapitalistas com a ideologia da luta contra o “capital espoliador”, com a promessa da “libertação da servidão do juro” para a aniquilação dos verdadeiros opositores do capitalismo, e depois torná-las escravas sem vontade de um imperialismo reacionário, que na propaganda recebe o título de “socialismo alemão”, que é proclamado pela demagogia social como um estado social não mais capitalista.

<sup>11</sup> Georgi Dimitov. *A classe trabalhadora contra o fascismo*. (VII Congresso Mundial da Internacional Comunista). Relatório e palavras finais sobre o ponto 2 da agenda: “A ofensiva do fascismo e a tarefa da Internacional Comunista para a unidade da classe trabalhadora contra o fascismo” e discurso na sessão de encerramento do congresso. Moscou - Leningrado 1935, p. 10.

Die nationale Demagogie knüpft an die verständliche Empörung der deutschen Volksmassen über den Versailler Frieden und seine erniedrigenden Folgen an. Alle von uns geschilderten patriotischen Tendenzen, alle verworrenen heroischen Torheiten in Wunsch und Tat werden von ihr dahin zusammengefaßt, daß im Gegensatz zu den anderen Parteien, die das deutsche Volk an seine Feinde verrieten und verkauften, sie, die Faschisten, die einzigen seien, die die alte nationale Größe wiederherstellen und die Versailler Schmach rächen würden.

Hier ist der demagogische Übergang von der gerechten Verteidigung des Vaterlandes zum reaktionärsten und aggressivsten Imperialismus in seinen gleitenden Übergängen der älteren reaktionären Propaganda verwandter als in der sozialen Demagogie. Die Faschisten spüren das auch und versuchen, sich mit allen Mitteln von den Reaktionären alten Stils abzugrenzen. Vor und nach der Machtergreifung führen die Faschisten einen „Zweifrontenkampf“ im Namen der richtigen „deutschen Revolution“ sowohl gegen revolutionäre Übertreibungen (gegen jene Werktätigen, die die soziale Demagogie des Faschismus ernst nahmen) wie gegen die Reaktion (gegen die Anhänger der deutschnationalen Partei). In diesem ängstlichen Kampf gegen die Reaktion ist die faschistische Propaganda eine gelehrige Schülerin Nietzsches. Sie gibt eine außerordentlich scharfe Kritik der Hohenzollernschen Periode des „zweiten Reichs“ (1871-1918). Dadurch grenzt sie sich von den Restaurationsbestrebungen der Hohenzollern ab, deren Herrschaft sie jedoch, ebenso wie Nietzsche die Bismarck-Periode, darum kritisiert, weil sie sich viel zu sehr mit der Demokratie eingelassen hat, weil sie die Sozialdemokratie nicht genügend stark unterdrückt hat, mit einem Wort, weil sie innenpolitisch nicht genügend reaktionär war. Dazu kommt eine außenpolitische Kritik am alten deutschen Imperialismus, wiederum nach Nietzsches Muster, vom Gesichtspunkt aus, daß der alte deutsche Imperialismus in seiner Aggression nicht konsequent genug gewesen ist.

Wie wir sehen, ist der wesentliche Inhalt der faschistischen Demagogie immer und überall der: die reaktionärsten Maßnahmen als notwendige Formen einer deutschen Revolution den revolutionär aufgeregten, den Umsturz aller Dinge erseh-

A demagogia nacional se reporta à indignação compreensível das massas populares alemãs sobre a paz de Versalhes e às suas consequências humilhantes. Todas as tendências patrióticas mencionadas por nós, todas as confusas insensatezes heroicas em vontade e ação, resumem-se nela. Ao contrário dos outros partidos que traíram e venderam o povo alemão aos seus inimigos, eles, os fascistas, seriam os únicos a reestabelecer a antiga grandeza nacional e vingariam a desonra de Versalhes.

Aqui, a transição demagógica da justa defesa da pátria para o imperialismo mais reacionário e agressivo aparenta-se mais com a propaganda reacionária mais antiga nas suas transições deslizantes do que com a demagogia social. Os fascistas também o sentem e tentam com todos os meios distanciar-se dos reacionários de estilo antigo. Antes e depois da tomada do poder, os fascistas lideram uma “luta de dois *fronts*” em nome da verdadeira “revolução alemã” tanto contra os exageros revolucionárias (contra os profissionais que tomam a sério a demagogia social do fascismo) como contra a reação (contra os partidários do Partido Nacional Alemão). Nesta luta temerosa contra a reação, a propaganda fascista é uma discípula dócil de Nietzsche. Ela faz uma crítica extraordinariamente perspicaz do período de Hohenzollern do “Segundo *Reich*” (1871-1918). Através disso, distancia-se das aspirações da restauração de Hohenzollern, cujo domínio, no entanto, critica tal como Nietzsche criticou o período-Bismarck, porque se envolveu demasiado com a democracia, porque não reprimiu com suficiente firmeza a democracia social, numa palavra, porque não foi suficientemente reacionária na política interna. Acresce-se uma crítica de política externa ao velho imperialismo alemão, novamente segundo o padrão de Nietzsche, do ponto de vista de que o velho imperialismo alemão não tinha sido suficientemente consequente na sua agressão.

Como vemos, o conteúdo essencial da demagogia fascista é sempre e em toda parte, o fingir para as massas revolucionárias alvoroçadas, almejanτες da sublevação de todas as coisas,

nenden, von dem Umsturz Wunder erwartenden Massen vorzugaukeln. Hier unterscheidet sich der Faschismus von den anderen reaktionären Parteien inhaltlich nur in der Folgerichtigkeit seines Reaktionärtums, in der Entschiedenheit, mit welcher er - allerdings unter der Flagge eines revolutionären Umsturzes - die Staatsmacht in die Hände der allerreaktionärsten Junker und Großkapitalisten übergibt. Qualitativ wird der Unterschied erst in der Methode, in der von uns in ihrer Struktur kurz analysierten sozialen und nationalen Demagogie, in ihrer Form.

Diese Form erhält im Faschismus die Erscheinungsweise einer spezifischen nationalsozialistischen „Weltanschauung“, einer besonderen Erkenntnistheorie und Geschichtsphilosophie: eines Mythos. Es ist keineswegs zufällig, daß das Grundbuch des Faschismus neben Hitlers „Mein Kampf“ Rosenbergs „Mythus des 20. Jahrhunderts“ gewesen ist. Hier ist es besonders deutlich ersichtlich, wie der Faschismus aus den bisherigen reaktionären Tendenzen der deutschen Entwicklung organisch herauswächst, wie er nichts anderes ist als eine geschickte demagogische Anwendung der Ergebnisse dieser Entwicklung auf die Massenbedürfnisse der Krisenzeit. Wir haben im Laufe der Betrachtung der reaktionären Ideologien in Deutschland sehen können, wie sie im steigenden Maße die durch ihre falschen Fragestellungen entstandenen Widersprüche und Unlösbarkeiten durch einen Mythos zu lösen versuchten, wie sie im steigenden Maße die systematische Ableitung der Gedanken auseinander, die wissenschaftliche Erforschung der Wirklichkeit herabsetzten und an ihre Stelle die geniale Intuition, die prophetische Verkündigung stellten.

Denn es ist klar, daß ein Mythos als Lösung sonst ungelöster und sogar unlösbar scheinender Fragen nur in der Form der Proklamation durch das hierzu allein befugte religiöse Genie überhaupt möglich ist. Wir haben auch gesehen, daß diese Spekulation auf die unkritische Gläubigkeit der Leser, auf das Wunder-Erwarten von der Philosophie gerade für die höchststehenden intellektuellen Kreise ursprünglich entstanden und gerade in ihnen wirksam geworden ist. Hitler und seine Leute geben dieser „weltanschaulichen“ Entwicklung eine grobe und handgreifliche politische Gestalt. Der Glaube an das Wunder, an die Verkündigung, an den Mythos verliert nunmehr jene

esperanças pelo milagre da sublevação, as medidas mais reacionárias como formas necessárias de uma revolução alemã. Aqui, quanto ao conteúdo, o fascismo se diferencia de outros partidos reacionários apenas na consequencialidade de sua reação, na resolutibilidade com que entrega — no entanto, sob a bandeira da sublevação revolucionária — o poder do Estado nas mãos dos *Junkers* mais reacionários e dos grandes capitalistas. Qualitativamente, a diferença está apenas no método, na demagogia nacional e social analisada brevemente por nós em sua estrutura, na sua forma.

Esta forma assume no fascismo a aparência de uma “concepção de mundo” nacional-socialista específica, uma teoria do conhecimento e uma filosofia da história particulares: um mito. Não é casual que o registro do fascismo tenha sido *O mito do século 20* de Rosenberg junto com *Minha luta* de Hitler. Aqui é particularmente evidente como o fascismo cresce organicamente a partir das tendências reacionárias anteriores do desenvolvimento alemão, como ele nada mais é do que uma aplicação demagogicamente hábil dos resultados deste desenvolvimento às necessidades das massas do período de crise. Vimos no transcurso da observação das ideologias reacionárias na Alemanha como elas tentavam cada vez mais resolver as contradições e insolubilidades causadas pela falsa formulação da questão por meio de um mito, como elas depreciam cada vez mais, separadamente, a derivação sistemática do pensamento, a investigação científica da realidade, e colocavam em seu lugar a intuição genial, a anunciação profética.

Pois é evidente que um mito como solução de questões ou não resolvidas, e até aparentemente insolúveis, só é possível na forma da proclamação pelo único gênio religioso autorizado para isso.

Vimos também que esta especulação sobre a crença acrítica dos leitores, sobre o milagre-prometido pela filosofia, originalmente surgido precisamente para os círculos intelectuais mais elevados, e justamente neles, tornou-se efetiva. Hitler e seu pessoal deram a este desenvolvimento “ideológico” uma figura política grosseira e violenta. A fé no milagre, na anunciação, no mito, perde daqui em diante qualquer

skeptische Unverbindlichkeit, die er früher in den Hörsälen, in den intellektuellen Salons gehabt hat. Aber dadurch, daß Hitler diese „Weltanschauung“ in breite Massen getragen, ihr eine feste politische und organisatorische Form gegeben hat, dadurch konnten seine Inhalte vergrößert und verständlicher gemacht, aus dem relativistischen Helldunkel, das sie in intellektuellen Kreisen besaßen, ins Tageslicht des Alltags versetzt werden; sie haben aber dadurch ihre wesentliche, ihre erzreaktionäre Struktur nicht geändert.

Wenn man also oft die erstaunte Frage hört, wie große Massen des deutschen Volks den kindischen Mythos von Hitler und Rosenberg mit Glauben in sich aufnehmen konnten, so kann man historisch zurückfragen: Wie konnten die gebildetsten und intellektuell hochstehenden Männer Deutschlands an den mythischen Willen Schopenhauers, an die Verkündigungen des Nietzsche'schen Zarathustra, an die Geschichtsmysmen vom Untergang des Abendlandes glauben? Und man komme hier nicht damit, daß das intellektuelle und künstlerische Niveau von Schopenhauer und Nietzsche unvergleichlich höher ist als die grobe und widerspruchsvolle Demagogie von Hitler und Rosenberg. Das erleichtert nicht, es erschwert im Gegenteil die Antwort. Denn wenn ein philosophisch und literarisch gebildeter Mensch, der die Nuancen der Umarbeitung Schopenhauers durch Nietzsche erkenntnistheoretisch verfolgen kann, der die Nuancen seiner Kritik der Dekadenz mit ästhetischem und psychologischem Kennertum zu würdigen versteht, sich dennoch zum Zarathustra-Mythos, zum Mythos vom Übermenschen, zum Mythos der „Wiederkehr des Gleichen“ glaubend verhält, so ist das, im Grunde genommen, schwerer verständlich, als daß ein wenig gebildeter Jungarbeiter, der nie oder nur vorübergehend in einer Parteiorganisation war, der nach Beendigung seiner Lehrzeit auf die Straße geschmissen wurde, in seiner Verzweiflung daran glaubte, daß Hitler den „deutschen Sozialismus“ verwirklichen werde.

Auch hier gilt, was seinerzeit Marx über die „zynischen“ Lehren der klassischen Ökonomen gesagt hat: daß die Lehren nicht aus den Büchern in die Wirklichkeit, sondern aus der Wirklichkeit in die Bücher gekommen sind. Die Tatsache, ob in einer bestimmten Zeit, in bestimmten Gesellschaftsschich-

descomprometimento cético que costumava ter nas salas de conferência, nos salões intelectuais. Mas, ao Hitler ter levado essa “concepção de mundo” para as amplas massas, deu-lhe uma forma política e organizativa sólida, através disso, seu conteúdo pôde se tornar mais vasto e compreensível, passando do claro-escuro relativista que possuía nos círculos intelectuais para a luz do dia da vida cotidiana; mas não mudaram, através disso, sua estrutura essencial, arquirreacionária.

Assim, quando se ouve muitas vezes a pergunta espantosa: como grandes massas do povo alemão puderam absorver com fé o mito infantil de Hitler e Rosenberg? Pode-se perguntar de volta historicamente: como os homens mais educados e intelectualmente mais bem posicionados da Alemanha puderam acreditar na vontade mítica de Schopenhauer, nas anunciações do Zarathustra nietzschiano, nos mitos históricos da queda do Ocidente? E não venham aqui com isso de que o nível intelectual e artístico de Schopenhauer e Nietzsche é incomparavelmente mais elevado que a demagogia completamente grosseira e contraditória de Hitler e Rosenberg. Isto não facilita, pelo contrário, dificulta a resposta. Pois, se uma pessoa educada filosófica e literariamente, que pode perseguir gnosiologicamente as nuances da adaptação de Schopenhauer por Nietzsche, que entende apreciar com conhecimento estético e psicológico as nuances de sua crítica da decadência, apesar disso, comporta-se crédulo no mito de Zarathustra, no mito do super-homem, no mito do “retorno do mesmo”, na verdade, isto é mais dificilmente compreensível do que aquele jovem trabalhador pouco instruído, que nunca ou só temporariamente esteve numa organização partidária, que foi expulso para as ruas após terminar o período de aprendiz, que, em seu desespero, acreditava que Hitler realizaria o “socialismo alemão”.

Também aqui vale o que Marx disse em seu tempo sobre os ensinamentos “cínicos” dos economistas clássicos: que os ensinamentos não vieram dos livros para a realidade, mas da realidade para os livros. O fato de que, se em um determinado tempo, em determinadas camadas

ten die Atmosphäre einer gesunden und nüchternen Kritik oder die des Aberglaubens, des Wunder-Erwartens, der irrationalistischen Leichtgläubigkeit herrscht, ist keine Frage des intellektuellen Niveaus, sondern des sozialen Zustandes. Selbstverständlich spielen dabei die vorangegangenen und wirksam gewordenen Ideologien eine nicht unwichtige Rolle, indem sie die Tendenzen zur Kritik oder Leichtgläubigkeit bestärken oder abschwächen. Aber man vergesse nicht - und unsere Betrachtungen im vorangegangenen Kapitel hatten gerade dies zur sachlichen Pointe -, daß die Wirksamkeit oder Unwirksamkeit einer gedanklichen Tendenz ebenfalls aus der Wirklichkeit in die Bücher und nicht aus den Büchern in die Wirklichkeit gelangt.

Die Geschichte lehrt uns, daß Epochen der besonders gesteigerten Leichtgläubigkeit, des Aberglaubens, des Wunder-Erwartens keineswegs immer die einer besonders niedrigstehenden Zivilisation sein müssen. Ganz im Gegenteil. Wir sehen eine solche Tendenz im ausgehenden Altertum, am Höhepunkt der griechisch-römischen Zivilisation, zur Zeit der größten Ausbreitung der alexandrinischen Gelehrsamkeit. Und wir sehen, daß in dieser Periode keineswegs bloß die ungebildeten Sklaven oder kleinen Handwerker, die Träger der Ausbreitung des Christentums, am empfänglichsten für den Wunderglauben waren. Wir sehen, daß bei hochbegabten und hochgebildeten Gelehrten und Künstlern dieses Zeitalters, bei Plutarch oder Apuleius, bei Plotin oder Porphyrios, Leichtgläubigkeit und Aberglauben ebenso vorhanden waren; freilich mit einem ganz anderen Inhalt, literarisch höher stehend, intellektuell raffinierter, gebildeter. Und - um nur noch ein bezeichnendes Beispiel anzuführen - der Höhepunkt des Hexenwahnsinns ist keineswegs die finsterste Zeit des Mittelalters, sondern der große krisenhafte Übergang von Mittelalter und Neuzeit, das Zeitalter Keplers und Galileis. Auch hier kann man feststellen, daß viele der bedeutendsten Geister der Epoche von verschiedenen Formen des Aberglaubens nicht frei waren; man denke nur an Lord Bacon, an Jakob Böhme, an Paracelsus etc.

Das Gemeinsame solcher Zeitalter des sozialen Wahnsinns, des ins Extreme gesteigerten Aberglaubens und Wunderglaubens sind immer die [Symptome] des Untergangs einer alten

sozialen, domina a atmosfera de uma crítica saudável e sóbria ou a de superstição, do milagre-prometido, da credulidade irracionalista, não é uma questão de nível intelectual, mas de condição social. É evidente que neste contexto as ideologias precedentes e que se tornaram efetivas jogam um papel não sem importância, na medida em que reforçam ou enfraquecem as tendências para a crítica ou para a credulidade. Mas não esqueça-se — e nossas considerações no capítulo anterior tinham exatamente isto como ponto factual — que a efetividade ou inefetividade de uma tendência intelectual vem igualmente da realidade para os livros e não dos livros para a realidade.

A história nos ensina que épocas de credulidade particularmente crescentes, de superstição, de milagre-prometido não têm de ser sempre aquelas de uma civilização particularmente subalterna. Pelo contrário. Vemos tal tendência na Antiguidade tardia, no apogeu da civilização greco-romana, no período da maior expansão da erudição alexandrina. E vemos que neste período não foram de maneira alguma apenas os escravos incultos ou pequenos artesãos, os portadores da propagação do cristianismo, os mais receptivos à crença em milagres. Vemos que entre os eruditos e artistas mais talentosos e mais instruídos dessa época, entre Plutarco ou Apuleio, entre Plotino ou Porfírio, a credulidade e a superstição existiam igualmente; porém, com um conteúdo totalmente diferente, literariamente mais sofisticado, intelectualmente mais refinado, mais culto. E — para dar apenas mais um exemplo significativo — o ponto culminante da insanidade das bruxas não é de forma alguma o período mais sombrio da Idade Média, mas a grande transição de crise da Idade Média para a Idade Moderna, a época de Kepler e Galileu. Também aqui se pode verificar que muitos dos espíritos mais importantes da época não estavam livres de diversas formas de superstição; pense-se apenas em Lord Bacon, em Jacob Böhme, em Paracelso, etc.

O comum de tais épocas de insanidade social, de superstição extrema e crença milagrosa é sempre o sintoma do declínio de uma velha

Gesellschaftsordnung, einer seit Jahrhunderten eingewurzelten Kultur, die Epochen der Geburtswehen des Neuen. Marx und Lenin haben wiederholt gezeigt, daß die modernen Religionen ihre sozialen Wurzeln in der Unsicherheit des kapitalistischen Lebens haben. Diese allgemeine Unsicherheit des Lebens erhielt in den deutschen Krisenjahren eine Steigerung, die einen Umschlag ins qualitativ Neue und Besondere bedeutet, der dieser Empfänglichkeit eine bis dahin nie vorhandene Massenausbreitung verlieh. Diese Empfänglichkeit wurde vom Faschismus in der rücksichtslosesten Weise ausgebeutet. Und zu dieser demagogischen Geschicklichkeit im Mißbrauch der Massenstimmungen gehört, daß Hitler inhaltlich, wie wir gesehen haben, an die vorhandenen reaktionären Lehren anknüpft und formell die Methodologie ihrer raffiniertesten und höchststehenden Vertreter ins Politische, ins Propagandistische der Massenwirksamkeit umbaut.

Darum gehört ebenso wie die indirekte Apologetik, auf deren Bedeutung für den Faschismus wir bereits hingewiesen haben, auch der Mythos zu den Kernstücken der faschistischen Ideologie. Die Präntention der unbeschränkten diktatorischen Alleinherrschaft konnte der Faschismus nur auf „weltanschaulicher“ Grundlage verwirklichen, die Präntention, daß er nicht eine Partei neben den anderen, nicht einmal die herrschende Partei, sondern der Vereiniger und Beherrscher des ganzen Volkes sei. Der Faschismus mußte also mit dem Anspruch auftreten, eine Art allgemein herrschende Religion zu sein.

Hier setzt aber ein neues Moment ein, das mit der besonderen Lage der Entstehung des Faschismus zusammenhängt, seinen Zusammenhang mit der höchstentwickelten reaktionären Ideologie wiederum unterstreicht und zugleich seine Unterscheidung von den früheren Formen der Reaktion nachweist. Die alten reaktionären Parteien konnten selbstverständlich die Unterstützung der Religion ebenfalls nicht entbehren. Sie lehnten sich aber immer an eine längst bestehende positive Religion an, deren Lehren sie orthodox vertraten. (So stützte sich Lueger auf den Katholizismus, die deutsche Reaktion auf den Protestantismus.) Die allgemeine Krise des kapitalistischen Systems hat aber in sehr weiten Kreisen aus sehr verschiedenen Gründen die Wirksamkeit der alten Religionen

ordem social, uma cultura enraizada desde séculos, as épocas das contrações do parto do novo. Marx e Lenin mostraram repetidamente que as religiões modernas têm suas raízes sociais na insegurança da vida capitalista. Essa insegurança geral da vida recebeu um incremento nos anos de crise alemã, o que significou um envoltório para o qualitativamente novo e peculiar, o que emprestou a essa receptividade uma difusão em massa até então nunca existente. Essa receptividade foi explorada pelo fascismo do modo mais desrespeitoso. E parte dessa habilidade demagógica no abuso do estado de ânimo das massas reside em que, como vimos, Hitler retomou conteudisticamente os ensinamentos reacionários existentes e remodelou formalmente a metodologia de seus mais refinados e mais elevados representantes na política, na propagandística da efetividade de massas.

É por isso que também o mito, como a apologética indireta, cuja importância para o fascismo já indicamos, é um dos elementos centrais da ideologia fascista. O fascismo poderia realizar a pretensão de uma autocracia ditatorial ilimitada apenas numa base “ideológica”, a pretensão de que não era um partido ao lado de outros, nem sequer o partido governante, mas o unificador e soberano de todo o povo. O fascismo teve, portanto, de entrar em cena com a exigência de ser uma espécie geral de religião dominante.

Aqui se inicia um novo momento, que conectado com a situação especial do surgimento do fascismo, mais uma vez realça a sua conexão com a ideologia reacionária mais desenvolvida e, ao mesmo tempo, comprova sua distinção das formas anteriores de reação. Os velhos partidos reacionários não poderiam, claro, prescindir igualmente do apoio da religião. No entanto, eles sempre se apoiaram em uma religião positiva há muito existente, cujos ensinamentos eles defendiam ortodoxamente. (Assim, Lueger se ancorou no catolicismo, a reação alemã no protestantismo). No entanto, a crise geral do sistema capitalista corroeu a efetividade das antigas religiões em círculos muito amplos, por razões

untergraben. Diese konnten ja, ihrem Wesen entsprechend, den verzweifelt aufgeregten Massen nur das demütig-christliche Dulden in der hoffnungslosen Lage predigen, also gerade das Gegenteil dessen, was diese erwarteten, das Gegenteil dessen, was aus der qualitativen Steigerung der Unsicherheit des Lebens im Kapitalismus in den Massen als neues, religiöses Bedürfnis emporstieg.

Damit drängen die Lebensbedürfnisse der verzweifelten Massen dem Faschismus einen neuen Anknüpfungspunkt an die höheren Formen der reaktionären Ideologie in Deutschland auf. Wiederum entsteht die Verbindung nicht aus den Büchern, sondern aus der gesellschaftlichen Wirklichkeit. Wir haben gesehen, wie das historische Schicksal des deutschen Volks in der philosophischen Entwicklung von Schopenhauer über Nietzsche bis Spengler eine eigenartige reaktionäre-Spiegelung erhielt. Wir haben auch gesehen, daß das Spezifische dieser reaktionären Entwicklung darin besteht, daß sie einerseits den Boden der christlichen Religiosität verläßt und sich geradezu atheistisch gebärdet. Andererseits ist jedoch dieser Atheismus keine Überwindung der Religion, sondern ihre Reproduktion auf höherer Stufenleiter, eine Religion, die den intellektuellen und seelischen Bedürfnissen einer durch die gesellschaftlich-geschichtliche Entwicklung entwurzelten Intellektuellenschicht entspricht.

Die Antifortschrittlichkeit und soziale Gefährlichkeit dieser neuen Religiosität besteht gerade darin, daß sie die gesellschaftlich-spontan entstehende Abwendung von der Religion, die Zuwendung zum Atheismus wieder in religiöse Bahnen ablenkt. Und zwar in solche, in denen unter moderneren Aufschriften die Antiwissenschaftlichkeit, der Irrationalismus, die Mystik, der Aberglaube und der Wunderglaube noch größere Orgien feiern als in den alten Religionen selbst. Nicht nur deshalb, weil in diesen das mythische Element schon vielfach abgenutzt, sehr oft zur bloßen Routine geworden ist, während der irrationalistische Mythos hier als neu, originell, interessant und poetisch anziehend erscheint, sondern vor allem wegen der menschlich-moralischen Wandlung des Gehalts.

Alle alten Religionen enthalten in ihren Lehren bestimmte Tendenzen zur Humanisierung der Instinkte. Mögen diese Tendenzen ihre gesellschaftliche Aktualität eingebüßt haben,

muito diferentes. Segundo sua essência correspondente, só poderiam pregar às massas desesperadamente agitadas a tolerância humilde-cristã na situação desesperante, portanto, justamente o oposto do que esperavam, o oposto do que ascendeu nas massas como nova necessidade religiosa a partir do incremento qualitativo da insegurança da vida sob o capitalismo.

Com isto, as necessidades de vida das massas desesperadas impõem ao fascismo um novo ponto de conexão com as formas mais elevadas de ideologia reacionária na Alemanha. Em compensação, a ligação não surge dos livros, mas da realidade social. Vimos como o destino histórico do povo alemão recebeu um peculiar reflexo reacionário no desenvolvimento filosófico de Schopenhauer passando por Nietzsche até Spengler. Vimos também que a especificidade desse desenvolvimento reacionário está em que, por um lado, ele abandona o terreno da religiosidade cristã e se comporta quase ateisticamente. Por outro lado, porém, este ateísmo não é uma ultrapassagem da religião, mas sua reprodução em escala mais elevada, uma religião que atende às necessidades intelectuais e anímicas de uma camada intelectual que foi desenraizada pelo desenvolvimento histórico-social correspondente.

A antiprogressividade e a periculosidade social dessa nova religiosidade consistem apenas em que ela desvia o afastamento social e espontaneamente nascente da religião, desvia a atenção para o ateísmo novamente em uma trajetória religiosa. E precisamente naqueles que, sob rótulos mais modernos, a anticientificidade, o irracionalismo, o misticismo, a superstição e a crença em milagres celebram orgias ainda maiores do que nas próprias religiões antigas. Não só porque nessas religiões o elemento mítico já foi desgastado várias vezes, tornando-se muitas vezes uma mera rotina, enquanto o mito irracionalista aparece aqui como novo, original, interessante e poeticamente atrativo, mas sobretudo devido à transformação humano-moral do conteúdo.

Todas as religiões antigas contêm em seus ensinamentos determinadas tendências para a humanização dos instintos. Estas tendências podem ter perdido sua atualidade social,

mögen sie durch die soziale Tagespraxis der Kirchen oft entwertet, sogar in Heuchelei verwandelt worden sein, irgendwie sind sie vorhanden und sind keineswegs immer unwirksam. Die modernen irreligiösen Religionsersätze, die Mythen des „religiösen Atheismus“ entfalten sich dagegen in steigendem Maße auf der Linie der Barbarisierung der menschlichen Instinkte. Ihr Kampf richtet sich nicht gegen die von der religiösen Moral verzerrte, ungesellschaftlich gemachte Moral der alten Religionen, vielmehr im Gegenteil gegen den in ihnen enthaltenen Humanismus. Nietzsches „atheistischer“ Kampf gegen das Christentum ist - ebenso wie politisch seine Kritik Bismarcks - ein Teil seines Versuchs, die demokratische Ideologie, die Demokratisierung des Humanismus zu zerstören. Alfred Baeumler, einer der offiziellen Philosophen des Hitlerismus, faßt diese Lehre Nietzsches so zusammen: „Aus der christlichen Lehre, daß alle Menschen vor Gott gleich seien, geht mit Notwendigkeit die Forderung politischer Gleichheit in den modernen demokratischen Staaten hervor. Für Nietzsche enthält diese Lehre ein desorganisierendes Prinzip: sie hebt nicht nur die natürlichen Unterschiede auf, sondern verneinet auch alle Traditionen. Das demokratische Ideal beruht auf der Anerkennung der Gleichheit der Person, auf der Glauben an den schließlichen Triumph von Wahrheit, Liebe und Gerechtigkeit. Ein solcher Glaube aber ist lebenszerstörend, er verhindert, daß eine ‚Rangordnung der Kräfte‘ sich herstellt, in welcher Befehlende als befehlend, und Gehorchende als gehorchend erkannt werden.“

Der ideologische Fortgang von der alten Religiosität zur „Atheismus“ Schopenhauer-Nietzschescher Observanz ist deshalb kein Fortschritt, sondern ein Rückschritt. Lenin hat bereits vor dem Krieg in einem Brief an Gorki treffend bemerkt, daß der aufgeklärte moderne Pfaffe viel gefährlicher sei als der Pfaffe alten Typs. Der „Atheismus“ dieser neueren reaktionären Entwicklung nivelliert, dem modernen Relativismus entsprechend, die wissenschaftliche Weltanschauung, den wirklichen Atheismus selbst auf das Niveau der Mythen. (Am deutlichsten ist dies bei einem weniger bekannt gewordenen Konkurrenten Spenglers, bei Leopold Ziegler, zu sehen, sehr ausführlich das Weltbild der modernen Physik als „Mythos atheos der Wissenschaft“ behandelt.)

podem ter sido frequentemente desvalorizadas pela práxis social diária das Igrejas, até mesmo transformadas em hipocrisia, no entanto, de qualquer modo, elas existem e não, de maneira alguma, sempre inefetivas. As modernas religiões de substituição irreligiosas, os mitos do “ateísmo religioso”, em contrapartida, se desdobram cada vez mais na linha da barbarização dos instintos humanos. Sua luta não se dirige contra a moral religiosa distorcida, tornada antissocial pela moral das religiões antigas; antes, pelo contrário, dirige-se contra o humanismo contido nelas. A luta “ateísta” de Nietzsche contra o cristianismo é — assim como sua crítica política a Bismarck — uma parte de sua tentativa de destruir a ideologia democrática, a democratização do humanismo. Alfred Baeumler, um dos filósofos oficiais do hitlerismo, exprime esse ensinamento de Nietzsche assim: “Da doutrina cristã de que todas as pessoas são iguais perante Deus, deriva com necessidade a exigência de igualdade política nos Estados democráticos modernos. Para Nietzsche, esta doutrina contém um princípio desorganizador: ela não só suspende as diferenças naturais, mas também nega todas as tradições. O ideal democrático se baseia na consagração da igualdade da pessoa, na crença no triunfo final da verdade, do amor e da justiça. Mas tal fé é destruidora da vida, ela impede que se estabeleça uma ‘hierarquia de forças’ na qual se reconheça comandante como comandante e obediente como obediente”.

O prosseguimento ideológico da velha religiosidade para o “ateísmo” de observância schopenhaueriano-nietzschiano não é, por isso, um progresso, mas um retrocesso. Lenin, já antes da guerra, comentou pertinentemente em uma carta a Gorki que o esclarecido padre moderno era muito mais perigoso do que o padre de tipo antigo. O “ateísmo” desse novo desenvolvimento reacionário nivela o relativismo moderno correspondente, a concepção de mundo científica, o próprio ateísmo real ao nível dos mitos. (Vê-se isto mais claramente em um concorrente menos conhecido de Spengler, em Leopold Ziegler, que trata muito extensivamente a imagem de mundo da física moderna como “mito ateu da ciência”).



Aus der von uns analysierten gesellschaftlichen und psychologischen Lage folgt naturgemäß, daß der faschistische Mythos das Erbe dieser Entwicklung antritt. Wir haben bereits ausgeführt, daß die Faschisten notwendigerweise mit der Präntation auftreten mußten, eine Art neuer Religion, die unbedingten Glauben fordert, zu gründen. Und wir haben ebenfalls gesehen, daß die alten Religionen hierzu kein geeignetes Material ergaben. Die Bedürfnisse der faschistischen Agitation, die Verankerung der sozialen und nationalen Demagogie mußte sich also in einer Form des Mythos vollziehen, die ihre Methodologie von den oben geschilderten reaktionären Philosophien übernahm.

Die gerissenen Demagogen des Faschismus konnten während der ganzen Weimarer Periode beobachten, wie solche neuen Religionen eine große Empfänglichkeit in zurückgebliebenen Massen und teilweise in der gebildetsten Intelligenz ha[ben]. Die religiöse Wendung des Stefan-George-Kreises, die schon in der Vorkriegszeit begann und aus dem hochbegabten Lyriker George eine Art Propheten, eine Art neuen Erlöser machte, blieb allerdings eine aristokratische Sekte innerhalb von Intellektuellenkreisen. Aber schon nach dem Weltkrieg gelang es Rudolf Steiner, aus grob demagogisch zusammengeziimmerten Elementen der Theosophie eine Art neuer Religion, eine Art neuer sozialer Erlösungslehre zu machen, die zeitweilig schon verhältnismäßig breite Massen erfaßte. Wenn also Rosenberg mit der Begründung des faschistischen Mythos hervortrat, hat er tatsächlich die notwendige ideologische Grundlage für die faschistische Propaganda geschaffen: die Zusammenfassung aller demagogischen Agitationsmittel des Faschismus in einem Mythos, worin soziale und nationale Demagogie zu Glaubensartikeln wurden, worin sie als notwendige Folgen einer mythischen Geschichtsphilosophie erschienen, worin Hitler und der Faschismus als langerwarteter „Erlöser“ des deutschen Volks dargestellt werden konnten.

Die demagogische Geschicklichkeit der Faschisten zeigt sich darin, daß sie dieses Mythoschaffen den Bedürfnissen der breitesten verzweifelten Massen anpaßten, daß sie aus dem Mythos alles eliminierten, was nur zu einer intellektuellen Sektenbewegung geeignet gewesen wäre. Dies zeigt sich

Da situação social e psicológica por nos analisada decorre, naturalmente, que o mito fascista apossa-se da herança desse desenvolvimento. Já esclarecemos que os fascistas tinham necessariamente de entrar em cena com a pretensão de fundar uma espécie de nova religião para exigir a fé incondicional. E vimos também que as antigas religiões não entregavam o material adequado para isso. As necessidades de agitação fascista, a ancoragem da demagogia nacional e social tiveram de se consumir na forma do mito, que tirou sua metodologia das filosofias reacionárias adotadas.

Os astutos demagogos do fascismo puderam observar durante todo o período de Weimar como tais novas religiões tinham uma grande receptividade nas massas atrasadas e, em parte, na *intelligentsia* mais culta. A virada religiosa do círculo-Stefan George, que começou no período pré-guerra e fez do altamente talentoso poeta George uma espécie de profeta, uma espécie de novo salvador, permaneceu uma seita aristocrática dentro de círculos intelectuais. No entanto, já depois da Guerra Mundial, Rudolf Steiner conseguiu fazer, a partir dos elementos grosseira e demagogicamente reunidos da teosofia, uma espécie de religião nova, uma espécie de nova doutrina social de salvação, que temporariamente já captara massas proporcionalmente amplas. Contudo, quando Rosenberg sobressaiu com a alegação do mito fascista, ele realmente criou a base ideológica necessária para a propaganda fascista: o resumo de todos os demagógicos meios de agitação do fascismo em um mito, no qual a demagogia social e nacional tornou-se artigo de fé, no qual eles apareceram como conseqüências necessárias de uma filosofia mítica da história, no qual Hitler e o fascismo poderiam ser representados como o tão esperado “salvador” do povo alemão.

A habilidade demagógica dos fascistas se mostra em que eles adaptaram essa criação de mitos às necessidades das mais amplas massas desesperadas, que eliminaram do mito tudo o que teria sido adequado apenas para um movimento de seitas intelectuais. Isto se mostra, sobretudo,

vor allem im theoretischen Verhalten zum Christentum. Die Faschisten übernahmen aus den modern-reaktionären Theorien die allgemeine, gegen die alten Religionen gerichtete, die alte Religiosität scheinbar überwindende Tendenz. Rosenberg hat auch die katholische Religion als der „rassischen Eigenart“ des deutschen Volks nicht entsprechend abgelehnt; Hitler selbst verhielt sich aber vor der Machtergreifung zu dieser Frage viel diplomatischer als sein „philosophischer“ Mitarbeiter. Auch hat die offizielle faschistische Theorie jene konsequentere Wendung einzelner Anhänger (vor allem Ludendorffs und seines Kreises) nicht mitgemacht, die aus der Rassentheorie die Erneuerung eines Wotankultes, eine Renaissance der altgermanischen Religion folgern wollten. Der faschistische Mythos - auch darin ist er ein Nachfolger Nietzsches und Spenglers - gibt sich „irdisch“. Das heißt, er lehnt die offenkundige Transzendenz der alten Religionen ab und begnügt sich damit, die Geschichte der Menschheit und die gesellschaftliche Gegenwart in irrationalistischen Formen zu mystifizieren, zum Inhalt eines neuen religiösen Glaubens zu machen.

Auch darin sind die Faschisten Schüler Nietzsches und Spenglers, daß sie die unsinnigsten, irrationalistischsten Hirnspinnereien ihrem Publikum in einer Weise auftischen, als ob diese die Ergebnisse der allermodernsten wissenschaftlichen Forschung wären. Auch hier werden zwei Fliegen mit einem Schlag getroffen. Einerseits geht eine ununterbrochene Polemik gegen den Geist der Wissenschaft und der wissenschaftlichen Kritik vor sich, andererseits erscheinen die Mythen als etwas, was mit den wirklichen positiven Ergebnissen der fortgeschrittensten Wissenschaft sich in voller Übereinstimmung befindet. So hat schon Nietzsche Darwin bekämpft und zugleich in seinem „Willen zur Macht“ die malthusianistische Verdrehung des Darwinismus in den Mittelpunkt eines Gesellschafts- und Geschichtsmythos gestellt. In derselben Weise verfahren die Faschisten mit ihrer Rassentheorie, besonders mit [deren] angeblich biologischer Begründung.

Diese innige Verknüpfung von Pseudomodernität und schwärzester Reaktion charakterisiert auch die äußeren Formen, in welchen die faschistische Propaganda zur Wirksamkeit gelangt. Hitler ist als Propagandist ein eifriger und geleh-

no seu comportamento teórico em relação ao cristianismo. Os fascistas adotaram a partir das modernas teorias reacionárias a tendência geral dirigida contra as antigas religiões, ultrapassando aparentemente a velha religiosidade. Rosenberg também não recusa a religião católica como correspondente à “peculiaridade racial” do povo alemão; o próprio Hitler, no entanto, antes da tomada do poder, se comportou muito mais diplomaticamente sobre esta questão do que seu colega “filosófico”. A teoria oficial fascista também não tomou parte naquela virada mais consequente dos seguidores individuais (sobretudo Ludendorff e seu círculo) que queriam deduzir da teoria racial a renovação de um culto a Wotan, um renascimento da antiga religião germânica. O mito fascista — também nisso é um sucessor de Nietzsche e Spengler — se apresenta como “terreal”. Quer dizer, ele recusa a transcendência notória das antigas religiões e se contenta em mistificar a história da humanidade e o presente social em formas irracionais, para torná-las o conteúdo de uma nova fé religiosa.

Também nisso os fascistas são discípulos de Nietzsche e Spengler, que servem seu público com os devaneios mais absurdos e irracionais, como se estes fossem resultados da mais moderna investigação científica. Também aqui duas moscas são atingidas com um só golpe. Por um lado, procede uma polêmica ininterrupta contra o espírito da ciência e da crítica científica e, por outro lado, os mitos aparecem como algo que se situa em total concordância com os resultados positivos reais da ciência mais avançada. Assim, Nietzsche já lutou contra Darwin e, ao mesmo tempo, em sua “vontade de poder”, pôs a distorção malthusiana do darwinismo no centro de um mito social e histórico. Do mesmo modo, os fascistas procederam com sua teoria racial, especialmente com sua alegação supostamente biológica.

Essa ligação íntima entre pseudomodernidade e reação mais obscura caracteriza também as formas externas nas quais a propaganda fascista adquire efetividade. Como propagandista, Hitler é um discípulo zeloso e

riger Schüler des amerikanischen Reklamewesens. Er hat aus der Technik der amerikanischen Reklame gelernt, daß ihr Wesen Suggestion der Massen ist, wobei eine Art von Wagnerschem „Gesamtkunstwerk“ entstehen muß, daß nämlich nicht nur die inhaltlichen Elemente der Propaganda Suggestion, Hypnose erzielen müssen, sondern alle stimmungshaften Äußerlichkeiten, alles Visuelle und Auditiv so eingerichtet werden müssen, daß die Zuhörer in einen willenlosen Bann geraten, in welchem sie alles glauben, was ihnen eingeredet wird. Hitler gibt über diese Technik seiner Propaganda in „Mein Kampf“ einige Aufklärungen, in welchen der Zynismus des Suggestierens eines beliebigen Inhalts auf eine in hysterischen Rausch versetzte Menge mit ungewollter Aufrichtigkeit klar zum Ausdruck kommt.

Der faschistische Mythos ist nun eine „Geschichtsphilosophie“ vom Schicksal und endgültigen Sieg der germanischen Rasse, der Deutschen. Er ist die größte Geschichtsfälschung, die bis jetzt gemacht wurde. Sie übernimmt von Nietzsche und Spengler die Tatsachen und wirkliche Zusammenhänge unbekümmert verfälschende Konstruktion der Weltgeschichte, ihre Reduktion auf den Kampf des Guten und des Bösen, deren Inhalt sie freilich anders, noch vergrößerter, noch verzerrter, noch simplifizierter gestaltet als ihre Vorgänger. Im faschistischen Mythos ist die absolute Überlegenheit der arisch-germanischen Rasse der Ausgangspunkt, der Gegenstand des religiösen Glaubens, das über jeden Beweis erhabene Apriori. (Daß, wie wir gesehen haben, die Faschisten dies nachträglich durch eine Pseudowissenschaft unterstützen wollen, ist nur ein sekundäres, wenn auch auf bestimmte Massen wirksames Moment.) Die Geschichte erscheint dementsprechend als ein Kampf der Rassen auf Leben und Tod. Dieser Kampf ist eine absolute Notwendigkeit, denn die Rasse kann - nach der Lehre des Faschismus - die andere nur vernichten oder sie höchstens zu kastenmäßig getrennten, einer jeden Menschenwürde entkleideten Sklaven machen. Jede Vereinbarung, jede Vermischung unter den Rassen bedeutet Verderben. Es entsteht aus der Mischung eine Bastardisierung, die notwendigerweise zur Zersetzung der positiven rassischen Eigenschaften, zur Dekadenz und damit zum Untergang führt. Rosenberg „beweist“ diese Wahrheit am Beispiel

erudito da essência da publicidade americana. Ele aprendeu com a técnica da publicidade americana que sua essência é a sugestão das massas, em que uma espécie de “obra de arte geral” wagneriana deve ser criada, que, a saber, não apenas os elementos conteudísticos da propaganda devem alcançar a sugestão, a hipnose, mas todas as superficialidades de estados de ânimo, todo o visual e auditivo deverão ser instituídos, que os ouvintes devem cair sem resistência em um feitiço no qual eles acreditam, o que lhes é dito. Hitler dá algumas esclarecimentos sobre esta técnica de sua propaganda em *Minha luta*, no qual o cinismo de sugerir qualquer conteúdo a uma multidão histericamente embriagada é claramente expresso com sinceridade indesejada.

O mito fascista é agora uma “filosofia da história” do destino e da vitória final da raça germânica, dos alemães. É a maior falsificação histórica que foi feita até agora. Ela adota de Nietzsche a Spengler, na construção da história mundial despreocupadamente falsificadora dos fatos e conexões reais, sua redução à luta entre o bem e o mal, cujo conteúdo sem dúvida se torna diferente, ainda mais amplo, ainda mais distorcido, ainda mais simplificado do que seus predecessores. No mito fascista, a superioridade absoluta da raça ariano-germânica é o ponto de partida, o objeto da crença religiosa, *a priori* evidência sublime acima de tudo. (Que, como vimos, os fascistas queiram apoiar isto posteriormente através da pseudociência é apenas um momento secundário, mesmo que determine as massas efetivamente). A história aparece conseqüentemente como uma luta de vida ou de morte entre as raças. Esta luta é uma necessidade absoluta, pois a raça pode — segundo os ensinamentos do fascismo — apenas destruir a outra ou, no máximo, torná-la uma casta separada de escravos despida de toda a dignidade humana. Cada acordo, cada mistura entre as raças significa ruína. O abastardamento surge da mistura, que necessariamente conduz à decomposição das características raciais positivas, à decadência e, com isso, à ruína. Rosenberg “comprova” esta verdade através do exemplo

von Frankreich, dessen Volk infolge der Rassenmischung in eine „Negerhaftigkeit“ entartete.

Der Mythos der Rasse hat vor allem zur Folge, daß in einem „arteigen“ regierten Volk - angeblich - jede innere Scheidung aufhört. Es gibt - so lehrt der Mythos - keine Klassen, alle Rassengenossen, wenn sie derselben reinen Rasse angehören, sind einander in dieser allein ausschlaggebenden Beziehung gleich. Es ist völlig gleichgültig, eine völlig unwesentliche Äußerlichkeit, wo sie im gesellschaftlichen Leben stehen, ob sie Unternehmer oder Arbeiter sind. Denn beide sind in einer „arteigenen“ germanischen Gesellschaft gleicherweise „Schaffende“.

Die deutsche Geschichte des letzten Jahrhunderts, die deutsche Gesellschaft der Gegenwart zeigt freilich auch nach Rosenberg andere Züge. Das kommt aber nach der Darstellung des faschistischen Mythos daher, daß Institutionen entstanden sind, die nicht rassengemäß sind, die von anderen Rassen geschaffen wurden, deren Einführung ins Leben des deutschen Volks auf diese Weise ein Element der Auflösung, der Dekadenz gebracht hat. So vor allem der mit dem „raffenden Kapital“ identifizierte Kapitalismus und seine notwendige Ergänzung, der Sozialismus, die beide das Produkt der dem Germanentum absolut feindlichen Rasse, der Juden [sind]. Wenn also das deutsche Volk seine alte, auf Reinheit der Rasse begründete Größe wiedererlangen will, so ist seine erste Ausgabe, auf allen Gebieten dieses rassenfremde Gift zu liquidieren.

So wird vom faschistischen Mythos die Überwindung des Kapitalismus mit der Liquidierung des Klassenkampfes, mit der Ausrottung der revolutionären Arbeiterbewegung identifiziert. Der faschistische Mythos utiliziert hier die antikapitalistische Sehnsucht der Massen, ihren brennenden Wunsch, aus dem Elend des Kapitalismus herauszukommen, ihre unklar Sehnsucht nach einer klassenlosen Gesellschaft, um alle revolutionären Organisationen, alle revolutionären Institutionen die den Massen in Wirklichkeit zu diesem Ziele verhelfen könnten, zu vernichten. Und verknüpft zugleich die demagogisch versprochene Erfüllung dieser tief in den Massen leben den Sehnsucht mit dem Wunsch nach nationaler Größe, nach nationaler Befreiung von der nationalen Erniedrigung. Stärke

da França, cujo povo degenerou em uma “negritude” devido à mistura racial.

O mito da raça tem como consequência, sobretudo, que em uma “espécie” governada do povo — supostamente — cada divórcio interno cessa. Não há — assim ensina o mito — nenhuma classe, todas as camaradas de raça, quando as mesmas pertencem à mesma raça pura, são iguais umas às outras nesta relação decisivamente única. É completamente indiferente, uma exterioridade completamente irrelevante, onde eles se situam na vida social, se são empresários ou trabalhadores. Pois ambos são igualmente uma “peculiar espécie” “produtora” na sociedade germânica.

A história alemã do século passado, a sociedade alemã do presente, mostra, no entanto, outros contornos, mesmo depois de Rosenberg. Mas isto se dá depois da exposição do mito fascista, quando surgiram instituições que não são raciais, que foram criadas por outras raças, cuja iniciação na vida do povo alemão trouxe deste modo um elemento de dissolução, de decadência. Assim, o capitalismo, identificado com o “capital espoliador” e seu complemento necessário, o socialismo, que são ambos o produto da raça absolutamente hostil ao germanismo, dos judeus. Se, portanto, o povo alemão deseja recuperar sua antiga grandeza, baseada na pureza da raça, então seu primeiro custo é liquidar, em todos os âmbitos, este veneno racial-estrangeiro.

Assim, o mito fascista é identificado à ultrapassagem do capitalismo com a liquidação da luta de classes, com o extermínio do movimento revolucionário dos trabalhadores. O mito fascista utiliza aqui o anseio anticapitalista das massas, seu desejo ardente de sair da miséria do capitalismo, seu anseio pouco claro por uma sociedade sem classes para destruir todas as organizações revolucionárias, todas as instituições revolucionárias que na realidade poderiam ajudar as massas nesse objetivo. E ata, ao mesmo tempo, a realização demagogicamente prometida deste anseio profundamente vivo nas massas ao desejo de grandeza nacional, de libertação nacional da humilhação nacional. No mito fascista,

oder Schwäche einer Nation hängen im faschistischen Mythos aufs allerengste mit der Rassenreinheit, mit der „Arteigenheit“ der nationalen Institutionen und Ideologien zusammen. Nur ein Volk, das sich in diesem Sinne rassenmäßig rein zu verhalten vermag oder die Kraft hat, mit welchen Mitteln immer, seine rassenmäßige Reinheit gewaltsam wiederherzustellen, kann zur nationalen Größe gelangen, kann den nationalen Erniedrigungen entgehen.

So vereinigt die rassenmäßige Grundlage des faschistischen Mythos die nationale und soziale Demagogie, gibt ihnen eine gemeinsame religiöse Weihe der geschichtsphilosophischen Notwendigkeit. Um hier die Überleitung der demagogischen Aufpeitschung der patriotischen Gefühle in die Hypnose der imperialistischen Eroberungen mythisch-religiös zu bewerkstelligen, erhält bei Rosenberg und Hitler der Staat der vorgegaukelten nationalen deutschen Größe die Bezeichnung „das dritte Reich“.

Auch in diesem Wort vereinigen sich nationale und soziale Demagogie. Denn dieser Terminus spielt einerseits geschicht auf die alten mystisch-religiösen Geschichtsphilosophien der mittelalterlichen Bauernkriege und religiöser Aufstände an; der Ausdruck stammt von Joachim di Fiore. Das „dritte Reich“, das Reich des heiligen Geistes, ist für ihn das Zeitalter der Abschaffung des Privateigentums, der vollständigen sozialen Gleichheit der Menschen. Aber diese Anspielung wird übertönt von der Geschichtsfälschung, die im „dritten Reich“ die Wiederherstellung des mittelalterlichen Kaiserreichs, der Herrschaft der deutschen Imperatoren über halb Europa verkündet. Beiläufig gesagt, klingt hierbei auch eine alte Form der Verbindung von nationaler und sozialer Befreiung mit. In den unentwickelten Vorbereitungszeiten der bürgerlich-demokratischen Revolution in Deutschland spielte die Legende vom mittelalterlichen Kaiser Friedrich Barbarossa, der im Kyffhäuser schläft und zusammen mit seinen Recken erwachen wird, um Deutschland zu befreien, um an dessen inneren und äußeren Erniedrigern eine furchtbare Rache zu nehmen, eine ziemlich große Rolle. (Wir finden die echt demokratische, ironische Auflösung dieser Legende in Heines „Deutschland“.)

Alle diese historischen Untertöne dienen dazu, um die Wie-

a força ou fraqueza de uma nação está muito estreitamente relacionada com a pureza racial, com a “especiação” das instituições e ideologias nacionais. Somente um povo que é capaz de se comportar nesse sentido puramente racial, ou tem a potência, por qualquer meio, de restaurar violentamente sua pureza racial, pode atingir a grandeza nacional, pode escapar da degradação nacional.

Assim, a base racial do mito fascista associa a demagogia nacional e social, dando-lhes uma consagração religiosa em comum da necessidade histórico-filosófica. Para conseguir aqui a transição da flagelação demagógica dos sentimentos patrióticos numa hipnose das conquistas imperialistas mítico-religiosamente, o Estado da enganosa grandeza nacional alemã é chamado de “Terceiro Reich” por Rosenberg e Hitler.

Também nesta palavra se associam demagogia nacional e social. Pois esse termo, por um lado, alude habilmente às velhas histórias da filosofia místico-religiosas das Guerras dos Camponeses e das Revoltas Religiosas medievais; a expressão provém de Joachim di Fiore. O “Terceiro Reich”, o Reich do Espírito Santo, é para ele a época da abolição da propriedade privada, da completa igualdade social dos seres humanos. Mas esta alusão é escondida pela falsificação da história, que no “Terceiro Reich” proclama a restauração do império medieval, o domínio dos imperadores alemães sobre metade da Europa. Diga-se de passagem, soa também aqui uma forma antiga do enlace entre libertação nacional e social. Nos períodos preparatórios não desenvolvidos da revolução burguês-democrática na Alemanha, a lenda do imperador medieval Frederick Barbarossa, que dorme em *Kyffhäuser*\* e desperta junto com seus guerreiros a fim de libertar a Alemanha para a vingança terrível de seus degradadores internos e externos, jogou um papel bastante importante. (Encontramos a resolução verdadeiramente democrática e irônica dessa lenda na “Alemanha” de Heine).

Todos esses matizes históricos servem para fazer a restauração

\* N. T. *Kyffhäuser* ou *Kyffhäusergebirge*, é uma cadeia de montanhas na Alemanha Central abrange a Turíngia e a Saxônia-Anhalt e a sudeste as montanhas Harz. Na cordilheira está o castelo medieval de *Kyffhausen* (*Reichsburg Kyffhausen*) e o monumento *Kyffhäuser* do século XIX. Ela tem um importante significado para a mitologia tradicional alemã, pois é considerada o lendário local de descanso do imperador Frederick Barbarossa.

derherstellung des „Reichs“, das „dritte Reich“ als eine revolutionäre Tat, als das Ziel der echt deutschen sozialen und nationalen Revolution den Massen schmackhaft zu machen. Der wesentliche Inhalt des „dritten Reichs“ ist jedoch, wie schon aus dieser kurzen Skizze ersichtlich, die imperialistische Herrschaft des faschistischen Deutschland, jene „neue Ordnung“, die das faschistische Deutschland während des Krieges von Norwegen bis Griechenland in allen eroberten Teilen Europas begründet hat.

Die Sehnsucht nach dem „Reich“ war vor dem Faschismus bei den gutgläubigen, verworrenen halbfaschistischen Sektenstiftern weit verbreitet. Bei einem Teil dieser Ideologen war aber der nationalrevolutionäre Charakter ernst gemeint. Sie gingen von der schiefen Vorstellung aus, daß es bourgeoise und proletarische Nationen gäbe, zu letzteren gehöre das deutsche Volk und das Ziel der Revolutionäre wäre, alle diese historisch benachteiligten Völker zu befreien. Darum gehörten zu dieser Konzeption der proletarischen Nationen alle unterdrückten Kolonialvölker, und diese Ideologen erstrebten ein Bündnis der deutschen nationalen Befreiung mit ihren Freiheitskämpfen. Hitler, als konsequenter Vertreter des deutschen Imperialismus, nimmt in „Mein Kampf“ scharf Stellung gegen solche „sentimentale“ Theorien. Er erklärt zynisch, daß es sich für ihn nur um die Wiederherstellung der deutschen nationalen Größe handelt; die müsse „realpolitisch“ durchgesetzt werden, selbstverständlich auch im Bündnis mit Völkern, die andere unterdrücken, unter voller Anerkennung des Rechts auf Unterdrückung seitens einer „rassisch“ höherstehenden Nation. (Es sei nur beiläufig zur Erläuterung des faschistischen Geschichtsmythos bemerkt, daß unter „zweitem Reich“ das Bismarck-Hohenzollernsche Deutschland verstanden wird, als ein großer, aber im wesentlichen doch mißlungener Versuch, die Herrschaft der Deutschen zu begründen. Die scharfe Kritik an dieser Periode knüpft wiederum an die Nietzsche an Bismarck an: Das „zweite Reich“ ist wegen seiner zu großen Konzessionen an den westlichen Demokratismus zugrunde gegangen.)

Mit alledem tritt die Rassentheorie, und in ihrer Konsequenz der Antisemitismus, in den Mittelpunkt des faschistischen Systems, der theoretischen und praktischen Barbarei.

do “Reich”, o “Terceiro Reich” como um ato revolucionário, como o objetivo da revolução nacional e social, genuinamente alemã, palatável para as massas. Mas o conteúdo essencial do “Terceiro Reich” é, como se evidencia nesse pequeno esboço, a dominação imperialista da Alemanha fascista, aquela “nova ordem” que a Alemanha fascista fundou durante a guerra, da Noruega à Grécia, em todas as partes conquistadas da Europa.

Antes do fascismo, o anseio pelo “Reich” estava amplamente difundido entre os crédulos, confusos fundadores de seitas semifascistas. Mas junto a uma parte desses ideólogos, o caráter nacional-revolucionário foi pensado seriamente. Eles partiam da representação enviesada de que existiam nações burguesas e proletárias, o povo alemão pertencendo a esta última, e o objetivo dos revolucionários era libertar todos esses povos historicamente desfavorecidos. Por isso, pertenciam a esta concepção de nações proletárias todos os povos coloniais oprimidos, e estes ideólogos ambicionavam uma aliança de libertação nacional alemã com suas lutas pela liberdade. Hitler, como representante consequente do imperialismo alemão, em *Minha luta*, toma posição rigorosa contra tais teorias “sentimentais”. Declara cnicamente que, para ele, trata-se apenas da restauração da grandeza nacional da Alemanha; que deve realizar-se em termos de “Realpolitik” também, claro, em aliança com povos que oprimem outros, sob o pleno reconhecimento do direito de opressão por parte de uma nação “racialmente” superior. (Para a explicação do mito histórico fascista deve ser mencionado, apenas incidentalmente, que sob o “Segundo Reich, a Alemanha de Bismarck-Hohenzollern é entendida como uma grande tentativa, mas essencialmente malsucedida, de justificar a dominação dos alemães. As duras críticas desse período retomam novamente as críticas dos nietzschianos a Bismarck: O “Segundo Reich” pereceu devido às suas grandes concessões ao democratismo ocidental).

Com tudo isso, a teoria racial, e em sua consequência o antissemitismo, aflora no centro do sistema fascista, da barbárie teórica e prática.

Die Rassentheorie polarisiert den ganzen Geschichtsprozeß dahin, daß auf einem Pol der rassenreine Deutsche als Vertreter des Guten, auf dem anderen Pol der Jude als Vertreter des Bösen, der Zersetzung, der Dekadenz erscheint. Indem diese strenge Scheidung, wie wir gesehen haben, mit der demagogischen Versprechung der sozialen und nationalen Rettung des Volks verknüpft wird, hat sie zur notwendigen Folge, daß für die faschistische „Ethik“ dem feindlichen Prinzip des Judentums gegenüber alles erlaubt ist, ja gerade die grausamsten und barbarischsten Mittel als die allein zweckmäßigen, als die allein revolutionären hingestellt werden. In der Judenverfolgung hat dementsprechend die faschistische Praxis Leistungen vollbracht, die die Barbarei des Mittelalters, die Pogrome des Zarismus weit in den Schatten stellen.

Man darf aber dabei nicht vergessen, daß diese barbaristische Tendenz der faschistischen Rassentheorie, der antisemitischen Praxis der Hitleriten sich nicht nur gegen das Judentum im engeren Sinne richtet. Wir haben bereits gesehen, daß aus der Rassentheorie die Theorie der „arteigenen“ Institutionen und Ideologien folgt. Wir haben auch gesehen, daß nach dieser Auffassung der nicht „arteigene“ Charakter der Entwicklung Deutschlands im 19. Jahrhundert gerade im Eindringen demokratischer Ideen, in der - sehr bescheidenen und sehr halbseitigen - Einführung demokratischer Institutionen, in der Entstehung der revolutionären Arbeiterbewegung bestand. Diese alle werden nun unter das Schlagwort „Verjudung“ subsumiert, von ihnen allen wird in der faschistischen Praxis das deutsche Volk „gereinigt“. Die pseudorevolutionäre Demagogie, in welche dieser rassistische Reinigungsprozeß gekleidet wird, hat wiederum zur Folge, daß für die Faschisten den Demokraten und Sozialisten gegenüber alles erlaubt ist, wiederum die grausamsten und barbarischsten Unterdrückungsmaßnahmen als die nicht nur geeignetsten, sondern als die „arteigensten“, als die revolutionärsten hingestellt werden. Wie dies in Hitlerdeutschland in der Praxis durchgeführt wurde, ist allgemein bekannt. Es war hier nur notwendig, darauf hinzuweisen, daß die Verbrennung aller fortschrittlichen Literatur, die Unterdrückung einer jeden nur leise fortschrittlichen Meinungsäußerung, das Zu-Tode-Quälen Zehntausender revolutionärer Arbeiter und bürgerlicher Demokraten in

A teoria racial polariza todo o processo histórico de tal modo que em um polo o alemão racialmente puro aparece como o representante do bem, no outro polo, o judeu como o representante do mal, da decomposição, da decadência. Como vimos, na medida em que este divórcio rigoroso é associado com a promessa demagógica da salvação nacional e social do povo, tem por consequência necessária de que para a “ética” fascista tudo é permitido ante o princípio hostil do judaísmo, precisamente os meios mais cruéis e mais bárbaros são tachados como os únicos apropriados, os únicos revolucionários. Na perseguição aos judeus, a correspondente prática fascista realizou proezas que colocaram longamente à sombra a barbárie da Idade Média, os *pogroms* do czarismo.

Mas, não se deve esquecer que essa tendência bárbara da teoria racial fascista, da prática antissemita dos hitleristas não é dirigida apenas contra o judaísmo no sentido mais restrito. Já vimos que segue-se da teoria racial a teoria das instituições e ideologias de “espécie peculiar”. Vimos também que, segundo esta concepção, o caráter de “espécie não-peculiar” do desenvolvimento da Alemanha no século XIX consistia precisamente na invasão de ideias democráticas, na implantação — muito modesta e muito parcial — de instituições democráticas, no surgimento do movimento revolucionário dos trabalhadores. Todas elas estão agora subsumidas à palavra de ordem “judeificação”, por todas elas o povo alemão é “purificado” na prática fascista. A demagogia pseudorevolucionária pela qual este processo de pureza racial é revestido tem por consequência que, para os fascistas, tudo é permitido em relação aos democratas e socialistas, e novamente as medidas repressivas mais cruéis e mais bárbaras são novamente tachadas não apenas como as mais apropriadas, mas também como as “mais específicas”, as mais revolucionárias. Como isto foi realizado na Alemanha de Hitler, é em geral conhecido. Era preciso apenas salientar aqui que a incineração de toda literatura progressista, a repressão de toda expressão de opinião sutilmente progressista, a tortura até a morte de dezenas de milhares de trabalhadores revolucionários e democratas burgueses nas

den Gefängnissen der Gestapo, in den Konzentrationslagern notwendige logische Folgen des faschistischen Rassenmythos gewesen sind. Sie sind keineswegs einzelne „Exzesse“, auch nicht Erscheinungen einer Übergangsperiode: Sie sind notwendig mit dem Wesen des Faschismus verknüpft, sie sind die in Praxis umgesetzte Rassentheorie.

Man soll natürlich über den Schrecken des faschistischen Wütens gegen die aufständig gewordenen Ausgebeuteten nicht vergessen, daß die ganze Geschichte der Klassenkämpfe vom Spartakus-Aufstand über die Pariser Kommune bis zu unseren Tagen von Grausamkeiten der sich schützenden herrschenden Klasse gegen die Unterdrückten erfüllt ist. Aber trotzdem bedeutet der Faschismus hier nicht bloß eine unerhörte quantitative Steigerung an Opfern, an raffinierter Tierheit der Folterungen. Er ist auch eine qualitative Steigerung. Die viehische Grausamkeit ist hier nicht eine vorübergehende Phase, der Bluttausch des Sieges nach dem Zittern vor dem Verlieren der Herrschaft und des Reichtums, also nicht eine Übergangsphase, nach welcher die herrschende Klasse versucht, zu den „normalen“ Methoden der Ausbeutung und der Unterdrückung zurückzukehren. Für den Faschismus ist die viehische Grausamkeit den Gegnern gegenüber der normale Zustand des Rassenkampfes, sie ist die notwendige und gegebene Waffe im permanenten Kampf der Rassen miteinander, in der Bewahrung der Rassenreinheit. Sie ist also, um es nochmals zu wiederholen, der Kernpunkt der faschistischer „Ethik“.

Diese besondere Stellung des Faschismus zur Barbarei im Kampf mit den Klassengegnern drückt sich auch in einer derartigen quantitativen Steigerung der an den Exzessen Beteiligten aus, daß diese Steigerung ins Qualitative umschlägt. Der weiße Terror nach früher niedergeschlagenen Revolutionen war vorwiegend das Werk des Militärs, der Polizei etc., wobei natürlich an ihm auch bestimmte Schichten des Lumpenproletariats und der Lumpenbourgeoisie teilnahmen. Die Hitlersche pseudorevolutionäre Massenhypnose bezweckt, Millionenmassen des deutschen Volks an diesem Barbarismus unschuldig zu machen, und es muß zur Schande des deutschen Volks ausgesprochen werden, daß der nationalen und sozialen Demagogie des Faschismus dies im weitgehenden Maße ge-

prisões da Gestapo, nos campos de concentração, tinham sido consequências lógicas necessárias do mito racial fascista. Não são de forma alguma “excessos” singulares, nem mesmo fenômenos de um período de transição: estão necessariamente ligados à essência do fascismo, são a teoria racial posta em prática.

Naturalmente, não se deve esquecer sobre os temores da fúria fascista contra os explorados tornados revoltosos, que toda a história das lutas de classe do levante-*Spartacus* passando pela Comuna de Paris até nossos dias está preenchida de crueldades da classe dominante protetora contra os oprimidos. Mas, apesar disso, o fascismo não significa aqui apenas um incremento quantitativo escandaloso das vítimas, da refinada animalidade da tortura. É também um incremento qualitativo. A crueldade brutal não é aqui uma fase temporária, a matança da vitória após o tremor antes da perda do domínio e da riqueza, portanto, não é uma fase transitória após a qual a classe dominante tenta regressar aos métodos “normais” da exploração e da opressão. Para o fascismo, a crueldade brutal contra os opositores é o estado normal da luta racial, é a arma necessária e dada na luta permanente das raças umas contra as outras, na preservação da pureza racial. É, portanto, para repeti-lo mais uma vez, o ponto essencial da “ética” fascista.

Essa posição particular do fascismo para com a barbárie na luta com os opositores de classe se expressa também em uma espécie de incremento quantitativo nos excessos dos envolvidos, em que este incremento se transforma em qualitativo. O Terror Branco após revoluções outrora abafadas era preponderantemente obra dos militares, da polícia, etc., por meio do qual, naturalmente, determinadas camadas do *lumpemproletariado* e da *lumpemburguesia* também tomaram parte nele. A hipnose em massa pseudorevolucionária hitleriana pretendia inocentar dessa barbárie milhões da massa do povo alemão, e deve-se dizer, para a vergonha do povo alemão, que a demagogia nacional e social do fascismo foi muito



lungen ist. Vor allem ist es ihm gelungen, eine große Massenpartei zu begründen, deren Mitglieder von dieser Hypnose mitgerissen wurden und hemmungslos, überzeugt die fürchterlichsten Taten vollbrachten, ja in ihnen sogar eine Initiative zeigten.

Die faschistische Massenpartei hat in raffinierter Weise die verschiedensten Schichten in verschiedener Weise an dieser praktischen Barbarisierung mitbeteiligt und mitschuldig gemacht. Von SS und SA angefangen, über Hitler-Jugend zur Betriebsorganisation und Hauswartstelle wurde das ganze öffentliche und private Leben von diesen Organisationen umfaßt, deren Hauptzweck darin bestand, den als rassenverderbend verleumdeten Klassegegner aufzudecken und moralisch und physisch zu vernichten. Nur eine ausführliche Geschichte dieses Schreckenjahrzehnts in Deutschland wird eine wirkliche klassenmäßige Analyse dieses Mitbeteiligtseins breiter Volksschichten an der faschistischen Barbarei geben können.

Aber auch in einer solchen kurzen und auf die ideologischen Probleme orientierten Skizze wie der unseren kann man sehen, daß diese Mitbeteiligung die verschiedenartigsten Nuancen hat: Sie weckt die in der „deutschen Misere“ großgezogenen schlechtesten Instinkte des kleinlichen Neids, der niederträchtigen Mißgunst, der unterdrückten sadistischen Instinkte, des widerwärtigsten Karrierismus etc.; sie appelliert andererseits an die ehrliche, aber tief verworrene nationale und soziale Revolutionssehnsucht breiter Massen, deren unklare Vertreter unter der Hitlerschen Hypnose das Fürchterlichste begehen, im Glauben, jetzt den erträumten Umsturz zu verwirklichen. Manche unter diesen, die Besten und Begabtesten, sind aus diesem Rausch früher oder später fürchterlich erwacht; man denke nur an die Tendenzen auf „zweite Revolution“ in der SA, die bereits 1934 blutig unterdrückt wurden. (In dem Buch Bodo Uhse's „Söldner und Soldat“ findet man eine gute Beschreibung eines solchen Ernüchterungsprozesses, allerdings noch vor der Machtergreifung Hitlers. Wir besitzen aber auch Dokumente ähnlicher Ernüchterung aus der späteren Zeit.) Bei sicher nicht unbeträchtlichen Teilen dieser anfangs ehrlich Überzeugten ist es jedoch dem Faschismus gelungen, sie in seine blutrünstige moralische Korruption hineinzuzerren.

bem-sucedida nisso. Sobretudo, foi bem-sucedida em fundar um grande partido de massas, cujos afiliados foram arrastados por esta hipnose, e desinibidos, convictos, realizaram os mais terríveis atos, mostrando neles até mesmo iniciativas.

O partido de massas fascista, de modo refinado, fez das mais distintas camadas, dos modos mais variados, cúmplices e partícipes na prática desta barbarização. Desde a SS\* e SA\*\*, passando pela Juventude Hitleriana até a *Betriebsorganisation*\*\*\* e a *Hauswartstelle*\*\*\*\*, toda a vida pública e privada foi envolvida por estas organizações, cujo propósito principal consistia em desmantelar e destruir moral e fisicamente a classe opositora caluniada, arruinada racialmente. Somente uma história detalhada desta década apavorante na Alemanha poderá dar uma verdadeira análise classista sobre a participação de amplas camadas do povo na barbárie fascista.

Mas, mesmo em um esboço tão curto como o nosso e orientado para os problemas ideológicos, pode-se ver que essa participação tem as mais diversas nuances: ela desperta os piores instintos de inveja mesquinha, de ressentimento vil, de instintos sádicos reprimidos, de carreirismo mais desagradável, etc., criados na “miséria alemã”; ela apela, por outro lado, para o sincero, mas profundamente confuso, anseio nacional e social pela revolução das amplas massas, cujos representantes pouco claros sob a hipnose hitleriana cometem o mais terrível na crença de realizar agora a sonhada sublevação. Alguns destes, os melhores e mais talentosos, mais cedo ou mais tarde despertaram terrivelmente dessa embriaguez; pense-se apenas nas tendências para a “segunda revolução” na SA, que já em 1934 foram sangrentamente reprimidas. (No livro *Mervenário e soldado*, de Bodo Uhse, encontra-se uma boa descrição de tal processo de desencanto, contudo, ainda antes da tomada do poder por Hitler. Mas, possuímos também documentos de desencanto semelhante do período posterior). No entanto, com partes certamente não desprezíveis destes, de início sinceramente convencidos, o fascismo conseguiu arrastá-los para sua corrupção moral sanguinária.

\* N.T. Ou *Schutzstaffel*. Foi uma organização paramilitar ligada ao Partido Nazista e a Adolf Hitler que cumpria a função de proteção. Atuou na Alemanha Nazista e mais tarde na Europa ocupada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

\*\* N.T. Ou *Sturmabteilung*. Foi a milícia paramilitar durante o período em que o Nazismo exercia o poder no Terceiro Reich. Tinha uma atuação voltada para a pressão política. Seus membros eram conhecidos como “camisas-pardas” devido a cor do uniforme.

\*\*\* N.T. Associação alemã para o estudo do trabalho, organização empresarial e qualificação profissional. Foi fundada em 1924 como Comitê do Reich para a determinação das horas de trabalho.

\*\*\*\* N.T. Empresa responsável pela reparação e manutenção de instalações públicas, como aquecimento, encanamento, eletrônica etc.

So schafft die reaktionäre Massenpartei des Faschismus einen eisernen Ring um das ganze deutsche Volk, um in ihm alle anständigen Gefühle der menschlichen Solidarität zu ersticken. Wer nicht aktiv mitbeteiligt ist, wird durch Druck und Terror gezwungen, wenigstens einige Schritte in dieser Hinsicht zu tun, oder er muß in einer Atmosphäre des ständigen Grauens und Bangens vor Angezeigtwerden, vor unmenschlicher Quälerei leben. Der faschistische Terror trägt nun diesem allgemeine Mißtrauen, diese allgemeine Angst des Menschen vor jedem anderen Menschen nicht nur ins Berufsleben, sondern auch in die Familie hinein. Wer kann hier, auch wenn er sich an keinerlei antifaschistischer Bewegung beteiligt, in Sicherheit vor der Denunziation, auch durch eigene Familienmitglieder, leben? (Diese Seite des faschistischen Alltags wird in den kleinen Dramen Bertolt Brechts mit großer Schärfe dargestellt.) Diese die größten Teile des Volks - aktiv oder passiv, mitmachend oder bloß mitgeschleppt - erfüllende moralische Korruption ist der spezifische Charakter des deutschen Faschismus, der ihn von allen früheren Formen des weißen Terrors nicht nur quantitativ, sondern auch qualitativ unter scheidet, die aus ihm die Gipfeligestalt der Reaktion und der Barbarei in der bisherigen Menschheitsgeschichte macht.

Die Politik des Faschismus bildet ein einheitliches System der Barbarei: Die Außenpolitik ist die Fortsetzung der Innenpolitik und der Krieg, nach Clausewitz' Worten, ihre Weiterführung mit anderen Mitteln. Auch hier ist der Rassenmythos jene Grundlage, von welcher aus den deutschen Massen eingeredet wird, daß der grausamste und reaktionärste Imperialismus ihre Befreiung aus der nationalen Erniedrigung mit sich bringt und der einzige Weg zur nationalen Größe ist. Die Lage Deutschlands nach dem Versailler Frieden hat den Faschisten hier den Betrug erleichtert, da die ersten imperialistischen Eroberungen nur ein Zurückgewinnen von Territorien gewesen sind, die der imperialistische Friede von Versailles von Deutschland abgetrennt hat. Die Eroberung Österreichs konnte man noch mit der nötigen Demagogie im Zeichen der Rassentheorie als die Vereinigung aller Deutschen darstellen, obwohl das österreichische Volk nichts von dieser Einheit mit dem faschistischen Deutschland hören wollte. Die Einkörperung der Tschechoslowakei mußte schon auf der Linie des my-

Assim, o reacionário partido de massas do fascismo cria um círculo de ferro em torno de todo o povo alemão, para sufochar nele todos os sentimentos respeitáveis de solidariedade humana. Aquele que não está ativamente envolvido é obrigado através da pressão e do terror a dar aos menos alguns passos nessa direção, ou deve viver em uma atmosfera de constante horror e medo ante a denúncia, ante a tortura desumana. O terror fascista agora carrega essa desconfiança geral, esse receio geral do ser humano ante cada outro ser humano não só na vida profissional, mas também dentro da família. Quem, mesmo que não participe de nenhum movimento antifascista, pode viver aqui em segurança ante a denúncia também por membros da própria família? (Este lado da vida cotidiana fascista é descrito com grande nitidez nos pequenos dramas de Bertolt Brecht). Esta corrupção moralmente realizada da maior parte do povo — ativa ou passiva, participante ou simplesmente arrastada — é o caráter específico do fascismo alemão, que o distingue de todas as formas anteriores de Terror Branco, não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente, o que o até agora o torna o ápice da reação e da barbárie na história da humanidade.

A política do fascismo forma um sistema unitário da barbárie: a política externa é a continuação da política interna e da guerra; segundo as palavras de Clausewitz, é sua continuação por outros meios. Também aqui o mito racial é a base do qual as massas alemãs são convencidas de que o imperialismo mais cruel e reacionário traz sua libertação da degradação nacional e é o único caminho para a grandeza nacional. A situação da Alemanha após a paz de Versalhes facilitou aqui a fraude fascista, já que as primeiras conquistas imperialistas foram apenas uma recuperação de territórios que a paz imperialista de Versalhes havia apartado da Alemanha. A conquista da Áustria ainda pôde ser retratada com a demagogia necessária sob o signo da teoria racial como a unificação de todos os alemães, embora o povo austríaco não quisesse ouvir falar desta unidade com a Alemanha fascista. A incorporação da Tchecoslováquia já teve que ser realizada na linha do

stischen „Reichs“ vollzogen werden, da dieses Land einst dem Heiligen Römischen Reich, dem „ersten Reich“ des faschistischen Mythos, angehörte.

Mit der Entfaltung des deutschen Imperialismus im Weltkrieg treten die zynischen imperialistischen Seiten der faschistischen Politik immer offener in den Vordergrund. Sie sind keine neuen Züge, denn das Eroberungsprogramm war bereits in „Mein Kampf“ vorgezeichnet. Aber die praktische, zynische Liquidierung der Rassentheorie kommt darin zum Vorschein, daß der deutsche Imperialismus alle eroberten Völker in der gleichen barbarischen Weise unterdrückt und ausbeutet, ganz einerlei, ob sie der „höheren“ Rasse der Germanen angehören oder bloß einer „niedrigeren“, slawischen Rasse. Das Geheimzirkular Bormann-Rosenberg aus dem Jahre 1942 liquidiert die Rassentheorie aus dem „Mythus des 20. Jahrhunderts“. Es dekretiert, daß auch die nordischen Völker finnisch-mongolisch etc. bastardiisiert seien, daß die wahre arisch-germanische Rasse einzig und allein in den Deutschen verkörpert sei, weshalb auch ihnen und nur ihnen die unbeschränkte Herrschaft über alle Völker zukomme. Wer sich daran erinnert, mit welchem Pathos im „Grundbuch“ des deutschen Faschismus das nordische Blut als Zentrum der Rassentheorie verkündet wurde, wie Rosenberg gerade im Bewahren des nordischen Blutes das Kriterium des Deutschtums erblickt hat, hat - wenn er [ihn] noch braucht - einen weiteren Beleg dafür, mit welcher zynischen Nonchalance die faschistischen Führer ihre eigene „Theorie“ behandeln. Der politische Kern des faschistischen Mythos, daß dem reaktionären deutschen Imperialismus allen Völkern gegenüber alles erlaubt sei, daß die ganze Welt nur dazu da sei, um eine Gruppe der reaktionärsten deutschen Imperialisten zu bereichern, zu Herren über die Schätze der Welt, über Millionenmassen fremder, ihre Freiheit und Eigenart schützender Völker zu machen, wird hier im großen Maßstabe der ganzen Welt klar.

Der ganzen Welt, mit Ausnahme vorläufig bedeutender Teile des deutschen Volks. Denn dem Faschismus, dem es gelungen ist, breiteste Volksmassen an seiner innenpolitischen Barbarei mitschuldig zu machen, ist dies auch außenpolitisch und militärisch gelungen. Die nationale Demagogie, der Mythos des entstehenden deutschen „dritten Reichs“ hat

do místico “Reich”, uma vez que este país outrora pertencia ao Sacro místico “Reich”, uma vez que este país outrora pertencia ao Sacro Império Romano, o “Primeiro Reich” do mito fascista.

Com o crescimento do imperialismo alemão na Guerra Mundial, os cínicos lados imperialistas das políticas fascistas adquirem, cada vez mais abertamente, importância. Não são novidades, pois o programa de conquista já estava esboçado em *Minha vida*. Mas a liquidação prática, cínica da teoria racial destaca-se em que o imperialismo alemão oprime e explora todos os povos conquistados barbaramente, ainda que pertençam à raça “superior” dos germânicos ou simplesmente a uma raça eslava “inferior”. A carta-circular secreta Bormann-Rosenberg dos anos de 1942 liquida a teoria racial do “mito do século XX”. Decreta que também os povos nórdicos finlandeses-mongóis etc. são bastardos, que a verdadeira raça ariano-germânica é personificada única e exclusivamente nos alemães, pelo que também eles e apenas eles têm domínio ilimitado sobre todos os povos. Quem se lembra com que *pathos* o sangue nórdico foi proclamado no “registro” do fascismo alemão como centro da teoria racial, como Rosenberg viu o critério do germanismo precisamente na preservação do sangue nórdico, tem — se ainda necessita-o — mais uma prova da despreocupação cínica com que os líderes fascistas lidam com sua própria “teoria”. O núcleo político do mito fascista, que tudo é permitido ao imperialismo alemão reacionário em relação a todos os povos, que o mundo inteiro só existe para enriquecer um grupo dos imperialistas alemães mais reacionários, para torná-los senhores dos tesouros do mundo, acima de milhões de massas estrangeiras, para torná-los o protetor do povo, de sua liberdade e peculiaridades, torna-se aqui em grande medida claro para o mundo como um todo.

Todo o mundo, exceto partes por ora significativas do povo alemão. Pois o fascismo, que conseguiu tornar as mais amplas massas do povo cúmplices de sua barbárie político-interno, conseguiu-o também político-externamente e militarmente. A demagogia nacional, o mito do “Terceiro Reich” alemão nascente, manteve

im Kriege große Teile des deutschen Volks in seinem Banne gehalten. Indem sie für Deutschlands Größe in den imperialistischen Krieg des Faschismus zogen, haben sie [der] barbarischen Lehre Hitlers, daß den fremden Völkern gegenüber - ebenso wie den rassenfremden Mitmenschen gegenüber - alles erlaubt sei, Gefolgschaft geleistet. Teils tobte sich der Sadismus moralisch korrumpierter Schichten in viehischer Weise aus, teils wurden die Widerstandsunfähigen, ideologisch Wehrlosen vom Strom der Propaganda, vom Druck des Terrors, vom Beispiel der entschlossenen faschistischen „Vorbilder“ willenlos mitgerissen.

Der Zynismus in der praktischen Handhabung der Rassentheorie, die Akrobatengeschicklichkeit, mit welcher er diese an einem Tag zum Kriterium aller Handlungen, ja der ganzen Existenz des Menschen macht, um sie am anderen Tag achtlos beiseite zu schieben, hängt ebenfalls mit dem Wesen der faschistischen „Weltanschauung“, des faschistischen Mythos zusammen. Wir haben bereits gesehen, daß die Rassentheorie eine Doppelseite hat: Sie ist einerseits das Hauptorgan der Antiwissenschaftlichkeit, des Irrationalismus, des faschistischen Mythos, andererseits und gleichzeitig werden für [sie] „wissenschaftliche“, „biologische“ Begründungen und Kennzeichen gesucht. Dieser Widerspruch macht es den Faschisten innenpolitisch möglich, die willkürlichste Tyrannei auszuüben. Da die rassennmäßige Echtheit, die Arteigenheit das höchste Kriterium der Wahrheit für sie ist, muß vor ihrer Verkündigung jedes Gegenargument verstummen und wird wenn nötig, mit Terror zum Schweigen gebracht. Dabei aber gestattet die „wissenschaftliche“ Handhabung der Rassentheorie einen ununterbrochenen materiellen und moralischen Druck auf die Massen. Durch Untersuchung der Rassenreinheit der einzelnen Menschen entsteht eine gesellschaftliche und polizeiliche Massenschikane, bei welcher jeder Mensch in ständiger Angst leben muß, daß er bei einem mißliebigen Wort entlarvt wird, daß etwa seine Urgroßmutter nicht rein arischer Abstammung sei und er deshalb nicht befugt wäre, seinen Beruf weiter auszuüben etc. Dieselbe Doppelseitigkeit und Willkür herrscht in den Begründungen der faschistischen Außenpolitik. Solange man auf eine Hilfe oder Neutralität Englands spekuliert hat, war es das germanische England; sobald die

grande parte do povo alemão sob seu encanto durante a guerra. Ao serem arrastados para a guerra imperialista do fascismo pela grandeza da Alemanha, eles seguiram o ensinamento bárbaro de Hitler de que tudo é permitido em relação aos povos estrangeiros — bem como em relação aos semelhantes de outras raças estrangeiras. Em parte, o sadismo de camadas moralmente corrompidas enfureceu-se de forma animal, em parte, os incapazes de resistência, ideologicamente indefesos, foram arrastados pela corrente da propaganda, pela pressão do terror, pelo exemplo dos determinados “modelos” fascistas.

O cinismo no manejo prático da teoria racial, a habilidade acrobática com que se faz dela o critério de todas as ações, de toda a existência do ser humano, para deixá-la de lado no dia seguinte, também tem que ver com a essência da “concepção de mundo” fascista, do mito fascista. Já vimos que a teoria racial tem um duplo lado: por um lado, ela é o principal órgão da anticientificidade, do irracionalismo, do mito fascista, por outro, e ao mesmo tempo, procura-se justificação e características “científicas”, “biológicas” para ela. Esta contradição torna possível para os fascistas professarem político-internamente a tirania mais arbitrária. Já que a autenticidade racial, a especificação é o critério máximo da verdade para eles, todo contra-argumento deve emudecer antes de ser proclamado e, se necessário, trazido ao silêncio pelo terror. Ao mesmo tempo, porém, o manuseio “científico” da teoria racial permite uma ininterrupta pressão material e moral sobre as massas. Através da investigação da pureza racial dos seres humanos singulares, surge uma trapaça social e policial em massa, em que todo ser humano tem de viver com receio constante de ser desmascarado por uma palavra impopular, de que sua bisavó, por exemplo, não seja de descendência ariana pura e ele, por causa disso, não esteja habilitado a permanecer na sua profissão, etc. A mesma duplicidade de lado e arbitrariedade domina nas justificações da política externa fascista. Enquanto se especulava sobre a ajuda inglesa ou a neutralidade, a Inglaterra era germânica; logo que as

Hoffnungen zerronnen sind, ist aus ihm ein verjudetes, kapitalistisches Unterdrückerland geworden, das niemals für die Kultur etwas geleistet habe, dessen Wesen in einem niedrigen und niederträchtigen Krämergeist bestehe.

Solche Widersprüche gehören zum Alltag der faschistischen Propaganda, und sie werden von ihr innen- wie außenpolitisch in der zynischsten Weise gehandhabt. Der faschistische Mythos sorgt aber dafür, daß diese zynische und tyrannische Willkür ebenfalls die religiöse Weihe der höchsten Rassenmäßigkeit erhalte. Diese Weihe entsteht aus der Führermystik. Wir haben bereits gesehen, wie in den modern-reaktionären Ideologien extremer Relativismus mit wüster Mystik friedlich zusammenleb[t]. Der faschistische Mythos hat in geschickter Weise diese seelische Struktur der modernen Dekadenz, explodiert, indem er jede objektive Wahrheit leugnet und das Wahre unmittelbar an die Pseudobiologie des Rassenmäßigen anknüpft und so den Relativismus unmittelbar in Mystik Umschlagen läßt. Diese Mystik verkörpert sich nun im „Führer“, in dessen Person durch ein historisches Wunder sich alle positiven Eigenschaften der echten Rasse zusammenballen, der deshalb in prophetischer Weise befugt ist, aus seiner Führerintuition heraus alle Fragen apodiktisch, in einer für jeden verbindlichen Weise zu beantworten. Wer sich im Namen der Vernunft dagegen auflehnt, wer es wagt, die offenkundigen Widersprüche in den Verkündigungen des „Führers“ zu bemerken und aufzudecken, sündigt also direkt gegen die höchsten Gesetze der Rassenreinheit, entlarvt sich selbst als bastardhaftes, rassenfremdes Element.

So wird die Mystik des Führers zum obersten irrationalistischen Knotenpunkt der faschistischen „Weltanschauung“. Die tiefen, objektiv notwendigen Widersprüche des Faschismus - entsprungen aus dem unüberbrückbaren Gegensatz der demagogisch verkündeten nationalen und sozialen Erneuerung und der de facto geführten bestialischen und reaktionären imperialistischen Politik - können vor den Massen zeitweilig nur dadurch verdeckt werden, daß man sie ununterbrochen in Rausch und Hypnose versetzt, daß ihnen jede Möglichkeit eines kritischen Sichwehrens gegen den ihnen aufgedrungenen Unsinn genommen wird. Dazu tragen Terror, Zensur (Gleichschaltung der Presse) etc. sehr viel bei, sie würden

esperanças se desfizeram, tornou-se fora dela um país opressor, judaico, capitalista, que nunca havia feito nada pela cultura, cuja essência consistia em um espírito merceeiro rasteiro e vil.

Tais contradições pertencem ao cotidiano da propaganda fascista, e são manipuladas por ela, tanto na política interna quanto na política externa, do modo mais cínico. Mas o mito fascista faz com que esta arbitrariedade cínica e tirânica receba igualmente a consagração religiosa da mais alta racialidade. Esta consagração surge a partir do misticismo do *Führer*. Já vimos como nas modernas ideologias reacionárias o relativismo extremo e o misticismo inculto vivem pacificamente juntos. O mito fascista explodiu habilmente esta estrutura anímica da decadência moderna, ao negar qualquer verdade objetiva e atar a verdade imediata com a pseudobiologia racial e transformar assim o relativismo imediato em misticismo. Este misticismo personifica-se agora no “*Führer*”, em cuja pessoa, através de um milagre histórico, aglomeram-se todas as qualidades positivas da verdadeira raça, por isso mesmo, está autorizado a, de modo profético, a partir de sua intuição de *Führer*, responder apodicticamente a todas as questões, responder em um modo vinculativo para todos. Quem, em nome da razão, revolta-se contra, quem ousa perceber e revelar as contradições óbvias nas proclamações do “*Führer*”, peca diretamente, portanto, contra as mais elevadas leis da racialidade, desmascara a si mesmo como um elemento bastardo, estranho à raça.

Assim, o misticismo do *Führer* se torna o ponto nodal irracionalista supremo da “concepção de mundo” fascista. As profundas, objetivamente necessárias contradições do fascismo — nascidas a partir da oposição intransponível entre a demagogicamente proclamada renovação nacional e social e a política imperialisticamente reacionária e bestial conduzida de fato — só podem ser ocultadas das massas temporariamente, apenas deslocando-as continuamente na embriaguez e hipnose, tirando-lhes qualquer possibilidade de autodefesa crítica contra o absurdo que lhes foi imposto. Para isso, terror, censura (uniformização da imprensa) etc. contribuem muito,

aber allein nicht ausreichen. Erst der in der erlöserischen Führerpersönlichkeit gipfelnde Führermythos hat eine solche allgemeine Atmosphäre geschaffen, in welcher ein derartiges Credo quia absurdum erst möglich werden konnte.

Die Leser, die unseren bisherigen Ausführungen mit einiger Aufmerksamkeit folgten, werden unschwer ersehen, daß in allen diesen absurden letzten Konsequenzen der faschistischen Volksverdummung, der faschistischen Zerrüttung der Volksmoral nichts Neues enthalten ist, sondern einfach jene reaktionären Momente der herrschenden deutschen Ideologie, die bis dahin den bevorzugten Besitz der intellektuellen Elite gebildet haben, nunmehr die Straßen des deutschen Alltagslebens überfluteten. Wir haben bereits darauf hingewiesen, daß schon lange vor Hitler eine derartige Führermystik in verschiedenen intellektuellen Kreisen geherrscht hat; daß sie z.B. in der theosophischen Bewegung Rudolf Steiners bereits größere Massen zu erfassen begann.

Man würde fehlgehen, wenn man in diesen Erscheinungen bloß dekadente Exzentrizitäten von einzelnen verschrobenen Intellektuellen sehen würde. Sie hängen aufs allertiefste mit dem eine jede Wahrheit, eine jede Wirklichkeitsauffassung zersetzenden Relativismus der modernen reaktionären Anschauungen zusammen. Dieser würde, theoretisch-konsequent zu Ende gedacht, ein jedes Handeln, ja eine jede Stellungnahme prinzipiell unmöglich machen; deshalb gilt von ihm auch wie vom Solipsismus, daß er in ganz folgerichtiger Form nur in Irrenhäusern Vorkommen kann. Die substantiellen Menschen, die von diesem Relativismus erfaßt waren, haben sich in verschiedener Weise, inkonsequent, mit einem geistigen Salto mortale ins handelnde Leben versetzt. Und die irrationalistische Mystik gab verschiedene weltanschauliche Stützpunkte für die verschiedenartigen Todessprünge in die Welt des Handelns. Unter diesen spielte die in der imperialistischen Zeit entstehende Führermystik eine große Rolle.

Da der moderne Relativismus, verknüpft mit der aristokratischen Verachtung der Massen, es nicht gestattete, die handelnden Menschen der Geschichte und der Gesellschaft als Vollstrecker historisch sozialer Notwendigkeiten zu sehen wie dies Hegel tat, mußte die historische Wirkung einer führenden Persönlichkeit irrationalistisch mystifiziert werden.

mas só eles seriam insuficientes. Somente o mito do *Führer* culminante na personalidade do *Führer* redentor criou uma tal atmosfera geral, na qual somente tal *Credo quia absurdum* poderia tornar-se possível.

Os leitores que seguiram nossas explicações anteriores com alguma atenção concluirão facilmente que todas essas absurdas consequências finais do embrutecimento fascista do povo, do arruinamento fascista da moral do povo não contém nada de novo, mas simplesmente aqueles momentos reacionários da ideologia dominante alemã que até então tinham formado a possessão privilegiada da elite intelectual, agora inundavam as ruas da vida cotidiana alemã. Já apontamos que muito antes de Hitler, tal misticismo do *Führer* já havia prevalecido em vários círculos intelectuais; que, por exemplo, ele já começou a captar massas maiores no movimento teosófico de Rudolf Steiner.

Seria um erro ver nesses fenômenos apenas excentricidades decadentes de estranhos intelectuais isolados. Eles se agarraram profundamente ao relativismo das modernas concepções reacionárias, que corroem qualquer verdade, qualquer percepção da realidade. Isto, pensado teórico-consequentemente até o fim, tornaria qualquer ação, sim, qualquer tomada de posição, impossível em princípio; por isso, é válido sobre ele como sobre o solipsismo, que só pode acontecer em toda a sua forma lógica no hospício. Os seres humanos substanciais que foram agarrados por este relativismo, puseram-se em ação na vida, de diferentes modos, inconsequentes, com um salto mortale espiritual. E o misticismo irracionalista forneceu distintas bases ideológicas para os vários saltos de morte no mundo da ação. Entre estas, o misticismo do *Führer* nascente no período imperialista jogou um papel importante.

Como o relativismo moderno, associado com o desprezo aristocrático das massas, não permitia ver os seres humanos atuantes da história e da sociedade como executores históricos das necessidades sociais como Hegel o fez, o efeito histórico de uma personalidade dirigente teve de ser mistificado irracionalmente.

Diese Mystifizierung geht so weit, daß der nüchterne und wissenschaftlich sehr gebildete Soziologe der Wilhelminischen Periode, Max Weber, in seinen Analysen der Gesellschaftsentwicklung die Wirkung großer führender Persönlichkeiten, vor allem, wenn sie durch eigene Kraft Führer geworden sind und Massenwirkungen erzielt haben, nur auf eine besondere Art von Gnade (Führercharisma) zurückführen kann.

Bei den im allgemeinen weit weniger kritischen Intellektuellen der imperialistischen Periode entsteht als innere Ergänzung zu dem zersetzenden Relativismus eine Sehnsucht seiner Überwindung, eine Sehnsucht nach etwas Festem, nach wirklicher Grundlage, nach Geleitetwerden durch einen seiner selbst sicheren Führer. Hundert Jahre früher haben die innerlich aufgelösten Romantiker katholisiert. In der imperialistischen Periode hatte keine Kirche mehr auf die Elite der Intelligenz eine solche Wirkung. Das kleinliche öffentliche Leben Deutschlands konnte auf sie, wie wir gesehen haben, nicht die geringste Anziehungskraft ausüben, es wirkte im Gegenteil abstoßend, diese Schicht ins Privatleben zurückjagend. Auf dieser Lebensgrundlage entstanden die Wirkungen solcher „gottbegnadeter“ Erlöser und Führer wie Stefan George oder Rudolf Steiner, um nur die berühmtesten zu nennen. Diese Salonmystik, die zugleich eine Verkörperung der aristokratischen Erkenntnistheorie ist, wurde mit Hitler zur Massenbewegung. In der Führermystik um seine Person schlägt die aristokratische Erkenntnistheorie in ein Hilfsmittel der willkürlichen Despotie um. Und wenn hier dieser Zusammenhang scharf unterstrichen wird, so geschieht es nicht nur darum, um die intellektuelle Genesis des Faschismus aufzudecken, sondern auch darum, weil durch diese demagogische Politisierung der reaktionäre Kern, das barbarische Wesen - das durch das intellektuell oder poetisch bestechende Um und Auf verdeckt wurde - der intellektuell oder poetisch hochstehenden reaktionären Tendenzen mit erschreckender Deutlichkeit ans Tageslicht tritt.

Diese Entlarvung des reaktionären Kerns der lange Zeit in Deutschland die Intelligenz beherrschenden geistigen Strömungen ist für den wirkungsvollen ideologischen Kampf gegen den Faschismus von höchster Wichtigkeit. Denn solange die deutsche Intelligenz sich gegen den Hitlerschen Mythos

Esta mistificação vai tão longe que o sociólogo sóbrio e cientificamente educado do período guilhermino, Max Weber, em suas análises do desenvolvimento da sociedade só pôde reportar o efeito de grandes personalidades dirigentes, especialmente quando elas se tornaram *Führer* através de suas próprias forças e alcançaram efeitos de massa, a um tipo especial de graça (carisma de *Führer*).

Entre os intelectuais em geral muito menos críticos do período imperialista, surge como complementação interna para o relativismo desintegrador, um anseio por sua ultrapassagem, um anseio por algo sólido, por um fundamento real, por ser guiado por um *Führer* seguro de si mesmo. Cem anos antes, os românticos interiormente desfeitos tinham se catolicizado. No período imperialista, nenhuma Igreja teve tal efeito sobre a elite da *intelligentsia*. A vida pública mesquinha da Alemanha, como vimos, não podia exercer a mínima atração sobre ela, ao contrário, surtiu um efeito repulsivo, enxotando essa camada para a vida privada. Sobre este fundamento de vida nascem os efeitos de tais salvadores e *Führers* “divinos”, como Stefan George ou Rudolf Steiner, para mencionar apenas os mais famosos. Este misticismo de salão, que é igualmente uma personificação da teoria do conhecimento aristocrática, tornou-se com Hitler um movimento de massa. No misticismo do *Führer* em torno de sua pessoa, a teoria do conhecimento aristocrática se transforma em um instrumento de despotismo arbitrário. E se aqui esta conexão é fortemente realçada, não ocorre apenas para descobrir a gênese intelectual do fascismo, mas também porque através desta politização demagógica o núcleo reacionário, a essência bárbara — que foi ocultada para e sobre o intelectualmente ou poeticamente seduzível — das tendências reacionárias intelectualmente ou poeticamente mais elevadas emerge com clareza assustadora à luz do dia.

Esse desmascaramento do núcleo reacionário das correntes intelectuais dominantes há muito na *intelligentsia* da Alemanha é da máxima importância para a luta ideológica efetiva contra o fascismo. Pois, enquanto a *intelligentsia* alemã se defendeu do mito hitleriano

nur damit wehrte, daß dieser intellektuell oder ästhetisch viel tiefer steht als die von ihr selbst geschaffenen Mythen oder daß Hitler als „Führer“ nicht die sittliche und geistige Bedeutung eines Spengler besitzt, daß das „Führercharisma“ Stefan Georges echter ist als das Hitlers, daß die Nietzschesche oder Spenglersche Theorie von der „höheren Rasse“ durchdachter und geistreicher ist als die Rosenbergsche Rassentheorie etc., - so lange bleibt die Intelligenz der Hitlerpropaganda gegenüber vollständig wehrlos. Denn sie stellt unentwickelte, knospenhafte Vorformen der reaktionären ideologischen Entwicklung ihrer vollentfalteten giftigen Blüte gegenüber. Mag das Entsetzen vieler deutscher Intellektueller, als das Wesen ihrer eigenen Weltanschauung in der teuflisch outrierten Form der Hitlerschen massiven und massenhaften Barbarei offen zutage trat, noch so ehrlich gewesen sein, dieses Entsetzen mußte dem Wirbelsturm der Hitlerschen Barbarei gegenüber nur er leiser und wirkungsloser Windhauch bleiben.

Die Hitlersche Barbarei kann nur ein bewußter und kriegerischer Humanismus ideologisch wirksam bekämpfen. Nur wo die reaktionären Wurzeln der Weltanschauung bis zur letzter Faser aus Gedanken und Gefühlen ausgerottet werden, kann ein ideologischer Kampf gegen den Faschismus wirksam sein. Wer einmal die gedanklichen und gefühlsmäßigen Prämissen des faschistischen Mythos, die Verachtung der Vernunft, die Antiwissenschaftlichkeit, den Irrationalismus etc., als Grundlage akzeptiert - und große Teile der Elite der deutschen Intelligenz haben diese Grundlagen nicht nur akzeptiert, sondern zu legen geholfen -, kann unmöglich gegen die faschistische Ideologie mit Aussicht auf Erfolg kämpfen, muß gegen ihn gedanklich wehrlos dastehen.

Verachte nur Vernunft und Wissenschaft,  
Des Menschen allerhöchste Kraft,  
...  
So hab ich dich schon unbedingt -

sagt Goethes Mephistopheles über den verzweifelden Faust.

Es klingt für manche vielleicht als übertrieben zugespitzt, ja als historische Ungerechtigkeit, wenn wir einen Schopenhauer oder Nietzsche, einen Max Weber oder Stefan George hier als

apenas com que este se sustém intelectualmente ou esteticamente muito mais profundo do que os mitos criados por ela mesma, ou que Hitler como “*Führer*” não possui o significado moral e espiritual de um Spengler, que o “*carisma de Führer*” de Stefan George é mais verdadeiro do que o de Hitler, que a teoria da “*raça superior*” de Nietzsche ou de Spengler é mais criteriosa e mais espirituosa do que a teoria da raça de Rosenberg etc., — assim a *intelligentsia* permanece completamente indefesa contra a propaganda de Hitler. Uma vez que ela contrapõe as pré-formas em brotamento, não-desenvolvidas do desenvolvimento ideológico reacionário com sua floração venenosa completamente desenvolvida. Poderia ter sido ainda mais sincero o horror de muitos intelectuais alemães, quando enxergaram a essência de sua própria concepção de mundo na forma diabolicamente ultrajante da barbárie maciça e em massa de Hitler, este horror teve de permanecer um sopro silencioso e sem efeito em relação ao sopro da barbárie de Hitler.

Apenas um humanismo consciente e aguerrido pode combater de modo ideologicamente efetivo a barbárie de Hitler. Uma luta ideológica contra o fascismo pode ser efetiva somente onde as raízes reacionárias da concepção de mundo são erradicadas até o último filamento do pensamento e do sentimento. Quem uma vez aceitou as premissas mentais e emocionais do mito fascista, o desprezo pela razão, a anticientificidade, o irracionalismo, etc. como base — e grande parte da elite da *intelligentsia* alemã não apenas aceitou estas bases, mas ajudou a assentá-las —, está impossibilitado de lutar contra a ideologia fascista com perspectiva de êxito, pois deve estar mentalmente indefeso contra ela.

Despreza somente a razão e a ciência,  
a força suprema do ser humano,  
...  
Então serás meu a todo custo -

diz Mefistófeles de Goethe sobre o Fausto desesperado.

Soar para alguns talvez como exageradamente agravado, mesmo como injustiça histórica, se tratarmos aqui um Schopenhauer ou um Nietzsche, um Max Weber ou um Stefan George como



Wegbereiter des Versinkens Deutschlands in die Barbarei behandeln. Persönlich waren die meisten von ihnen nichts weniger als Barbaren. Im Gegenteil. Hochgebildete, kultivierte Intellektuelle, die ein langes und reiches Leben mit asketischer Selbstzucht ihrem Werk widmeten, die in selbstloser Weise ihre persönlichen Interessen der Verkündigung ihrer Überzeugung unterordneten. Aber im geschichtlichen Leben entscheidet nicht die Absicht, sondern das objektive Ergebnis der geleisteten Tat. Und diese Tat war die allmähliche Destruktion der humanistischen Weltanschauung in Deutschland. Eine Destruktion, die auf allen Gebieten des Denkens und des Fühlens, der Wissenschaft und der Kunst vor sich ging und alle Vernunft- und gefühlsmäßigen Dämme dem Einbruch der Barbarei gegenüber untergrub, ja alle Elemente der Weltanschauung zusammentrug, aus denen dann Hitler und Rosenberg mit grob demagogischer Hand ihren volksverderbenden, volksverpestenden Mythos zusammenzimmerten. Dieser Zusammenhang ist dem aufmerksamen Leser im Laufe unserer Erörterungen sicher bereits klar geworden. Damit es jedoch vollständig deutlich werde, daß der Faschismus die vorangegangene reaktionäre ideologische Entwicklung nicht einfach mißbrauchte, sondern im Gegenteil bloß mit demagogischer Theorie und schreckenerregender Praxis jenen barbarischen Kern herausarbeitete, der in ihr unter ästhetisch anziehenden, interessanten und geistreichen Formulierungen verborgen, aber in ständigem Wachsen begriffen war, wollen wir diesen Zusammenhang nur noch an einem wichtigen Punkt darlegen.

Wir meinen das Problem der Gleichberechtigung der Menschen und der Nationen. Für den klassischen deutschen Humanismus war diese Gleichheit eine Selbstverständlichkeit. Ist er doch unter dem Einfluß der Vorbereitungen zur Französischen Revolution und dieser selbst groß geworden, hat er doch die großen Gedanken und Gefühle dieser Epoche in denkerischen und dichterischen Formen erfaßt und in ihrer wahren Dialektik wiedergegeben. Wir erinnern den Leser nur daran, daß Hegel schon in der Erkenntnistheorie gegen den Aristokratismus der Romantik auftrat, die zwischen Mensch und Mensch prinzipiell unüberwindbare Schranken der qualitativen Ungleichheit (die mit der faktischen Ungleichheit von Begabung oder Bildung nicht zu verwechseln ist) gesetzt hat.

precursores do afundamento da Alemanha na barbárie. Pessoalmente, a maioria deles eram nada menos do que bárbaros. Pelo contrário. Intelectuais muito educados e cultos que dedicaram uma longa e rica vida à sua obra com abnegação ascética, que de modo altruísta subordinaram seus interesses pessoais à proclamação de suas convicções. Mas, na vida histórica, decide não a intenção, mas o resultado objetivo da ação realizada. E esta ação foi a destruição gradual da concepção de mundo humanista na Alemanha. Uma destruição que ocorreu em todos os âmbitos do pensar e do sentir, da ciência e da arte, e minando todas, razão e represas emocionais, diante do fracasso da barbárie, reuniu todos os elementos da concepção de mundo, a partir da qual, depois, Hitler e Rosenberg, com mão grosseiramente demagógica, construíram juntos seu mito corruptivo e poluidor do povo. Esta conexão certamente já se tornou clara para o leitor atento no decorrer de nossas discussões. No entanto, para que se torne inequívoco, com isso, que o fascismo não abusou simplesmente do desenvolvimento ideológico reacionário anterior, mas, ao contrário, compensando-se daquele núcleo bárbaro unicamente com a teoria demagógica e a práxis apavorante, ocultas nele sob formulações esteticamente atrativas, interessantes e espirituosas, mas que estava em constante crescimento, queremos explicar esta conexão apenas em um ponto importante.

Referimo-nos ao problema da igualdade de direitos entre os seres humanos e as nações. Para o humanismo clássico alemão, esta igualdade era uma coisa natural. Tendo crescido sob a influência dos preparativos para a Revolução Francesa e da mesma, ela captou as grandes ideias e sentimentos desta época em formas pensantes e poéticas e os reproduziu em sua verdadeira dialética. Recordamos ao leitor apenas que Hegel já se comportava na teoria do conhecimento contra o aristocratismo do romantismo, que em princípio pôs barreiras intransponíveis de desigualdade qualitativa (que não é confundida com a desigualdade factual do talento ou de educação) entre ser humano e ser humano.

Diese Überzeugung durchdringt den ganzen klassischen deutschen Humanismus. Die Ausbreitung der Freiheit, die Entstehung eines Gesellschaftszustandes der Freiheit für alle ist der Sinn der Hegelschen Geschichtsphilosophie.

Daß diese Freiheit und Gleichheit problematische Begriffe einer bestimmten historischen Entwicklungsphase der Menschheit sind, wissen wir längst. Daß diese Freiheit und Gleichheit dementsprechend den Stempel einer gesellschaftlich-geschichtlichen Beschränktheit an sich tragen, ist ebenfalls keine neue Entdeckung. Wenn aber die marxistische Weltanschauung gedanklich, wenn der Sozialismus praktisch über diese Vorstellungen, über den Gesellschaftszustand, der diese Vorstellungen hervorgebracht hat, hinausgeht, so stellt er die Freiheit und die Gleichberechtigung der Menschen und der Nationen auf einer höheren Stufe her, auf welcher die Widersprüche der Periode des klassischen Humanismus aufgehoben worden sind.

Besitzen aber auch diese Ideale des klassischen deutschen Humanismus keineswegs jene Endgültigkeit oder Ewigkeit die sie in der Einbildung ihrer Verkünder besaßen, so bezeichnen sie doch eine notwendige fortschrittliche Entwicklungsstufe der Menschheit in ihrer Entfernung von der Barbarei, in ihrer gesellschaftlichen Überwindung der Überreste der Barbarei. Bei aller ihrer Widersprüchlichkeit, bei aller ihrer Notwendigkeit, überwunden, aufgehoben zu werden, bedeuten sie doch etwas in dem Zivilisierungsprozeß der Menschheit.

Der gemeinsame Grundgedanke jener reaktionären Ideologien Deutschlands, deren Entwicklung wir hier kurz skizziert haben, besteht nun gerade in der Destruktion der Vorstellung von der Gleichheit und Gleichberechtigung [der] Menschen und Völker. Bei Schopenhauer handelt es sich nur noch um den romantischen Geniekult, um das Hinausgehobensein des Genies über alle Schranken der übrigen misera plebs. Bei Nietzsche verdichtet sich bereits dieser Aristokratismus zu einer Geschichtsphilosophie, in welcher zwei Rassen von Menschen einander gegenüberstehen, die innerlich nichts mehr miteinander zu tun haben, für die es eigentlich schon unrichtig ist, den gemeinsamen Begriff der Menschheit auf sie anzuwenden. Die höhere Rasse ist von Ewigkeit her zum

Essa convicção penetra todo o humanismo clássico alemão. A difusão da liberdade, o surgimento de um estado social de liberdade para todos é o sentido da filosofia hegeliana da história.

Que esta liberdade e esta igualdade são conceitos problemáticos de uma determinada fase do desenvolvimento histórico da humanidade, há muito tempo sabemos. Que esta liberdade e esta igualdade correspondente portem o selo de uma estreiteza de espírito histórico-social, não é igualmente uma nova descoberta. Mas quando a concepção de mundo mentalmente marxista, quando o socialismo ultrapassa praticamente estas representações, este estado social que produziu essas representações, então ele põe a liberdade e a igualdade de direitos dos seres humanos e das nações em um nível mais elevado, no qual as contradições do período do humanismo clássico foram sendo superadas.

Mas mesmo estes ideais do humanismo clássico alemão não possuem de modo algum aquela peremptoriedade ou eternidade que eles possuíam na imaginação de seus proclamadores, porquanto designam um patamar progressista necessário de desenvolvimento da humanidade em seu distanciamento da barbárie, em sua ultrapassagem social dos resquícios da barbárie. Com todas as suas contraditoriedades, por todas as suas necessidades a serem ultrapassadas, a serem superadas, elas também significam algo no processo de civilização da humanidade.

A ideia fundamental em comum naquelas ideologias reacionárias da Alemanha, cujo desenvolvimento esboçamos aqui brevemente, consiste precisamente na destruição da representação pela igualdade e igualdade de direitos dos seres humanos e dos povos. Com Schopenhauer, trata-se ainda apenas do culto romântico do gênio, da elevação do gênio acima de todas as barreiras dos demais misera plebs. Com Nietzsche, este aristocratismo já se condensa em uma filosofia da história, na qual duas raças de seres humanos se enfrentam reciprocamente, que interiormente nada mais têm a ver uma com a outra, para as quais na verdade já é incorreto aplicar o conceito comum de humanidade. A raça superior está determinada desde a eternidade para

Herrschen, die niedere zum Dienen bestimmt. Jeder Versuch, diese naturgewollte Hierarchie, diese naturgewollte qualitative Zweiteilung zu durchbrechen, ist eine Sünde an der Höherentwicklung des Menschengeschlechts. Der Übermensch als Sinn der Menschheitsentwicklung, herrschend über eine geduldige Herde von willenlosen Sklaven: hier ist in der poetisch gehobenen Prosa des „Zarathustra“, in den geistsprühenden Aphorismen des „Willens zur Macht“ jener reaktionäre Gedanke bereits klar ausgesprochen, der später zur Parole des viehischen Wütens der Hitlerbanden von der Ermordung von Klassenkämpfern vor der Machtergreifung über Reichstagsbrand, Folterkeller der Gestapo bis zu den Vernichtungslagern geführt hat. Diese qualitative Steigerung des Nietzscheschen Gedankens von der prinzipiellen Ungleichheit der beiden Rassen - mag diese Ungleichheit sich in Menschen oder in Völkern verkörpern - wurde in der nach-nietzscheschen Philosophie immer weiter vertieft und versteift, [wo] bei sich der rassistische Aristokratismus, die rassistische Trennung der Menschheit in zwei ideologisch(e) und psychologisch völlig verschiedene Arten zum Dogma konstituiert hat. Freilich, solange es sich nur um Bücher und Vorträge, um Salongespräche etc. handelte, konnten die verheerenden Konsequenzen dieser Ideologie nur im Privatleben relativ kleiner Kreise, nur im gesellschaftlichen Verkehr der Menschen untereinander zutage treten, und ihr barbarischer Kern blieb durch die intellektuelle und ästhetische Verfeinerung des betreffenden Kreises verhüllt.

Wenn aber der Faschismus mit dieser Lehre von der prinzipiellen Ungleichheit der Menschen, der Menschenrassen und der Völker praktisch auftrat; wenn der Übermensch nicht nur mit langer Mähne im Kaffeehaus saß und dort verworrene Gespräche ohne praktische Konsequenzen führte, sondern als peitscheschwingender SS-Mann im Konzentrationslager an den besten Söhnen des deutschen Volks den qualitativen Unterschied der reinen und unreinen, der höheren und niedrigen Rassen vordemonstrierte; wenn die Spenglersche monadenhafte, solipsistische Struktur der „Kulturkreise“, ihre völlige Beziehungslosigkeit zueinander in Reichenaus Armeebefehl die Formulierung erhielt, daß die sogenannten Kulturwerte des russischen Volks seitens der deutschen Armee keine Be-

o dominar, a inferior para o servir. Qualquer tentativa de romper esta hierarquia natural-propositada, esta dicotomia qualitativa natural-propositada, é um pecado contra o desenvolvimento ascendente da humanidade. O super-humano como o sentido do desenvolvimento humano, dominante sobre um rebanho paciente de escravos sem vontade: aqui, na prosa poeticamente elevada de “Zarathustra”, nos aforismos espirituosos da “vontade de poder”, aquele pensamento reacionário já está claramente articulado, o que mais tarde levou ao lema da raiva brutal dos bandos de Hitler, do assassinato de combatentes de classe antes da tomada do poder, passando pelo incêndio do *Reichstag*, pelos porões de tortura da Gestapo até os campos de extermínio. Este incremento qualitativo do pensamento de Nietzsche pela desigualdade de princípio das duas raças — quer esta desigualdade se personifique em seres humanos ou nos povos — foi ainda mais aprofundado e reforçado na filosofia pós-nietzschiana, na qual o aristocratismo racial, a separação racial da humanidade em duas espécies ideológica e psicologicamente inteiramente diferentes, se constituiu num dogma. No entanto, enquanto se tratava apenas de livros e palestras, discussões de salão, etc., as consequências devastadoras desta ideologia somente podiam aflorar na vida privada de círculos relativamente pequenos, somente na circulação social das pessoas entre si, e seu núcleo bárbaro permaneceu velado pelo refinamento intelectual e estético do referido círculo.

Mas quando o fascismo apareceu na prática com essa doutrina da desigualdade de princípio dos seres humanos, das raças humanas e dos povos; quando o super-homem não só se sentou na cafeteria com uma longa madeixa e ali conduziu conversas confusas sem consequências práticas, mas com o chicote empunhado do homem-SS no campo de concentração para os melhores filhos do povo alemão, demonstrou antes a diferença qualitativa do puro e do impuro, das raças superiores e inferiores; quando a estrutura monádica e solipsista spengleriana dos “círculos culturais”, sua completa relacionalidade entre si, recebeu a formulação da ordem do exército de Reichenau, que os chamados valores culturais do povo russo não mereciam nenhuma

rücksichtigung verdienen und unbarmherzig zerstört werden müssen, um das Ziel, „die Ausrottung des asiatischen Einflusses auf den europäischen Kulturkreis“<sup>12</sup>, zu verwirklichen, usw. usw. bis ins Unendliche - dann ist eine in der Menschheitsgeschichte noch nie vorhandene Barbarei offenbar geworden. Sie ist aber offenbar geworden als der ins praktische Leben herausgetretene Kern jener Destruktion des Humanismus, [in deren] Zeichen Deutschland seit der philosophischen Herrschaft Schopenhauers für die Reaktion des imperialistischen Europas maßgebend gewesen ist.

Daß die faschistische Barbarei nicht nur eine quantitativ Steigerung eines jeden bisher vorhandenen weißen Terror vorstellt, sondern etwas in dieser Hinsicht qualitativ Neues und Unerhörtes ist, ist - gerade in diesem Zusammenhang - an [ihrer] Stellung zur Religion leicht ersichtlich. Es gab in der Menschheitsgeschichte wiederholt reaktionäre Regimes, die im Namen einer Religion andere Religionen rücksichtslos verfolgten. Der Faschismus ist, wie wir gesehen haben, der Erbe der religionslosen, „religiös-atheistischen“ Tendenzen der höheren reaktionären Ideologie, bindet sich deshalb an keine der vorhandenen positiven Religionen. Daß dieser scheinbare Fortschritt in Wirklichkeit ein Schritt in die tiefste Barbarei ist, kann daraus ersehen werden, daß unter dem faschistischen Regime nicht nur die Juden, sondern auch die Katholiken und später sogar die Protestanten einer despotischen Religionsverfolgung unterworfen wurden.

Es ist nun sehr interessant, zu verfolgen, wie diese Konflikte mit der von uns behandelten Frage der Gleichberechtigung der Menschen oder ihrer rassenmäßigen qualitativen Einteilung in Übermenschen und Untermenschen zusammenhäng[en]. Die katholische Kirche Deutschlands erlitt vielfach die faschistischen Verfolgungen deshalb, weil sie sich weigerte unter ihren Mitgliedern den vom Faschismus geforderten Unterschied der Rassen anzuerkennen. Sie vertrat den Standpunkt, daß alle Katholiken vor Gott gleich wären, daß es vor Gott keine höheren und niedrigeren Rassen gäbe, einen Standpunkt, auf welchen der Hitlerismus nur mit Terror zu antworten vermochte. Es ist also vollkommen klar, daß im Kampf mit dem Faschismus die Katholiken Deutschlands eine bestimmte Stufe der humanistischen Entwicklung der

consideração do exército alemão e tiveram de ser cruelmente destruídos para realizar o objetivo da “erradicação da influência asiática no círculo cultural europeu”<sup>12</sup>, etc., etc., até o infinito —, então uma barbárie nunca antes existente na história da humanidade tornou-se evidente. Mas ela se tornou evidente como o núcleo daquela destruição do humanismo que sai à vida prática, em cujo sinal a Alemanha foi decisiva para a reação da Europa imperialista desde o domínio filosófico de Schopenhauer.

Que a barbárie fascista não só apresenta um incremento quantitativo de qualquer Terror Branco até agora existente, mas é algo, a este respeito, qualitativamente novo e inaudito, é — justamente neste contexto — claramente evidente por sua posição sobre a religião. Houve repetidos regimes reacionários na história da humanidade que perseguiram desconsideradamente outras religiões em nome de uma religião. O fascismo, como vimos, é o herdeiro das tendências não-religiosas, “religioso-atéistas” da ideologia reacionária mais elevada e, por isso, não se vincula a nenhuma das religiões positivas existentes. Que este aparente progresso é na realidade um passo para a mais profunda barbárie, depreende-se de que sob o regime fascista não apenas os judeus, mas também os católicos, e mais tarde até mesmo os protestantes, foram submetidos a uma despótica perseguição religiosa.

É muito interessante agora acompanhar como estes conflitos se relacionam com a nossa questão da igualdade de direitos do ser humano ou sua divisão racial qualitativa em super-humano e sub-humano. A Igreja Católica da Alemanha sofreu múltiplas perseguições fascistas porque se recusou a consagrar entre seus membros a diferença racial exigida pelo fascismo. Ela defendia o ponto de vista de que todos os católicos eram iguais perante Deus, que não havia raças superiores e inferiores perante Deus, um ponto de vista ao qual o hitlerismo só seria capaz de responder com terror. Portanto, é absolutamente evidente que na luta contra o fascismo, os católicos da Alemanha sustentaram um determinado patamar de desenvolvimento humanista da

<sup>12</sup> Walther von Reichenau Armeebefehl, Prawda, 15 Januar 1942 (russ.).

<sup>12</sup> Comando do exército de Walther von Reichenau, Prawda, 15 de janeiro de 1942 (russo).

Menschheit der einbrechenden Barbarei gegenüber verteidigten, daß der „religionslose“ Standpunkt der Hitleriten im Falle dieses Sieges die Menschheit Jahrhunderte hinter jene Stufe zurückwerfen würde, die mit der christlichen Religion errungen wurde.

Die Menschheitsentwicklung hat jahrtausendlang um diesen humanistischen Gedanken gerungen. Schon zur Zeit des ökonomischen Bestands der Sklaverei haben die edelsten und weitestblickenden Humanisten eine Ahnung von der Gleichberechtigung aller Menschen gehabt. Die christliche Gleichheit der Menschen vor Gott ist als allgemein verbreitete Lehre ein weiterer Schritt in der Humanisierung gewesen, sowenig sie imstande und auch gewillt war, daraus praktische Konsequenzen für das irdische, für das ökonomische und politische Leben zu ziehen und die dort vorhandene ständische Ungleichheit auch nur anzutasten.

Mit den bürgerlich-demokratischen Revolutionen ist der Gedanke der Gleichberechtigung der Menschen irdisch geworden: zur Gleichheit der politischen Rechte, zur Gleichheit vor dem Gesetz etc. Daß damit die ökonomischen und sozialen Privilegien unangetastet blieben, daß die faktische ökonomische und soziale Nichtgleichberechtigung der Menschen erst in der vollendeten Demokratie der bürgerlichen Gesellschaften ihre Widersprüche in reiner Form, auf höchster Stufe entfaltet hat, bildet das große Problem des Weitergehens der Menschheit über die politische Demokratie hinaus (und damit auch über den Horizont des klassischen Humanismus).

Diese Widersprüche bilden die reale soziale Grundlage für jene Krise der demokratischen Ideologie, die bereits nach der großen Französischen Revolution beginnt und die ihren Gipfelpunkt gerade in der imperialistischen Zeit erreicht. Wir haben gesehen, daß sowohl alle von uns behandelten führenden reaktionären Ideologen Deutschlands von Schopenhauer bis zu den unmittelbaren Vorläufern des Faschismus, unmittelbar oder vermittelt, bewußt oder unbewußt, an diese Krise der demokratischen Entwicklung, der demokratischen Ideologie anknüpfen und ihre Wirkungen der aus dieser Krise entspringenden Enttäuschung verdanken.

Auch hier sind die Verbindungslinien des Faschismus mit den reaktionären Ideologien der früheren deutschen Entwick-

humanidade contra a barbárie que irrompe, que o ponto de vista “sem religião” dos hitleristas, no caso desta vitória, faria a humanidade regressar séculos atrás do estágio que foi alcançado com a religião cristã.

O desenvolvimento da humanidade tem lutado durante milênios por este pensamento humanístico. Mesmo no período da existência econômica da escravidão, os mais nobres e mais clarividentes humanistas tinham uma noção da igualdade de direitos de todos os seres humanos. A igualdade cristã dos seres humanos perante Deus, como doutrina geral difundida, foi mais um passo na humanização, por pouco que ela fosse capaz e estivesse disposta a fazer para arrancar daí consequências práticas, para a vida terrenal, para a vida econômica e política, e até mesmo violar a desigualdade permanente ali existente.

Com as revoluções democrático-burguesas, a ideia de igualdade de direito dos seres humanos tornou-se terrenal: para a igualdade dos direitos políticos, para a igualdade perante a lei, etc. Que os privilégios econômicos e sociais permaneceram intocados, que a não-igualdade de direitos econômica e socialmente factual dos seres humanos apenas na democracia acabada das sociedades burguesas desenvolveu suas contradições em forma pura, no mais alto nível, mostra o grande problema do prosseguir futuro da humanidade além da democracia política (e, com isso, também além do horizonte do humanismo clássico).

Estas contradições formam a verdadeira base social para aquela crise da ideologia democrática que já começa após a grande Revolução Francesa e que atinge seu auge precisamente no período imperialista. Vimos que todos os dirigentes ideólogos reacionários da Alemanha, desde Schopenhauer até os precursores imediatos do fascismo com que lidamos, imediata ou mediadamente, consciente ou inconscientemente, atam-se a esta crise do desenvolvimento democrático, da ideologia democrática, e devem seus efeitos ao desapontamento nascente desta crise.

Também aqui as linhas de enlace do fascismo com as ideologias reacionárias do desenvolvimento alemão anterior são

lung leicht ersichtlich. Vor allem bei Nietzsche ist eine solche Vereinigung von Pseudomodernität und Rückschrittlichkeit, eine solche reaktionäre Exploitation der Krise der Demokratie festzustellen. Er ist Atheist; er widmet eines seiner Bücher dem Andenken Voltaires; er bekämpft leidenschaftlich das Christentum und bezeichnet sich sogar als den Antichrist. Betrachtet man jedoch seine Kritik des Christentums auf ihre Argumentation hin, so sieht man, daß er deshalb ein unversöhnlicher Feind des Christentums ist, weil er in ihm den historischen Vorläufer der demokratischen Weltanschauung erblickt. In beiden haßt er die Herrschaft des Pöbels, des pöbelhaften Ressentiments, die Kraft, die die aristokratische Kultur, das natürliche hierarchische Übergewicht der höheren Rasse sozial und ideologisch zersetzt etc. Wir sehen also, daß, wenn der Faschismus das Christentum als Träger des Gleichheitsgedankens bekämpft, wenn er im Zusammenhang eines allgemeinen Pogroms gegen demokratische Ideen und Institutionen Christenverfolgungen einleitet, er auch hier reaktionäre Gedanken Nietzsches in eine barbarische Praxis umsetzt. Wir haben aber ebenfalls gesehen, wie sehr diese Krise den Ausgangspunkt für die faschistische Demagogie, für die nationale wie für die soziale, bildet.

Wenn wir nun die ganze historische Entwicklung einen Augenblick ausschließlich vom Standpunkt dieses Problems der Gleichheit oder Ungleichheit von Menschen oder Völkern betrachten, so ist es klar ersichtlich, daß [es] aus der Krise der Demokratie, des demokratischen Gedankens für die Menschheit zwei Wege gibt, einen nach vorwärts - und einen nach rückwärts in die tiefste Barbarei. Um Mißverständnisse zu vermeiden, sei hier gleich gesagt, daß jener Weg nach vorwärts nicht ausschließlich und keineswegs unmittelbar der Weg zur Verwirklichung des Sozialismus sein muß. Freilich läßt sich unter den Bedingungen des Imperialismus die große Französische Revolution, deren heroische Großartigkeit tief mit der Unentwickeltheit des Kapitalismus und dementsprechend der Klassengegensätze zusammenhängt, nicht einfach wiederholen. Es wäre aber eine Blindheit und Beschränktheit, nicht zu sehen, daß etwa die Demokratie der spanischen oder chinesischen Revolutionen ein wichtiger Schritt nach vorwärts gewesen ist, daß jene „Demokratie besonderer Art“, die der linke

facilmente visíveis. Sobretudo com Nietzsche, verifica-se uma tal união de pseudo-modernidade e regressividade, uma tal exploração reacionária da crise da democracia. Ele é ateu; dedica um de seus livros à memória de Voltaire; combate apaixonadamente o cristianismo e se designa até mesmo como anticristo. No entanto, se se observa sua crítica do cristianismo em sua argumentação, vê-se que ele é um inimigo irreconciliável do cristianismo porque enxerga neste o precursor histórico da concepção de mundo democrática. Em ambos, ele detesta o domínio da plebe, o ressentimento da plebe, a força que desintegra social e ideologicamente a cultura aristocrática, a preponderância hierárquica natural da raça superior, etc. Vemos, então, que quando o fascismo combate contra o cristianismo como portador da ideia de igualdade, quando inicia a perseguição aos cristãos em conexão com um *pogrom* geral contra ideias e instituições democráticas, também aqui põe em prática bárbara as ideias reacionárias de Nietzsche. Vimos igualmente o quanto esta crise constitui o ponto de partida para a demagogia fascista, tanto nacional quanto social.

Se agora observarmos todo o desenvolvimento histórico por um momento, tão somente do ponto de vista deste problema de igualdade ou desigualdade dos seres humanos ou dos povos, é evidente que há dois caminhos para fora da crise democracia, da ideia democrática para a humanidade: um para diante — e outro para trás, para a mais profunda barbárie. Para evitar mal-entendidos, seja logo dito, que qualquer caminho adiante não deve ser exclusivamente e de maneira alguma imediatamente o caminho para a realização do socialismo. Certamente, sob as condições do imperialismo, a grande Revolução Francesa, cuja grandiosidade heroica está profundamente relacionada com o subdesenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, das oposições de classe, não pode ser simplesmente repetida. Mas seria uma cegueira e estreiteza de espírito não ver que, por exemplo, a democracia das revoluções espanhola ou chinesa foi um passo adiante importante, que a “democracia de tipo especial” que a ala

Flügel der spanischen Volksfront erstrebte, auch für die Demokratie außerordentliche Entwicklungsperspektiven bot. Aus dieser Weltlage ergibt sich, daß der klassische Humanismus gerade heute eine ungeheure weltanschauliche und politische Aktualität besitzt, als die höchste vorsozialistische Formulierung der Gleichheit und Gleichberechtigung von Menschen und Völkern.

Die Unzufriedenheit der besten Geister Europas mit den Schranken und Widersprüchen der bloß politischen Gleichheit der Menschen, die spontane Unzufriedenheit breiter Volksschichten mit den im Alltagsleben erdrückend fühlbar gewordenen Konsequenzen dieser Widersprüche bildet die Grundlage zu jenen antikapitalistischen, antibürgerlichen Stimmungen der Massen, an die, wie wir gesehen haben, die faschistische Propaganda angeknüpft hat. Und gerade hier können wir sehen, wie die nationale und soziale Demagogie des Faschismus die besten, wenn auch verworrenen Gefühle ehrlich empfindender Massen ins barbarische Gegenteil verkehrt hat, indem sie sie von der Unbefriedigtheit mit einer historisch relativen, aber historisch hohen Stufe der Gleichberechtigung der Menschen zu barbarischen Dogmen der tierischen Ungleichheit zurückgeworfen hat. Die faschistische Demagogie hätte aber dieses Werk unmöglich oder wenigstens unmöglich so leicht vollziehen können, wenn in der ideologischen Entwicklung Deutschlands die Kritik der bürgerlichen Gleichheit der Menschen nicht zu einer breiten und vielseitigen Untergrabung, Unterwühlung des humanistischen Gleichheitsgedankens der deutschen Klassik geführt hätte.

Freilich hat der Faschismus in seiner Lehre von der biologischen Ungleichheit der Menschenrassen und in der Verkündigung der politischen und sozialen Konsequenzen dieser Destruktion der Gleichberechtigung auch jene brutal-chauvinistischen Schlagworte sich zu eigen gemacht, die die Reaktion alten Stils propagierte. In dieser völligen Verschmelzung von feinerer und gröberer, von intellektuell höherer und niedrigerer reaktionärer Ideologie kommt die von uns jetzt hervorgehobene praktische Entlarvung des reaktionären Charakters der deutschen ideologischen Entwicklung von Schopenhauer über Nietzsche ganz klar zum Vorschein. Nietzsche konnte persönlich den bornierten Nationalismus etwa eines Treitschke tief

esquerda da Frente Popular espanhola ambicionava também oferecia para a democracia perspectivas de desenvolvimento extraordinárias. Desta situação mundial resulta que o humanismo clássico, especialmente hoje, possui uma enorme atualidade ideológica e política como a mais alta formulação pré-socialista da igualdade e da igualdade de direitos dos seres humanos e dos povos.

A insatisfação dos melhores espíritos da Europa com as barreiras e contradições da mera igualdade política dos seres humanos, a insatisfação espontânea das amplas camadas do povo com as consequências dessas contradições, que se tornaram esmagadoramente palpáveis na vida cotidiana, constitui a base para esses estados de ânimo anticapitalistas, antiburgueses das massas, nas quais, como vimos, a propaganda fascista incentivou. E precisamente aqui podemos ver como a demagogia nacional e social do fascismo inverteu os melhores sentimentos, ainda que confusos, sinceramente sentidos pelas massas, num oposto bárbaro, ao lançá-las de volta da insatisfação com um patamar historicamente relativo, mas historicamente elevado da igualdade de direitos dos seres humanos, para os dogmas bárbaros da desigualdade animal. Mas a demagogia fascista não teria podido, ou pelo menos não facilmente, realizar esta obra se no desenvolvimento ideológico da Alemanha a crítica à igualdade burguesa dos seres humanos não tivesse conduzido a um amplo e multifacetado desmorroneamento, minando a ideia humanista de igualdade do classicismo alemão.

Certamente o fascismo, em sua doutrina da desigualdade biológica das raças humanas e em sua proclamação das consequências políticas e sociais dessa destruição da igualdade de direitos, também adotou aqueles bordões brutalmente chauvinistas que propagaram a reação do estilo antigo. Nesta fusão completa do mais fino e do mais grosseiro, do intelectualmente mais elevado e do mais rasteiro da ideologia reacionária, emerge o desmascaramento prático do caráter reacionário do desenvolvimento ideológico alemão de Schopenhauer a Nietzsche, por nós agora enfatizado. Nietzsche, pessoalmente, poderia desprezar profundamente o nacionalismo tacanho, por exemplo, de um Treitschke;

verachten; der Stefan-George-Kreis nahm von der Rassenpropaganda eines Chamberlain oder Bartels in hochmütiger Weise überhaupt keine Kenntnis usw. Wenn aber die faschistische Theorie und Praxis Treitschke und Nietzsche, George und Chamberlain „synthetisiert“, so ist das zwar, rein theoretisch betrachtet - wie alles, was der Faschismus tut -, eine eklektische Vermischung, es ist aber die eklektische Vermischung auf Grundlage gleichgerichteter - wenn auch oft unbewußt gebliebener - sozialer Tendenzen, gleichgerichteter Elemente der Ideologie. Und in der faschistischen Praxis verschmelzen diese Elemente in dem einheitlich verheerender Lavastrom der fürchterlichsten und kulturvernichtendster Barbarei, die die Menschheit je erlebt hat.

Denn diese Vermischung der verschiedenartigen reaktionären Ströme, worin ihr einheitlicher reaktionärer Charakter als ihr nacktes, rein auf die soziale Praxis bezogenes Wesen zutage tritt, ist mehr als eine einfache Vereinigung, sie bringt vielmehr auf beiden Seiten eine gesteigerte moralische Zerrüttung hervor. Die alte reaktionäre Ideologie hat auf der einen Seite eine brutale ständische Ungleichheit der Menschen und eine chauvinistische Mißachtung der fremden Völker gepredigt, sie hat aber versucht, auf der anderen Seite die alten, bornierten moralischen Sitten der vorkapitalistischen Gesellschaft, die Sittlichkeit des Dorfes, die Standesehre der Beamten, Offiziere etc., aufzubewahren und der notwendigen kapitalistischen Zersetzung gegenüber zu verteidigen. Die sogenannten höheren reaktionären Ideologien sind, wie wir wiederholt gezeigt haben, in allen Fragen der Moral mit der dekadenten, relativistischen Zersetzung einer jeden Sittlichkeit aufs innigste verknüpft, beschleunigen gedanklich diesen Zersetzungsprozeß, vertiefen ihn intellektuell durch ihren auf die Moral angewendeten nihilistischen Relativismus. Die gewiß zahlreichen persönlich anständigen Menschen innerhalb dieser Tendenzen, die weder zum Zynismus noch zur Heuchelei herabgesunken sind, haben ihr sittliches Antlitz, ihr persönlich-sittliches Verhalten zum Leben theoretisch nur durch ein mystisches Salto mortale zu retten versucht und vermocht (Der „Führerkult“ bestimmter intellektueller Kreise ist, wie wir gezeigt haben, eine besonders ausgeprägte Form dieses Salto mortale.)

o círculo-Stefan-George, presunçosamente, não tomou conhecimento da propaganda racial de um Chamberlain ou um Bartels etc. Mas, quando a teoria e a prática fascistas “sintetizam” Treitschke e Nietzsche, George e Chamberlain, então isto, considerado apenas teoricamente — como tudo que o fascismo faz —, é uma mistura eclética, porém é a mistura eclética na base unidirecional de tendências sociais — ainda que permanecendo muitas vezes inconscientes —, elementos unidirecionais da ideologia. E na prática fascista, estes elementos se fundem no rio de lava uniformemente devastador da mais horrível e culturalmente destrutiva barbárie que a humanidade já vivenciou.

Pois esta mistura das mais variadas correntes reacionárias, nas quais seu caráter reacionário unitário aflora como sua essência nua, puramente orientada para a prática social, é mais do que uma simples união, ela produz antes em ambos os lados um maior arruinamento moral. A velha ideologia reacionária pregou, por um lado, uma brutal desigualdade permanente dos seres humanos e um desprezo chauvinista pelos povos estrangeiros, mas, por outro lado, tentou conservar os velhos e limitados costumes morais da sociedade pré-capitalista, a moralidade do povoado, a reputação dos funcionários, oficiais, etc., e defendê-los contra a necessária decomposição capitalista. As ideologias reacionárias ditas superiores, como temos mostrado repetidamente, estão intimamente ligadas, em todas as questões da moral, com a decomposição decadente e relativista de toda moralidade, aceleram mentalmente este processo de decomposição, aprofundam-no intelectualmente através de seu relativismo niilista aplicado à moral. Os seres humanos, certamente numerosos, pessoalmente decentes, dentro destas tendências, que não afundaram no cinismo ou na hipocrisia, tentaram e conseguiram teoricamente salvar sua face moral, seu comportamento pessoal e moralmente para com a vida apenas através de um salto mortale místico (o “culto do *Führer*” de determinados círculos intelectuais é, como temos mostrado, uma forma particularmente pronunciada deste *salto mortale*).



Indem der Faschismus diese beiden Tendenzen synthetisiert, vereinigt er die vorkapitalistische Borniertheit mit der dekadenten Zersetzung, schafft einen widerlich penetranten Geruch aus Stalldüngen und raffiniertem Parfüm. Die Praxis der Faschisten bringt notwendigerweise überall die denkbar größte Korruption hervor. Indem zur Verteidigung dieser Korruption einerseits die Wiederherstellung der alten „arteigen germanischen“ Sitten gepredigt wird, andererseits jeder Schritt der Praxis diese Sitten in der zynischsten Weise mit Füßen tritt, entsteht notwendigerweise eine praktische Sophistik, die jede egoistische Untat, jede barbarische Grausamkeit, jede niederträchtige Heuchelei, jeden nichtswürdigen Betrug aus der faschistischen „Weltanschauung“, aus dem Mythos heraus als sittlich berechtigt begründet. «

Wir haben diese zynische Wendigkeit an der Propagandatechnik der faschistischen **Führer** bereits festgestellt. Fügen wir noch hinzu, daß der faschistische Mythos mit der Verherrlichung der „nordischen List“ von vornherein eine Apotheose für jeden öffentlichen und privaten egoistischen „Macchiavellismus“ bietet. Die Rassentheorie, die Proklamierung der prinzipiellen, qualitativen Ungleichheit von Menschen und Völkern, hat dazu, wie wir ebenfalls gesehen haben, die notwendige Folge, daß den Untermenschen gegenüber jede moralische Hemmung, jedes sittliche Gebot aufhört, daß ihnen gegenüber alles erlaubt ist. Und da der Faschismus eine große Massenorganisation bildet, in welcher jeder Hauswart in seinem Gebiet ein kleiner Hitler, jeder Wachtmeister in seiner Rotte ein kleiner Göring oder Reichenau werden kann, muß diese sittliche Verrohung, diese Zersetzung einer jeden Moral ganz tief ins Volk eindringen. Es ist ja gerade das Wesen der faschistischen Praxis, möglichst große Massen an ihren Untaten mitschuldig zu machen, sie durch Propaganda, Druck, Terror, Angst vor Denunziation etc. in die Mitarbeit an der Barbarisierung hineinzuziehen und sie dadurch zu willenlosen Werkzeugen zu machen. Gerade der Krieg hat am deutlichsten gezeigt, wie große Massen diese Barbarisierungstendenz des Faschismus erfaßt hat. Und das Besondere an diesen Untaten ist, daß sie von Menschen vollzogen werden, denen der jahrelange Einfluß der faschistischen Ideologie und Praxis jedes sittliche Gefühl verwirrt hat, die sich in diesem

Na medida em que o fascismo sintetiza essas duas tendências, ele une a pobreza de espírito pré-capitalista com a decomposição decadente, criando um odor asqueroso muito forte de vapores de curral e perfume refinado. A práxis dos fascistas produz necessariamente, em toda parte, a maior corrupção concebível. Na medida em que, para a defesa desta corrupção, prega, por um lado, a restauração dos velhos costumes “específicos de espécie germânica”, por outro lado, em cada passo da práxis maltrata estes costumes do modo mais cínico, produzindo necessariamente uma sofisticação prática que justifica cada crime egoísta, cada crueldade bárbara, cada hipocrisia vil, todo engano inútil da “concepção de mundo” fascista, do mito, como moralmente justificado.

Já constatamos essa agilidade cínica na técnica da propaganda dos líderes fascistas. Acrescentemos que o mito fascista, com seu enaltecimento da “astúcia nórdica”, oferece desde o princípio uma apoteose para cada “maquiavelismo” egoísta público e privado. A teoria racial, a proclamação da, em princípio, desigualdade qualitativa dos seres humanos e dos povos, tem, além disso, como igualmente vimos, a consequência necessária de que cessa em relação aos sub-humanos cada inibição moral, cada mandamento moral, de que em relação a eles tudo é permitido. E como o fascismo forma uma grande organização de massas na qual cada zelador em seu setor pode se tornar um pequeno Hitler, cada agente de sua facção um pequeno Göring ou Reichenau, esse embrutecimento moral, essa decomposição de toda moral deve penetrar muito profundamente no povo. A essência da práxis fascista é precisamente a de tornar, tanto quanto possível, as grandes massas cúmplices de suas atrocidades, envolvê-las na colaboração da barbarização através da propaganda, da pressão, do terror, do medo de denúncia, etc., e através disso transformá-las em ferramentas sem vontade. Neste momento, a guerra mostrou mais claramente como as grandes massas compreenderam esta tendência de barbarização do fascismo. E o particular nestas atrocidades é que elas são executadas por seres humanos, nos quais, durante muitos anos, a influência da ideologia e da práxis fascista confundiu cada sentimento moral, que não se

Chaos überhaupt nicht mehr auskennen und sich willenlos dem Blutrausch der Kriegspropaganda hingeben.

Wie weit ist diese Zersetzung der Moral in das ganze Volk eingedrungen? Wie stark und wie breit sind die Gegentendenzen, die sich gegen diese Vergiftung des deutschen Volks wehren? Diese Frage läßt sich heute nicht mit apodiktischer Sicherheit beantworten. Dabei ist es klar, daß gerade diese Frage das zukünftige Schicksal Deutschlands entscheiden wird, und diese Entscheidung wird sicher ein wichtiges Moment des Entwicklungsweges sein, den Europa nach dem Krieg einschlägt. Denn davon wird es abhängen, ob die militärischen Niederlagen in Deutschland eine soziale Bewegung auslösen, die zum Sturz des Hitlerregimes aus inneren Kräften - oder wenigstens auch aus inneren Kräften des deutschen Volkes führt, oder ob die Entfernung des Nazisystems, die Demokratisierung Deutschlands rein das Werk der verbündeten Mächte sein wird. Es gehörte bisher zu den tragischen Zügen der deutschen Geschichte, daß die großen Schritte der Befreiung des Volks unmittelbare Folgen kriegerischer Zusammenbrüche gewesen sind. Franz Mehring hat geistreich und historisch tief die Zerschmetterung der preußischen Armee [durch] Napoleon I. in der Schlacht von Jena den deutschen Bastillesturm genannt. Aber die Halbheit, die Schwäche in der darauffolgenden zaghaft, hauptsächlich unter militärpolitischen Gesichtspunkten begonnenen Liquidierung des Feudalismus, die die inneren Grundlagen und darum die nationale Politik Preußens nicht umwandelte, zeigen die innere Gefahr, die innere Tragik, die darin lag, daß das deutsche Volk damals nicht aus eigener Kraft den Kleinstaatsabsolutismus abzuschütteln vermochte. Die inneren wie äußeren sozialen Umstände zwangen [es], einen Schritt vorwärts zu tun, aber die „deutsche Misere“ wurde trotzdem nicht überwunden, sie blühte im Gegenteil in der Zeit der Heiligen Allianz, in den Reaktionsperioden vor und nach 1848 in veränderter Weise wieder auf.

Ein zweitesmal wurde dem deutschen Volk der politische Fortschritt, die Befreiung von einem reaktionären Regime durch eine militärische Niederlage geschenkt: Die Weimarer Republik ist viel mehr das Produkt der Siege der Entente auf der Westfront als der inneren Klassenkräfte in Deutschland.

entendem mais nesse caos e que se entregam sem resistência à sede de sangue da propaganda de guerra.

Até que ponto esta decomposição da moral penetrou em todo o povo? Quão fortes e quão amplas são as contratendências que se defendem deste envenenamento do povo alemão? Esta pergunta não pode ser respondida hoje com certeza apodítica. No entanto, é evidente que essa mesma questão decidirá o destino futuro da Alemanha, e essa decisão será certamente um momento importante no caminho de desenvolvimento que a Europa tomará depois da guerra. Pois dependerá disso, se as derrotas militares na Alemanha desencadearão um movimento social que levará à queda do regime de Hitler a partir de forças internas — ou pelo menos, também a partir de forças internas do povo alemão, ou se a remoção do sistema nazista, a democratização da Alemanha será puramente obra das potências aliadas. Pertence até agora aos aspectos trágicos da história alemã que os grandes passos da libertação do povo têm sido as consequências diretas do colapso bélico. Franz Mehring, com profundidade espirituosa e histórica, nomeou o esmagamento do exército prussiano por Napoleão I na Batalha de Jena como a Torre da Bastilha alemã. Mas a insuficiência, a debilidade na posterior liquidação acanhada do feudalismo, iniciada sobretudo do ponto de vista político-militar, que não transformou os fundamentos internos e, por isso, a política nacional da Prússia, mostram o perigo interno, a tragicidade interna que estava em que o povo alemão nesta altura não era capaz de se livrar do absolutismo pequeno-estatal a partir de suas próprias forças. As circunstâncias sociais, tanto internas como externas, forçaram um passo adiante, mas a “miséria alemã”, apesar disso, não foi ultrapassada; pelo contrário, ela floresceu novamente de maneira modificada no tempo da Santa Aliança, nos períodos reacionários, antes e depois de 1848.

Pela segunda vez ofereceu-se ao povo alemão o progresso político, a libertação de um regime reacionário através de uma derrota militar: a República de Weimar é muito mais o produto das vitórias da Entente sobre a Frente Ocidental do que das forças de classes internas na Alemanha.

Und ihre Schwäche, politisch und sozial, kulturell und ideologisch, hängt, wie wir gesehen haben, aufs allerengste mit dieser ihrer Entstehungsgeschichte zusammen.

Zum drittenmal steht das deutsche Volk vor einer solchen Entscheidung. Die Ereignisse zeigen, daß die militärische Niederlage eine unvermeidliche ist. Nun kommt alles darauf an, ob eine solche Unzufriedenheit mit dem Hitlerregime, eine solche Empörung gegen die faschistische Barbarei entsteht, die imstande sein wird, zu einem wirklichen, zu einem inneren Bastillesturm zu führen; ob das deutsche Volk die Kraft haben wird, mit dieser neuesten und fürchterlichsten Form der „deutschen Misere“ aus eigener Kraft abzurechnen.

Dieser dritte Bastillesturm, der Zusammenbruch des Hitlerregimes, ist - früher oder später - unvermeidlich. Es fragt sich aber: Was dann? Diese Fragestellung ist - vor allem in ideologischer Hinsicht - keine müßige. Der Zustand der Welt nach dem Krieg, vor allem das Schicksal, der Weg Deutschlands, ist ein Problem, das schon heute die ganze Weltöffentlichkeit intensiv beschäftigt. Naturgemäß in erster [Linie] in politischer Hinsicht. Ihre Entscheidungsrichtung werden die Machtverhältnisse nach dem Krieg bestimmen.

Wir haben uns hier auf die Frage der ideologischen Entwicklung Deutschlands konzentriert. Welche Perspektive ergibt sich nun für die ideologische Erneuerung eines vom Faschismus befreiten Deutschlands?

Es ist klar: Wenn Hitler und seine Clique unschädlich gemacht sind, wird man voraussichtlich den faschistischen Mythos, die faschistische Rassentheorie, den faschistischen Führerkult verdiensterweise - endlich! - auf den Misthaufen werfen. „Nun, wenn der Purpur fällt, muß auch der Herzog nach“, sagt Schillers Verrina.

Damit ist jedoch das ideologische Befreiungswerk Deutschlands kaum begonnen, geschweige denn vollendet oder wenigstens auf [das] richtige Gleis geleitet. Freilich gibt es - leider auch unter den Antifaschisten - manche, die meinen: Wenn Deutschland aus dem Fiebertraum des Hitlerismus erwachte, würde es ohne weiteres imstande sein, sein altes Leben fortzusetzen, denn die Kontinuität seiner Kultur, die die Hitlerperiode frevelhaft-verbrecherisch unterbrochen hat, enthielte

E sua debilidade, política e social, cultural e ideológica, relaciona-se muito estreitamente, como já vimos, com essa sua história de formação.

Pela terceira vez, o povo alemão situa-se ante uma tal decisão. Os eventos mostram que a derrota militar é inevitável. Agora tudo depende de se tal insatisfação com o regime de Hitler, tal indignação contra a barbárie fascista surgirá, que poderá conduzir a uma verdadeira, a uma Torre da Bastilha interna; se o povo alemão terá a força para acertar as contas, a partir de seus próprios esforços, com essa mais nova e mais terrível forma da “miséria alemã”.

Essa terceira Torre da Bastilha, o colapso do regime de Hitler, é — mais cedo ou mais tarde — inevitável. Mas, questiona-se: e depois? Esta questão — especialmente em termos ideológicos — não é ociosa. O estado do mundo após a guerra, especialmente o destino, o caminho da Alemanha, é um problema que já preocupa intensivamente toda a esfera pública mundial. Naturalmente, em primeira linha, em termos políticos. Sua direção de decisão determinará as relações de poder após a guerra.

Temos nos concentrado aqui na questão do desenvolvimento ideológico da Alemanha. Quais perspectivas resultam agora para a renovação ideológica de uma Alemanha liberada do fascismo?

É claro que: se Hitler e sua turma se tornarem inofensivos, o mito fascista, a teoria racial fascista, o culto do *Führer* fascista provavelmente será merecidamente — finalmente! — lançado sobre o esterco. “Ora, quando a púrpura cai, o Duque também deve cair”, diz Verrina de Schiller.

Com isto, portanto, a obra de libertação ideológica da Alemanha mal começou, muito menos está completa ou pelo menos orientada para a linha correta. Evidentemente, há alguns — infelizmente também entre os antifascistas — que pensam: se a Alemanha despertasse do sonho febril do hitlerismo, seria capaz de prosseguir sem mais na sua antiga vida, pois a continuidade de sua cultura, que o período de Hitler tinha interrompido condenável e criminalmente, continha

alle Keime einer zukünftigen, gesunden, freiheitlichen und fortschrittlichen Entwicklung. Das ist - glauben wir - eine höchst gefährliche Illusion. Vielmehr wird einst die Herrschaft Hitlers als eine kurze, schwere Erkrankung des deutschen Volks erscheinen, aber ebenso sicher hat diese nicht „schicksalhaft“, nicht von außen Deutschland angefallen: Die akute Vergiftung hatte zur Voraussetzung ein langwieriges, chronisches gesellschaftlich-politisches Leiden, tief herabreichende Wurzeln in seiner ökonomischen, politischen und ideologischen Geschichte.

Und es ist ein bloßes Ausweichen vor den Konsequenzen der richtigen Fragestellung, wenn man sich darauf beruft, der Faschismus sei eine internationale Erscheinung. An sich ist dies zweifellos richtig. Aber was folgt daraus? Nur soviel, daß auch andere Völker - ihrer historischen Vergangenheit entsprechend - vor ähnliche Aufgaben gestellt sein werden. Diese Tatsache kann aber an der ideologischen Lage, an der Perspektive nichts ändern. Denn jedes andere Volk wird und muß diese Probleme ebenso aus eigenen Kräften, in eigener Weise, auf Grundlage seiner eigenen Geschichte lösen, wie dies auch in der bisherigen Entwicklung stets der Fall war; wenn nicht - wie eben jetzt in Deutschland -, hat es stets zu einer Katastrophe geführt. Aber gerade wenn man die Befreiung von der faschistischen Ideologie als internationales Problem stellt, zeigt sich die Notwendigkeit und Richtigkeit unserer Betrachtungsweise besonders scharf: Denn dann sehen wir bei den Deutschen eine besondere Schwäche, eine besondere Wehrlosigkeit reaktionären Vergiftungen gegenüber. Wir haben versucht, die historischen Gründe dieser spezifischen Lage aufzudecken, wobei es ohne weiteres einleuchtet, daß die italienische Geschichte mit ihrer sehr verspätet vollbrachten nationalen Einigung des Volkes - *mutatis mutandis* - einige Parallelen zu der Deutschlands zeigt.

Man muß also von der Tatsache ausgehen, daß Hitlers Sturz ein demokratisches Regime für Deutschland bedeuten wird. Man muß [sich] dabei im klaren darüber sein, daß Art und Grad dieser Demokratie von den Umständen und Kräften (inneren wie äußeren) abhängen [werden], die diese Umwandlung herbeiführen. Wie immer aber auch diese Demokratie beschaffen sein mag - und es wäre höchst unfruchtbar, sich

todos os germes de um desenvolvimento futuro, saudável, libertário e progressista. Isto é — acreditamos — uma ilusão altamente perigosa. Antes o domínio de Hitler aparecerá um dia como uma breve e grave doença do povo alemão, mas, também, obviamente, como não “fatídico”, não acometendo a Alemanha de fora: o envenenamento agudo teve como pressuposto sofrimento sociopolítico moroso e crônico, lançando raízes profundas em sua história econômica, política e ideológica.

E é um mero desvio ante as consequências da formulação correta da questão, se se invoca que o fascismo é um fenómeno internacional. Em si mesmo, isto é sem dúvida correto. Mas o que resulta disto? Somente que também outros povos — seu passado histórico respectivo — serão confrontados com tarefas semelhantes. Mas este fato não pode mudar nada na situação ideológica, na perspectiva. Pois cada diferente nação deverá e poderá resolver igualmente estes problemas a partir de suas próprias forças, do seu próprio modo, sobre a base de sua própria história, como sempre foi o caso no desenvolvimento até agora; se isto não conduziu — como precisamente agora na Alemanha — sempre para a catástrofe. Mas, precisamente quando se enfrenta a libertação da ideologia fascista como problema internacional, a necessidade e a veracidade de nossa abordagem mostram-se particularmente claras: porque então vemos uma debilidade particular nos alemães, uma indefensabilidade particular em relação ao envenenamento reacionário. Tentamos descobrir as razões históricas desta situação específica, pois parece evidente que a história italiana, com sua unificação nacional do povo realizada muito tardiamente, mostra — *mutatis mutandis* — alguns paralelos com a da Alemanha.

Portanto, deve-se partir do fato de que a queda de Hitler significará um regime democrático para a Alemanha. Deve-se ter clareza de que tipo e grau desta democracia dependerá das circunstâncias e das forças (tanto internas como externas) que provocarão tal transformação. Mas, como quer que seja essa democracia — e seria altamente infrutífero se

über sie in Voraussagen einzulassen - die Frage ist unter allen Bedingungen aufgeworfen: Wie weit ist das deutsche Volk und seine führende Intelligenz auf die Probleme der hier einsetzenden Entwicklung ideologisch vorbereitet? Wie ist sie dazu gerüstet, die neuerlangte oder neuerhaltene Freiheit mit geistigen Waffen gegen Angriffsversuche der sich früher oder später sicher sammelnden Reaktion zu verteidigen? Wie weit ist sie fähig, die Demokratie zu einer deutschen, im deutschen Volk populären und verwurzelten Institution zu machen? Denn gerade, wenn wir davon ausgehen, daß der Faschismus eine internationale Strömung ist, die aus dem Boden der Ökonomie des Imperialismus entspringt, zeigt sich die Unvermeidlichkeit des ständigen Bedrohtseins der künftigen deutschen Demokratie von inneren und äußeren reaktionären Hemmungen, Rückschlägen und Restaurationsversuchen. Die kommende deutsche Demokratie muß, wenn sie nicht wieder das Schicksal der Weimarer Republik erleiden soll, auch in ideologischer Hinsicht eine wehrhafte, eine sich nicht auf zaghafte Defensive beschränkende, eine im deutschen Boden wurzelnde, aus der deutschen Geschichte herauswachsende, die reaktionären Gedankentendenzen vom deutschen Standpunkt bekämpfende sein.

Die große Aufgabe der Zukunft auf ideologischem Gebiet ist der Ausbau von Weltanschauungsgrundlagen für eine solche demokratische Umbildung des deutschen Geistes aus seinen eigenen inneren Kräften. Dazu ist aber eine klare Einsicht in die Gefährlichkeit und Falschheit der bisherigen herrschenden Ströme der ideologischen Entwicklung notwendig, ergänzt durch eine unerbittliche Selbstkritik der Vergangenheit und Gegenwart, durch ein liebevolles Pflegen jener geistigen Tendenzen, die in Deutschland bisher in dieser Richtung wirksam waren. Daß in dieser Hinsicht für die deutsche Geschichte, für die deutsche Ideologie eine Umkehr vonnöten ist, haben die hervorragendsten und hellstichtigsten Vertreter der deutschen Kultur längst gewußt. Fast vor hundert Jahren, im Jahre 1843, sagte der wahrhaft gemäßigte, weltberühmte, auch am preußischen Hofe hochangesehene Alexander von Humboldt dem radikalen Verleger Fröbel: „Sie werden es erleben, daß diese ganze hiesige Wirtschaft ein schmachliches Ende nimmt. Der große Fehler in der deutschen Geschichte

aventurar em previsões sobre ela —, a questão foi levantada sob todos os requisitos: em que medida o povo alemão e sua *intelligentsia* dirigente estão preparados para o problema do desenvolvimento ideológico iniciado aqui? Como está armado para defender a liberdade recém-adquirida ou recém-mantida com armas espirituais contra as tentativas de ataque, mais cedo ou mais tarde, seguramente reunidas pela reação? Em que medida é capaz de tornar a democracia uma instituição alemã, popular e enraizada no povo alemão? Porque justamente quando partimos de que o fascismo é uma corrente internacional que brota do solo da economia do imperialismo, mostra-se a inevitabilidade do constante ser ameaçado da futura democracia alemã por inibições reacionárias internas e externas, retrocessos e tentativas de restauração. A vindoura democracia alemã, para não sofrer outra vez o destino da República de Weimar, deve ser também, em termos ideológicos, uma democracia reforçada, não limitada a uma defensiva tímida, enraizada no solo alemão, nascente da história alemã, combativa das tendências de pensamento reacionárias do ponto de vista alemão.

A grande tarefa do futuro no âmbito ideológico é a consolidação de bases da concepção de mundo para tal transformação democrática do espírito alemão a partir de suas próprias forças internas. Para isso, no entanto, é necessária uma clara compreensão da periculosidade e da falsidade das até então dominantes correntes do desenvolvimento ideológico, acrescida de uma autocrítica implacável do passado e do presente, cultivando amorosamente aquelas tendências intelectuais que, na Alemanha, têm sido até agora efetivas nesta direção. Os representantes mais notáveis e mais clarividentes da cultura alemã souberam há muito que, neste aspecto, a história alemã, a ideologia alemã precisa de uma reversão. Há quase cem anos, em 1843, o realmente moderado, mundialmente conhecido, também altamente respeitado na corte prussiana, Alexander von Humboldt, disse ao editor radical Fröbel: “Testemunharão que toda esta economia local chega a um fim vergonhoso. O grande erro na história alemã é que

ist, daß die Bewegung der deutschen Bauernkriege nicht durchgedrungen ist.“

Eine solche Selbstkritik der deutschen Geschichte findet man, wenn man mit Augen, die durch das Erlebnis des letzten Jahrzehnts geschärft wurden, bei den verschiedensten bedeutenden Deutschen, auch bei jenen, die infolge der politisch-sozialen und ideologischen Entwicklung ihrer Nation nicht fähig waren, so klare Folgerungen zu ziehen, wie dies Humboldt tat[, liest]. So schreibt Friedrich Hebbel über die mittelalterliche Geschichte Deutschlands, über das für so viele Ideologen vorbildliche „erste Reich“ des deutschen Mittelalters, über das Ideal der deutschen Romantik: „Es ist sehr richtig, daß wir Deutsche nicht im Zusammenhang mit der Geschichte unsres Volks stehen ... Aber worin liegt der Grund? Weil diese Geschichte *resultatlos* war, weil wir uns nicht als Produkte ihres organischen Verlaufs betrachten können, wie z. B. Engländer und Franzosen, sondern weil das, was wir freilich unsere Geschichte nennen müssen, nicht unsere *Lebens-*, sondern unsere Krankheitsgeschichte ist, die noch bis heute nicht zur Krisis geführt hat. Ich erschrecke, wenn ich die dramatischen Dichter sich mit den Hohenstaufen abplagen sehe, die, so groß Friedrich Barbarossa und Friedrich der Zweite als Individualitäten waren, doch zu Deutschland, das sie zerrissen und zersplitterten, statt es zusammenzuhalten und abzurunden, kein anderes Verhältnis hatten, als das des *Bandwurms* zum *Magen*.“ Und Theodor Fontane, der Liebhaber und Historiker der Mark Brandenburg, der Dichter so vieler das Preußentum verherrlichender Balladen, schreibt über die historischen Romane von Willibald Alexis, die ebenfalls die preußische Geschichte preisen und sie zur Grundlage der späteren Entwicklung umzustilisieren trachten, für die er im allgemeinen eine große Verehrung hegte: „Wie groß oder wie gering war die *historisch-politische Bedeutung* der in diesem Romane geschilderten Vorgänge? Vielleicht nicht ganz gering, aber auch sicherlich nicht allzugroß, und keine Anstrengung wird je dahin führen, die Mark zu jenem gelobten Lande zu machen, das von Anfang an, wenn man nur scharf zuzusehen verstehe, die *Verbeißung Deutschlands* gehabt habe. Dieser Gedanke aber zieht sich durch alle diese Romane hindurch, während in Wahrheit Kurbrandenburg ein bloßes Reichsanhängsel war und die Lehm-

o movimento das Guerras dos Camponeses alemães não prevaleceu”.

Tal autocrítica da história alemã encontra-se, quando se vê com olhos aguçados através da experiência da última década, nos mais diversos alemães importantes, incluindo aqueles que, devido ao desenvolvimento político-social e ideológico de sua nação, não foram capazes de tirar conclusões tão claras como o fez Humboldt. Assim escreve Friedrich Hebbel sobre a história medieval da Alemanha, sobre o “Primeiro *Reich*” da Idade Média alemã, para tantos ideólogos exemplar, sobre o ideal do romantismo alemão: “É certo que nós alemães não temos ligação com a história do nosso povo ... Mas por que razão? Porque esta história foi *inconclusiva*, porque não podemos nos considerar como produtos da sua evolução orgânica, como por exemplo os ingleses e os franceses, mas sim porque o que devemos chamar de nossa história, não a de nossa *vida*, mas a nossa história de enfermidade, que até hoje ainda não conduziu a uma crise. Assusta-me quando vejo os poetas dramáticos se esfalfarem com os *Hohenstaufen*\* que, como individualidades, eram tão grandes como Frederick Barbarossa e Frederick II, mas não tinham outra relação com a Alemanha, que eles destroçaram e estilhaçaram, em vez de mantê-la unida e arredondada, do que a da *tênia* com o *estômago*”. E Theodor Fontane, o amante e historiador do Marquesado de Brandemburgo, o poeta de tantas baladas glorificadoras da Prússia, escreve sobre os romances históricos de Willibald Alexis, que também elogiam a história prussiana e aspiram reestilizá-la como base do desenvolvimento posterior, pelo que, em geral, tinha grande reverência: “Quão grande ou quão pequeno foi o *significado histórico-político* dos acontecimentos descritos nestes romances? Talvez não tão pequeno, mas certamente não de todo grande, e nenhum esforço jamais levará o Marquesado a fazer o que prometeu ao país, que tinha desde o início, se soubermos observar de perto, a *promessa da Alemanha*. Este pensamento arrasta-se, no entanto, por todos estes romances, enquanto na realidade Kurbrandenburg era um mero acessório do *Reich*, e o

\*N.T. - A Casa de Hohenstaufen ou dinastia dos Staufer, foi uma importante família nobre da região de Suábia, detentora de uma poderosa linhagem de príncipes suábios que nos séculos XII e XIII dominou o Sacro Império Romano-Germânico e de onde provieram os principais imperadores, reis e príncipes alemães.

katenherrlichkeit unserer Städte, in allem was Reichtum, Macht und Kultur anging, neben dem eigentlichen Deutschland, neben den Reichs- und Hansastädten verschwand. Wir bedeuteten damals nicht mehr als Mecklenburg, Pommern, Holstein; zuzeiten erheblich weniger“. Und er schließt sich in dieser Frage der Meinung des von ihm sonst scharf abgelehnten Gutzkow an: die „neue Zeit aber mit der Heraufführung der „Faulen Grete“ beginnen zu wollen, ist eine Torheit“. Noch schärfer und klarer ist die Kritik, die Wilhelm Raabe, der in seiner politischen Stellungnahme sonst nicht über den Nationalliberalismus hinausging, über die Befreiungskriege von 1812/15 ausübt, in deren anonymen Helden er die besten Typen des wahren Deutschland erkannte. In seinem Jugendroman „Chronik der Sperlingsgasse“ wird ein Tischlermeister beschrieben, der die französische Okkupation sympathisch aufnimmt, mit den französischen Soldaten kameradschaftlich verkehrt. Seine wahre Gesinnung ihnen gegenüber kommt zum Vorschein, als sie seine Frage, wie lange sie in Deutschland zu bleiben beabsichtigen, mit „immer“ beantworten. Er erwidert: „Ne, immer nicht. Ihr seid zwar da, und unsereins kann unserem Herrgott nur dankbar sein, daß er euch geschickt hat, aber immer“ – Es ist daher nur konsequent, daß er seine beiden Söhne in den Befreiungskrieg schickt.

Beide fallen. Und in der Kirche der Heimatstadt wird eine große Ehrentafel mit den Namen aller Gefallenen aufgerichtet. Der Tischlermeister sieht auf sie zuerst mit Stolz und Begeisterung, später kann er sie nicht mehr ansehen, und als die Kirche abbrennt, ist er nur froh, daß er sie nicht mehr anzusehn braucht. Und als viel später seine Frau diese Geschichte erzählt, ruft ein Geselle aus: „Ich weiß, warum der Meister Karsten die Tafel nicht mehr ansehen konnte!“, und Raabe fügt hinzu: „In *dem* Wissen liegt die Zukunft.“

Solche Äußerungen ließen sich beliebig vermehren. Sie zeigen gleichzeitig die Stärke und Schwäche der selbstkritischen Tendenzen der besten und echtsten Vertreter der deutschen Kultur. Ihre Stärke, indem ihre Tatsachenfeststellungen von einer außerordentlichen Hellsicht und einer unnachgiebigen, kritischen intellektuellen Rechtschaffenheit zeugen. Ihre Schwäche, indem sie nicht nur nicht fähig sind, auch für sich selbst die unabweislichen Konsequenzen aus ihren eigenen

senhorio de nossas cidades, em tudo o que diz respeito à riqueza, ao poder e à cultura, desapareceu junto a Alemanha real, junto às cidades imperiais e hanseáticas. Não significávamos naquela ocasião mais do que Mecklenburg, Pomerânia, Holstein; por vezes, consideravelmente menos“. E nesta questão se associa à opinião de Gutzkow, aliás, fortemente rejeitado por ele: querer iniciar a “nova era com o prelúdio do ‘Faulen Grete’\* é uma loucura”. Ainda mais afiada e clara é a crítica de Wilhelm Raabe, que em sua tomada de posição política não ultrapassou o liberalismo nacional, professada sobre as guerras de libertação de 1812/1815, em cujos heróis anônimos reconheceu os melhores tipos do verdadeiro germanismo. Em seu romance juvenil, *A crônica da Rua dos Pardais*, é retratado um mestre-carpinteiro que acolhe simpaticamente a ocupação francesa, relacionando-se com os soldados franceses camaradamente. Sua verdadeira atitude em relação a eles aparece quando respondem à sua pergunta sobre quanto tempo desejam permanecer na Alemanha com um “sempre”. Ele retruca: “Não, sempre não” Vós estais aí, e nossa gente só pode ser grata a nosso Deus que vos enviou, mas sempre” — É por isso lógico que ele envie seus dois filhos para a guerra de libertação.

Ambos caem. E na Igreja da cidade natal é erguida uma grande placa de honraria com os nomes de todos os soldados mortos. Primeiro, o mestre-carpinteiro os vê com orgulho e entusiasmo, depois já não os pode ver, e quando a Igreja arde, somente se alegra por não mais precisar vê-los. E quando muito mais tarde sua esposa conta esta história, um rapaz exclama: “Eu sei porque o mestre Karsten não podia mais olhar para a placa!”, e Raabe acrescenta: “No saber está o futuro”.

Tais comentários multiplicam-se à vontade. Eles mostram, ao mesmo tempo, a força e a debilidade das tendências autocríticas dos melhores e mais genuínos representantes da cultura alemã. Sua força, na medida em que suas constatações de fato atestam uma extraordinária clarividência e uma intransigente e crítica retidão intelectual. Sua debilidade, na medida em que eles não só não são capazes de tirar as inegáveis consequências para si mesmos de suas próprias

\* N. T. Canhão medieval de grande calibre da Ordem Teutônica do século XV.

Einsichten zu ziehen, sondern auch über die Richtung ihrer eigenen Kritik keine historisch-politische Klarheit besitzen.

Kurz gefaßt, läßt sich diese Schwäche so formulieren: Viele selbst der hervorragendsten und ehrlichsten deutschen Ideologen sind zwar zu einer Kritik der deutschen Entwicklung, der deutschen Zustände fähig, sie sind jedoch außerstande, zwischen einer Kritik von rechts und einer von links zu unterscheiden. Das heißt, sie führen alle Tatsachen heran, aus denen die Demokratisierung Deutschlands, die Notwendigkeit des radikalen Bruches mit den vorherrschenden deutschen ideologischen Strömungen im 19. Jahrhundert unabweislich folgen, dann aber bleibt bei ihnen doch alles beim alten, oder es entsteht sogar leicht eine „rechtsradikale“ Schwenkung.

Wird sich diese ideologische Lage nach dem Sturz Hitlers radikal verändern? Eine sichere Antwort ist hierauf heute unmöglich. Sehr viel hängt davon ab, wie groß der Anteil innerdeutscher Kräfte an dem „dritten Bastillesturm“ sein wird; je größer, desto günstiger die Aussichten für eine ideologische Wendung, für den Ausbau einer *deutschen* demokratischen Weltanschauung. Aber auch in dem günstigsten Fall kann eine solche Wendung unmöglich von selbst, *unmöglich ganz spontan erfolgen*.

Natürlich gibt es in der führenden deutschen Intelligenz Strömungen, die in dieser Richtung wirksam sind. Ihr sicherstes Barometer ist die Entwicklung der antifaschistischen Literatur. Die stets wachsende Entschiedenheit in den kritischen Einsichten, die man in der künstlerischen Produktion Thomas und Heinrich Manns, Arnold Zweigs, J. R. Bechers etc. beobachten kann, zeigt in diese Richtung. Die antifaschistische Literatur hat einen großen Weg zur Klarheit zurückgelegt, vor allem darin, daß sie diese Selbstkritik der deutschen Entwicklung, der Typen des echten und besten Deutschtums vertieft hat, daß sie das Problem der Wehrlosigkeit der besten deutschen Typen, der Vergiftung durch die reaktionäre Ideologie bloßgelegt und gestalterisch aufgedeckt hat. Ich verweise nur auf die Romane Arnold Zweigs über den ersten imperialistischen Weltkrieg, vor allem auf „Erziehung vor Verdun“, wo diese ideologische Wehrlosigkeit der ganzen damaligen jüngeren Intellektuellengeneration der Kriegspropaganda des im-

compreensões, mas também não possuem clareza histórico-política sobre a direção de suas próprias críticas.

Resumindo, esta debilidade pode ser formulada assim: muitos dos mais destacados e sinceros ideólogos alemães são capazes de uma crítica do desenvolvimento alemão, das condições alemãs, no entanto, são incapazes de distinguir entre uma crítica de direita e uma de esquerda. Isto quer dizer que eles introduzem todos os fatos a partir dos quais irresistivelmente se segue a democratização da Alemanha, a necessidade de uma ruptura radical com as correntes ideológicas alemãs prevalentes no século XIX, mas com eles tudo permanece na mesma, ou até mesmo gera-se facilmente uma oscilação “radical de direita”.

Esta situação ideológica mudará radicalmente após a queda de Hitler? Uma resposta segura sobre isto é impossível hoje em dia. Depende muito de quão grande será a parcela das forças internas alemãs na “Terceira Torre da Bastilha”; quanto maior, tanto melhores as perspectivas de uma virada ideológica para a consolidação de uma concepção de mundo democrática *alemã*. Mas, mesmo no caso mais favorável, é impossível que tal virada possa acontecer por si, *de todo espontânea*.

Naturalmente, há correntes na *intelligentsia* alemã dirigente que são eficientes nessa direção. Seu barômetro mais seguro é o desenvolvimento da literatura antifascista. A sempre crescente resolutibilidade nas compreensões críticas que se pode observar na produção artística de Thomas e Heinrich Mann, Arnold Zweig, J. R. Becher, etc., aponta nessa direção. A literatura antifascista percorreu um longo caminho para a clareza, sobretudo em que ela aprofundou esta autocrítica do desenvolvimento alemão, dos tipos dos mais genuínos e melhores do germanismo, em que ela expôs e revelou artisticamente o problema da indefensabilidade dos melhores tipos alemães, do envenenamento através da ideologia reacionária. Refiro-me apenas aos romances de Arnold Zweig sobre a Primeira Guerra Mundial imperialista, sobretudo a *Educação antes de Verdun*, onde essa indefensabilidade ideológica de toda a geração mais jovem de intelectuais daquela época em relação à propaganda de guerra da



perialistischen Deutschlands gegenüber reich gegliedert und mit großer Darstellungskraft an einer ganzen Reihe von besten Typen der deutschen Intelligenz geschildert wird. In J. R. Bechers Roman „Abschied“ werden jene Einflüsse der bürgerlichen Familie, der deutschen Schule etc. dargestellt, die eine solche Wehrlosigkeit künstlich hervorbringen und züchten. Und in beiden Fällen - und noch in manchen anderen Werken, auf die wir hier nicht eingehen können - tauchen diese Probleme auf, zugleich mit dem Versuch, die Mittel aufzuzeigen, mit welchen es für die Menschen möglich ist, diese Schwäche, die aus ihrer Umgebung, ihrer Erziehung etc. stammt, ideologisch zu überwinden. Das Bekenntnis zur Notwendigkeit einer demokratischen Entwicklung Deutschlands erhält damit eine Vielseitigkeit, einen Reichtum und eine Pathetik, die der Kampf um die Demokratisierung Deutschlands vor dem Faschismus nie besessen hat.

In der Publizistik Heinrich und Thomas Manns, in Thomas Manns „Lotte in Weimar“, in Heinrich Manns „Henri IV.“, in den Gedichten J. R. Bechers kommt diese gerade vom Faschismus geweckte oder wenigstens vertiefte Sehnsucht nach bürgerlicher Freiheit, Einsicht darüber, daß ohne aktive Teilnahme am öffentlichen Leben der Mensch und das Volk innerlich verkrüppeln müssen, mit einem Wort die Poesie eines demokratischen Gesellschaftszustandes, einer demokratischen Gesinnung und einer freien Lebensweise in der Demokratie als etwas in der deutschen Literatur Neues, eine neue Epoche Begründendes zum Ausdruck.

Indem also die Gegenbewegung gegen die faschistische Barbarei von den alten unvergänglichen Kulturwerten des deutschen Volks ausgeht, beinhaltet sie zugleich eine scharfe Selbstkritik der führenden deutschen Intelligenz über ihr eigenes Verhalten, über ihre eigene Wehrlosigkeit der hereinbrechenden Barbarei gegenüber. Von diesem Gesichtspunkt aus rückt das Schaffen Thomas Manns schon vor dem Faschismus in eine neue Beleuchtung, die zeigt, wie sehr er schon damals die zentralen Probleme der deutschen ideologischen Entwicklung aufwarf, ohne hierin von weiten Kreisen verstanden zu werden. Sein großer Roman „Der Zauberberg“ behandelt den ideologischen Kampf der modernen bürgerlichdemokratischen Anschauungen mit der antikapitalistischen

Alemanha imperialista é ricamente ordenada e narrada com grande força de descrição em toda uma série dos melhores tipos da *intelligentsia* alemã. No romance *Despedida* de J. R. Becher são descritas aquelas influências da família burguesa, da escola alemã, etc., que artificialmente criam e reproduzem tal indefensabilidade. E em ambos os casos — e em algumas outras obras, que não enfocaremos aqui — estes problemas aparecem, ao mesmo tempo com a tentativa de mostrar os meios com os quais é possível ultrapassar ideologicamente essa debilidade, que provém de seu entorno, de sua educação, etc. A adesão à necessidade de um desenvolvimento democrático da Alemanha adquire, com isso, uma versatilidade, uma riqueza e um patetismo que a luta pela democratização da Alemanha antes do fascismo nunca possuiu.

Na publicística de Heinrich e Thomas Mann, no *Lotte em Weimar* de Thomas Mann, no *Henri IV* de Heinrich Mann, nos poemas de J. R. Becher, é manifesto precisamente esse anseio para a liberdade burguesa, despertado ou pelo menos aprofundado pelo fascismo; a compreensão de que sem participação ativa na vida pública, o ser humano e o povo devem ficar interiormente aleijados; numa palavra, a poesia de um estado de sociedade democrático, uma atitude democrática e um modo de vida livre na democracia como algo na nova literatura alemã justificador de uma nova época.

Portanto, na medida em que o contramovimento contra a barbárie fascista parte dos velhos e imperecíveis valores culturais do povo alemão, contém, ao mesmo tempo, uma forte autocrítica da *intelligentsia* alemã dirigente sobre seu próprio comportamento, sobre sua própria indefensabilidade em relação à barbárie irruptiva. A partir deste ponto de vista, a produção de Thomas Mann, mesmo antes do fascismo, coloca-se sob uma nova luz que mostra o quão, já naquele momento, ele levanta os problemas centrais do desenvolvimento ideológico alemão, sem ser compreendido nisto por círculos amplos. Seu grande romance *A montanha mágica* versa sobre a luta ideológica das concepções democrático-burguesas modernas com a

Demagogie der Reaktion um die Seele eines durchschnittlichen deutschen Bürgers. Und Thomas Mann zeigt mit großer dichterischer Kraft, wie tief das moralische Unbehagen am Kapitalismus selbst bei Bürgern mit einem Gefühl für menschlichen Anstand in der imperialistischen Periode ist, wie sehr die soziale Demagogie hier leichte Anknüpfungspunkte finden kann. Andererseits, daß die Schwäche der modernen bürgerlichen Demokratie darin besteht, daß sie ideologisch den bestehenden ökonomischen Zustand mit Haut und Haaren verteidigen will, statt Wege zu suchen, die über ihn hinausführen. Thomas Manns Held sympathisiert persönlich und moralisch mit dem Vertreter der Demokratie, der bezeichnenderweise kein Deutscher, sondern ein Südländer, ein Italiener ist, findet jedoch, daß in jeder Debatte sein antipathischer, despotisch-demagogischer Gegner in der Argumentation recht behält. Diese Überlegenheit besteht gerade in der wenn auch reaktionären, wenn auch unaufrichtigen, wenn auch demagogischen Kritik des Kapitalismus. Das weltanschauliche Duell endet in diesem Roman mit einem Remis. Es ist aber deutlich sichtbar, daß hier Thomas Mann eine der wichtigsten ideologischen Fragen der deutschen Intelligenz aufgeworfen hat, und besonders in seinem Helden Schilden er sehr drastisch, wie dieser der reaktionären Demagogie gegenüber ideologisch völlig wehrlos ist.

Diese Wehrlosigkeit wird nun bei Thomas Mann einige Jahre später zum Gegenstand einer besonderen, bedeutenden Erzählung. In „Mario und der Zauberer“ wird kurz, mit einigen scharfen Zügen darauf hingewiesen, daß wir es mit dem faschistischen Italien zu tun haben. Auf dieser Grundlage entsteht die eigentliche Erzählung, deren Gegenstand die Produktion eines Zauberers ist, der hypnotische Suggestionen vorführt. Unter anderem suggeriert er bestimmten Menschen aus dem Publikum, daß sie, ob sie wollen oder nicht, auf sein Kommando tanzen müssen. Ein Herr aus Rom erklärt entschieden, daß er es nicht tun will, und es entsteht nun ein kurzer und heftiger Willenskampf zwischen dem Hypnotiseur und diesem Zuschauer, der aber nach kurzer Zeit mit der Niederlage des „Herrn aus Rom“ endet. Und Thomas Mann fügt in der Erzählung und Analyse die interessante Bemerkung bei, daß diese Niederlage eine vorauszusehende und unver-

demagogia anticapitalista da reação para a alma de um cidadão alemão médio. E Thomas Mann mostra com grande força poética quão profundo é o mal-estar moral no capitalismo mesmo entre cidadãos com um sentimento para a decência humana no período imperialista, o quanto a demagogia social pode encontrar aqui facilmente pontos de conexão. Por outro lado, que a debilidade da democracia burguesa moderna consiste em que ela quer defender ideologicamente o estado econômico existente por completo, em vez de procurar caminhos para ir além dele. O herói de Thomas Mann simpatiza pessoal e moralmente com o representante da democracia, que tipicamente não é alemão, mas um sulista, um italiano, porém descobre que, em cada debate, seu oponente antipático, despoticamente demagógico, tem razão em sua argumentação. Esta superioridade consiste precisamente na crítica, ainda que reacionária, ainda que inverídica, ainda que demagógica, do capitalismo. O duelo ideológico termina neste romance com um empate. No entanto, é claramente visível que aqui Thomas Mann levantou uma das questões ideológicas mais importantes da *intelligentsia* alemã, e especialmente em seus escudos de herói, ele, muito drasticamente, como aquele, está ideologicamente por inteiro indefeso em relação à demagogia reacionária.

Alguns anos mais tarde, essa indefensabilidade ora com Thomas Mann torna-se o objeto de uma narrativa especial, significativa. Em *Mário e o mágico* é brevemente apontado, com alguns traços agudos, que estamos lidando com a Itália fascista. Nesta base, surge a própria narrativa, cujo objeto é a produção de um mágico que demonstra sugestões hipnóticas. Entre outras, sugere a determinadas pessoas da plateia que, quer gostem ou não, devem dançar sob seu comando. Um senhor de Roma declara decididamente que não quer fazê-lo, e então surge uma curta e feroz batalha de vontades entre o hipnotizador e este espectador, que, no entanto, termina após um curto período de tempo com a derrota do “Senhor de Roma”. E Thomas Mann junta com a narrativa e a análise o interessante comentário de que esta derrota era previsível e inevitável,

meidliche gewesen ist, weil der „Herr aus Rom“ der konkreten Suggestion des Zauberers nur ein negatives „Ich will nicht“ gegenübergestellt hat und eine solche reine Negativität schon von vornherein den Keim der Niederlage in sich trägt. Hier ist an einem kleinen Beispiel das Zentralproblem der ideologischen Wehrlosigkeit enthüllt. Sehr viele deutsche Menschen haben vor Hitler und während seiner Machtergreifung deutlich dieses „Ich will nicht“ empfunden. Aber so sehr dieses Nichtwollen moralisch anständig und achtbar ist, so wenig repräsentiert es eine wirkliche, widerstandsfähige und eine zum Sieg bestimmte Gegen Tendenz.

Die antifaschistische Literatur der deutschen Emigration hat also nicht nur einen direkten Kampf zur Entlarvung der faschistischen Barbarei geführt, sondern trat zugleich als selbstkritischer Erzieher der langsam erwachenden und langsam sich durchsetzenden Gegetendenzen gegen die Hitlerbarbarei auf. Dieser Prozeß ist aber der einer langsamen und schweren Selbstkritik. Denn große Teile der deutschen antifaschistischen Emigration verließen ihr Vaterland mit einem ideologischen Gepäck, worin die Wegbereiter des Faschismus, die Klassiker des modernen Irrationalismus, ein bedeutendes Gewicht hatten. Erst sehr langsam und bis jetzt auch nur teilweise beginnt hier eine Klärung zu entstehen.

Es wäre aber eine gefährliche Illusion, zu glauben, daß dieser Prozeß der Selbstverständigung bereits vollendet ist. Der Kampf gegen den Faschismus hat einen Teil der fortgeschrittensten deutschen Intelligenz zweifellos demokratisiert und politisiert, und zwar in jenem weiten, fruchtbaren Sinne, daß die demokratische Politisierung jetzt ihre kulturellen und gestalterischen Tendenzen tief durchdringt. Aber während die Herrschaft des Faschismus in Deutschland weite Schichten der Bevölkerung durch die Vernichtung eines jeden öffentlichen Lebens entpolitisiert, politisch atomisiert hat, hat sich der oben geschilderte kulturell-politische Klärungsprozeß vorwiegend in einer spezifisch von der Heimat abgeschnittenen Emigration abgespielt. Das heißt in einem Milieu, wo das unmittelbare Umsetzen von Gedanken in Taten, das baldige Sichbewußtwerden der Konsequenz der eigenen Gedanken im Leben, die beste Schule zur Politik (auch zur Kulturpolitik), außerordentlich erschwert war. Darum ist zu befürchten,

porque o “Senhor de Roma” só contrapôs a sugestão concreta do mágico com um negativo “eu não quero”, e uma tal negatividade pura, já de antemão, carrega em si o germe da derrota. Aqui é revelado em um pequeno exemplo o problema central da indefensabilidade ideológica. Muitas pessoas alemãs antes de Hitler e durante sua ascensão ao poder sentiram claramente este “eu não quero”. No entanto, por mais moralmente respeitável e honrado que seja esse não-querer, ele representa muito pouco de uma contratendência real, resistente determinada para a vitória.

A literatura antifascista da emigração alemã, portanto, não só conduziu uma luta direta para o desmascaramento da barbárie fascista, mas, ao mesmo tempo, interveio como educadora autocrítica do despertar lento e do lento afirmar-se de contratendências à barbárie hitleriana. Este processo é, porém, o de uma autocrítica lenta e difícil. Já que grandes partes da emigração antifascista alemã abandonaram sua pátria com uma bagagem ideológica, na qual os precursores do fascismo, os clássicos do irracionalismo moderno, tinham um peso significativo. Apenas muito lentamente, e até agora apenas parcialmente, começa a surgir aqui uma aclaração.

Mas seria uma ilusão perigosa acreditar que este processo de autocompreensão já está completo. A luta contra o fascismo democratizou e politizou sem dúvida uma parte da *intelligentsia* alemã mais avançada, e naquele sentido amplo e fecundo de que agora a politização democrática penetra profundamente em suas tendências culturais e artísticas. No entanto, enquanto o domínio do fascismo na Alemanha despolitizou e atomizou politicamente amplas camadas da população através da destruição de toda a vida pública, o processo de aclaração político-cultural acima descrito ocorreu principalmente em uma emigração especificamente afastada da pátria. Isto é, em um meio social onde era extremamente complicado realizar imediatamente pensamentos em ação, tornar-se rapidamente consciente das consequências dos próprios pensamentos na vida, a melhor escola para a política (inclusive para a política cultural). Por isso, é de se temer

daß die konkreten Verbindungsglieder von - oft richtigen - kulturpolitischen Feststellungen zu den tatsächlichen Aufgaben der Demokratisierung auch jetzt noch fehlen, daß das schädliche Erbe der besten denkenden Intelligenz, die Unfähigkeit, zwischen „rechts“ und „links“ zu unterscheiden, auch heute noch nicht überwunden ist.

Ich führe nur ein Beispiel an. Wir halten die Abrechnung mit Nietzsche für einen Zentralpunkt der Entwurzelung der reaktionären Ideologie in Deutschland. Überzeugte, hochgebildete, denkende Antifaschisten erwidern uns darauf empört. Was, ihr wollt Nietzsche „den Faschisten schenken“, Nietzsche, der doch seinerzeit schon Bismarck so scharf kritisiert hat? Richtig: er hat ihn tatsächlich kritisiert. Aber: von wo? Aber: warum? Weil Bismarck nach seiner Meinung die Demokratisierung Deutschlands zu sehr gefördert hat. Es gibt nach Nietzsche Entscheidendes, gegen welches alles andere nur eine Vordergrundfrage ist, „z. B. das wachsende Heraufkommen des demokratischen Mannes und die dadurch bedingte Verdummung Europas und die *Verkleinerung* des europäischer Menschen“. Was ist das anderes als eine Kritik von „rechts“ eine reaktionäre Kritik? (Eine solche kann man auch bei Hitler oder Rosenberg finden.)

Man sage nicht, daß dies bloß eine literatur- oder philosophiesgeschichtliche Frage ist, die politisch keine oder nur eine untergeordnete Bedeutung habe. Die bitteren Erfahrungen der Weimarer Zeit sollten eine dauernde Lehre sein, wie wichtig Weltanschauungsfragen auch für die Politik sind, wie unmöglich es ist, demokratische Institutionen verwurzelt und populär zu machen, wenn die führende Ideologie eine reaktionäre ist. Der Hitlerfaschismus im engeren, im eigentlichen Sinn wird ideologisch seinen politischen Zusammenbruch sicher nicht überleben. Aber reaktionäre Versuche, Massenstimmungen zum abermaligen Sturz oder wenigstens zur Erschütterung der Demokratie [auszunutzen,] werden ganz bestimmt erfolgen. Und eine Feinfühligkeit dafür, wann und wo die Kritik der Gegenwart von „rechts“, wann und wo von „links“ erfolgt, ist eine der entscheidenden ideologischen Voraussetzungen für Ausbau, für Schutz der Demokratie auch in einer befreiten Deutschland.

Darum ist für die Ideologie der kommenden deutschen De

que agora ainda faltem os elos de ligação concretos — frequentemente corretos — das constatações político-culturais sobre as tarefas reais de democratização, que a herança nociva da melhor *intelligentsia* pensante, a incapacidade de distinguir entre “direita” e “esquerda”, ainda hoje não foi debelada.

Dou apenas um exemplo. Consideramos o acerto de contas com Nietzsche como um ponto central do desenraizamento da ideologia reacionária na Alemanha. Convictos, altamente instruídos, os antifascistas pensantes retrucam-nos em seguida indignados. O que, quer “dar Nietzsche aos fascistas”, Nietzsche, que em seu tempo já criticou Bismarck tão duramente? Verdade: ele o criticou. Mas: de onde? Mas: por quê? Porque Bismarck, em sua opinião, promoveu muito a democratização da Alemanha. Segundo Nietzsche, há pontos importantes contra os quais tudo o mais é apenas uma questão em primeiro plano, “por exemplo, a crescente ascensão do homem democrático e, por isso, o condicional embrutecimento da Europa e a diminuição do ser humano europeu”. O que é isso além de uma crítica de “direita”, uma crítica reacionária? (Pode-se encontrar tal crítica também em Hitler ou Rosenberg.)

Não se diz que isto é uma questão meramente literária ou histórico-filosófica, que não tem significado político ou tem apenas um significado político subordinado. As amargas experiências do período de Weimar deveriam ser um ensinamento permanente de como as questões ideológicas também são importantes para a política, como é impossível tornar as instituições democráticas enraizadas e populares se a ideologia dirigente for uma ideologia reacionária. O fascismo de Hitler no sentido mais restrito, no sentido original, seguramente não sobreviverá ideologicamente ao seu colapso político. Mas as tentativas reacionárias de explorar o estado de ânimo das massas para tombar de novo ou pelo menos para abalar a democracia seguramente terão lugar. E uma sensibilidade para quando e onde a crítica do presente sucede à “direita” e quando e onde à “esquerda” é um dos pressupostos ideológicos decisivos para a consolidação, para a proteção da democracia, mesmo em uma Alemanha liberta.

Por isso, a transformação crítica da herança cultural é uma questão central

mocracia die kritische Umarbeitung des kulturellen Erbes eine Zentralfrage. Die Faschisten haben sehr wohl gewußt, was sie taten, als sie die ganze deutsche Vergangenheit umfälschten. Sie haben dabei Geschichtslügen ohnegleichen verbreitet, indem sie wirkliche Revolutionäre von Thomas Münzer bis Hölderlin und Georg Büchner zu [akkaparieren] versuchten. Sie haben aber zugleich - mit richtigem Klasseninstinkt - alle wirklich reaktionären Tendenzen der deutschen Geschichte, der deutschen Kultur-entwicklung für ihre Zwecke mobilisiert und utlisiert. Dieser Fälschung [kann] in wirksamer Weise nur die wirkliche Geschichte des Kampfes von Progreß und Reaktion in Deutschland gegenübergestellt werden. Die Weltanschauung der Demokratie muß die wirklichen Tendenzen, die wirklichen Zusammenhänge herausarbeiten - ganz unabhängig davon, ob die Hitlerleute zu ihnen ja oder nein gesagt haben. Sonst bleibt sie noch weiter wie weitgehend vor Hitler in ideologischer Abhängigkeit von den bis dahin herrschenden oder - seien wir aufrichtig - noch immer herrschenden, noch immer einflußreichen reaktionären Strömungen des deutschen Geisteslebens des 19. und 20. Jahrhunderts.

Was ist die Aufgabe der Marxisten-Leninisten in diesem ideologischen Kampfe? Dimitroff hat sie in seiner Rede am VII. Weltkongreß der Komintern bereits klar ausgesprochen: „Kommunisten ..., die nichts tun, um vor den werktätigen Massen die Vergangenheit ihres eigenen Volkes historisch treu, in wirklich marxistischem, leninistisch-marxistischem ... Geiste zu beleuchten, *um ihren gegenwärtigen Kampf mit den revolutionären Traditionen ihres Volkes in der Vergangenheit zu verknüpfen*: solche Kommunisten überlassen alles, was in der historischen Vergangenheit der Nation wertvoll ist, freiwillig den faschistischen Fälschern zur Verdummung der Volksmassen.“<sup>13</sup> Diese Aufgabe ist bis jetzt leider nur in minimalem Maße erfüllt worden.

Und heute ist sie aktueller denn je. Heute gilt es und morgen wird es in noch erhöhtem Maße gelten, dem deutschen Volke verständlich zu machen, daß die Demokratie keine „westliche Importware“ ist, wie dies die reaktionären Sykophanten von Adam Müller und Gentz über Treitschke, Lagarde und Nietzsche bis zu Spengler, Baeumler und Rosenberg gepredigt haben. Ja, die Kommunisten müssen, wenn sie

para a ideologia da democracia alemã vindoura. Os fascistas sabiam muito bem o que faziam quando falsificaram todo o passado alemão. Ao fazer isto, eles espalharam mentiras históricas incomparáveis tentando assegurar verdadeiros revolucionários de Thomas Münzer a Hölderlin e Georg Büchner. Mas, ao mesmo tempo, eles mobilizaram e utilizaram — com verdadeiro instinto de classe — todas as tendências verdadeiramente reacionárias da história alemã, do desenvolvimento cultural alemão, para seus próprios propósitos. Essa falsificação só pode ser efetivamente contrapostas à história real da luta entre progresso e reação na Alemanha. A concepção de mundo da democracia deve salientar as verdadeiras tendências, as verdadeiras conexões — independentemente de se o pessoal de Hitler tenha dito sim ou não para elas. Caso contrário, permanece, em grande medida como antes de Hitler, em dependência ideológica das, até então dominantes ou — sejamos honestos — ainda dominantes, ainda influentes, correntes reacionárias da vida espiritual alemã dos séculos XIX e XX.

Qual é a tarefa dos marxista-leninistas nesta luta ideológica? Dimitrov já a anunciou claramente em seu discurso no VII Congresso Mundial do *Comintern*: “Comunistas... que nada fazem a fim de esclarecer ante as massas trabalhadoras o passado do seu próprio povo historicamente fiel, verdadeiramente marxista, leninista-marxista... para iluminar os espíritos, *para atar sua luta atual com as tradições revolucionárias de seu povo no passado*: tais comunistas deixam voluntariamente tudo o que é valioso no passado histórico a critério da nação, dos falsificadores fascistas para o embrutecimento das massas do povo.”<sup>13</sup> Infelizmente, esta tarefa foi cumprida até agora apenas minimamente.

E hoje ela é mais atual que nunca. Hoje é necessário, e amanhã o será ainda mais, fazer o povo alemão entender que a democracia não é uma “importação ocidental”, como o pregaram os sicofantas reacionários de Adam Müller e Gentz a Treitschke, Lagarde e Nietzsche, até Spengler, Baeumler e Rosenberg. Sim, se os comunistas querem

<sup>13</sup> Dimitroff. Arbeiterklasse gegen Faschismus, S. 91.

<sup>13</sup> Dimitrov. *A classe trabalhadora contra o fascismo*.

in dieser Bewegung eine führende Rolle spielen wollen, noch weiter gehen. Sie müssen den Massen (und der Intelligenz) klar-machen, wie tief die Lehre von Marx und Engels, ihre Theorie und Tätigkeit mit dem Kampf um die demokratische Befreiung Deutschlands verwachsen ist, wie sehr Marx und Engels - unbeschadet der Internationalität des Sozialismus - große Gestalten der *deutschen Geschichte*, der Entwicklung des *deutschen* Demokratismus sind.

Diese höchst wichtige Seite ihrer Tätigkeit stand bisher allzuwenig im Vordergrund des Interesses auch der Marxisten, geschweige denn der nichtmarxistischen Intelligenz. Dabei ist sie, wenn man nur politisch sehen gelernt hat, augenfällig. 1842 schreibt der junge Marx als Redakteur der „Rheinischen Zeitung“ am Anfang seiner schriftstellerischen Laufbahn: die Aufgabe seines Blattes wäre, „die Blicke, welche noch bei so vielen auf Frankreich hafteten, auf Deutschland zu richten und statt eines französischen einen deutschen Liberalismus hervorzurufen“. Und wenige Jahre vor seinem Tode, 1891, kritisiert Engels die deutsche Sozialdemokratie, weil sie ihre wichtigsten Aufgaben der deutschen demokratischen Bewegung gegenüber vernachlässigt, weil sie sich an der Frage der demokratischen Rekonstruktion Deutschlands vorbeidrückt: „wir haben nicht die 1866 und 1870 gemachte Revolution von oben wieder rückgängig zu machen, sondern ihr die nötige Ergänzung und Verbesserung zu geben durch eine Bewegung von unten“. Zwischen diesen beiden Äußerungen liegt das reiche Lebenswerk der Begründer des wissenschaftlichen Sozialismus, ein Lebenswerk, das die deutschen Marxisten nur auf Grundlage ihrer bis jetzt gesammelten Erfahrungen, in Hinsicht auf die vor ihnen stehenden Aufgaben zu studieren brauchen, um den Leitfaden für den Ausbau und für die Verstärkung einer in Deutschland bodenständigen demokratischen Bewegung zu besitzen.

Niemand kann wissen, wann, unter welchen konkreten Bedingungen der Zusammenbruch des Hitlerregimes eintreten wird. Dabei hängen gerade von den so zustande kommenden konkreten ökonomischen und politischen Bedingungen Richtung, Inhalt, Taktik etc. des konkreten ideologischen Kampfes ab. Über alle diese Fragen läßt sich im voraus wenig äußern. Aber ebenso stark wie diese Unsicherheit ist die Gewißheit,

desempenhar um papel dirigente nesse movimento, eles devem ir ainda mais longe. Eles devem esclarecer as massas (e a *intelligentsia*) o quão profundamente os ensinamentos de Marx e Engels, sua teoria e atividade estão entrelaçados com a luta pela libertação democrática da Alemanha, o quanto Marx e Engels são — sem prejuízo da internacionalidade do socialismo — grandes figuras da *história alemã*, do desenvolvimento do democratismo *alemão*.

Esta parte extremamente importante de sua atividade, até agora, teve muito pouca evidência nos interesses dos marxistas, que dirá da *intelligentsia* não-marxista. No entanto, se se aprendeu a vê-la apenas politicamente, óbvio. Em 1842, no início de sua carreira literária, o jovem Marx escreveu como redator da *Gazeta Renana*: a tarefa do seu jornal seria “direcionar o olhar que muitos ainda tinham sobre a França para a Alemanha e provocar um liberalismo alemão em vez de um liberalismo francês”. E alguns anos antes de sua morte, em 1891, Engels criticou a social-democracia alemã porque ela negligenciava a suas tarefas mais importantes em relação ao movimento democrático alemão, porque ela se esquivava da questão da reconstrução democrática da Alemanha: “Não temos que desfazer a revolução feita em 1866 e 1870 desde cima, mas dar-lhe complemento e melhoria necessários através de um movimento desde baixo”. Entre estes dois comentários está a rica obra de vida dos fundadores do socialismo científico, uma obra de vida que os marxistas alemães só precisam estudar com base em suas experiências até agora recolhidas, em relação às tarefas a sua frente, para possuir o guia de orientação para a consolidação e para o fortalecimento de um movimento democrático arraigado na Alemanha.

Ninguém pode saber quando, sob quais condições concretas acontecerá o colapso do regime de Hitler. Direção, conteúdo, tática, etc. da luta ideológica concreta dependem precisamente das condições econômicas e políticas concretas dadas. Antecipadamente, pouco se pode opinar sobre todas estas questões. Mas, tão forte quanto esta incerteza é a certeza

daß ein erfolgreicher ideologischer Kampf zur Ausrottung der geistigen und moralischen Wurzeln des Faschismus sich nur auf den hier skizzierten weltanschaulichen und historischen Grundlagen erfolgreich entfalten kann.

Taschkent, Januar 1941 [1942]

de que uma luta ideológica bem-sucedida para a erradicação das raízes espirituais e morais do fascismo só pode se desenvolver prosperamente sobre os fundamentos ideológicos e históricos aqui delineados.

Tashkent, janeiro de 1941 [1942]

## Índice de nomes

### A

Alexis, Willibald 155  
 Apuleius 122  
 Arnim, Achim von 60  
 Avenarius, Richard 82

### B

Babeuf, François 30  
 Bach, Johann Sebastian 2  
 Bachofen, Johann Jacob 100  
 Bacon, Lord Francis 122  
 Baeumler, Alfred 8, 100, 125, 162  
 Barrés, Maurice 92  
 Bartels, Adolf 106, 149  
 Becher, Johannes R. 157, 158  
 Bergson, Henri 92  
 Berkeley, George 73  
 Bernstein, Eduard 114  
 Bismarck, Fürst Otto von 10, 13, 32, 36, 37, 39, 40, 42, 45, 72, 80, 86, 87, 93, 112, 119, 125, 131, 161  
 Blücher, Gebhard Leberecht, Fürst von Wahlstatt 45  
 Böhme, Jakob 122  
 Bonaparte, Louis → Napoleon III. 8, 13  
 Borgia, Cesare 96  
 Bormann, Martin 136  
 Börne, Ludwig 66

Boulangier, Georges Ernest Jean Marie 3  
 Brandes, Georg 91  
 Brecht, Bertolt 135  
 Brentano, Clemens 60  
 Bruno, Giordano 96  
 Büchner, Georg, 162  
 Büchner, Ludwig 12, 72  
 Burckhardt, Jacob 96  
 Bürger, Gottfried August 22  
 Burke, Edmund 11

### C

Carlyle, Thomas 12, 88  
 Chamberlain, Houston Stewart 96, 97, 106, 149  
 Clausewitz, Karl von 135  
 Cromwell, Oliver 45

### D

D'Annunzio, Gabriele 92  
 Dawes, Charles Gates 111  
 Diderot, Denis 50, 51  
 Dilthey, Wilhelm 92, 96, 97, 102  
 Dimitroff, Georgi 114, 118, 162  
 Dobrolyubow, Nikolai Alexandrowitsch 7  
 Dürer, Albrecht 2



- E**  
Engels, Friedrich 4, 7, 19, 21, 30, 32, 37, 44, 55, 59, 61, 67, 74, 75, 110, 163  
Ernst, Paul 92
- F**  
Faguet 41  
Feuerbach, Ludwig 11, 13, 67, 68, 75  
Fichte, Johann Gottlieb 11, 24, 52, 70  
Fielding, Henry 50  
Fischer, Hugo 102  
Fontane, Theodor 155  
Forster, Georg 22, 52  
Fourier, Charles 55, 63  
France, Anatole 39  
Freiligrath, Ferdinand 68  
Freud, Sigmund 100  
Freyer, Hans 102  
Friedrich Barbarossa 130, 155  
Friedrich der Große. Friedrich II., König von Preußen 45, 49, 102, 112, 155  
Friedrich Wilhelm IV., König von Preußen 67, 69  
Fröbel, Julius 154
- G**  
Galilei, Galileo 96, 122  
George, Stefan 11, 92, 126, 140, 141, 149  
Gide, André 11, 92  
Gneisenau, August Neidhardt, Graf von 23, 60  
Goebbels, Joseph 105  
Goethe, Johann Wolfgang 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 79, 94, 96, 141,  
Göring, Hermann 150  
Gorki, Maxim 125  
Grünwald, Matthias 2  
Gundolf, Friedrich 96, 105  
Gutzkow, Karl 156
- H**  
Hamsun, Knut 11  
Hauptmann, Gerhart 80  
Hebbel, Friedrich 68, 155
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 22, 23, 36, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 82, 94, 97, 99, 139, 142  
Heidegger, Martin 2, 3, 99  
Heine, Heinrich 3, 11, 66, 86, 130  
Herder, Johann Gottfried 9, 22, 49  
Herwegh, Georg 68  
Herzen, Alexander Iwanowitsch 23, 64, 73  
Hielscher, Friedrich 103  
Hippler, Wendel 19  
Hitler, Adolf Hoffmann, 4, 5, 8, 14, 15, 16, 46, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 118, 120, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 134, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 157, 160, 161, 162, 163  
Hoffmann, Ernst Theodor Amadeus 12  
Hölderlin, Friedrich 22, 162  
Homer 49, 62  
Hugo, Victor 8, 102  
Humboldt, Alexander von 154, 155  
Husserl, Edmund 99
- J**  
Jacobi, Friedrich Heinrich 9  
Jacoby, Johann 34  
Jean Paul 12  
Joachim di Fiore 130  
Jünger, Ernst 103
- K**  
Kant, Immanuel 11, 22, 53, 69, 73, 75, 76, 97, 99  
Kapp, Wolfgang 46  
Kepler, Johannes 122  
Kierkegaard, Sören 8, 99  
Klages, Ludwig 100  
Kleist, Heinrich von 60  
Klopstock, Friedrich Gottlieb 48  
Kroner, Richard 97
- L**  
Lagarde, Paul Anton de 8, 162  
Lassalle, Ferdinand 36, 37
- Lavater, Johann Kaspar 9  
Lenin, Wladimir Iljitsch 6, 10, 24, 29, 35, 73, 123, 125  
Lenz, Jakob Michael Reinhold 48  
Lessing, Gotthold Ephraim 3, 49  
Liebknecht, Wilhelm 37  
Lionardo da Vinci 96  
Ludendorff, Erich 127  
Ludwig, Otto 68  
Lueger, Karl 123
- M**  
Mach, Ernst 82  
Maistre, Joseph Marie, Comte de 11  
Mann, Heinrich 105, 157, 158  
Mann, Thomas 12, 13, 91, 158, 159  
Marek, Siegfried 99  
Marx, Karl 4, 5, 7, 8, 19, 27, 32, 37, 51, 59, 67, 95, 102, 121, 123, 163  
Mehring, Franz 35, 37, 47, 94, 151  
Meinecke, Friedrich 10  
Mereshkowski, Dmitri Sergejewitsch 11  
Michelangelo Buonarroti 96  
Milton, John 48  
Moltke, Helmuth Karl Bernhard, Graf von 45, 112  
Mommsen, Theodor 40  
Müller, Adam 60, 162  
Münzer, Thomas 4, 21, 162
- N**  
Napoleon I. Bonaparte 54, 151  
Napoleon III. 8, 13  
Naumann, Friedrich 40  
Nietzsche, Friedrich 2, 3, 4, 11, 12, 13, 14, 15, 42, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 125, 127, 128, 131, 141, 143, 144, 147, 148, 149, 161, 162
- P**  
Paracelsus, Philippus Aureolus Theophrastus 122  
Plenge, Johann M. 43  
Plotin 122  
Plutarch 122
- Porphyrios 122
- R**  
Raabe, Wilhelm 156  
Rathenau, Walther 41, 97  
Reinhard, Karl Friedrich Graf 53  
Ricardo, David 63  
Richardson, Samuel 52  
Rickert, Heinrich 97  
Robespierre, Maximilien de 30  
Rosenberg, Alfred 8, 15, 16, 120, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 141, 142, 161, 162  
Rousseau, Jean-Jacques 50, 51, 52
- S**  
Saint-Simon, Claude-Henri, Comte de 55  
Saltykow-Schtschedrin, Michail Jewgrafowitsch 7  
Scharnhorst, Gerhard von 23  
Schauwecker, Franz 103  
Scheler, Max 99  
Schelling, Friedrich Wilhelm Joseph 11, 59, 60, 69, 70, 73, 82  
Schiller, Friedrich 48, 49, 53, 95, 152  
Schlegel, August Wilhelm 61  
Schleiermacher, Friedrich 9  
Schopenhauer, Arthur 2, 3, 4, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 42, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 95, 96, 101, 105, 106, 113, 118, 121, 124, 125, 141, 143, 145, 146, 148  
Schubert, Franz 2  
Schweitzer, Johann Baptist 36  
Shaftesbury, Anthony Ashley-Cooper, Earl of 50  
Shakespeare, William 49  
Shaw, George Bernard 39, 93  
Simmel, Georg 91, 92, 96  
Smith, Adam 52  
Sokrates 95  
Sombart, Werner 43  
Sorel, Georges 39, 93  
Spartacus 133

Spengler, Oswald 3, 14, 101, 102, 103, 104, 115, 116, 124, 125, 127, 128, 141, 162  
Staël, Germaine de 12  
Stein, Karl Freiherr vom und zum 23, 60  
Steiner, Rudolf 126, 139, 140  
Sterne, Lawrence 50, 51  
Sternheim, Carl 41  
Stöcker, Adolf 106  
Strauß, David Friedrich 11, 81

## **T**

Tolstoi, Lew 12  
Treitschke, Heinrich von 23, 43, 148, 149, 162  
Tschernyschewski, Nikolai Gawrilowitsch 7

## **U**

Uhse, Bodo 134

## **V**

Virchow, Rudolf 40  
Vogt, Karl 12, 72  
Voltaire 49, 50, 147

## **W**

Wagner, Richard 2, 13, 68, 81, 90, 106, 128  
Weber, Max 40, 140, 141  
Weerth, Georg 68  
Wilhelm II., deutscher Kaiser 38  
Wilson, Thomas Woodrow 43  
Windelband, Wilhelm 97

## **Z**

Ziegler, Leopold 125  
Zweig, Arnold 106, 157